OBRAS COMPLETAS DE
JOAQUIM NABUCO

XIII

JOAQUIM NABUCO

CARTAS A AMIGOS

Coligidas e anotadas
por
CAROLINA NABUCO

VOL. I

INSTITUTO
PROGRESSO EDITORIAL S. A.
SÃO PAULO

AGRADECIMENTO

JOAQUIM NABUCO não costumava guardar cópias das suas cartas particulares, e por isso entre as cartas desta coletânea não haverá senão uma parte insignificante que provenham de seu arquivo pessoal.

As que dirigiu ao barão do Rio-Branco e ao barão de Penedo acham-se nos arquivos dêsses dois diplomatas no Palácio Itamarati. As cartas a Rui Barbosa, na Casa Rui Barbosa. As cartas a José Carlos Rodrigues, Salvador de Mendonça e Domingos Jaguaribe, na Biblioteca Nacional, as cartas a Oliveira Lima e Sousa Corrêa na Coleção Oliveira Lima, da Universidade Católica de Washington. As demais me foram, na sua quase totalidade, oferecidas ou confiadas pelos próprios correspondentes ou seus herdeiros. Mais uma vez hipoteco-lhes a gratidão que já lhes exprimi ao publicar A Vida de Joaquim Nabuco, *para cuja documentação muito me serviram. Posteriormente recebi ainda, e aqui fica o meu agradecimento, cartas dos srs. Carlos Magalhães de Azeredo, Afonso Taunay (estas dirigidas a seu ilustre pai, o visconde de Taunay), Tobias Monteiro e dos herdeiros de Rodolfo Dantas e Caldas Viana.*

C. N.

CARTAS A AMIGOS

1864

A carta mais antiga de Nabuco que se saiba existir é uma carta de colegial. Joaquim Nabuco estava em vésperas de completar os quinze anos quando a escreveu. Seu texto seria mais tarde, em ocasião desconhecida, posterior à sua morte, devolvido ao arquivo de quem a escreveu. Não há indicação do destinatário.

Quem seria êste personagem a quem o menino tributa tantos Vossa Excelência *e que parece ter sido objeto de sua maior admiração? Nabuco, antes da apresentação conhecia-o bem de vista, como prova sua alegria ao descobrir que não havia também passado despercebido.*

É possível que fôsse Pedro Luís Pereira de Sousa, político importante e poeta de quem Nabuco escreveu em Minha Formação: *« Recordo-me de que nesse tempo tive uma fascinação por Pedro Luís, cuja ode à Polônia,* Os Voluntários da Morte, *eu sabia de cor. »*

A referência ao dia 14 de agôsto, aniversário do Senador Nabuco, ocasião em que a casa hospitaleira do ilustre chefe liberal se enchia de amigos e relações, deixa evidente que a apresentação fôra ali. Para êste aniversário, Joaquim Nabuco compusera versos ao pai que o Senador conservou carinhosamente, versos que naturalmente o filho não deixou de recitar solenemente perante a assistência reunida.

Dois dias depois, a 16, provàvelmente já de volta ao Colégio Pedro II, onde era interno, o menino escrevia esta carta, mandando ao novo e benévolo amigo outros versos seus e anunciando-lhe novas remessas. Há no final um êrro, um « inconsideràvelmente » quase incrível, mas por isso mesmo ainda mais pitoresco.

16 de agôsto de 1864.

Meu amigo — meu doutor

A comunicação mata a saudade, é verdade provada, e com efeito a saudade é grande pêso, ela gera a tristeza, a indisposição e mil outros males. As saudades do dia 14 de agôsto de 1864 me afligem muito. O meu único desejo, havia muito, era conhecer pessoalmente a V. Ex. Pensava que V. Ex. me não conhecesse, mas a muito bom grado meu, reconheceu-me V. Ex.

Foi para mim uma noite de felicidade; nenhum bem me aproveitaria melhor do que êste.

Permita-me V. Ex. que, aproveitando-me da licença por V. Ex. a mim concedida, eu possa sujeitar à consideração de V Ex. uns versos, que acompanham esta.

Espero que V. Ex. os lerá. Fique V. Ex. convencido de que muito o prezo e que as simpatias que tenho por V. Ex. aumentam inconsideràvelmente de dia em dia.

Dêste de V. Ex.

criado e amigo

JOAQUIM NABUCO

Permita-me que as poesias que fôr compondo, vá remetendo a V. Ex. Tenho muitas, mas vão pouco a pouco.

1865

A Machado de Assis

Machado, dez anos mais velho que Nabuco, era escritor de nome feito quando Nabuco, aos quinze anos, publicou em folheto uma ode à Polônia, O Gigante da Polônia. *No seu folhetim de crítica, no* Diário do Rio de Janeiro, *Machado escreveu algumas palavras de animação para « o jovem poeta que balbucia apenas ». O colegial agradeceu-os nesta carta de 1 de fevereiro de 1865. Mais tarde, em 1874, já amigos, uniram-se na fundação de um periódico brilhante, que só durou quatro números,* A Época. *Mais tarde ainda, já na República, encontraram-se diàriamente à tarde para palestrar na Livraria Garnier, ponto de reunião dos intelectuais, depois na* Revista Brasileira, *e por fim na Academia de Letras, de que foram, com Lúcio de Mendonça, os principais fundadores. A Academia foi até ao fim o laço de união entre êles, firmando a amizade e admiração recíprocas. Ambos tinham-lhe carinho. Ocupam-se constantemente dela nas cartas que trocavam quando as missões diplomáticas afastaram Nabuco do Brasil por muitos anos. « Mas espero, escrevia Nabuco a Machado, voltar ainda antes da noite. E então os meus 60 futuros procurarão acompanhar os seus 70 futuros até o fim das respectivas casas. Oxalá! »*

A Nabuco, quando escreveu estas palavras em 1908, restava pouco mais de um ano de vida. A Machado, semanas apenas. Em outubro de 1908, José Veríssimo escreve a Nabuco sôbre a morte do amigo: « Na manhã do dia anterior, estando eu com êle no quartinho do pavimento térreo em que padeceu e faleceu, êle, sempre com a idéia da morte presente, disse-me:

« Veríssimo, você mande contar êste desfecho aos amigos que estão fora — e nomeou-o, ao Sr., em primeiro lugar. »

Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1865.

Meu caro Senhor,

Tenho em vista o *Diário* de ontem. Na crônica « Ao Acaso » deparo com algumas linhas ao meu respeito, caídas de sua pena; li e reli o que sôbre mim escreveu, e depois de meditar sôbre estas

linhas decidi-me a aventurar sôbre elas as duas considerações que se seguem.

Não sou poeta. As minhas toscas composições, escritas nas minhas horas vagas, ainda não pretendem a tanto; o título pomposo de poeta, que, por extrema bondade e complacência, dignou-se-me aplicar, poderia, esmagando a minha nula valia, encher-me de um orgulho sem fundamento que me elevasse acima do que eu realmente sou, se porventura não tivesse a indestrutível convicção de que êle verdadeiramente me não pertence, e de que me foi aplicado por um poeta, que, talvez por simpatia ou por outro qualquer motivo, desejando estender-me a sua mão de apoio e de animação, me deu títulos superiores às qualidades que realmente eu possuo.

Escrevo versos, é certo, porém êstes versos, sem cadência e sem harmonia, não podem elevar o seu autor à altura de poeta, se bem de inferior plano; agradeço portanto o título, que me não pertence. Aceitá-lo, ou tàcitamente deixá-lo passar, seria pretender aquilo a que jamais poderei aspirar, seria encher-me de um falso orgulho, julgando meritório um título que só a benevolência e a complacência me poderiam conferir.

Esta é a primeira consideração que a leitura de suas linhas sugeriu em minha mente. De mais, cabe dizer-lho: de uma certa idade em diante pretendo me não mais aplicar à poesia. Nesta idade em que minha inteligência ainda não pode discutir sôbre o positivo e o exato deixo que a pena corra sôbre o papel e que minha acanhada imaginação se expanda nas linhas que ela compõe; mas quando as minhas faculdades, concentradas pelo estudo e pela meditação, se puderem aplicar ao positivo e ao exato, deixarei de queimar incenso às musas do Parnaso, para me ir alistar na fileira dos mais medíocres apóstolos do positivismo e das ciências exatas; é um protesto para cujo cumprimento peço a Deus fôrça de vontade e firmeza de resolução. Entendo, meu caro poeta, que desde uma certa idade a nossa imaginação perde o seu vigor; as utopias e as fantasias que alimentam a imaginação dos poetas cessam desde que êle penetra numa vida cujas vicissitudes lhe demonstram o absurdo dos seus cálculos; e cujos caprichos e contrariedades são a perfeita antítese dos sonhos dourados de sua fantasia e dos prazeres, e das vigílias felizes, que, em seus cálculos de utopista e de poeta, êle um dia concebeu.

É por isso que por ora dou asas à minha imaginação, mas um dia virá, e êste dia talvez esteja perto, no qual me desligue completamente dêsse mundo de visionários, para ir tomar parte no grêmio daqueles que, mais chegados às realidades da vida, consideram êste mundo como êle realmente é. São estas as duas considerações que por ora julguei dever fazer às linhas a meu respeito.

Disponha do pouco préstimo daquele seu

Criado obrigado

JOAQUIM NABUCO

1867

A Sancho de Barros Pimentel

Sancho de Barros Pimentel fôra colega e amigo de Nabuco desde o primeiro ano na Faculdade de Direito de São Paulo. Na do Recife, onde continuaram os estudos e se formaram, foram, além de colegas e amigos íntimos, companheiros de casa.

Fizeram ambos sua estréia parlamentar na Legislatura de 1879-81, onde juntos se bateram pela emancipação, sacrificando assim sua reeleição. Mais tarde, em 1884, defenderam lado a lado na imprensa, como membros da brilhante e anônima plêiade que chamavam os inglêses do sr. Dantas, *o curto govêrno emancipador de Manuel de Sousa Dantas.*

Barros Pimentel foi presidente da província de Pernambuco quando Nabuco conduziu ali, ao lado de José Mariano, a primeira campanha eleitoral travada sob a bandeira exclusiva da Abolição.

Ainda jovem, Barros Pimentel afastou-se da política para dedicar-se, no Rio, inteiramente à advocacia e foi dos mais conceituados expoentes da sua profissão.

Dêsse amigo dileto Nabuco escreveu muitos anos depois que êle foi « um dos poucos homens, dois, não mais, cuja lembrança nunca me abandonou e a quem eu tanto idealizei na minha amizade ». A carta que segue é de 2 de maio de 1867. Nabuco presidia então o Ateneu Paulistano, uma antiga associação de estudantes.

Barrinhos,

Aí vão os Estatutos do Ateneu e do Culto à Ciência para que organizes os 10 artigos provisórios.

Convido a todos para amanhã às 6 1/2. Se quiseres passar à noite por aqui, vem para conversarmos, fazermos um passeio. Estou decididamente maníaco pelos livros. O que eu leio agora

me diz que êles são nossos melhores amigos. Precisamos de combinar numa coisa: apareça.

Teu amigo certo

JOAQ. NABUCO

Maio 2. Véspera da abertura do Concílio Nacional.

Amén!

Soube agora pelo Moreira que tinhas de sair à noite. Fica sem efeito a 2ª parte desta. Infelizmente.

Idem

1872

A Sancho de Barros Pimentel

(*Falta a primeira página do original desta carta*)

5 de outubro de 1872.

.. Quando fui a Pernambuco levei sòmente as últimas publicações a respeito do adultério da mulher (1). Era circunscrever-me o campo, e visto estar eu nessa época em tempo de fecundidade — impor-me o dever de dizer também alguma coisa sôbre o caso. Dizê-lo em português era quase ridículo. No Guerra (2) deliberei escrever em francês e redigi ao correr da pena uma carta a ti. Essa carta, melhorada, corrigida, etc. é a atual brochura. Não a dirigi a ti, meu caro amigo, porque nós devemos falar em português, e lembrando o nosso mestre comum, ainda lembrei-me de ti.

Como contar-te o que dissemos no Guerra? Que excelente impressão deixaste no ânimo de tôda aquela família. Como todos te estimam diferentemente, desde dona Ana que te quer como um filho até o Olímpio (3) que te quer como um irmão mais velho! Com quem, porém, mais longamente falei de ti foi com dona Olímpia (4). Que estima profunda tem-te ela! És quase um ideal para ela de um coração bem formado. Muitas vêzes os nossos sonhos comuns reviviam na minha memória —

---

(1) Joaquim Nabuco estava então terminando um opúsculo em francês, *Le Droit au Meurtre,* refutando a brochura de Alexandre Dumas *fils* sôbre o direito do marido de matar a mulher adúltera. *Tue-la* intitulava-se o folheto de Dumas. Nabuco deu à sua resposta a forma de uma carta aberta a Ernest Renan, sua maior admiração literária de então e quiçá de sempre. Pedia a Renan que interviesse no debate. *Le Droit au Meurtre,* na primeira inspiração, fôra escrito na forma de uma carta a Barros Pimentel.

(2) No Engenho Guerra, em Ipojuca, propriedade da família Sá e Albuquerque, seus parentes pelo lado Paes Barreto.

(3) Olímpio de Sá e Albuquerque, que seria magistrado e desembargador da Côrte de Apelação do Distrito Federal.

(4) Mãe do precedente, espôsa de Vitoriano de Sá e Albuquerque.

passeando por aquelas campinas e vendo aquela natureza sempre tão risonha, eterno contraste com aquelas almas sempre tristes, mas constante em sua alegria como elas em sua dor!

Eu era bem outro do que o que elas conheceram (1), de ti julgam que és sempre o mesmo.

Minha vida, de que essa viagem de um mês veio renovar os prazeres e estimular os desejos, é sempre a mesma. Consolaste-te de não ter entrado eu para a Câmara? E eu que nem pensei nisso — o futuro é incompreensível para nós — se nós mesmos o não comprometermos. Que farei êsse verão? Um livro seguramente, mas sôbre o que? Queres escrever uma memória, estudo, biografia, qualquer coisa enfim para entrares para o Instituto Histórico? Trata-se de dar sangue novo a uma instituição privilegiada e uma excelente biblioteca. Ainda não me resolvi a fazer qualquer coisa nesse gênero — porque preciso da cumplicidade de dez moços como eu. Aquêles a quem tenho falado têm assentido. Fizeram-me dois excelentes presentes. É uma mão que se esconde mas que se reconhece pelo benefício. A saber: a edição do Dante (Gustavo Doré), dois grandes e riquíssimos volumes e um exemplar de Camões — edição de Morgado de Mateus que custou 350$000!

Ouço dizer que há grande desunião no partido Liberal de Sergipe. Não me falas nisso. Quando vens, meu caro amigo e queres vir? Escreve-me longamente. Não te sentes à mesa para escrever-me quando estiveres cansado, nem te rendas pelo papel.

Recomenda-me muito ao teu pai e tua mãe e irmãs. Tive há dias uma reunião em casa para ler a brochura que *incessament* te remeterei. Muitos lembraram-se de ti. Adeus, amigo, recebe vivas saudades de

teu amigo

JOAQUIM NABUCO

---

(1) Nabuco estivera ausente de Pernambuco menos de dois anos depois de formado, mas, a exemplo de todos os moços de sua idade, julgava-se inteiramente outro.

A Machado de Assis

Meu caro Machado,

Se você quiser ouvir umas fôlhas de má prosa sôbre os *Lusíadas* (1) apareça às 7 da noite à rua da Princesa do Catete nº 1 (2) casa sua e de

JOAQUIM NABUCO

A José Caetano de Andrade Pinto

A primeira viagem de Nabuco à Europa terminou com uma demora de um mês de Londres, finda a qual despede-se do amigo que continuava ali. José Caetano de Andrade Pinto era genro do barão de Penedo, ministro do Brasil na Inglaterra. Fôra magistrado e acabava nesse ano de 1874, aos 48 anos, de se aposentar do cargo de desembargador da Relação da Côrte. Foi depois conselheiro de Estado. Era Vereador da Casa Imperial e amigo pessoal do Imperador, em cuja intimidade vivia.

Paris, 2 de setembro de 1874.

Meu caro amigo,

Deixo Paris esta tarde em viagem para Bordeaux (Hotel de France). Não sei quando nos tornaremos a ver, você tendo poucos desejos de ir ao Brasil e eu não podendo talvez voltar à Europa. Adeus, espero que sua saúde se restabeleça, se você

---

(1) *Camões e os Lusíadas*, o primeiro livro de Nabuco, apareceu em 1873.

(2) Era a casa do Senador Nabuco, à esquina do Flamengo com a rua Corrêa Dutra, antigamente rua Bela da Princesa. O Flamengo originalmente era apenas quintal das residências das ruas do Catete e Senador Vergueiro. Depois que se tornou via pública, o enderêço do Senador Nabuco passou a ser Praia do Flamengo 68 e depois 116.

Êste bilhete a Machado traz um *post-scriptum* de Sizenando Nabuco, irmão de Joaquim Nabuco: « Querido Machado, Espero-o (sem falta!!!) Sizenando. » A data é apenas: «1872. Hoje. »

jamais a teve perfeita, e, se não, que você fique ainda mais vigoroso do que nos seus primeiros anos. Suas cartas serão para mim uma consolação, não as poupe egoìsticamente, como querendo gozar só de Londres e da *season*. Peço-lhe que me mande os seus *Morning Post* já lidos, e que me escreva largamente. Apresente meus respeitos a todos os seus e dê lembranças aos nossos amigos da legação. Adeus, meu caro José, até um dia.

JOAQUIM NABUCO

A Salvador de Mendonça

Nabuco era estudante de direito em São Paulo quando Salvador de Mendonça, já formado, dirigia, com Ferreira de Menezes, O Ypiranga *e era secretário do presidente da província, Saldanha Marinho. Escreveu então Salvador de Mendonça um artigo elogioso sôbre o dramaturgo de 18 anos que era Joaquim Nabuco, autor do drama* Os Destinos, *representado em São Paulo e na Côrte. A amizade continuou no Rio e nos Estados Unidos, onde Mendonça era cônsul geral em Nova York quando Nabuco ingressou na carreira diplomática como adido à legação em Washington. Ambos foram depois membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.*

GLOBO, quarta-feira.

Meu caro Salvador.

Pode você vir à minha casa, rua da Princesa do Catete, nº 1, depois d'amanhã, sexta-feira, por volta das 11 horas da manhã? Peço-lhe isso para apresentá-lo ao meu amigo, Mr. Partridge, ministro dos Estados Unidos nesta Côrte, que deseja apresentá-lo nos melhores círculos de Baltimore, onde tem domicílio e família.

Pode você vir ou marcar-me um dia para eu apresentá-lo a Mr. Partridge? Prefiro que seja sexta-feira porque êle me disse que não sairia de casa à sua espera.

JOAQ. NABUCO

1875

A Salvador de Mendonça

[do Rio]
25 de dezembro.

Meu caro Salvador,

Hoje é Natal, e por isso New York deve estar em festa. Como nós católicos temos menos alegria e menos que fazer nesse dia, posso escrever-te enquanto se prepara o altar para a missa, em minha casa. Sei que estás em New York, e espero que aí fiques; com as promessas que tens, e com a tua capacidade, seria uma injustiça não aprovar o govêrno a nomeação do Ministro. O que é preciso é que, dedicando-te ao inglês com a assiduidade precisa, durante os primeiros anos pelo menos, para possuíres a fundo a língua do país em que vives, e em que provàvelmente hás de ficar sempre, não te esqueças de escrever de vez em quando alguma coisa na nossa língua. Os nossos escritores de raça são tão poucos!

Aí te envio uma carta para uma senhora de quem sou muito amigo, Mrs. Charles Hamilton, casada com um neto do grande Hamilton. O marido deve morar em New York, e ser-te-á fácil achar a *adresse* de um tal nome. Todavia devo dizer-te que Mrs. Hamilton tinha tenção de ir passar algum tempo em Milwaukee (Wisconsin). Ela é cunhada de Mrs. Halleck, a viúva do célebre general, e por qualquer modo tu saberás onde encontrá-la. Na carta falo em ti, e ela desejará muito conhecer-te pelo que eu lhe digo, e estou certo de que será um muito agradável conhecimento para ambos. Adeus, meu caro Salvador. Cada dia mais eu te invejo — fazendo votos para que não voltes tão cedo a esta capital do café.

Tout à vous

JOAQ. NABUCO

Como deves saber fundamos um jornal, a *Epocha* (1); infelizmente não é para êste país, e só pensamos em desfiar o que fiamos e em fazê-la morrer de um modo decente. Essa morte porém não pode tardar.

J. NABUCO

---

(1) Nenhum nome de redator ou colaborador apareceu nos poucos e realmente excelentes números dêsse periódico. Só muito mais tarde, incluindo um dos seus contos da *Epocha,* no volume *Papéis Avulsos,* Machado de Assis, traindo o segrêdo, dirá em nota: « O redator principal era um espírito eminente, que a política veio tomar às letras, — Joaquim Nabuco. Posso dizê-lo sem indiscreção. Éramos poucos e amigos. O programa era não ter programa, como declarou o artigo inicial, ficando a cada redator plena liberdade de opinião, pela qual respondia exclusivamente. O tom (feita a natural reserva da parte de um colaborador) era elegante, literário, ático. A fôlha durou quatro números. »

1876

A Salvador de Mendonça

Paris, 7 de junho.

Meu caro Salvador:

Mais depressa do que pensei, devemos encontrar-nos, e em New York. Estou em Paris apenas uns três dias, sigo a parar uns oito em Londres, e por volta do dia 22 seguirei para New York. Como tu sabes fui nomeado adido à nossa legação em Washington.

Com mais precisão te escreverei sôbre o dia da minha chegada; agora mesmo vou fixá-lo, tomando passagem na *White Star.* O que espero de ti é que me arranjes com tôda a tua influência pública e privada uma cama para descansar em Filadélfia do calor, da poeira, do barulho das grandes festas de 4 de julho. Não é um pequeno recurso para mim pensar que vou te encontrar nos Estados Unidos.

Rc. do teu,

JOAQ. NABUCO

P. S. Acabo de tomar passagem a bordo do « Germanic », da White Star, que parte a 22 de Liverpool. No dia 1 ou a 2 estarei em terras da tua jurisdição consular.

J. N.

A Salvador de Mendonça

Washington, 7 de agôsto.

Meu caro Salvador,

Aqui cheguei hoje e não sei como pude no momento em que me apressaste para partir esquecer-me de agradecer a tua

mulher tôda a sua extrema amabilidade para comigo: foi tua falta, eu ainda bem tinha tempo de ser bem-criado, mas tu exploraste o mêdo de um passageiro que já perdeu dois vapores em sua vida.

Peço-te que repares do melhor modo a minha precipitação, ou a impressão desfavorável que ela deve ter deixado.

Da minha primeira entrevista com o nosso chefe hierárquico resulta: que a legação nestes dois dias vai debandar, e que eu volto a New York sem demora.

O calor está terrível aqui, New York parece-me um banho gelado tornado em um sonho ao lado desta fornalha acesa. Quando tiver de partir, depois de amanhã provàvelmente, hei de telegrafar ao Rodrigues (1) para tomar-me um quarto como o dêle. Previne-o pois. Explico-me melhor agora o não ter recebido cartas de casa; elas devem estar na mala que encalhou nos Abrolhos. Se isto é sorte! Até dentro destas setenta e duas horas, — a legação vai mudar-se para o consulado, — vamos cair-te todos em casa.

Provàvelmente farei um *tour* pelas *falls*. Hoje é o maior dia da minha vida: copiei o meu primeiro despacho.

Como não sei o número nem a rua de tua casa telegrafo só ao Rodrigues quando chego: trata de vê-lo. Adeus, caro *compositore*.

Teu

JOAQUIM NABUCO
attaché

Arlington.

---

(1) José Carlos Rodrigues residia nesse tempo nos Estados Unidos, onde dirigia *O Novo Mundo*, uma pequena fôlha com notícias do Brasil e trabalhava também em redações americanas.

1877

A Salvador de Mendonça

Domingo

Meu caro Salvador,

Podes tu mandar-me qualquer dos teus jornais de 20 de dezembro a 1 de janeiro? Eu os devolverei hoje mesmo. No outro dia na Ópera quis ver-te e fiz a volta do teatro mas tua posição era inacessível. Infelizmente o único tempo em que eu melhor poderia ir conversar contigo é quando estás no consulado — e isso me impede de ver-te muito tempo. Tu porém me acreditarás sempre o mesmo.

Todo teu,

J. NABUCO

A Salvador de Mendonça

Buckingham [Hotel]
Têrça-feira.

Meu caro Salvador,

Como eu tenho hoje a noite tomada por um compromisso anterior e o Saldanha só chegou esta manhã, não posso convidar-te senão para jantar comigo — quando esperava poder ler-te depois o meu drama (1). Mas como tu és bom pai de família e não te custa deixar nenhuma companhia às dez horas para voltar para casa, se quiseres dar-me o prazer de estares aqui às sete horas hoje — nós jantaremos.

Todo teu,

JOAQ. NABUCO

---

(1) *L'Option*, a tragédia em versos franceses a que Nabuco tinha amor, mas que deixou inédita.

A Salvador de Mendonça

Consulado Geral. Quinta-feira.

Meu caro Salvador,

Tenho pensado tôda esta semana que você vai chegar e nunca o vejo neste consulado, onde venho todos os dias. Hoje o Lisboa leu-me um tópico de carta sua em que promete vir segunda-feira. Provàvelmente nesse dia você terá muito que fazer, mas por mais que tenha espero que você não deixe de apresentar-me aos Phipps para eu fazer uma transação com êles. Muitas saudações e meus respeitos a Mrs. Mendonça.

JOAQ. NABUCO

A Salvador de Mendonça

Clifton House, 1.º de agôsto 1877.
Montreal *Ca.* St. Lawrence Hotel
Boston, *Mass.* Brunswick Hotel.

Meu caro Salvador,

Queres tu fazer-me o obséquio de pôr nessa carta como direção o nome do primeiro vapor inglês que partir daí para Liverpool?

Teu cunhado é um pessimista e trouxe muita prevenção. O Niágara é simplesmente perfeito.

Eu sigo a minha viagem pelo Canadá e espero encontrar-te preparando-te para Long Branch ainda.

Todo teu,

JOAQ. NABUCO

N. B. — Aqui não há selos de 10 cents. Queres trocar-me êsses e pôr um de 10 cs na carta?

Ao conselheiro Carvalho Borges

Antônio Pedro de Carvalho Borges, depois barão de Carvalho Borges, era ministro do Brasil nos Estados Unidos quando Nabuco ali serviu como adido. Foi um chefe benevolente e amigo. Era casado com dona Emília de Barros Torreão.

Clifton House, Niagara Falls.
Domingo.

Meu caro snr. Conselheiro,

Recebi com a carta de V. Excia. uma de meu pai, e lhe agradeço ambas.

Ainda estou em Niagara Falls. Não só eu podia vencer na lentidão o jaboti do Couto de Magalhães, como êste lugar é realmente muito agradável para se estar uns quinze dias.

Há nove dias que cheguei, e pretendo não sair daqui antes de sábado.

Felizmente eu não viajo à moda do Imperador, e tenho prazer em alterar o meu itinerário cada dia.

O que porém concorre para tornar a minha estada em Clifton House verdadeiramente agradável, é o conhecimento que fiz de umas moças Bush, que, com os Streets e os Porters, *possuem* as Falls.

Elas têm um *château* perto do Hotel, do qual são elas proprietárias também, e é aí que eu passo o meu tempo (1).

Temos feito belas excursões pelos arredores e a vida do campo me transporta à fazenda de Pernambuco, onde fui criado e me parece nova. Vivo debaixo das árvores, entre gafanhotos e borboletas, sem falar das moças, e isso me faz entrar de novo na natureza. A minha excursão assim promete não acabar em New York antes do dia 20 de setembro, tendo então eu que me apressar para partir para o outro lado.

---

(1) Nabuco, trinta anos depois, embaixador, passou por Niágara, onde em moço se havia deixado ficar muitos dias na companhia das jovens irmãs Bush. Encontrou na sala seu retrato de moço no mesmo lugar onde o havia deixado, turista despreocupado, cujo caminho era outro.

Espero que tenhamos os jornais regularmente no fim do mês e que se possa fazer uma idéia justa do negócio Cotegipe-Masset.

A minha idéia é ir a Montreal (St. Lawrence Hotel), onde estarei entre 28 e 29, a Quebec, a Boston, onde conto chegar entre 6 e 7 de setembro, a Newport. Se V. Excia. tivesse alguma ordem que me mandar ou alguma carta, essas datas *seguramente* podiam guiá-lo para saber onde achar-me. Em Boston, irei para o Brunswick.

Peço a V. Excia. que de novo queira apresentar os meus cumprimentos à dona Emília, e que me creia respeitosamente

Seu amigo obrigado.

J. NABUCO

1878

A Francisco Ignacio de Carvalho Moreira, barão de Penedo

De Washington Joaquim Nabuco foi removido para Londres, onde serviu sob as ordens do barão de Penedo. Suas cartas a êste prezado chefe, que as conservou tôdas cuidadosamente, às vêzes marcadas com a data em que lhe chegaram às mãos, são as mais numerosas e de certo modo as mais importantes desta coletânea. Da mocidade de Nabuco sobreviveram poucos documentos epistolares, e as cartas a Penedo são dêste número. Não se limitam aliás a êsse período da existência de Nabuco. São as únicas que lhe atravessam a vida tôda, fielmente e sem interrupção até a morte do Barão, aos noventa anos, quando Nabuco já era embaixador em Washington.

Desde que deixou em 1878 seu cargo de adido em Londres, nunca Nabuco falhou ao que êle considerava o dever de prestar contas ao velho amigo de tôdas as suas atividades e projetos. Escrevia quase como um filho a seu pai.

Em casa dos Penedos, em Londres, êsse 32 Grosvenor Gardens *que deu título a um capítulo de* Minha Formação, *Nabuco teve, graças, inicialmente, à sua amizade fraternal com Artur de Carvalho Moreira, a intimidade de um segundo filho da casa. A gratidão por êsse acolhimento e a saudade do tempo de Londres transparecem, através dos anos, nessa correspondência iniciada sem demora, ainda de bordo do navio que levava de Londres ao Brasil o jovem diplomata, que seria nesse ano eleito deputado.*

Lisboa, sexta-feira, 12 de abril 1878.

Meu caro Snr. Barão,

Cheguei a Lisboa esta noite depois de três dias de muito bom mar e excelente viagem. Não sei ainda que notícias me trouxe o « Elbe », mas espero amanhã ter os jornais em terra. O Aubertin (1) foi meu companheiro, bem como a viscondessa

---

(1) J. J. Aubertin, cavaleiro da Rosa, publicou uma tradução inglêsa dos *Lusíadas* em 1878 — Londres, 2 volumes. É dedicada ao Rei D. Luís de Portugal.

de Montserrate, que muito falou da diplomacia brasileira, na qual tem parentes, e que parece possuir um dos paraísos do mundo, em Sintra. Não tenho senão que me felicitar de ter escolhido êste navio, o beliche que tenho nêle, e o tempo da passagem. Até hoje tudo tem ido muito bem. Infelizmente creio que tomaremos amanhã bom número de passageiros de Lisboa que não são dos mais cômodos a bordo. Escrevo estas linhas para satisfazer um desejo seu, e para não deixar interromper-se a comunicação constante em que estivemos sempre desde que para aí me mudei. Peço-lhe que beije as mãos da Snra. Baronesa, dizendo-lhe tudo o que possa interpretar o meu reconhecimento e a minha dedicação, e que me creia sempre com saudade

Seu Amigo mto. obrigado

JOAQUIM NABUCO

P. S. — Muitas lembranças ao Artur quando lhe escrever. Eu pretendo fazê-lo desde que chegue ao Rio.

J. N.

Ao barão de Penedo

São Vicente, 19 de abril.

Meu caro Snr. Barão,

Até aqui temos tido uma excelente viagem, o que mais é de estimar quando acabamos de ouvir que uma grande tempestade chegou a Lisboa dois dias depois de nossa partida. O mar tem estado sempre calmo, e quinta-feira próxima devemos estar em Pernambuco.

Em Pernambuco terei os jornais que espero ansiosamente, ainda que já tenha visto em Lisboa a impressão produzida pela morte de meu Pai e a homenagem de verdadeira dor que lhe

foi paga por todos (1). Li também que êle deixou o Código Civil pronto. Do Brasil lhe escreverei o que houver. A viagem tem-me dado ocasião de pensar largas horas e só sôbre o que deverei fazer. Ainda não tenho os elementos precisos para saber qual será o meu dever, mas tenho a firme resolução de não sofismá-lo e de não evitá-lo, mas de cumpri-lo todo. Isso talvez por muito tempo me tenha afastado de Londres, para onde é também possível que eu possa em breve voltar. Mas, presente ou ausente, nunca hei de esquecer que tive em sua casa o lugar de um filho. Ouvi que em Lisboa se havia explorado a insinuação do «World», e por isso o seu ofício não foi sem propósito. Muitas saudades e recomendações à Senhora Baronesa, lembranças à sua numerosa clientela. Creia-me sempre seu

Am.º dedicado

JOAQUIM NABUCO

P. S.

Eu espero que Miss Stevens (2) ainda esteja fazendo companhia à Senhora Baronesa. Diga-lhe, se ela ainda aí estiver, que os seus retratos são o principal ornamento das vidraças de Lisboa. O comércio que os fotógrafos americanos fazem com êles é verdadeiramente universal.

Quando escrever ao Artur diga-lhe que não existe semelhante Gramática Portuguêsa de Adolfo Coelho e dê-lhe um abraço apertado.

J. N.

---

(1) O Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo falecera em 19 de março e êste fôra o principal motivo do regresso imediato de seu filho à pátria.

(2) Miss Minnie Stevens, jovem beleza da sociedade americana que, depois do seu casamento com Sir Arthur Paget se tornou uma das figuras brilhantes da sociedade de Londres. Sua amizade com Joaquim Nabuco vinha de quando êste fôra adido em Nova York.

Ao barão de Penedo

N° 1, rua da Princesa do Catete
7 de maio.

Meu caro Amigo e Snr. Barão,

Uma carta é pouco para mandar-lhe dizer tudo o que desejo que saiba; o tempo de que disponho me obriga ainda em cima a fazê-la curta.

Entreguei a sua *missiva* ao Vila-Bela (1), que se mostra muito seu amigo, e que me perguntou muito por notícias suas. Disse-lhe que o Snr. esperava licença pela volta do paquete, e êle não viu nisto dificuldade alguma.

O José Caetano veio ver-me, mas ainda não fui ver sua filha que só desceu ontem de Petrópolis, o que farei hoje.

Estou muito ocupado examinando os papéis deixados por meu Pai. O Código Civil infelizmente não ficou redigido senão em parte. O resto consta de imenso material que só o antigo presidente do Instituto (2) poderia coordenar e classificar, mas isso mesmo para fazer um código seu e nunca o de meu Pai. Digo isso porque, no livro do Código, há logo no princípio um folheto do dr. F. I. de Carvalho Moreira sôbre a Codificação.

Quanto a mim, é provável que não o veja tão cedo, e que não volte à Europa senão nas condições em que o Snr. primeiro para lá partiu, — não quero dizer Ministro, mas depois de ter passado a mocidade no estudo, na política, e na advocacia. Espero, porém, que quando para lá volte, eu o encontre sempre forte, e no mesmo pôsto, uma verdadeira instituição britânica. Vou apresentar-me candidato por Pernambuco, e suponho ter bons elementos, pelo menos a amizade do Presidente.

Uma vez na Câmara tratarei de advogar e de ganhar dinheiro, o que me é impôsto pela necessidade como primeira obrigação. Mande-me tudo o que lhe diga respeito, e em geral tôdas as informações, que possa, e esclarecimentos. É pena que não

---

(1) Domingos de Souza Leão, Barão de Vila-Bela, então ministro de Estrangeiros.

(2) O Barão de Penedo, F. I. de Carvalho Moreira, fôra ilustre advogado e Presidente do Instituto de Advogados, antes de ser diplomata.

tenha um secretário, e que não haja um fonógrafo para não sentir-me eu tão privado de sua grande experiência e prática dos negócios. De vez em quando mande-me também notícias das suas amigas e da vida de Londres para consolar-me. Como Alexandre, eu sacrifico e dou tudo, mas guardo a *esperança!*

Em princípio do mês que vem partirei para Pernambuco. Da Bahia mandarei as quartinhas à Baronesa.

Estou preparando um trabalho extenso sôbre o estado do Código Civil e sôbre a parte que meu Pai teve desde o princípio na obra. As últimas cartas que êle escreveu foram com relação ao Alfredo (1), aos membros do Conselho Naval.

Não há nada sôbre a sua demissão — tudo foi invenção dos inimigos do Ministério ou dos seus. A venda do Indep. é considerada aqui a sua obra-prima.

Não lhe digo nada do Cansanção (2), de ministério e de política. Depois lhe escreverei tudo. Que impressão devia ter produzido aí a emissão de papel e o manifesto do gabinete! Nunca houve nada igual.

Parece que outras legações vão ser suprimidas, para ser reduzido o pessoal e aumentados os vencimentos. O Vila-Bela escreveu-lhe sôbre o Costa (3), que tem grandes inimigos e sôbre quem êle recebeu cartas infames. Desfiz em grande parte a impressão, mas êste que indague donde o acusam tão miseràvelmente.

Escreva-me sempre que puder dando-me notícias suas. Nada do que se passa em sua casa e na sua família me será nunca indiferente. Beijo as mãos da Snra. Baronesa a quem minha Mãe agradece vivamente a carta que recebeu. Diga-lhe quanto desejo tornar a vê-la. Creia-me sempre

Seu Am.º dedicado

J. NABUCO

---

(1) Alfredo de Carvalho Moreira, oficial de marinha, filho do barão de Penedo.

(2) Visconde Cansanção de Sinimbu, presidente do Conselho.

(3) José Augusto Ferreira da Costa, diplomata de carreira, que fôra auxiliar de Penedo e que seria mais tarde ministro em diversos postos.

A Salvador de Mendonça

Rio, 4 de junho de 1878.

Meu caro Salvador,

Muito obrigado pelo apêrto de mão que você me mandou, e pela consolação que você quis oferecer-me. Hoje só há uma coisa que pode minorar a dor de que estamos possuídos: é ouvir falar de meu Pai como você sempre costumava.

Espero que New York não lhe tenha sido desagradável, e que você se tenha tornado o americano que pretendia ser. Se aí houvesse meio para mim de ter uma certa independência, uma vida intelectual e artística, eu de bom-grado imitaria o seu «absenteísmo». Conto apresentar-me candidato por Pernambuco, mas depois da morte de meu Pai não me é nada fácil. A minha eleição, que era certa, hoje é duvidosa. Todavia como não é por vontade própria que eu entraria na política, se me trancarem a porta não me queixarei muito de ficar onde estou em uma carreira difícil, na qual sobretudo hoje, para mim, a promoção é demorada, mas que tem a vantagem de poupar-nos as decepções, os dissabores, ou o desgôsto da política.

Tudo visto de longe é diverso do que realmente é e para ter-se o verdadeiro ponto de vista é infelizmente necessário estar de dentro.

Meus respeitos a Mme. Mendonça, lembranças aos filhos e um abraço para você do seu am.º obr.º e colega,

J. NABUCO

A André Dias de Araujo

Senhor do Engenho Nova Noruega, em Pernambuco, filho de André Dias. Ambos, o pai e o filho, depois barão de Jundiá, eram poderosas fôrças eleitorais no seu distrito.

Rio, 14 de julho de 1878.

Ilmo. e Exmo. Sr.

Tenho a honra de dirigir-me a V Ex. pedindo-lhe tôda a proteção da sua influência eleitoral a bem da minha candidatura (1).

Liberal de herança, e pernambucano de nascimento, família e coração, será sempre o meu empenho defender os interêsses da província e do partido. O nome de meu pai, o senador Nabuco, é a garantia da seriedade com que tomo êsse compromisso.

V. Ex. constitua-se junto de cada um dos eleitores dêsse colégio o defensor do meu direito, e permita-me subscrever-me

de V. Ex.

o menor criado

JOAQUIM AURÉLIO NABUCO DE ARAUJO.

---

(1) É interessante comparar esta carta de pedido com outra, escrita nove anos depois por Ambrósio Machado da Cunha Cavalcanti, também a André Dias. Ambas estão aqui incluídas por gentileza de Gilberto Freire, a cujo arquivo pertencem. Diz o senhor dos engenhos de Arandu e Gaipió (Ipojuca):

Gaipió, 1.º de setembro de 1887.

Ilmo. Colega e Amigo dr. André Dias,

Vou rogar-lhe o favor de se abster de ir votar, como eleitor do 1.º distrito, a fim de não dar o seu voto ao dr. Joaquim Nabuco. Êste senhor tem por tal forma atacado e injuriado os agricultores da província, que seria imperdoável fraqueza de nossa parte concorrermos para sua eleição.

Meus respeitosos cumprimentos ao meu ilustre Amigo, seu digno Pai e à Exma. Família e disponha de quem é com muita estima

De V. S.

Colega e Am.º Obr.º

Ambrósio M. da C. C.

Ao barão de Penedo

Recife, 12 de setembro de 1878.

[eu caro Snr. Barão,

Infelizmente quando pensava poder partir para aí tenho que .crever-lhe para dar-lhe a notícia de que tão cedo não o verei. qui vim tratar da minha candidatura, e apesar da muita trai-.o, ingratidão e resistência que encontrei, eis-me afinal eleito :putado. Ao entrar na vida política sinto-me antes triste e :sanimado do que alegre e cheio de esperança. Preferia achar-ne descansado em Half-Moon Street, perto de Grosvenor Gar-:ns, gozando da excelente companhia de sua casa.

Dentro de um ano porém espero poder voltar a Londres. 'm ano passa tão depressa! Vou pedir-lhe que me mande para Rio tôda a bagagem que aí deixei, se possível fôr como baga-:m de passageiro de algum navio (vapor) inglês, e sem grande :mora.

Escreva-me sempre dando-me notícias suas e de todos. Na âmara constituo-me seu advogado. Disponha sempre de mim creia que sempre guardarei viva a lembrança de nossa con-ivência em Londres.

Miss Stevens ainda não me deu parte do seu casamento, .as peço-lhe que a felicite por mim. Também que apresente ıeus respeitos à Snra. Baronesa, cujo dedicado amigo tive a ›rtuna de ficar, e aceite vivas saudades e um apertado abraço : quem é de V. Ex.

M.º Obr.º Amigo

JOAQUIM NABUCO.

1879

Ao barão de Penedo

Palmeiras, 22 de janeiro de 1879.

Meu caro chefe e ilustre amigo,

Depois de uma febre que para sempre me divorciou dêste clima e que por mais de quarenta dias me impediu de ler as cartas que me eram dirigidas, tenho hoje a coragem de escrever-lhe. O meu estado é tal que tôda atenção me cansa e, sobretudo, qualquer emoção ou lembrança. Desculpe-me portanto ser breve nesta carta. Acho-me em Palmeiras, convalescendo lentamente. Sinto o meu organismo todo muito debilitado. Enfim, estou vivo!

Recebi tôdas as encomendas; peço-lhe que dê ao Guimarães muitos dos agradecimentos que lhe envio, e que lhe diga que não lhe respondo por não ter lido ainda a carta que êle me escreveu, a qual está no Rio com as contas, em poder de meu cunhado. Quando eu fôr à Côrte terei ocasião de ver o que êle me diz.

Também recebi há tempo uma carta do Cesarino (1), à qual quisera, mas ainda não posso responder. Não imagina quanto me custa o que estou fazendo agora, escrevendo-lhe. Pelo mesmo motivo peço-lhe que mande muitas lembranças ao Artur que ainda não me escreveu, o que é contrário *à natureza.*

No outro dia fui tomar assento na Câmara, eis tudo. A política inspira-me pouquíssimo interêsse. Deixe-me dar-lhe um abraço muito apertado pelo triunfo imenso que alcançou na Câmara, sendo elogiado pelo Silveira Martins, (2) o qual declarou nada ter dito contra a sua pessoa. Tanto melhor! Quem tem por advogado o ministro da Fazenda, depois de ter tido por inimigo gratuito o oposicionista Gaspar, já tem andado muito.

---

(1) Cesarino Viana de Lima, secretário de legação.

(2) Gaspar Silveira Martins, ministro da Fazenda.

Tenho mêdo de grandes cortes no Corpo Diplomático para cobrir o *deficit* dos 45.000 contos!

Peço-lhe que diga à Snra. Baronesa que lhe desejo muito bons anos e que espero vê-la, como a V. Ex., em outubro próximo.

Só dentro de um mês serei um homem válido. Não pretendo porém assistir regularmente às sessões da Câmara antes de acabado o verão.

Peço-lhe que mande tomar para mim, pela forma que lhe indicar o Guimarães, uma assinatura do *Times* por três meses e também do *Economist*. O câmbio está-nos muito desfavorável. Onde irá isso parar? Êste lugar é muito saudável, mas muito solitário. A convalescença da febre tifóide é às vêzes de quatro meses, tenho mêdo ainda de alguma recaída porque nos últimos três dias tenho tido febre parte do dia.

Peço-lhe que me lembre à Snra. Baronesa, cujas mãos beijo e que me creia seu

Amigo dedicado e Obr.º

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 8 de maio de 1879.

Meu caro Chefe e amigo,

O *Diario Official* deve ter-lhe dado o motivo do meu longo silêncio. Não há deputado mais assíduo do que eu, e não se perde o tempo só que se fica na Câmara, quando se é tão assíduo assim; volta-se para casa com a cabeça cheia do que se viu, ouviu, ou fêz — e para pensar no dia seguinte. De fato ainda não tive tempo para começar a pagar as inúmeras visitas que devo pela ocasião de minha moléstia última. Sòmente poi ter o espírito muito afastado, forçosamente, dêsse Londres que na Câmara chamam a minha Capua — por oposição ao célebre «ostracismo» dos dez anos, não lhe tenho escrito para dar-lhe notícias minhas. Mas, como V. Ex. sabe muito bem, na ausência, e com a distância, sobretudo com o tempo, essa vida daí

não pode senão tomar cada dia maiores proporções na minha imaginação, e por isso avalie quanto devo lembrar-me em certas horas do tempo que passamos juntos. Estou na oposição, como sempre pensei, desde o dia em que subiu o ministério Sinimbu, mas oposição política sem nada de pessoal. V Ex. há de ter lido os meus discursos. Estou-me preparando para dar-lhe conta de tudo, porquanto, apesar de deputado, e de pensarem todos aqui que, depois do que êles têm a bondade de chamar minha situação política, sòmente Ministro, — ainda não deixei de ser adido, e espero voltar no intervalo das sessões ao meu humilde pôsto, não pelo pôsto, mas para descansar disto, refazer novas fôrças, penetrar-me bem dêsse ambiente, e matar infindas saudades de tudo isso. Ao passo que se aproxima o mês de setembro, tudo me sorri e é provável que nos meus discursos de despedida tome um ponto de vista muito mais côr de rosa do que até hoje. Soube que deu uma festa muito bonita, que criou muitos ciúmes, entre êles e elas, como diria o Lopes Neto, e o felicito.

A nomeação do José Caetano para o Conselho de Estado causou-me uma alegria tal que ainda a sinto como no primeiro dia. Até breve, muito breve, meu caro e ilustre amigo. Muito lhe agradeço a assinatura que tomou para mim do *Times* e do *Economist*. Acabam em maio, e por isso peço-lhe o favor ainda de mandar renová-las até agôsto. Tenho estado a espera de um melhor câmbio para remeter umas setenta libras para Londres, mas vou resolver-me a o fazer breve, porque o câmbio insiste em cair sempre. Até onde irá êle?

Peço-lhe que dê muitas lembranças minhas à bela Miss Stevens doutrora, que deve ser hoje uma *general favorite*, e que me creia sempre

Seu dedicado Amigo

JOAQ. NABUCO.

A dona Maria Amália Monteiro Leblon

Joaquim Nabuco acabava de estar gravemente doente de uma febre tifóide. A correspondente nesse caso é uma amiga da família que lhe mostrara dedicação.

Rua da Princesa do Catete.
25 de julho de 1879.

Minha cara enfermeira,

Seria mais *amável* que eu fôsse felicitá-la por êste dia que deu ao mundo uma tão perfeita irmã de caridade, além de dar--nos uma tão boa amiga. Mas tive o mau gôsto de não saber que você fazia anos hoje, e por isso fiz um longo discurso na Câmara, voltando muito cansado e tendo que ir de novo à cidade fazer um resumo. Só estarei livre à hora, não de visitas à sua Copacabana, mas de teatro. Sinhazinha (1) não vai porque ainda não aprendeu a sair só. Desculpe-me uma falta tão involuntária e creia-me sem ressentimento algum, nem má vontade,

Muito seu amigo e doente

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 8 de julho de 1879.

Meu caro Snr. Barão,

Escrevo a V. Ex. da Câmara (para onde já venho sempre muito aborrecido), sòmente para ter notícias da sua amável pessoa e da Snra. Baronesa. A política segue sempre a mesma, e nas vésperas do encerramento da sessão não se sabe ainda se seremos dissolvidos, ou se teremos que voltar para o ano. As finanças parecem-me muito mal paradas; fala-se em empréstimo em ouro, e em empréstimo em Paris, e agora mesmo em empréstimo inglês. V Ex. deve melhor do que eu saber do que há por aí, se alguma coisa realmente existe. Vejo que morreu o seu grande amigo, Leonel Rotschild, e pelo *Times* que V. Ex. estêve presente ao funeral. Também consta pelo telégrafo o ter sido mutilado na África o jovem Príncipe Imperial (2). Essas mortes todavia não terão conseguido diminuir o interêsse de

(1) Sua irmã, Maria Nabuco.
(2) Servindo no exército inglês na África do Sul, o príncipe Luís Napoleão exilado na Inglaterra com sua mãe, a imperatriz Eugênia,

V. Ex. por uma *season* que se anuncia tão brilhante, tendo a Croisette em Londres. Para aí seguia ontem o Saraiva (1). É sua sorte ter sempre um estadista amigo, e as impressões que os nossos homens trazem da legação de Londres não podem ser melhores; nem mais agradecidos poderiam êles mostrar-se.

Tomo a liberdade de mandar a V. Ex. uma letra no valor de £ 38,13,0 do English Bank para que V. Ex. queira ter a bondade de mandar pagar £ 29,10,6 ao afaiate Poole e £ 9,2,6 ao sapateiro Malmstrom (não outro) de Burlington Arcade. A letra vai também ao Guimarães para o caso de ausência.

Em setembro, estou sempre firme na esperança de poder achar-me perto de Grosvenor Gardens. A experiência que fiz da política desgostou-me profundamente desta vida; só tenho um desejo, apenas entrado, é o de sair.

No meio de todo êste barulho, só tenho um prazer, é voltar-me para essa minha vida de todos os dias, quando morava em Londres, e quando estávamos sempre juntos. Vejo com prazer que o nome de V. Ex. não encontra aqui senão muita consideração da parte do govêrno; Liberais e Conservadores são hoje seus amigos. Qualquer nova combinação contaria sem dúvida ministros com cuja amizade e confiança V Ex. pudesse contar; na rápida destruição dos nossos homens, V. Ex. fica sendo um dos poucos da velha escola que se estão tornando necessários. Infelizmente o nosso Corpo Diplomático em parte alguma acha simpatias. Vou propor uma reforma do nosso serviço, para ter ocasião de falar especialmente dêle.

Peço-lhe, meu caro Snr. Barão, que apresente os meus humildes respeitos à Snra. Baronesa, a quem tomo a liberdade de mandar também muitas saudades, e que me creia sempre de V. Ex.

Mto. Obrigado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

---

viúva de Napoleão III, foi morto em combate com os Zulus em 2 de junho de 1879.

(1) O Conselheiro José Antônio Saraiva, um dos mais autorizados chefes do partido Liberal, seria presidente do Conselho no ano seguinte, 1880.

Ao barão de Penedo

Rio, 31 de outubro de 1879.

Meu caro Snr. Barão,

Quero aproveitar a partida do Silveira da Mota (1) para escrever-lhe duas linhas.

A política tem seguido a marcha que lhe fôra traçada pela previdência infalível de quem a dirige, e assim irá até que, de repente, a máquina pare como um relógio quebrado. O próprio acôrdo feito no Senado, e que resultou num saldo aparente, destinado a servir de base às operações financeiras, que prometem ser colossais, do Afonso Celso (2) não fêz senão confirmar a convicção profunda, que todos têm aqui, da unidade de ação que há no nosso govêrno. Eu vejo bem que o relógio trabalha, e marca sempre a hora, ainda que regule mal, mas é preciso que o relojoeiro lhe dê corda tôdas as manhãs. O que será porém, quando, um dia, o relojoeiro não lhe puder mais dar corda!

Não tenho feito oposição pessoal ao seu amigo (3), mas, como êle é o principal responsável por tudo o que está acontecendo, não admira que me ocupe sòmente dêle. Pelo meu último discurso V. Ex. verá como trato individualmente os homens políticos, mas no todo as minhas idéias são-lhe muito conhecidas, e V. Ex. nunca terá imaginado que eu pudesse assentir a uma política tão oposta a tôdas as minhas tendências. Desde o princípio, mesmo em Londres, eu lho disse.

Não é preciso porém ficar muito tempo na política para conceber por ela um profundo desgôsto e um invencível aborrecimento. Apesar da posição que tenho no país não equivaler à de adido no Corpo Diplomático, estou tão necessitado de ter um pé fora da política, em terreno menos pantanoso, que sou obrigado, — por não ter fortuna, e não ter nada de mercantil

(1) Comandante Arthur Silveira da Mota, depois Barão de Jaceguai.

(2) Afonso Celso de Assis Figueiredo, depois visconde de Ouro Prêto, ministro da Fazenda.

(3) Visconde Cansanção de Sinimbu, presidente do Conselho.

(a profissão de advogado hoje é um comércio) —, a ir pôr-me no último degrau da escala diplomática, de novo. As compensações porém são grandes. Entre elas está a de fugir do verão, que tão fatal me ia sendo o ano passado; a de tomar um banho de Inglaterra, tão necessário depois de algum tempo de ausência; a de retemperar-me nessa vida, muito maior, muito mais vasta, que se tem na capital do mundo —; a de assistir às eleições, ao *Derby*, à «*Oxford e Cambridge*», que nunca vi, e sobretudo a de conversarmos sôbre tanta coisa e a de viver perto de Grosvenor Gardens e Hyde Park. Tudo isso é no caso do snr. Moreira de Barros (1) não fazer-me voltar aos Estados Unidos. Então o meu programa seria outro.

Muito senti a demissão, que me dizem ter sido lavrada, do Siqueira. Nem o Cotegipe nem o José Caetano puderam intervir a tempo. Ninguém sabe aqui o motivo.

Ouço que a Snra. Baronesa continua a viajar pela Alemanha. Para ela a viagem é o Paraíso, ao passo que Londres é talvez o oposto; mas quem pode todos os anos ter férias de três meses e gastá-las assim, não deve queixar-se de ser obrigada durante o resto do ano a servir de centro, gracioso e hospitaleiro, aos seus muitos amigos. Muitas saudades para si e para a Snra. Baronesa, a cujos pés me ponho, meu caro Snr. Barão, do seu M.º Obr.º Amigo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Antônio Moreira de Barros, Ministro de Estrangeiros.

1880

Ao barão de Penedo

Rio, 8 de maio de 1880.

Meu caro amigo e Snr. Barão,

Ainda não lhe escrevi depois que o seu grande amigo cedeu o lugar ao Saraiva (1), e que se operou uma completa revolução na nossa política e em nosso partido. Sei quanto devia aborrecê-lo a queda do Sinimbu; mas, como no atual ministério há homens que o apreciam, não me leve a mal dizer-lhe que essa queda causou-me grande prazer. Hoje a situação é outra, e o *Miserere* que cantavam sôbre a minha curta carreira política, ou o *Requiem,* ganharia em ser adiado por algum tempo.

O Pedro Luís (2) é um amigo seu fanático: veja como são boas essas relações feitas na Europa! Falamos, sempre que estamos juntos, da sua pessoa, e dos que o Snr. chamava — *obnoxios.* Em setembro, se não houver dissolução, e o Saraiva está animado do desejo de deixar a Câmara viver as duas sessões que lhe faltam, estou planejando, com o meu colega de Câmara Rodolfo Dantas, irmos passar uns seis meses em Londres, êle para estudar a Inglaterra, eu para primeiro matar saudades.

Fizeram-me relator da Comissão de Diplomacia na vaga do Vila-Bela; infelizmente é êsse o único ponto de contacto que tenho com a carreira, e que poderei ter, enquanto fôr incompatível, como deputado, com qualquer nomeação exceto a de ministro em *Missão especial.*

Ontem morreu o duque de Caxias, hoje devemos entrar em luto.

Peço-lhe duas coisas, que me recomende muito à Snra. Baronesa, com amizade, saudade e reconhecimento, e que me queira

---

(1) O ministério Saraiva, substituindo o de Sinimbu, ambos liberais, havia tomado posse em 28 de março.

(2) Pedro Luís Pereira de Souza, ministro de Estrangeiros do ministério Saraiva.

o bem que estava acostumado já a querer-me e que me atrai tanto a Londres.

Creia-me meu caro amigo e Snr. Barão, sempre e sempre

Seu M.º Obr.º Am.º

JOAQUIM NABUCO.

Ao visconde de Taunay

Muitos motivos existiam para a amizade entre Nabuco e Alfredo d'Escragnolle Taunay. Um dêsses numerosos laços foi a afeição comum por André Rebouças. Alguns anos mais velhos que Nabuco, Taunay e Rebouças haviam participado juntos da campanha do Paraguai, para a qual Rebouças seguira como engenheiro e Taunay, que assentara praça ao romper da guerra, como ajudante da Comissão de Engenheiros. Da guerra resultou escrever Taunay A Retirada da Laguna, *que ocupa, como depoimento histórico e como obra literária, lugar importante na literatura brasileira do século XIX. Acabou de consagrar-se como escritor com o romance* Inocência.

Rio, 27 de dezembro de 1880.

Meu caro Taunay,

A 29 parto pelo *Thames* e venho pedir-lhe suas ordens e despedir-me afetuosamente do amigo e correligionário. O *Diario do Commercio* diz que você também parte, o que eu desejo se confirme. A nossa posição é tal que eu tenho mêdo que uma permanência longa no meio dessa gente e dessas coisas azede ainda os caracteres mais generosos e tolerantes e os disponha à injustiça para com o povo e à ingratidão para com a terra. Isso

pela minha parte eu evito com a higiene das brisas marítimas, que destrói todos os maus fermentos da perseguição e coloca a pátria ao lado de Deus como uma das grandes realidades da vida.

Adeus, meu caro. Até lá ou até cá, espera vê-lo em melhores tempos o seu

Am.º af.º e obr.º

JOAQUIM NABUCO.

1881

Ao barão de Penedo

Hotel de France, Bordeaux.
27 de janeiro de 1881.

Meu caro Barão,

Desde que recebi a sua carta em Madri estou para escrever-lhe, mas até agora não o fiz por não saber se devia dizer-lhe sim ou não (1). Entre os motivos que me trouxeram à Europa, acredite-me, não era o último nem o menor o desejo de vê-lo. A notícia de que se achava em Nice surpreendeu-me muito desagradàvelmente. Tenho dois meses de Europa, e por isso não posso agora entregar-me nas suas mãos. Sei que não me deixaria partir tão cedo. Vou primeiro a Paris onde tenho muito que fazer, e depois a Londres, onde, apesar de faltar-me a sua companhia, está para mim o paraíso da Europa. Fui muito bem recebido em Lisboa e Madri, por isso demorei-me tanto (2). Em março, de volta à França, irei vê-lo a Nice, se tiver a coragem de abandonar Grosvenor Gardens por tanto tempo e ainda se achar fora da Inglaterra. O Artur deve vir a Paris encontrar-me; vou telegrafar-lhe agora. Escreva-me sempre para o seu feudo de Granville Square. Dois meses de Europa, é muito pouco. Trago-lhe boas notícias do conselheiro de Estado e de sua espôsa (3). Peço-lhe que diga à Baronesa quanto sinto não os ver cá, e quanto lhe agradeço o interêsse de ter-me em Nice.

---

(1) O barão de Penedo achava-se em Nice e esperava que Nabuco o fôsse encontrar ali.

(2) Em Lisboa sua visita fôra um acontecimento. Ali visitou a Câmara dos Deputados e foi convidado a tomar assento no recinto, onde Antônio Cândido saudou eloqüentemente o jovem brasileiro «que tem já um dos nomes mais simpáticos do Império e há de ter, no futuro, uma das mais brilhantes glorificações da história». Em Madri foi aclamado sócio de mérito da *Sociedade Abolicionista Española* e foi-lhe oferecido um banquete pelos deputados da ilha de Cuba, onde a Espanha não havia ainda terminado a libertação da colônia.

(3) José Caetano de Andrade Pinto, genro do barão de Penedo, havia sido nomeado Conselheiro de Estado, com o que muito se alegrou Nabuco.

Até a última hora, hesitei se iria logo abraçá-los, mas o conhecimento que tenho da sua pessoa e de mim mesmo fêz-me recuar diante da hipótese de vir à Europa para ficar em Nice. Sou hoje o homem de uma idéia, ainda não um fanático ou um missionário, mas um soldado firme no seu pôsto, e em Londres posso fazer mais pela causa do que sob os laranjais do Mediterrâneo, onde não sei o que o prende e o faz desertar de Londres.

Com todos os meus sentimentos de sempre

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Londres, fevereiro 7, 1881.

Meu caro Barão,

A sua carta causou-me o mais vivo prazer. Não me concilio com a idéia de não o ter aqui. É realmente uma deserção. Abandonar Londres um inverno inteiro, com o Parlamento aberto, com os teatros cheios, com a legação freqüentada por dois ilustres visitantes que lhe querem tanto! (1) Não sei como explicar a sua ausência. Por um mês, vá; mas três meses fora, é uma eternidade. Não se faça esquecer.

O Artur tem-me tratado muito bem em Grosvenor Gardens, mas é quase um constrangimento para mim. Se não fôsse *de mauvaise grâce* não estar com êle, quando a casa está vazia, creio que iria procurar de novo um pequeno *appartment* para não ter sempre diante de mim um palácio abandonado pelos donos, e onde tudo fala de grandezas passadas — e futuras. É muito solitário estar no seu gabinete, agora que não lhe ouvimos mais comentar o *menu* do dia seguinte e não o vemos com a *febre cibária*.

O Mota aqui se acha, e numa posição singular. Constou-me no Rio que êle tinha uma comissão na Europa. Não

(1) O outro visitante a Londres era o comandante Silveira da Mota, o ilustre oficial de Marinha cujo navio fôra o primeiro a forçar Humaitá e que seria depois Barão de Jaceguai.

me informei, por ter tomado como coisa certa. Agora está êle de passagem para o Rio sem saber se deverá voltar em breve. Neste caso seria um grande transtôrno transportar uma imensa bagagem que teria volta. Compreende quanto para o seu próprio govêrno, ser-lhe-ia agradável saber ao certo do que há ou não há, ainda aqui. Infelizmente na posição em que êle se acha não lhe é lícito informar-se, porque isso mesmo pareceria um passo para obter uma comissão da qual êle não cogita. Tive idéia de telegrafar eu mesmo perguntando, mas êste ato seria talvez inconveniente. Escrevo-lhe pois à *l'insu* do Mota, porque sei quanto deseja tê-lo em Londres e como quisera ser-lhe útil, para que, se julgar conveniente e possível com os seus meios de informação no Rio e de comunicação particular pelo telégrafo, informar-se *em tempo* do que realmente existe, possa fazê-lo. É uma coisa tôda particular e confidencial.

Custa-me a crer que não tenha possibilidade de o ver *em Londres* antes da minha partida para o Brasil. Espero que a Baronesa tenha passado sempre bem nessa terra, onde o sol faz nascer a laranja, e que tudo lhe sorria.

Adeus, meu caro Barão. Creia-me sempre com a maior amizade

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Fevereiro, 11, 1881.

Meu caro Barão,

O Artur acaba de mostrar-me a sua carta e os seus quesitos aos quais não posso responder completamente.

Recebi do Rio a notícia da próxima dissolução da Câmara, mas creio que tudo é mera conjetura. As eleições não podem ser feitas antes do fim do ano, e doze meses de ditadura não me parece ser a primeira das nossas necessidades! O pior par-

lamento é melhor do que a melhor ditadura. Veja o que fizeram os ministros de 68 enquanto não tiveram câmaras.

A minha idéia é apresentar-me pela Côrte, e se a política de Pernambuco estiver em melhor pé, pelo Recife. Não tenho muita confiança no resultado, mas quero que a luta seja grande. No fim de contas será uma consolação para mim ver que não levei na Câmara a preparar a minha reeleição. Os governos sabem a quem escolhem.

Não sei nada absolutamente dos planos financeiros do Saraiva. Creio mesmo que êle não entende absolutamente de finanças, e que terá o plano que lhe parecer mais de acôrdo com o senso comum. Tudo depende porém da explicação que lhe fizerem e da boa-fé dos explicadores. Se o govêrno não reunir as Câmaras êste ano, não sei de que meios poderá lançar mão para fazer face aos seus compromissos extra-orçamentais. Em todo caso não saíremos de *l'ornière*.

Sinto não poder dar-lhe outras informações. Esperava mesmo ter notícias por seu intermédio. A dissolução sobretudo devia ser-lhe telegrafada imediatamente. Talvez o govêrno reúna a Assembléia em tempo para passar o orçamento, e faça uma curta sessão. A Câmara da eleição direta teria, no caso contrário, de começar logo votando uma prorrogação do orçamento, o que é uma bela estréia. Mande dizer-nos o que souber.

Com a mudança de gabinete em Madri estou com receio, tanto por si como por êle, da sorte do Rancés (1).

No outro dia estivemos juntos num concêrto dos que dá o Lord Dunmore (um *Earl* regente de orquestra). A Princesa (2) lá estava em tôda a sua beleza. Havia também uma pobre senhora que me disseram ser Lady M..., e então assistimos à cena mais extraordinária que tenho visto num salão. Um sujeito que tomei pelo marido, pelo *le plus heureux des trois*, levantou-se quando ela estava de pé para mudar de lugar, tomou-a pelos pulsos com a maior brutalidade e atirou-a para cima da cadeira, onde a coitadinha ficou sentada até ao fim. Não era porém o marido como lhe disse: era o amante. É o que tenho visto de mais forte.

---

(1) O Embaixador de Espanha, marquês de Casa la Iglesia, amigo de Penedo e freqüentador constante de Grosvenor Gardens.

(2) Princesa de Gales, Alexandra da Dinamarca.

Lá estava Lady Walter Campbell. À noite jantamos no *Club* e vamos a um teatro qualquer. Amanhã sábado é a vez de irmos à *Gaiety*. Londres como vê é sempre o mesmo, menos a presença dos donos desta Casa, *ce qui change tout*. Se tudo isso não o decidir a pensar desde já no modo de encurtar a sua ausência, devo crer que o seu entusiasmo por esta cidade era em grande parte o reflexo de outros entusiasmos.

Peço-lhe que me recomende muito à Snra. Baronesa e que me creia sempre, meu caro Barão,

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Londres, fev. 26, 1881.

Meu caro Barão,

A sua carta deu-me grande prazer como a primeira esperança de vê-lo ainda em Londres êste mês. Estou preparando-me para ir recebê-lo a *Charing Cross* com o seu estado maior de legação. Não sei realmente como se pode assim desertar de Londres durante o único tempo em que há merecimento em ficar.

Estive, levado pelo Corrêa (1), em uma *soirée* do Alfredo Rothschild e tive a honra de ser apresentado ao seu amigo de Marlborough House (2). Lá encontrei a bela Mrs. Roche que se prepara para ser a beleza da *season* e que é a mesma Miss Work cujo retrato tenho na moldura de que me fêz presente, não ela, mas o senhor.

Todos aqui estamos ansiosos por vê-lo de volta e para mim seria uma grande contrariedade não vê-lo em Grosvenor Gardens para irmos juntos ao teatro e conversarmos sôbre os homens que têm na sua gaveta. Vejo que o Rancés tem a rara fortuna de não ser mudado quando todos saltaram.

(1) João Artur de Souza Corrêa, secretário da legação do Brasil.
(2) O Príncipe de Gales, futuro Eduardo VII.

O meu plano é partir no vapor de 9 de abril para Lisboa onde tenho muitos compromissos de demorar-me alguns dias, e lá esperar o vapor francês que sai de Bordéus a 20.

Escrevem-me do Brasil que não há dissolução, mas suponho que por ora o ministério mesmo não sabe o que fazer.

Não posso lhe dizer quanto estou satisfeito com a esperança, que transluz das entrelinhas da sua carta, de vê-lo de novo depois de três anos e de vê-lo em Londres. Peço-lhe que me recomende muito à Baronesa a quem mando as minhas mais vivas saudades, e que me creia sempre, meu caro Barão,

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Hotel de France, Bordeaux.
20 de abril 1881.

Meu caro Barão,

No momento de embarcar quero ainda deixar-lhe uma palavra de despedida e de agradecimento pela hospitalidade que tive em Grosvenor Gardens. Desejo-lhe tôdas as felicidades possíveis no largo campo dos seus desejos; que todos êles sejam coroados do mais pleno sucesso. Creia-me sempre o primeiro dos seus *good-wishers* em duas e três gerações, e se mais houver e eu vir. Aceite um apertado abraço de quem é seu

Amigo do coração

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 22 de maio de 1881.

Meu caro Barão,

Aqui cheguei achando todos os meus bons. Dos seus tenho visto todos menos a Carlotinha que ainda se acha nas suas terras

de Petrópolis. O José Caetano está muito atrapalhado com a ocupação da casa da rua de Joinville pela embaixada inglêsa. Não lhe posso dar nenhuma notícia porque de nada sei. Fala-se na dissolução, mas muitos não acreditam nela. Pelo telégrafo talvez saiba alguma coisa antes desta lhe chegar às mãos.

Ainda não procurei o Pedro Luís (1), de quem me acho separado pela política. Estive porém no outro dia com quem tudo pode e tudo manda. O Imperador perguntou-me pelo senhor e por tôda a sua família; informou-se do seu reumatismo e do seu estado, que eu sem lisonjear descrevi como florescente. Falei-lhe então do seu livro (2), do interêsse que havia em que o publicasse, do modo por que está feito, assim como das suas *Memórias*. Êle disse-me que o govêrno *estava examinando*. Espero que a minha intervenção seja útil. Estivemos uma hora a conversar e êle por vêzes disse-me: « Converse com o José Caetano, com o nosso amigo José Caetano ». Já vê que se tratou da emancipação. Ontem o Buarque (3) teve um incômodo cuja gravidade me é desconhecida por ora.

Deram-me aqui um banquete e organizaram um festival. O Mota será provàvelmente candidato pelo 2.º distrito da Côrte, como eu serei pelo 1º. Enerva-nos não sabermos ao certo se há ou não reunião das Câmaras em setembro.

Se não fôr reeleito, abre-se para mim um grande mar de incertezas no qual, talvez, naufrague, e no qual talvez seja-me preciso recorrer ao seu auxílio para navegar. Isto quer dizer que talvez então não veja diante de mim outra coisa a fazer senão emigrar e ir trabalhar fora do país; para o que talvez lhe peça uma carta para a Austrália ou para a Nova Zelândia. Não imagina o que hoje é a vida aqui. O próprio *Jornal* (4) é um *corsário* — não há respeito a ninguém e a nada, e as ruas estão cheias da lama dos que nelas vivem.

---

(1) Pedro Luís Pereira de Souza, ministro de Estrangeiros.

(2) *Missão Especial a Roma em 1873*. O barão de Penedo não havia ainda obtido do ministério de Estrangeiros licença para publicar êste histórico documentado da sua missão diplomática junto ao Vaticano por ocasião da chamada questão religiosa.

(3) Manuel Buarque de Macedo, ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

(4) O *Jornal do Commercio* era só o *Jornal* para os contemporâneos e assim é sempre referido por Nabuco em suas cartas.

Peço-lhe que apresente os meus respeitos à Senhora Baronesa e que me creia sempre, meu caro Barão, *ex corde.*

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 8 de junho de 1881.

Meu caro Barão,

Não tenho tido notícias suas, mas espero que a sua vida seja tão florescente como sempre. Não se sabe nada ao certo quanto à dissolução, mas os que não acreditam nela são mais numerosos do que os que a dão como resolvida. A notícia da *Gazeta,* de que o Imperador havia se negado a resolver sôbre o pedido do ministério antes de ouvir o Conselho de Estado é inteiramente desmentida pelos ministros que dizem que semelhante pedido ainda não foi feito. Seja porém como fôr devo pensar no futuro e a êste respeito contando com a sua amizade quero escrever-lhe sôbre um assunto muito particular e que deve ficar entre si e o Artur. Como sabe, sou candidato pelo 1.º distrito da Côrte — mas ainda que sustentado pelo Otaviano e pelo meu cunhado que é influência eleitoral no Sacramento, acho o terreno já muito trabalhado pelo Leôncio (1), que aliás não será o deputado, mas que dividirá muito, tendo talvez a maioria dêstes, os votos liberais. Falam os cearenses em apresentar-me pelo 1.º distrito do Ceará e tenho amigos que me fariam com todo o prazer a surprêsa de apresentar-me ainda por um terceiro círculo. A única eleição porém séria e possível é a da Côrte, mas está muito difícil e duvidosa, se bem que para todos. O Mota que foi já escolhido para ser o candidato militar do 2.º distrito está mais ou menos como eu. Incerto como é o resultado da eleição, devo pensar no que hei de fazer se não fôr reeleito, e tenho pensado sèriamente em ir estabelecer-me em Londres. Os motivos que tenho para não ficar no país no caso de uma derrota eleitoral

---

(1) Carlos Leôncio de Carvalho, ex-ministro do Império.

são muito fortes, e os que tenho para não aceitar cargo ou comissão do govêrno pelo menos por agora são óbvios. Sendo assim eu iria para Londres por minha conta e risco *procurar a vida*. Suponho que se eu abrisse um escritório de advocacia tanto para informação sôbre a legislação brasileira como para ocasionalmente tratar em Londres de questões do Brasil, e se tivesse o seu apoio e o seu auxílio — além do de seus amigos e das Companhias aí estabelecidas — faria para viver, ocupando-me ao mesmo tempo de outros objetos, como as consultas e a vida de meu pai e a impressão de dois ou três livros que tenho em mente, sem falar num jornal, que eu poderia fundar, para o Brasil — útil a tôdas as classes. Desejo ouvir a êste respeito a sua autorizada opinião, mas peço-lhe que ma dê depois de ter sondado o terreno e conhecido os elementos de que eu poderia ir, desde logo, certo. Como quero mesmo uma profissão permanente não teria dúvida em aproveitar-me do seu trabalho feito mesmo no caso de ser eleito deputado, dividindo então o meu tempo entre a Inglaterra e o Rio. O que me faria grande prazer era ter um interêsse permanente e fixo em Londres por forma a ter de lá voltar sempre ou de lá ficar. A minha ambição não é grande, mas é inútil dizer-lhe que nada abaixo de 70 libras por mês me serviria, o que não lhe parecerá excessivo. Ser-me-á impossível obter o que desejo? Convém notar que cada ano que eu me demorasse em Londres o meu inglês melhoraria consideràvelmente, ainda que não, espero, à custa do português. Peço-lhe que se interesse vivamente pelo que eu acabo de dizer-lhe; as minhas qualidades são — facilidade de aprender, sentimento de justiça, probidade absoluta. Destas posso eu falar — e com elas pode-se ganhar a vida mesmo em alguma sinecura. Escrevo-lhe assim porque se trata para mim de um passo muito importante, se eu não tiver a fortuna de ter o meu mandato renovado e fôr restituído à vida privada. Desejo porém entrar em combate com a segurança de que, se fôr batido num terreno, tenho a minha retirada garantida e possibilidade de ganhar a vida em condições em que o trabalho pode ser para mim um prazer, em vez de uma revolta — o que seria o caso se eu ficasse no país sem perspectiva de ser feliz.

Peço-lhe que converse com o Artur sôbre êste ponto, que não desanime antes de começar o estudo, e que me escreva fran-

camente o que lhe parecer dos meus planos. Recomende-me, meu caro Barão, à Baronesa com viva saudade e creia-me sempre como acabo de lho provar agora mesmo

Seu amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 24 de junho de 1881.

Meu caro Barão,

Ainda não tive carta sua, mas também não tive uma linha do Artur. Um desculpa o outro. Encontrei-me no outro dia com o Pedro Luís e falei-lhe da publicação do seu livro (1). Êle respondeu-me que na sua opinião isso ia levantar muita poeira, que não lhe parecia conveniente a publicação, não me recorda se me disse também ao *menos por agora.* No dia seguinte, mandando-lhe o volume das traduções *boccacianas* escrevi-lhe um bilhete nestes têrmos: que felizmente êsse folheto não tinha precisado de licença para aparecer; que o Saraiva tinha publicado *sponte sua* a sua Missão a Montevidéu (2), que para si era um aborrecimento não se justificar como podia; que a secretaria de Estrangeiros não precisava de um cadeado de segrêdo, bastava-lhe uma boa tramela. Imagino quanto deve incomodá-lo ver a Congregação do Index e os mistérios do Vaticano representados no Cais da Glória (3) pelo Inquisidor Pedro Luís.

---

(1) O barão de Penedo publicou, ainda nesse ano de 1881, *A Missão Especial a Roma em 1873.* Pedro Luís era ministro de Estrangeiros, e dêle dependia a licença pedida por Penedo para tratar pùblicamente dêsse caso diplomático.

(2) Saraiva, que fôra incumbido, durante a guerra do Paraguai, de uma missão igualmente delicada, publicara depois a *Resposta que em Vários Artigos deu ao Sr. Dr. Vasques Sagastume, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário junto ao Govêrno do Brasil sôbre os Prolegômenos Históricos da Guerra do Paraguai.*

(3) O ministério de Estrangeiros era situado onde atualmente se acha o Palácio Episcopal do Rio de Janeiro. Os jardins da Glória, ganhos sôbre o mar, não existiam ainda.

Já terá sabido das nomeações. A dissolução está anunciada para breve e só lhe falta o *Placet*, que parece prometido. A minha eleição ganha terreno, mas é muito duvidosa. O mesmo digo da do Mota. Por êste motivo devo pensar na alternativa de ir estabelecer-me modestamente em Londres, da qual lhe falei. Consta-me que o Fénelon (1) vai fazer a mesma coisa, que o José Caetano disse-me ter querido também fazer. Mas na *struggle for life* ninguém me levará a mal que eu não queira morrer de fome só porque há embaraços no caminho. Não descobri nenhuma mina de ouro, mas sòmente uma profissão de lucros muito incertos, mas que julgo para mim suficientes, e muito mais por deixar-me viver no único lugar onde a vida tem prazer para mim, como sabe, que é *Piccadilly.*

Adeus, meu caro amigo. Não lhe envio a Consulta de meu Pai sôbre a sua Missão a Paris porque não sei se existem semelhantes papéis. Mando-lhe porém êste autógrafo ministerial.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 14 de julho de 1881.

Meu caro Barão,

Já lhe tenho escrito diversas cartas mas ainda não tive o prazer de reconhecer nas que recebo da Europa a sua caligrafia.

Estamos preparando-nos para as eleições de 31 de outubro; o Mota e eu somos candidatos pela Côrte, êle pelo 2.º e eu pelo 1.º distrito. A minha eleição é mais do que problemática, e por isso estou pensando no que hei de fazer depois de decidida essa questão, e como lhe escrevi penso em ir estabelecer-me em Londres, tentar a advocacia brasileira, imprimir as Consultas e trabalhos de meu Pai, e prestar-me a qualquer outro serviço, ou da

(1) Fénelon Alcoforado.

Inglaterra ou do Brasil, que me auxilie a esperar tranqüilamente o tempo do meu *avènement* ou da minha ressurreição.

Estou certo de que encontrarei da sua parte o acolhimento de sempre, que as suas apresentações me serão muito úteis, e espero que a nossa convivência se torne ainda mais agradável pelo gênero de ocupação a que me vou dedicar, levando uma verdadeira biblioteca de manuscritos e documentos. Entre a vida que sempre levei e a nova carreira em que eu conto entrar há grande diferença, mas é-me impossível atualmente esperar um cargo público, e está fora de questão trabalhar eu de corpo e alma nesta cidade do Rio — com cujo clima não me dou bem e que é o centro de um corpo cuja política me tira a calma precisa para o trabalho intelectual.

Espero com avidez letras suas; e teria grande satisfação se, em vez de desanimar-me, isto é, de fazer-me entrar em uma profissão difícil sem o fogo do entusiasmo, se sua experiência me indicasse algum caminho seguro e me preparasse uma viagem feliz.

Escreva-me, meu caro Barão, e recomendando-me muito à Baronesa, disponha de quem é seu

Dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 31 de julho de 1881.

Meu caro Barão,

Acabo de receber a sua carta com a que nela incluiu e muito lhe agradeço ter tomado em consideração o assunto sôbre o qual lhe escrevi. A minha circular foi muito bem aceita pela população desta cidade, e de modo a convencer-me de que a minha candidatura é realmente a que tem a aprovação e as simpatias do distrito. Infelizmente porém o voto parece não dever ser dado nem pelo coração nem pela cabeça, mas por empenhos

pessoais e pedidos importunos de porta em porta. Já é muito todavia quando uma candidatura é bem apresentada, e sôbre o modo pelo qual a minha o foi na circular, não há, parece-me, duas opiniões.

Derrotado como continuo a crer que hei de sê-lo, sem que isto signifique desânimo, mas um simples prognóstico eleitoral imparcialmente feito, hei de empreender o plano que lhe comuniquei e para o qual conto com tôda a sua coadjuvação em qualquer tempo que eu o realize. Depois da atitude que tomei na Câmara a respeito da emancipação, e da relação em que me acho colocado para com essa reforma não poderia aceitar emprêgo público — sem perder a minha liberdade de ação. Resta-me, pois, tentar a vida pelo trabalho, e para trabalhar prefiro outro meio a êste, onde qualquer gênero de trabalho meu estaria sempre subordinado à política, às exigências dos amigos, às agitações de uma nova quadra eleitoral — ao provisório enfim de uma carreira suspensa mas não abandonada. Por motivos diversos entre os quais figura em primeiro lugar a sua simpatia e amizade, resolvi para essa expatriação preferir Londres, onde o tenho, a qualquer outro lugar. Não desanimo com a sua carta; evidentemente tudo depende de mim mesmo. Nem pode ser de outro modo na luta pela vida. Tôdas as carreiras estão entupidas de pretendentes.

O que eu desejo, sim, é o seu trabalho preparatório, porquanto seria muito mais animador para mim partir com uma *certeza* ainda que pequena do que com uma *esperança* ainda que muito grande. Nas estradas de ferro, nas associações relacionadas com o Brasil há seguramente alguma coisa ao seu alcance para tornar a hipótese do meu estabelecimento em Londres sòmente dependente da condicional sujeita aos eleitores. Ainda assim como deputado podia eu fundar a minha independência da política obtendo uma clientela do outro lado. Eu teria uma correspondência de jornal (a da *Gazeta*) podendo esperar outras, e poderia mesmo fazer alguma coisa para os jornais da América do Sul (notàvelmente do Chile). Tudo isto lhe digo como esperanças de quem organiza um orçamento de receita todo conjetural e que por isso mesmo deve abaixar o da despesa ao extremo limite da economia — ao programa Andrade Pinto *dos palitos e das bananas.*

Não sei onde esta carta o achará, mas de onde estiver dê os seus passos. O nosso amigo Clark pode ser um bom juiz, mas todos julgam as coisas pela sua própria experiência. Em todo caso ponho êsse negócio nas suas mãos.

Por que o Artur não me escreveu ainda uma linha? Adeus, meu caro Amigo. Peço-lhe que apresente os meus respeitos à Baronesa e que me creia seu

Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, agôsto, 7, 1881.

Meu caro Barão,

Pelo Paranhos (1) que parte hoje escrevo-lhe estas duas linhas que devem encontrá-lo em Paris, como testemunha do parto Imperial (2). Desejo que assista a um feliz sucesso. A minha eleição apresenta-se mais esperançosa — muito incerta porém ainda. Por isso não se descuide de garantir com um toque da sua vara mágica a solução que me parece única a dar ao meu problema individual na *struggle for life* — isto é, de ir trabalhar onde posso fazê-lo espontâneamente longe desta atmosfera de ódios e paixões e dêste meio social onde o trabalho é a marca dos galés.

Ouço que o govêrno está vivendo por conta do empréstimo que vai fazer, e dizem-me que nas leis êle tem autorização para tomar cinqüenta mil contos emprestados. Não sei, porém, se essa operação está realmente autorizada; se não estiver creio que teremos alguma medida ditatorial quando o Banco do Brasil não tiver mais depósitos para oferecer ao Tesouro.

---

(1) José Maria da Silva Paranhos, depois barão do Rio Branco.

(2) O Príncipe dom Antônio de Orléans-Bragança, terceiro filho do conde d'Eu e da Princesa Imperial do Brasil, nasceu em Paris a 9 de agôsto de 1881.

Examine bem, meu caro Barão, o terreno em que terei que pisar muito breve, no caso de um mau resultado eleitoral — e escreva-me a sua opinião, e melhor do que isso ainda o que tiver conseguido. Não escrevo ao Artur porque não responde às minhas cartas, não fazia assim o seu amigo Goethe, pelo menos com Schiller — peço-lhe porém que lhe mostre esta.

Meus respeitos à Baronesa e muitas saudades para si e para todos. No dia 3 bebemos à sua saúde em casa da Carlotinha (1).

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 23 de setembro 1881.

Meu caro Barão,

A *Gazetilha* do Jornal já anunciou a licença (2) que o Conservatório Diplomático da Praça da Glória houve por bem conceder-lhe, para a publicação da obra-prima. Estimo que o Kingdom tenha ligado o seu nome — e o meu — porque fui quem lho apresentou — à *Missão de Roma*. Foi o Lôbo (3) quem redigiu a nota da *Gazetilha*. Eu já estava preparando-me para tomar conta do assunto num folhetim que *para matar o tempo* escrevo quando me *dá la gana* para o Jornal assinado Freischütz. Esta carta vai tôda sublinhada. Suponho ter-lhe dado uma falsa impressão da minha conversa, ao chegar aqui, — com o Imperador. Não foi a seu respeito que êle me repetia « converse com o nosso amigo José Caetano », mas sôbre a emancipação. O José Caetano está ambicionando o papel do São Vicente, que

(1) Dona Carlota de Andrade Pinto, filha do barão de Penedo, espôsa do conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, camarista do Imperador.

(2) Para publicar seu trabalho sôbre a divergência diplomática entre o Vaticano e o govêrno do Brasil em 1873 em que Penedo representou o Brasil em missão especial.

(3) Gusmão Lôbo, redator do *Jornal do Commercio.*

em 1886 preparou os projetos sôbre os quais o Conselho de Estado foi chamado a discutir.

No dia 31 de outubro terão lugar as eleições. Vou eombinar com o José Cactano ou com o Rodrigues sôbre um telegrama que quero mandar-lhe. Se rceeber de qualquer de nós um despacho com esta palavra — *elected* quer dizer que fui eleito. Essa notícia só poderia ser-lhe transmitida em dezembro porque ninguém será eleito no primeiro escrutínio, mas só no segundo — que terá lugar em dezembro. Se a palavra fôr *second* ou *first* quer dizer que eu entro no segundo escrutínio — *second* como o segundo e *first* como o primeiro votado: se porém fôr *lost* que tudo está perdido. Qualquer dêstes despachos lhe seria transmitido logo em novembro. O que lhe peço é que se receber o de *lost* previna-se para ver-me, não muito tempo depois, ehegar a Londres eomo emigrante levando a missão de levantar à memória de meu Pai o monumento de publicar-lhe as obras e a vida, e contando preeneher essa tarefa de amor e religião ganhando modestamente a vida. Estou certo que depois de algum tempo de incerteza e difieuldade, tornar-me-ei mais do que habilitado a ser útil a grande quantidade de interêsses, relacionados com o Brasil. Em todo o caso terei chegado a uma situação em que me será forçoso afastar-me da costa com mêdo do naufrágio e abrir *a vela ao tufão.*

A Carlotinha vai bem — e o Alfredo (1) tem na marinha muito boa fama de oficial distinto. Em outubro devo publicar três ou quatro artigos no gênero da minha eircular.

Peço-lhe que apresente os meus respeitos à Snra. Baronesa e que me ereia sempre, meu caro Barão,

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

A Frederico Borges

Frederico Augusto Borges foi o presidente da Sociedade Libertadora Cearense que tanto fêz para a libertação desta província antes de qualquer outra. Foi deputado em 1884 na monarquia

---

(1) Dona Carlota de Andrade Pinto e Alfredo de Carvalho Moreira, filhos do barão de Penedo.

e depois seguidamente na república. Foi grande adepto de Floriano Peixoto.

Rio, 29 de setembro de 1881.

Ilmo. Sr. Dr. Frederico Borges,

Muito sinto o luto dolorosíssimo que veio feri-lo e que V. S.ª teve a bondade de comunicar-me; é de todo coração que me associo a sua grande perda. Também eu, que ainda tenho a felicidade de ter viva minha mãe, dei êsse nome na infância a outra pessoa, a minha madrinha, e sei que é em tudo o mesmo amor filial o que se consagra a quem nos cria e nos educa como se fôra nossa mãe. No meio duma tal tristeza compreendo como devia tê-lo ainda mais incomodado o ato do Presidente. A demissão porém por tal motivo é um título de benemerência, é como a medalha que se concede a quem salva da morte os afogados — uma recordação para tôda a vida. Creia em tôda a minha simpatia e na sinceridade com a qual sou de V. S.ª

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Jaguaribe

Médico, agricultor, filho do visconde de Jaguaribe, êste foi um abolicionista da primeira hora, e um dos raros fazendeiros que libertaram espontâneamente seus escravos. Escreveu L'Influence de l'esclavage et de la liberté *e um romance histórico,* Os Herdeiros de Caramuru, *em que retrata cenas da escravidão, a exemplo do modo de lutar que havia produzido nos Estados Unidos* A Cabana do Tio Tomás. *Como deputado provincial em São Paulo propôs uma taxa proibitiva sôbre a entrada de escravos na província. Foi depois deputado geral pelo Ceará. Era republicano.*

Rio, 29 de setembro de 1881.

Meu caro sr. Dr. Jaguaribe,

Sinto profundamente o luto que o acaba de ferir e peço-lhe que aceite as minhas mais sentidas condolências.

Muito lhe agradeço a sua nova bondade de oferecer-me um exemplar dos *Filhos de Caramuru.* Eu bem precisava dêle, porquanto o Joaquim Serra levou o outro para publicar no «Abolicionista» um pequeno juízo crítico (o qual lhe envio pelo correio), e muito provàvelmente eu teria dificuldade em reaver o livro das mãos de um tal colecionador. Agora êle poderá guardá-lo.

Quanto ao assunto da sua carta é evidente que nós aceitamos com tôda satisfação e reconhecimento o seu donativo e que se pudéssemos vender os 300 exemplares muito lucraríamos fazendo uma edição popular de propaganda. Creio, porém, que os *Herdeiros* (desculpe-me ter dito «Filhos» anteriormente) *de Caramuru* encontrarão como romance a dificuldade de venda que torna a profissão literária entre nós uma profissão de luxo, de despesa e quase de ostentação e não deixa ninguém viver da pena. Se acontecesse todavia o contrário, como já lhe disse, nenhuma obra despertaria mais o sentimento abolicionista do que o magnífico livro de investigação histórica e de paixão humanitária que traz o seu nome. Peço-lhe que me creia, meu caro Dr. Jaguaribe, mtº afetuosamente

seu correligionário e colega

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 1º de outubro de 1881.

Meu caro Barão,

Apenas tenho tempo para mandar-lhe uma palavra que servirá também para o Artur. Ontem o José Caetano mandou-me chamar e mostrou-me o seu telegrama relativo à morte do Clark (1) que de todo coração senti por êle e por si. O Clark

---

(1) Correspondente do *Jornal do Commercio* em Londres, a quem Nabuco sucedeu.

era em sua casa o que o Julião foi na de meu Pai (1). Ainda tenho a fotografia da família Penedo com êle — que de fato fazia parte dela. Falei ontem mesmo ao Villeneuve (2) e o Gusmão Lôbo falou ao Luís de Castro. Hoje o José Caetano deve falar de novo ao Villeneuve. Parece admitido em princípio que serei eu o correspondente — ainda que o voto predominante seja provàvelmente o Picot. O Villeneuve parte hoje – estará pois dentro de 20 dias ao alcance da sua poderosa bateria — assim como já está o Picot. É lá que se deve decidir. Tenho mêdo de que me queiram dar menos do que ao Clark — quando eu posso servir melhor a certos respeitos o *Jornal,* como por exemplo pelo lado da economia e da atualidade — desde que minhas correspondências não terão que ser dispendiosamente traduzidas aqui. Posso também ser útil de muitos modos ao *Jornal* tornando-me um *general correspondent* como são os dos grandes diários de New York em Londres. Veja agora, meu caro Barão, se completa a sua obra obtendo para mim alguma outra colocação em estradas de ferro ou companhias de que fizesse parte o Clark. Tudo isso está dependente *of course* do dia 31 de outubro, devo dizer que por ora é muito incerto não entrar eu para a Câmara. Em todo caso lhe comunicarei o que houver. Com certa independência garantida e não precisando de árduo trabalho para viver, que prazer teria eu em levar comigo os materiais precisos para escrever a *Vida* e publicar os *Tratados* de meu Pai.

Meus respeitos à Baronesa a quem beijo as mãos — e muitas lembranças ao seu pequeno mundo de Grosvenor Gardens. O principal interêsse que eu acho em ficar dois ou três ou mais anos (mas dois ou três bastam), é poder dispor da língua

(1) Sôbre Julião Gonçalves escreveu Nabuco na biografia de seu Pai, *Um Estadista do Império*: « Da família pode-se dizer que fazia também parte, um dêsses amigos obscuros, Julião Jorge Gonçalves, da Secretaria da Justiça, que teve por êle o fanatismo de um faquir, a fidelidade de um servo, o orgulho de um filho, e que viveu quase trinta anos, ao lado dêle, em admiração de extático.»

(2) Júlio Constâncio de Villeneuve, proprietário do *Jornal do Commercio,* de que eram diretores Luís de Castro no Brasil e Francisco Antônio Picot na Europa.

inglêsa para todos os fins literários, de pena ou de palavra, que se me antolhem. Ainda uma vez obrigado.

Todo seu *ex corde*

JOAQ. NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, novembro 3, 1881.

Meu caro Barão,

Como lhe escrevi o José (1) partiu para Caldas com a Carlotinha e para lá provàvelmente foi a carta que estava dentro da dêle para mim. Suponho com efeito que me escreveu, porque as cartas do Artur e do Corrêa se referem à Correspondência do Jornal como estando à minha disposição. Ontem telegrafei-lhe a palavra *lost* e estou esperando a sua resposta que talvez já se ache tão completa quanto desejo na carta que partiu para Caldas. Fui derrotado no dia 31 por uma coligação invencível de pequenos sentimentos contra mim. Quando penso nos meios que empreguei para ser eleito, como se me dirigisse a um eleitorado composto de homens de convicção, de ideal e de grandes motivos, suponho que tudo isso foi um sonho. Não pedi um só voto, mas poucos são os que se podem obter sem pedir. Consola-me que entre os que votaram em mim estavam os homens melhores do distrito, como o Saraiva. Que derrota humilhante para os Liberais. Dois ministros demitidos — a província do Rio ganha tôda pelos Conservadores e a de Pernambuco ameaçada da mesma sorte. A Câmara não há de ter maioria, senão insignificante e insuficiente, sem se saber para qual dos lados. O Paulino e o João Alfredo prometem ser os dois vencedores — os leões, do Sul um, outro do Norte.

No meio disso se se realizar o que tanto tempo foi o meu sonho dourado, partirei com uma ferida aberta no coração por

(1) José Caetano de Andrade Pinto, genro do barão de Penedo.

ver que o povo brasileiro não é sensível ainda a nenhum ideal — e que a inveja, o ódio, a maldade conspiram contra todos os que se levantam.

Espero escrever-lhe mais positivamente sôbre a minha partida depois de ter notícias suas pelo telégrafo — ou de Caldas. Muitos respeitos à Snra. Baronesa. Até breve, como espero, meu caro e bom amigo.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 8 de novembro de 1881.

Meu caro Barão,

Acabo de receber o seu telegrama — Venha já — e estou me preparando para ir. Não se deixa porém pátria e Mãe assim em oito dias e por isso não poderei partir antes de 24. Todos os meus esforços serão para seguir viagem no *Tagus* nesse dia. De Lisboa telegrafarei. A única satisfação que tive em todo êsse período eleitoral foi ver que ainda tenho em Londres mais de um bom amigo.

Até breve pois. Um grande sonho da minha vida vai ser realizado, — o de viver em Londres livremente sem prazo de residência, sem mêdo de remoção. E isso é a si que o devo.

Creia-me, meu caro Barão,

Todo seu *ex corde*

JOAQ. NABUCO.

A Sancho de Barros Pimentel

Rio, 8 de novembro de 1881.

Meu querido Barros,

Fomos companheiros de infortúnio, com essa diferença, tu não aprendeste nada, eu aprendi tudo. A votação que tive ensi-

nou-me o que tenho a esperar dos meus compatriotas e o ideal do meu país. Tu já sabias tudo isso pela tua parte. (1)

A minha estrêla porém não se apagou ainda. A minha única aspiração pessoal, ir viver em Londres, independente, por uma longa série de anos, vai ser realizada em breve. Conto partir no dia 24 dêste mês ou, então, no dia 1.º do próximo. Dizem que serei o correspondente do *Jornal do Commercio*. Suponho que é exato. Sem dependência do govêrno — livre quanto posso sê-lo, — viverei feliz e esquecido na sociedade que mais aprecio, na cidade que é o centro político do mundo, com os meus melhores amigos — *tu só ausente* — no estudo da marcha dos povos e da circulação dos capitais, como ofício, e das letras e artes como distração. Adeus, meu querido Barros. Decididamente não fui feito para o que chamam entre nós política. A palavra, a pena, as idéias são armas que de nada servem, e ai de quem não tem outras. O caráter, o escrúpulo, a independência, o patriotismo, tudo isso não vale nada, não tem curso entre os eleitores. Felizmente não é mais o Imperador que está em causa, não é dêle mais que nos podemos queixar — é de nós mesmos. Triste e infeliz nação — onde a escravidão tem triunfos aos quais todo o mundo se associa com alegria selvagem! Adeus, uma vez mais, meu caro amigo. Meus respeitosos cumprimentos a Mme. Barros Pimentel e *até lá*.

Todo teu

JOAQUIM NABUCO

Ao barão de Penedo

Rio, 15 de novembro de 1881.

Meu caro Barão,

Parece-me uma tarefa hercúlea acabar tudo o que me resta a fazer em oito dias, e por isso não julgo provável a minha par-

---

(1) Sancho de Barros Pimentel foi do pequeno grupo de deputados chefiados por Nabuco que, na legislatura de 1879-80, sacrificara tôda possibilidade de reeleição para defender o princípio da emancipação.

tida pelo vapor de 24. Se não receber o telegrama meu de Lisboa é que não pude terminar tudo. Pela primeira mala, se não fôr eu em pessoa, irá informação precisa sôbre o dia da minha partida. Estou porém trabalhando quanto posso para estar livre a 24.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 23 de novembro de 1881.

Meu caro Barão,

Esta tem por fim tão-sòmente dizer-lhe que me foi impossível partir pelo *Tagus*, que a leva em meu lugar. Partirei pelo *Gironde* que deve sair no dia 1.º diretamente para Bordéus. Assim estarei em Londres pouco depois da chegada do *Tagus* a Southampton. Peço-lhe que, sem demora, logo que receber esta, escreva-me o que há para Bordeaux, Hôtel de France, por forma que logo ao desembarcar eu possa conhecer não só a *posição* dos negócios, mas a sua residência e a da Baronesa. Se por acaso houver demora na entrega desta carta, peço-lhe que me telegrafe porquanto suponho chegar a Lisboa e a Bordéus poucos dias depois do *Tagus* desembarcar as malas. Dê conhecimento destas linhas ao Artur.

Minha Mãe muito lhe agradece as suas felicitações pelo reconhecimento dos serviços de meu Pai (1).

Creia-me, meu caro Barão, como me sabe,

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) O Parlamento do Brasil concedera uma pensão à viúva de Nabuco de Araujo.

Ao barão de Penedo

Hotel de France.
Bordeaux.
Dez. 20 de 1881.

Meu caro Barão,

Acabo de chegar e amanhã partirei pelo expresso para Paris. Devo descer no Grand Hôtel e espero vê-lo amanhã mesmo. Se sair à noite mande uma palavra ao hotel. Tivemos péssimo tempo. Combinei com o Silveira da Mota mandar êle um telegrama dizendo-lhe que fôra eleito. Se não recebeu ainda tal notícia, é que infelizmente também êle naufragou. Meus respeitos à Baronesa a quem há muito não vejo — mas que por felicidade desta vez vou logo ver ao chegar a Paris. Até amanhã.

Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

1882

Ao barão de Penedo

London, janeiro 2 1882.

Meu caro Barão,

Aqui estou, instalado em Grosvenor Gardens com o Artur, mas sentindo muito a sua falta. Êsses dois meses de Nice podem ser-lhe muito agradáveis, mas não deixam de ser uma interrupção da vida de Londres para quem como eu está habituado a identificá-la com a sua companhia. Desejo-lhe muito *bons anos* e muitos. Assim como à Baronesa, que imagino de caminho para Mônaco. Nesta semana começo a *corresponder* para o *Jornal.* Realmente é muito pouco o que êles me pagam para o trabalho que vou ter. Conscienciosamente, deviam pagar-me um pouco mais. Acabo de ter notícias do Brasil. O meu amigo Homem de Melo (assim como o Gavião Peixoto) foi derrotado. O Tomás Coelho também, tendo sido eleito um único Liberal no lugar dêle — pela província do Rio. Em Pernambuco a vitória conservadora foi quase completa. Salvou-se o José Mariano para de novo encontrar-se com o Siqueira. Tudo isso deve parecer-lhe pouco digno de menção. O que é importante é que pelos meus cálculos a minoria conservadora subirá de 50. Sendo assim o novo ministério terá que ser composto de senadores, principalmente. Os novos ministros bem podiam não ser reeleitos. Aqui estão alguns nomes de futuros ministros: Paranaguá, Luís Felipe, Afonso Celso, Prado Pimentel, Moreira de Barros, Martim Francisco, Franco de Sá, Felisberto ou Ávila e algum da Bahia. Daí pode escolher. A Carlotinha não vem mais à Europa. O José Caetano tomou a casa do Costa Azevedo, rua de Santo Inácio N.º 11. Escrevem-me que sua filha lucrou muito com a viagem. A eleição do Mota devia ter tido lugar no dia 9, mas o prognóstico era contrário — o que coincide com a falta de telegramas. Estou ansioso pelas minhas caixas com os livros e papéis para começar a trabalhar. Escrevem-me do Rio que eu *volto breve* — não sei para que. Não voltarei porém senão

para uma posição que seja a todos os respeitos vantajosa e de futuro. Em todo caso, breve ou longa a minha ausência, o que é preciso é que eu compreenda o meu *ostracismo* como tempo de trabalho e não de divertimento. É o que devo fazer: trabalhar, estudar e aprender.

Desejo-lhe um feliz inverno. A beleza do *Café Anglais* não tardará a fazer a Nice o favor de deixar-se ver. O que eu sinto é que não me tenha sido possível vê-la de dia — mas com o seu gôsto neo-parisiense ainda nos havemos de encontrar todos juntos na agradável situação da noite do Vaudeville. Só a sua fortuna faria estar desocupada a *avant scène* ao lado da sua. Sinto não ter nada que lhe dizer e estar por isso a escrever coisas de conversa. Breve porém teremos notícias importantes do Brasil. Nestes poucos dias deve haver um novo ministério. Sabe-lo-emos pelo telégrafo? *J'en doute.* Espero que tenha recebido o telegrama que lhe mandei no dia de Natal. Realmente não se pode escolher melhor dia para nascer. Desejo-lhe de todo coração tôdas as prosperidades — e que eu possa durante muitos e muitos anos ter uma pequena parte na sua vida. Meus respeitos e saudades para a Senhora Baronesa.

Seu dedicado Amigo

JOAQ. NABUCO.

Envio-lhe um número do « Abolicionista » com alguma coisa que me diz respeito.

J. N.

Ao barão de Penedo

St. James' Club, Piccadilly, W.
Londres, 23 de janeiro 1882.

Meu caro Barão,

O Alcoforado (1) acaba de mandar-lhe um telegrama dando-lhe a notícia do *grande ministério.* O que se sabe é sòmente que o Martinho Campos está na Fazenda. Creio porém que

(1) Fenelon Alcoforado, amigo do barão de Penedo, advogado brasileiro, residente em Londres.

não é êle o presidente do Conselho e sim o Paranaguá — ou o Dantas (1).

O que fôr veremos. Felicito-o bem como à Baronesa pelo que vi no *Jornal* — o Alfredo segundo-tenente. Aqui estou esperando-o. A vida de Londres só conta para mim da sua estada aqui. Antes é o país dos nevoeiros e do *spleen*.

Ainda nada ouvi do Brasil que lhe possa comunicar. Tenho diversos projetos de trabalhos, e estou à espera tão-sòmente de que cheguem os caixões com o meu arsenal — para começar. Não imagina o trabalho que me dão as *três* correspondências *três* vêzes por mês. Faz isso *nove* correspondências ao todo. Por 30 libras é de graça. Não fale ao Picot das três correspondências mas me parece que deviam tratar-me como três pessoas distintas também. Dizem que o Carvalho Borges está feito barão.

O Artur estêve indefluxado e dois dias de cama — mas já está bom. Peço-lhe que me recomende muito à Senhora Baronesa e que não se esqueça no meio dos divertimentos de Nice dos amigos de Londres. Vou escrever um artigo sôbre a sua Missão, para o *Jornal* dá-lo logo que fôr autorizada a publicação. Então o seu grande Gambetta está rodando como um Silveira Martins qualquer!

Muitas e muitas saudades, meu caro e bom amigo, e até breve, eu o espero.

Todo seu dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Londres, 9 de fevereiro de 1882.

Meu caro Barão,

Como as minhas datas adiantam as suas, mando-lhe dois retalhos que me vieram do Rio com a Fala do Trono e os comentários da imprensa.

---

(1) O presidente do Conselho que sucedeu a Saraiva foi Martinho Campos. Tomou a si a pasta da Fazenda. O marquês de Paranaguá lhe sucederia em 3 de julho de 1882 e Dantas sucederia a Paranaguá.

Nada de novo por aqui.

Parece que o novo ministério tem uma sucessão muito difícil a liquidar. O Martinho é o protegido do Paulino. Escrevem-me que êle convidou o José Bonifácio e que êste desculpou-se por motivo de doença — provàvelmente alegada. Morreu o Lord L., mas a mulher tinha tido a infelicidade de ter uma filha — e por isso perde os *estates*. Não vá ela agora querer ter um herdeiro no período legal da tolerância.

As minhas correspondências são um esfôrço heróico. Estou fazendo o melhor que posso, para no princípio da tarefa não me habituar mal. Quero também que o Picot não lhe tenha que censurar a indicação.

Recomende-me muito à Snra. Baronesa, a quem beijo as mãos, e creia-me, meu caro e bom Amigo

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

A Salvador de Mendonça

32 Grosvenor Gardens.
Londres, 10 de fevereiro 1882.

Meu caro Salvador,

Aqui estou ganhando a vida com o suor do meu rosto. Como homem de imprensa ou como advogado tudo o que você possa achar que me ajude na luta pela vida, escrevendo ou procurando eu em Londres para os Estados Unidos, virá muito a propósito.

Talvez não se lhe ofereça logo ocasião de me ser útil, mas estou certo que há muita coisa que eu posso fazer — e em que posso empregar o tempo que me sobra — para New York, se você quiser ser aí o meu procurador.

Diga-me se tem notícias de Miss Partridge (1). Suponho pela falta de cartas que pode ter acontecido o pior.

---

(1) Filha de James R. Partridge, que foi ministro dos Estados Unidos no Brasil de 1871 a 1877. Joaquim Nabuco teve por Anne Partridge uma admiração romântica que se idealizou ainda com sua morte prematura.

Eu estimaria muito poder fazer uma excursão à 5th Avenue. É preciso porém para isso o elemento de que não disponho: *money*.

Seja você sempre muito feliz na sua carreira. Recomende-me à Mrs. Mendonça, ao Mário, e creia-me seu

Amigo Velho

JOAQ. NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Hilário de Gouvêa, casado com a irmã de Joaquim Nabuco, Rita (Iaiá, como é sempre referida nestas cartas), foi um dos médicos notáveis do seu tempo, não só em sua especialidade que era a oftalmologia mas (a época não era ainda das especializações rigorosas) também na clínica geral.

Além de cientista, foi autor de importantes estudos e de descobertas que a medicina depois confirmou, como a de que a cegueira noturna é causada por uma deficiência alimentar, hoje reconhecida como carência da vitamina A. Era um temperamento de lutador. Adversário da ditadura no tempo de Floriano Peixoto, teve a vida ameaçada e evadiu-se da prisão de maneira sensacional, disfarçado depois em marinheiro francês para poder embarcar no cruzador Aréthuse, *onde encontrou agasalho sob a bandeira francesa como prêso político. A fim de poder clinicar em Paris durante o exílio, que foi longo, submeteu-se a novos exames para obter o grau de doutor em medicina, êle que já o era nas universidades do Brasil e de Heidelberg.*

Voltando à pátria em 1905 foi novamente professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (desta vez na cadeira de oto-rino-laringologia de que foi o primeiro ocupante) e mais tarde seu diretor.

A amizade entre Nabuco e «o Gouvêa», como lhe chamava a espôsa e como era conhecido na família dela, era verdadeiramente de irmãos. Nabuco lhe tinha uma confiança absoluta como amigo e como médico.

Londres, 15 de abril de 1882.

Meu querido Gouvêa,

Acabo de receber a sua carta relativa ao Código Civil. Imagine o incômodo que me causou a infâmia de um advogado de quarta ordem, como o Andrade Figueira, querendo tornar-se juiz *da memória do conselheiro Nabuco!* (1) Se meu Pai tivesse que ser julgado por homens dessa estatura e a sua honra dependesse de tais jurados, incompetentes e maus, era melhor riscar o seu nome das páginas da nossa história e abandonar pelos miseráveis cento e vinte contos que lhe lança em rosto — e que não compensam os que lhe impediram de ganhar! — tudo o que êle fêz pelo país. Com efeito!

Quanto aos apontamentos e às notas, seria curioso que o Estado reclamasse não *os trabalhos do Código Civil,* porquanto êsses lhe foram já escrupulosamente entregues, mas os estudos de direito que meu Pai fêz para executar o Código. Seria preciso ressuscitá-lo para terem o *valor* do dinheiro que adiantaram. Êsses apontamentos só servem para provar que durante o tempo do contrato meu Pai estêve estudando e preparando a obra, mas disso ninguém que o conheceu pode duvidar. Você não faça *caso* algum do que disse o Andrade Figueira e deixe a memória de meu Pai defender-se por si contra semelhante adversário. Não temos *nada* mais a entregar. As outras notas valiam tanto que eu entreguei ao Teixeira de Freitas alguns volumes alfabéticos e não teria dúvida em queimá-los todos. Não há nelas uma resolução tomada por meu Pai que seja inteligível a estranhos e os trabalhos do Código não são senão as conclusões a que êle chegou. Tudo mais seria imputar-lhe como próprias as interpretações a que nós chegássemos — isso, sim, caluniaria a sua memória.

---

(1) O conselheiro Nabuco havia sido encarregado de redigir o Código Civil do Império e faleceu sem terminar o trabalho. Não só Andrade Figueira (de quem Nabuco, em momentos mais calmos, fazia juízo melhor do que nesta carta) mas outros defensores das finanças do govêrno julgavam que êste havia sido lesado da importância paga ao Senador Nabuco durante cinco anos de estudos e acurado labor, sem considerar que êle havia sacrificado sua rendosa banca de advocacia para se dedicar integralmente ao código. A morte não lhe permitiu, porém, dar redação definitiva e inteligível à obra que preparara.

Li ao Penedo e a diversos o trabalho que redigi para ser presente ao Lafayette e que foi impresso aí no primeiro fascículo do projetado Código do Teixeira de Freitas em 1878. Você me procure isso por favor — eu creio que dei um exemplar ao Homem de Mello estando na Bahia. Não temos nada a acrescentar. Eu porém estou preparando um trabalho a respeito do qual você breve ouvirá falar.

Mande-me sempre notícias de todos. Estou sobrecarregado de trabalho na véspera do vapor e, como escrevo a você, não preciso escrever à minha Mãe para lhe dizer que estou bom.

Êsse negócio do Código veio renovar o desgôsto do país que a minha *eleição* havia tornado tão intenso.

Adeus, meu caro Gouvêa. Beije por mim a mão de minha Mãe a quem peço a bênção, e abrace por mim tôda a gente da Rua da Princesa n.º 1.

Seu Irmão e Am.º Obr.º

JOAQ. N.

A André Rebouças

A amizade entre Rebouças e Nabuco é um exemplo admirável do afeto que a dedicação à mesma causa pode criar entre dois homens de fé e entusiasmo. Homem de côr, Rebouças teve uma carreira vitoriosa pelo talento e a cultura. Foi um dos maiores realizadores de que a engenharia brasileira se orgulha e ao mesmo tempo um dos mais arrebatados apóstolos e inspiradores da campanha abolicionista, à qual não media o que pudesse dar de esfôrço ou dinheiro. Coração leal e sensível, exilou-se, só por gratidão pelo 13 de maio, voluntàriamente, acompanhando a família Imperial após a República.

Londres, 6 de junho de 1882.

Meu caro Rebouças,

Por esta mala envio ao Adolfo (1) uma representação que fiz e vai assinada por mim e pelo Costa Azevedo. Vocês enten-

(1) Adolfo de Barros, presidente da Sociedade Brasileira contra a Escravidão, fundada por Nabuco em 1880.

dam-se entre si sôbre o modo de apresentá-la à Câmara e se fôr preciso *mutatis mutandis* apresentem a mesma ao Senado.

Estive com o Neale, mas êle nada sabe sôbre os engenhos centrais da Paraíba. Se houver alguma concessão feita aí, você lhe escreva comunicando-lho. Suponho que o mercado de Londres será inundado por emprêsas dessa ordem. Não é exato que eu seja Diretor da *Sugar Factories.* Não quis sê-lo por motivos personalíssimos que se prendem à minha posição no Brasil de *boycotted* político, de excomungado a quem não se deve dar pão nem água.

Breve lhe enviarei uma proclamação que julgo que a Sociedade Brasileira deve dirigir à *mocidade,* talvez por ocasião da festa de 11 de agôsto. Assim como pretendo redigir representações para as diversas Assembléias Provinciais. Mande-me você dizer quando se reúnem as do Ceará, do Amazonas, do Rio Grande do Sul, e outras de que Você tenha ouvido a época da reunião. Para a nossa ação ser eficaz em tôda parte é preciso um laço de união com as províncias. Vou preparar um plano nesse sentido. Mande-me você porém dizer o nome de uma pessoa séria e dedicada de cada província a quem me possa dirigir daqui mesmo.

Veja que assinem a nossa proclamação o maior número possível de pessoas respeitáveis. Deixo isso ao cuidado de vocês.

Vou comunicar-me com a Espanha, a França, e os Estados Unidos para as representações. Disto porém nem uma palavra a ninguém.

Adeus, meu caro amigo. Estou sentindo falta de cartas suas e desejo de ver-me de novo perto de você. Mande-me sempre notícias. Nada me é indiferente neste destêrro a que me vejo condenado, eu que podia ter a ambição de servir ao meu país, se não fôra a escravidão que o fecha, não só aos imigrantes como aos seus próprios filhos necessitados.

Todo seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Londres, 18 de junho de 1882.

Meu querido Gouvêa,

Apenas tenho tempo para responder à sua carta que me trouxe a notícia dos passos que você deu para obter para mim o lugar de Diretor da Biblioteca. Sinto muito que você tivesse tido tanto incômodo, porque me seria impossível aceitar a nomeação para êsse ou qualquer outro lugar que o Martinho e o Rodolfo (1) se prestassem a dar-me. Não tenho presentes os têrmos de minha correspondência com você, mas suponho nunca haver feito referência à nomeação para qualquer emprêgo pelo presente ou futuro gabinete. Nem sei como eu poderia aceitar! Tenho saudades de casa e muito amor aos meus, mas não voltarei para o Brasil senão para viver independente do govêrno. Um lugar de lente, que eu tirasse por concurso ou para o qual fôsse espontâneamente designado, — sim, mas um lugar em repartição — nunca, a menos que mude muita coisa no país.

Obrigado, meu caro Gouvêa, pelo seu interêsse por mim do qual tenho tido tão grandes provas em minha vida, mas a minha situação é delicada e obriga-me a seguir uma linha de conduta que, por assim dizer, só eu mesmo conheço. Não se zangue comigo por eu não aprovar os passos que você deu junto ao Rodolfo e ao Martinho.

Depois porém do que aconteceu com meu Pai e tem acontecido comigo, eu devo proceder como procedo. Por isso se a nomeação não estiver feita você a impeça, porque se já estiver feita eu só poderei recusá-la. Em todo caso peço-lhe que torne bem claro que você pediu êsse emprêgo ou qualquer outro ao ministério ou ao Imperador, para mim, por iniciativa própria, e não por delegação minha, que não posso pedir nada a govêrno nenhum.

Muito sentirei se você, além de pedir, não obtiver — é mais uma história injusta que me lançarão em rosto. Desfaça tudo isso do melhor modo possível, meu caro Gouvêa. Sei que sen-

---

(1) Martinho Campos, presidente do Conselho, e Rodolfo Dantas, ministro do Império.

timentos generosos e dedicados o animam e por isso conto que você me compreenderá perfeitamente. Abraço-o de todo coração, a Iaiá e aos meninos.

Todo seu

JOAQUIM.

Ao barão de Penedo

Brighton, 4 de outubro de 1882.

Meu caro Barão,

Acabo de receber a sua amável *epístola* com algumas dessas suas frases amenas, indicativas do estado feliz que é o seu normal e do bem que lhe fêz a viagem ao continente.

Acho-me em Brighton, preparando-me para voltar a Londres, o que terá lugar breve, mas ao mesmo tempo desejoso de terminar na paz dêste isolamento e com o auxílio da biblioteca desta cidade — na qual se acha parte da livraria de Cobden (por sinal que a maior parte dos livros dêste não estão ainda cortados) um trabalho que encetei sôbre o *abolicionismo no Brasil.* Como vê sou homem de uma só idéia, mas não me envergonho dessa estreiteza mental porque essa idéia é o centro e a circunferência do progresso brasileiro. Para ver o caminho que fêz a emancipação, leia o discurso do Afonso Celso, que vem no *Jornal* de 6, no final; essa é a melhor prova de que êsse grande especulador já farejou no caminho o *coming event.*

As últimas notícias do Brasil dão o ministério em crise, combatido pelo Dantas em pessoa. Uma carta do Picot, recebida esta manhã, dá-me as seguintes informações do Rio: « O ministério Paranaguá está em vésperas de cair. O motivo é o novo impôsto de 10% sôbre os direitos de importação. Fala-se muito em ministério Sinimbu. » Da mesma fonte o prognóstico sôbre a questão argentina era muito pacífico à última hora.

Como até hoje não se recebeu que eu saiba notícia da queda do Paranaguá, é muito possível que êle tenha evitado por meio de uma transação humilhante a morte no terceiro mês, mas

ainda acredito que não atravessará a sessão. A votação na Câmara tem sido uma série de disparates e o orçamento está sendo feito, não à tesoura, mas à goma-arábica. Todos os dias cortam um impôsto e ajuntam uma concessão. O que sairá dessa confusão?

O negócio do montepio tem-me incomodado muito, desde que minha Mãe perde metade da sua pequena renda.

O meu amigo André Rebouças, que passou uma semana em Brighton, volta amanhã para Londres e irá logo procurá-lo. Êle atravessou uma crise grave, da qual se acha perfeitamente restabelecido. O profundo conhecimento que êle tem dos negócios de engenharia do Brasil pode ocasionalmente ser útil à legação. Está visto que não lhe toquei no *Paraná*, mas essa é uma especialidade dêle, que pode lhe dar boas informações.

Peço-lhe que me ponha aos pés da Baronesa, para quem a companhia do futuro Nelson (1) deve ter sido durante a viagem causa de imenso prazer, e me creia sempre, meu caro Barão, o amigo dedicado com que conta e do qual está certo. Muitas e muitas saudades.

JOAQUIM NABUCO.

Ao dr. Oliveira Lima

Oliveira Lima, jovem pernambucano, futuro historiador e diplomata, travou relações com Nabuco quando, no princípio da vida, era jornalista no Recife.

Anos mais tarde a carreira diplomática os uniria em Londres, onde Nabuco, quando foi assumir a chefia da legação, encontrou Oliveira Lima exercendo a encarregatura de negócios no pôsto de primeiro secretário. Ali desenvolveu-se entre êles excelente convivência e amizade, até que Oliveira Lima foi nomeado ministro no Japão e para lá partiu.

Já então — e disso há freqüentes referências nas cartas de Nabuco — muitos julgavam Oliveira Lima, pela sua brilhante inteligência, destinado aos mais altos postos da diplomacia e, em dia não distante, a figurar à testa do Itamarati.

---

(1) O comandante Alfredo de Carvalho Moreira, filho do barão de Penedo.

De temperamento combativo, porém, Oliveira Lima, inteiramente avesso à prudência diplomática, prejudicou seu esperado destino e por suas próprias atitudes foi ao encontro de dissabores que o desgostaram da carreira, da vida pública e, finalmente, até da pátria, à qual não quis tornar. Um dos dissabores aos quais certamente deve ter sido mais sensível foi a terminação de suas relações de amizade com Nabuco. Esta ruptura, provocada por cartas violentas dirigidas a Nabuco contra a política pan-americana, à qual êste se dedicava, e contra a amizade com os Estados Unidos, está registada nas duas últimas cartas que Nabuco lhe dirigiu de Washington.

Brighton, 14 de outubro
de 1882.

Meu caro sr. Oliveira Lima,

Deixe-me agradecer-lhe a honra que me fêz, não só estampando o meu retrato na sua interessante revista, o « Correio do Brazil », como também escrevendo a minha biografia. Acham-me para político moço demais; o que dirão porém quando virem que o meu biógrafo é um jornalista da sua idade? O seu juízo a meu respeito é apenas uma tradução da sua simpatia. Mal sabia eu que, no menino que me dava tôdas as notícias da última hora, estava um botão de jornalista a desabrochar a tôda pressa voltado para o sol da pátria!

Deixe-me todavia retificar um ponto do seu benévolo artigo sôbre êste seu comprovinciano: o meu destêrro em Londres não é voluntário. Se se pode chamar destêrro, sem ser figuradamente a saída da pátria, por algum tempo, êsse destêrro me foi impôsto por circunstâncias inteiramente alheias à minha vontade. Não estou aqui representando para com a escravidão o papel de Victor Hugo para com o Segundo Império, nem o de Ruiz Zorrilla para com a monarquia dos Bourbons. Estou simplesmente tratando de ganhar a vida e sou apenas um emigrado (o que é tão comum neste século), que procura no estrangeiro — não adquirir fortuna, porque não tenho faculdade alguma mercantil, — mas sòmente trabalhar num meio favorável ao emprêgo e ao desenvolvimento das faculdades que possui. Todo o campo

da luta pela vida no Brasil está infelizmente dominado pela escravidão, e eu tornei-me seu mortal inimigo.

Não vá agora cometer a indiscrição de publicar esta carta. Nos jornalistas, assim como nos colecionadores, não se pode confiar, e o sr. Oliveira Lima apesar de muito novo, já mostra conhecer tôdas as artes da profissão. Acho muito bem feita tôda a parte noticiosa do periódico e se essa fôsse mais desenvolvida e os intervalos da publicação certos e mais curtos, o seu jornal podia dar as últimas notícias do Brasil aos brasileiros na Europa.

Aceite os meus agradecimentos e creia-me com verdadeira simpatia seu

Comprovinciano, colega e amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao visconde de Paranaguá

João Lustoso da Cunha Paranaguá, visconde e depois marquês de Paranaguá, era nessa ocasião presidente do Conselho. Magistrado, deputado, senador, conselheiro de Estado, fôra ministro diversas vêzes e dirigira a pasta da Guerra durante a guerra do Paraguai em 1866 e 67.

Londres, 6 de novembro de 1882.

Exm.º Snr. Conselheiro Paranaguá.

Como cidadão brasileiro julgo do meu dever chamar a atenção de V Ex. para um edital do juízo da provedoria de Valença, datado de 22 de setembro de 1882 e assinado pelo escrivão Gaudêncio Cesar de Mello. Êsse edital, que foi publicado no « Jornal do Commércio » de 7 de outubro chama propostas para uma praça de escravos e *ingênuos,* em que africanos de menos de cinqüenta anos (quando a lei de 7 de novembro de 1831 *nunca revogada* tem cinqüenta e um) figuram ao lado de escravos de *dez anos* (quando a lei de 28 de setembro de 1871 já tem onze anos), e de ingênuos até *de dias,* assim postos em arrematação como se esta última lei não tivesse sido registrada

na legislação de Valença ou não existisse na do Estado. Assim põem-se à venda nesse edital «os serviços (por exemplo) da ingênua Georgina, preta, 1 ano, filha de Cândida, avaliados por 20$; serviços do ingênuo Benedito, crioulo, seis meses, filho de Damasina, avaliados por 20$; serviços da ingênua Orminda, parda, 3 meses, filha de Clara, avaliados por 20$000; serviços da ingênua Leonídia, parda, de dias, filha de Alcina, avaliados por 10$000.

Não conheço maior prostituição da justiça do que êsse edital do princípio ao fim! A mão treme-me de indignação ao chamar a atenção do govêrno imperial para êsse tráfico judicial de ingênuos! A audácia de porem-se em hasta pública ingênuos de meses e de dias, faz quase esquecer a audácia com que a magistratura local põe em praça africanos (pela idade marcada e que é num edital de venda uma informação *bona fide*) *necessàriamente* importados depois da lei que declarou livres todos os escravos que entrassem no território ou pôrto do Brasil vindos de fora. Nesse edital são anunciados os seguintes *escravos*: Marcelina, crioula, 10 anos, filha de Emerenciana, quero dizer Emiliana, avaliada por 80$000; Manuel, crioulo, 10 anos, filho de Rosinha, avaliado por 700$000» (e mais dois outros); pode haver em 1882 escravos de dez anos no Brasil?

Não chamo a atenção de V. Ex. para os seguintes escravos: «Agostinho, prêto, 33 anos, morfético, avaliado por 300$000; Manuel, Cabinda, 76 anos, cego, avaliado por 50$000; Luís, de nação, 81 anos, avaliado por 50$000; João, Moçambique, 86, avaliado por 50$000 e outros, porque se êsses infelizes têm o direito de queixar-se do nosso país, onde morféticos, cegos e velhos de mais de 80 anos são postos em arrematação *como escravos* sem que a autoridade pública os reclame para algum asilo de caridade, a lei escrita não foi violada nessas odiosas aberrações da moral pública. Em que artigo da lei de 28 de setembro de 1871 se autorizam praças públicas de ingênuos ou a venda dos seus serviços?

A lei de 7 de novembro de 1831 que aboliu o tráfico está *de fato* revogada; chegou o momento de mostrar o Govêrno que essa não pode ser a sorte da lei de 28 de setembro de 1871. É preciso impedir êsse *tráfico* de ingênuos que desponta. Não é abafando escândalos dessa ordem que se o pode conseguir.

Êsse edital de Valença abre uma página tristíssima na história do Brasil e cabe a V. Ex. rasgá-la quanto antes. A começar a venda por editais ou sem editais dos *serviços* de ingênuos, a lei de 28 de setembro será em breve reputada pelo mundo como de tôdas a mais monstruosa mentira a que uma nação jamais recorreu para esconder um crime. A praça estava marcada para o dia 26 de outubro e a esta hora já terá tido lugar: a autoridade pública porém terá meios de perseguir os criminosos e resgatar os inocentes. A questão é a seguinte: Podem ou não os ingênuos ser vendidos? Pertence ao Govêrno salvar a dignidade de tôda essa imensa classe criada pela lei de 28 de setembro. Escrevo a V. Ex. com plena confiança nas suas intenções e espero que prestará ao objeto desta carta, se o não achar indigno dela, tôda a sua atenção.

Sou de V. Ex. com a maior consideração

Amigo Obrigado e Criado

JOAQUIM NABUCO.

A Pedro Américo

Pedro Américo de Figueiredo e Melo foi o artista do O Grito do Ipiranga, *do* Combate de Avaí, *de* Paz e Concórdia, *e de outras telas que o fizeram considerar, com Vitor Meireles, o maior pintor brasileiro do Império.*

Londres, 10 de novembro de 1882.

Exm.º Sr. Dr. Pedro Américo.

Perdoe-me o haver eu tanto demorado esta segunda carta. Tenho tido ùltimamente excesso de trabalho, e por isso fiquei hoje privado do prazer de dizer-lhe que o seu livro, do princípio ao fim, me parece um esfôrço digno do seu talento. Não disponho de tempo para apontar-lhe tudo o que nêle me encantou: as páginas em que o pincel do pintor substitui a pena do romancista, e aquelas em que a nostalgia do brasileiro se revela

nas brilhantes descrições da natureza tropical. Em muitas das suas apreciações estamos divergentes. Em qualquer livro, por mais limitado que seja o assunto, nós nos achamos em desacôrdo com o autor num ponto ou outro; quanto mais numa obra em que há um sistema de filosofia exposto, a história de uma revolução política, e as impressões de uma viagem a três países — como a Inglaterra, a França e a Itália! É claro que em muita coisa o escritor há de contentar-se com a admiração do leitor, sem exigir que êle concorde.

Deixemos, porém, de parte tudo isso e falemos do que me parece ser o pensamento do « Holocausto ». A idéia principal do livro é a seguinte: o artista, ou melhor o homem de ideal (e o ideal ao qual Agavino se sacrificou é antes um ideal de nobreza, de justiça, de patriotismo e amor, do que pròpriamente de arte ou vocação artística) não encontrava há pouco tempo — e nada no livro faz crer que encontre hoje — no Brasil um meio favorável à sua existência. Nisso estamos de acôrdo.

Seria fácil tomando uma vocação qualquer, — não mercenária —, mostrar que na política, ou nas artes, ou na literatura, ou na sociedade, essa vocação, se não naufragou sempre, em nenhum caso atingiu à posição, à influência, ao desenvolvimento a que podia aspirar no país. Não conheço uma só exceção a essa regra. Para isso concorrem muitas circunstâncias, mas nenhuma tanto como a escravidão. Para mim a escravidão é a característica da nossa vida nacional. O seu livro começa por ela e tem razão. Essa pedra angular da triste carreira de Agavino é igualmente a da nossa sociedade, moral, política, literária e artística. Tôdas as nossas infelicidades e tôdas as nossas injustiças, vergonhas e opressões, fotografadas no seu romance, provêm dessa causa primordial. Enquanto ela existir o brasileiro de coração e de ideal pode considerar-se proscrito. Já cresce o número daqueles para quem a escravidão e o patriotismo são incompatíveis.

Estou certo de que o seu livro será lido por todos, no Brasil, com simpatia e interêsse. Ninguém verá nas suas sátiras ou no seu humorismo, sombra de ressentimento nem vontade de denegrir. Nem podia um homem do seu talento empregar as suas faculdades em fazer mal ao seu país. Eu sei bem o que são intrigas e calúnias, mas fique certo de que essas armas traiçoei-

ras resvalam sempre contra os que se entregam cheios de confiança, à guarda da opinião e não se apartam da estrada onde anda o povo.

Falemos porém um pouco da arte no Brasil. O seu livro agita a questão, mas como já lhe disse, Agavino é muito menos um mártir da sua vocação artística, do que do seu amor por Palmira, da pureza dos seus costumes e da dignidade do seu caráter. É certo que os artistas acham no Brasil um meio social refratário à existência de arte, mas em compensação — não há contradição nessa diferença — êles são os favoritos da nação e os prediletos do público. Quando voltam ao nosso país, veja-se por exemplo com Carlos Gomes, são vitoriados como se voltassem vencedores de uma campanha e recebem as honras do triunfo popular que na Europa só têm em vida os generais vitoriosos ou os soberanos! Não lhes falta pois amor nem adoração do povo do qual saíram, mas êsse entusiasmo não basta para produzir um meio no qual a arte possa viver independente.

Fala-se de Fídias, Miguel Ângelo e Rafael para mostrar que está no poder do Estado, criando a necessidade de obras artísticas, determinar a aparição de grandes criadores. Eu não creio nisso. Mas há uma diferença entre os gênios — que são sempre exceções e que, ou morrem de fome, ou produzem a obra-prima que lhes trabalha o cérebro — e artistas de outra ordem, discípulos e não mestres, mas educados em boa escola e continuadores de boas tradições. Nós não teríamos grandes gênios, se quiséssemos, mas podíamos ter uma escola de arte — e mais do que isso — podíamos tornar a vocação artística, em vez de uma vocação morta, uma vocação viva, dando assim oportunidade à aparição, não de um Fídias, de um Miguel Ângelo ou um Rafael —, mas de operários inteligentes da arte — sem a qual nenhum Estado civilizado hoje vive.

Para isso o primeiro passo, a meu ver, seria a criação no ministério do Império de uma comissão de Belas-Artes, composta não de amadores e *dilettanti,* — cuja ignorância em matéria de arte é palpável e que só êles mesmos não conhecem — ofuscados pelos poucos rudimentos que aprenderam — mas de profissionais ou homens de real competência. Uma série de ministros do Império, analfabetos em matéria de arte, poderiam assim dirigir os modestos destinos da arte no Brasil como uma

série de ministros da Marinha incapazes de compreender as relações entre canhão e couraça pode dirigir a sorte da nossa esquadra.

Uma tal comissão devia ter em vista não o seguinte problema: « Como se poderia criar no Brasil um meio favorável à produção espontânea de obras-primas e a aparição de grandes artistas? » porquanto êsse problema é administrativamente insolúvel, mas êste outro: « De que meios deve o Estado lançar mão para animar as vocações artísticas e obter nas melhores condições possíveis — de concepção e execução — as obras de arte de que o Estado tem necessidade? »

A proteção concedida aos artistas de merecimento preenche dois fins. Sustenta carreiras que o público ainda não pode sustentar e que não são — nem devem ser — mercenárias; e, em segundo lugar, desperta em outros aspirações, idéias e inclinações de que pode resultar no futuro uma vocação nacional gloriosa.

Eu sei muito bem que hoje na Europa os artistas de merecimento têm diante de si, qualquer que seja a sua nacionalidade, a mais bela de tôdas as profissões, tanto pelo lado da fortuna, como pela posição e pela glória. A França não precisou proteger um Meissonier, um Carpeaux, ou um Gounod. Os quadros de Fortuny são vendidos em Londres ou Paris como os de Munkaczi. O pintor, o escultor, o compositor brasileiro de mérito pode viver da sua arte fora do país, sendo assim muito mais feliz do que o poeta, o escritor, o romancista, o dramaturgo e o homem de ciência. Um Shakespeare, que vivesse hoje no Rio de Janeiro, teria por sorte a miséria. Um novo Camões não encontraria melhor fortuna do que a do autor dos *Lusíadas*. A língua é uma barreira insuperável que o artista não conhece porquanto a língua da Arte — do cinzel, da palheta e da orquestra — é a mesma em tôda parte. O fato porém de poder o artista viver fora do país, ou mesmo no país, produzindo para o estrangeiro, não muda em nada a questão da proteção devida às artes. Hoje, como antes lhe escrevi, os artistas são os favoritos do nosso público; está no poder dêles com as simpatias de que dispõem, conseguir que, em vez dêsse entusiasmo passageiro das ovações populares, a arte encontre no Brasil a proteção a que têm direito e que esta lhe seja liberalmente dispensada.

Para êsse fim seu livro há de por certo concorrer. Ninguém deixará de reconhecer a seriedade dos motivos que o levaram a pleitear como escritor a causa dos artistas nacionais. Muito pouca gente pensa hoje, como ainda no tempo da sua narrativa, que a profissão da arte é uma profissão subalterna, inferior e quase servil do Estado. Dêsse juízo pode-se apelar sem susto para o progresso sensível realizado nesse ponto pela inteligência nacional. No seu romance não há uma palavra contra o Brasil e os brasileiros; há duras verdades, sim, contra as influências que têm pesado sôbre o território e a nação, e contra os quais já começa a revolta dos espíritos emancipados da educação colonial. Entre essas figuram no comêço da obra, como figuraram desde o comêço da nossa história e perduram até hoje, a escravidão e o fanatismo. Com essas duas depressões de todos os sentimentos livres e independentes, não há nem pode haver arte. Para que esta apareça pois na posição que lhe compete é preciso que a liberdade e a instrução lhe preparem o caminho. Por qualquer lado que eu a considere a obra da emancipação, à qual devotei a minha vida, é a obra da independência, da liberdade, da grandeza e do futuro do Brasil.

Deixe-me agradecer-lhe ainda uma vez a sua amabilidade para comigo. Sinto muito saber que atravessou ùltimamente uma longa enfermidade, mas felicito-o pelo seu restabelecimento. Desculpe-me esta carta que já vai tão extensa.

Sou com tôda consideração e estima

de V. Ex.

Patrício e admirador

JOAQUIM NABUCO.

A Gusmão Lôbo

Gusmão Lôbo era redator do Jornal do Commercio *e membro do partido Conservador, dois redutos da Escravidão, mas era abolicionista. No* Jornal do Commercio *conduzia sua campanha contra ela na secção paga, que chegou a empolgar os leitores tanto quanto a parte editorial. Representou seu partido*

na Câmara, onde não disfarçava sua opinião sôbre a necessidade da Abolição, muito antes dos conservadores se converterem a ela.

Era dos íntimos que trabalhavam com Nabuco. Êste escreveu em Minha Formação: *« Dentre aquêles com quem mais intimamente lidei, em 1879 e 1880, e que formavam comigo um grupo homogêneo, a nossa pequena igreja, os principais eram André Rebouças, Gusmão Lôbo e Joaquim Serra. »*

Londres, 12 de novembro de 1882.

Meu caro Lôbo,

Isto já é *falta de vergonha* da minha parte, mas o que quer você? Habituei-me por tal modo à sua companhia e conversa no Rio que hoje não posso mais passar sem, ao menos, escrever-lhe de vez em quando e assim imaginar que vamos juntos de *bonde* para as Laranjeiras, ou estamos passeando na rua do Ouvidor. Como vai *o nosso amigo?*

Escrevo por êste correio uma carta ao Adolfo cobrindo outra para o Paranaguá sôbre um escandaloso edital de Valença publicado no *Jornal* de 7 de outubro. Peço-lhe que *depois de publicada a minha carta,* da qual mando cópia ao Adolfo, você se ocupe no *Jornal* (com referência, se fôr possível, à mesma carta) da questão nela discutida.

É preciso que uma vez por mês, pelo menos, se reúna a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Ainda que composta de uns sete ou oito estou resolvido a não a ver morrer. Você tome isso a peito como sua própria causa. O meu desejo era vê-lo mais livremente à testa do abolicionismo, mas conheço as causas que não lhe deixam ser o chefe da propaganda. Ainda havemos de trabalhar juntos novamente. Se eu pudesse viver independente no Rio, sobretudo se pudesse ter liberdade de movimento, para ir quando fôsse preciso às províncias, e se tivesse meios de ter uma imprensa de ação, eu já estaria aí ao seu lado. Quando porém chegará o meu dia de voltar para o Brasil e acabará o meu ostracismo? É êsse o problema do *to be or not to be* para mim.

Recomende-me a Mme. Gusmão Lôbo e aos seus filhos. Como vão os dois astrônomos? O telescópio deve estar sempre

da sala de jantar para a de visitas, e ouço que você vai de madrugada ao Castelo! É o que se pode chamar o fanatismo da astronomia, não lhe aconteça o mesmo que aos outros fanáticos! É verdade que nesse caso do Universo o espírito não corre o perigo de amesquinhar-se.

Saudades ao nosso Cruls (1). Nada sei do Paranhos.

Muitas, muitas lembranças do seu de coração

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — O Rebouças aqui está de perfeita saúde e manda-lhe muitas saudades a você e à família abolicionista, como êle diz.

Ao deputado Antônio Pinto

Apesar de conservador, Antônio Pinto era declaradamente abolicionista. Foi êle quem apresentou na Câmara em 14 de julho de 1882 uma representação do partido abolicionista, redigida por Nabuco e assinada pelos « fiéis ». Seu voto em 1884 favorável ao govêrno de Dantas, liberal e emancipador, foi geralmente qualificado como um suicídio político.

Londres, 12 de novembro de 1882.

Exmo. Amigo e Sr. Dr. Antônio Pinto,

Faltam-me expressões para agradecer-lhe as generosas palavras que disse a meu respeito na Câmara (2). Elas são para mim uma fonte de legítima e elevada consolação.

---

(1) Luís Cruls, Diretor do Observatório do Rio de Janeiro e autor de obras de grande valor científico, amigo muito apreciado de Nabuco.

(2) Sessão de 12 de setembro de 1882:

O Sr. Antônio Pinto: O partido Liberal não tem defesa. Cumpria-lhe, estava na sua honra fazer eleger a Joaquim Nabuco por qualquer parte... As minhas palavras são contra o partido Liberal, que sacrificou, que condenou ao ostracismo uma de suas mais belas esperanças, um dos mais ricos ornamentos da representação nacional.

Os abolicionistas têm diante de si um caminho escabroso, mas no futuro restar-lhes-á a satisfação de terem feito o seu dever. Além disso o abolicionismo é uma escola viril e austera em que aprendemos a desprezar honras sem honra, posições sem dignidade, glória sem fundo e a eliminar dos nossos sentimentos a inveja, o egoísmo e a ingratidão. Continuemos pois a pagar a dívida da pátria à infeliz raça que a tem feito o que ela é.

Desejo-lhe na próxima sessão um papel ativo, vigilante e cada vez mais proeminente. V Ex. escreveu nos Anais do atual Parlamento as únicas fôlhas dignas de uma Assembléia de povo civilizado. A Província do Ceará não o há de esquecer quando fôr chamada a eleger nova deputação; pela honra do nome cearense, não o pode.

Creia-me de V. Ex.

Obr.º Am.º e Correligionário

JOAQUIM NABUCO.

A Adolfo de Barros

Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda, um tipo perfeito de aristocrata pernambucano, parente de Nabuco, era vice-presidente da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão *e assumiu a presidência com a partida de Nabuco para Londres.*

Londres, 12 de novembro de 1882.

Meu caro Adolfo,

Mando-lhe uma carta para o Paranaguá, que você me fará o favor de entregar-lhe, e cópia da mesma carta para a imprensa. Peço-lhe que torne público o meu protesto contra o novo tráfico de ingênuos que começa.

Eu desejava que você reorganizasse numa sessão a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Somos um *comité* abolicionista,

nem queremos ser outra coisa. Você, o Serra, o Alencastro, o Gusmão Lôbo, o Clapp, *o velho Barreto,* o José Américo, o Rebouças, o Nicolau Moreira, o Marcelino, e mais outros bastam para constituir a Sociedade. O que eu quisera é que uma vez por mês pelo menos vocês fizessem uma reunião da Junta e publicassem a ata — e que despertassem nas províncias o espírito abolicionista por *comités* semelhantes.

O Rebouças aqui está de perfeita saúde. Eu tenho mil saudades do nosso Brasil, mas não vejo quando poderei para lá voltar, o que muito me aflige. Se eu pudesse viver aí *independente* — partiria amanhã mesmo. Abrace por mim todos os nossos bons amigos e nunca se esqueça de que tem em mim um amigo firme e dedicado.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Jaguaribe

Londres, 16 de novembro de 1882.

Meu caro Dr. Jaguaribe,

Ainda não lhe agradeci os seus discursos na Assembléia Provincial de São Paulo. Faço-o agora, pedindo-lhe que nunca se esqueça de mandar-me os seus trabalhos. A propaganda abolicionista conta poucos servidores tão úteis, tão prestimosos e tão incansáveis como V Ex. Falta ao partido abolicionista infelizmente uma só coisa, mas essa é o nervo das propagandas pela imprensa: dinheiro. Talento, coração, coragem, abnegação, independência, temos; o que não temos é dinheiro. Se fôssemos um partido rico podíamos encarregá-lo de publicar obras abolicionistas, traduções de livros como *A Cabana do Pai Tomás,* essa Bíblia da emancipação e dos escravos, — *Vidas* de abolicionistas célebres, poesias como o *Poema dos Escravos* de Castro Alves e edições de livros como os *Herdeiros de Caramuru* (sobretudo o 1.º volume) e de documentos da nossa história, como os papéis do tráfico. Infelizmente como podemos fazer tudo isso?

Admiro e aplaudo a sua constância, firmeza e convicção nessa causa e honro-me com a sua confiança.

Creia-me sempre

de V. Ex.

Correligionário e amigo obrigado

JOAQUIM NABUCO.

A Adolfo de Barros

Londres, 17 de novembro de 1882.

Meu caro Adolfo,

Pelo vapor passado escrevi-lhe uma carta, cobrindo outra para o Paranaguá. Dou-lhe notícia disso para que você a reclame no caso de não lhe haver ainda sido entregue.

No dia 15 falei num *meeting* público da *Anti-Slavery Society* a favor da abolição no Egito. A última parte do *meeting* não foi noticiada nos jornais por ter-se demorado a reunião muito mais do que o tempo do costume e por isso nem o meu discurso nem o de dois membros do Parlamento foram ouvidos pelos taquígrafos do *Times.* No *Anti-Slavery Reporter,* porém, julgo que será publicado *in integrum* por haver sido tomado pelos taquígrafos da Sociedade. Se assim fôr lhe mandarei o número respectivo.

Desejo que você dê alguns momentos de séria atenção com o seu espírito prático e organizador ao melhor modo de fazer funcionar sempre no pequeno círculo harmônico e unânime dos nossos bons amigos a *Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.* O Alencastro pode ajudá-lo muito nisso. Basta uma reunião mensal da junta e uma ata da sessão nos diversos jornais. O Lôbo pode obter a inserção na Gazetilha e os nossos consócios da *Gazeta de Notícias* nesse jornal. Nessa reunião os fatos relativos à escravidão durante o mês devem ser trazidos à luz, a correspondência com as associações análogas resumida e a Sociedade irá adquirindo um caráter histórico e nacional. Hoje

que ela é conhecida na Europa não desejo vê-la morrer. Bastam poucos para entreter o fogo sempre vivo. Você, o Lôbo, o Alencastro, o Serra, o José Américo, o Marcolino, o Avelino, o Nicolau Moreira, e alguns outros, formam um pessoal muito suficiente para os fins que temos em vista.

Aqui estou sempre às suas ordens, meu caro Adolfo, e sòmente desejoso de que não esteja muito longe o dia da minha volta para o meio dos meus amigos a quem devo tanta simpatia e confiança.

Meus respeitos à sua Exma. Senhora.

Sempre todo seu

JOAQUIM NABUCO.

A Joaquim Serra

O jornalista que mais fielmente durante dez anos manteve em foco a necessidade de se abolir a escravatura. Fê-lo principalmente com seus apreciadíssimos Tópicos do Dia, *no* O Paiz. *Nascido no Maranhão em 1838, faleceu no Rio em outubro de 1888, poucos meses depois da Abolição, como se com ela estivesse terminada sua missão na vida.*

Londres, 17 de novembro de 1882.

Meu caro Serra,

Espero que a esta hora já te aches de novo dentro de um jornal qualquer. Cada hora do teu espírito desocupado, é uma perda que não se repara. Como a fonte é perene e espontânea, é pena que se perca em palestras que poucos ouvem a água de que todos podiam beber. Imagino o que deves estar sentindo vendo a imprensa em mão de outros — e tu sem um telégrafo, ou um telefone à tua disposição — como é o jornalismo. Pedi-te uma vez todos os preços exatos das despesas de custeio (nenhuma verba excetuada) de um pequeno jornal diário no Rio. *Ainda não me mandaste* êsse orçamento que eu quisera receber

feito por ti, que tens a experiência da « Reforma » e do « Diário Oficial » e relações tipográficas. Infelizmente não tenho os meios de fundar um jornal no Rio para a propaganda das nossas idéias, mas desejo ter perfeito conhecimento das dificuldades materiais da emprêsa, para o caso de voltar eu ao Brasil. Estou muito saudoso da nossa terra, e essa nostalgia é para mim o *menor* sinal de que *devo* dedicar todos os meus esforços ao serviço do progresso e do adiantamento moral do Brasil por ser essa a única satisfação cheia e completa para mim. Nunca tive um dia de tristeza quando estava aí com vocês! Hoje não me ocupo senão de estudos, de emancipação e dos estudos econômicos relacionados com êsses, mas estou longe, e tenho grande nostalgia da luta pelo bem no meio dos meus compatriotas. Não quero enriquecer, como tu sabes, e ganho muito pouco (isso entre nós como deve ficar quanto te escrevo confidencialmente), o meu sonho é ter no Brasil uma vida *independente para a ação política*. Essa só posso ter na imprensa, ou na advocacia — e neste momento tanto numa como noutra o problema parece-me insolúvel. Se não o fôra eu não teria deixado passar um ano sem voltar ao Brasil. A ausência me pesa e hoje pràticamente é para mim um destêrro forçado. Recomenda-me muito aos nossos amigos, não esquecendo o José Avelino (1) — de quem não tenho notícias. Abraça-te com viva saudade o

teu amigo certo

JOAQUIM NABUCO.

Ao conselheiro José Antônio Saraiva

Chefe do partido Liberal, havia sido presidente do Conselho em 1879 e o seria de novo em 1885. Nabuco, jovem deputado do mesmo partido, fizera-lhe oposição em vários pontos, principalmente ao introduzir medidas contra a escravidão.

---

(1) José Avelino Gurgel do Amaral, brilhante jornalista, deputado no Império e na Constituinte.

Londres, 28 de novembro de 1882.

Exmo. Amigo e Snr. Senador Saraiva,

As poucas palavras que a nossa amiga dona Maria da Conceição (1) forçou V. Exa. a escrever-me numa carta dela foram-me muito agradáveis apesar da irresistível pressão feminina que as arrancou de V. Exa. como as teria arrancado do meu maior inimigo no caso de achar-se tão desprevenido e sem meios de defesa como V. Exa. se achou no salão da rua do Guanabara onde teve lugar a coerção. Agradeço entretanto a V Exa. os bons desejos que me manifesta, porque êsses, estou certo, ninguém teria podido forçá-lo a nutrir, e não preciso da circunstância de ser esta carta uma resposta àqueles para dizer-lhe que, como brasileiro e admirador do seu elevado caráter público, faço votos para que nada o impeça por largos anos de figurar na primeira linha da nossa política e quer no Govêrno quer na Oposição no seu primeiro pôsto. Por circunstâncias muito especiais V. Exa. subiu *na opinião* entre nós a uma posição tão alta que é única, e à qual só posso comparar, se as minhas impressões de mocidade não representam uma grande ilusão, a posição a que, em certa época da sua vida, chegou Teófilo Ottoni, não *na opinião,* mas *na popularidade* se me faço entender. De Cavour por exemplo eu diria que êle era o primeiro homem na opinião da Itália, e de Garibaldi que o era no entusiástico amor do povo. A semelhança entre essas duas reputações consiste sobretudo na sua universalidade, sendo V. Exa. hoje, como o foi Teófilo Ottoni, por assim dizer um filho de cada província, um nome tão altamente apreciado num ponto qualquer do país como no resto. Não há dúvida alguma que êsse prestígio em V. Exa. foi um crescimento e um crescimento no poder e não na Oposição — e que é devido à execução da última reforma, mas sòmente em parte — sendo antes explicável pela pureza e desinterêsse de sua vida, firmeza das suas resoluções, dignidade do seu caráter e pelo desprêzo que como os homens de outra época V. Exa., sem ostentá-lo, deixa trans-

(1) Maria da Conceição Andrade Pinto.

parecer por tôdas as miseráveis ambições, cobiças e ganâncias, por tôdas as honrarias e distinções, baixezas e servilismos, a que infelizmente a maior parte dos nossos políticos não sabem mostrar-se superiores.

Desculpe-me, meu caro Snr. Conselheiro, ter assim investigado à sua face as causas do seu grande prestígio. V. Exa. sabe muito bem que eu o não faria sem um motivo suficiente, e êste é o assunto desta carta.

Uma vez disse eu na Câmara, estando V. Exa. presente: « Depois de vencida a sua campanha, e votada a sua lei, depois de haver dotado o país com o govêrno representativo, se receber da nação, fiada no seu caráter, na sinceridade das suas convicções, na pureza dos seus motivos e no patriotismo das suas intenções, a missão de presidir por mais tempo o gabinete; se S. Exa. ocupar êsse pôsto por alguns poucos anos, há de ser mesmo da sua bôca, senhores, que eu hei de ouvir ler nesta Câmara, sentado S. Exa. naquela cadeira, como representante do poder executivo, a proposta de lei que marque um têrmo à escravidão no Brasil ».

Essa missão V. Exa. a recebeu, mas por motivos que eu respeito, derivados provàvelmente do fato da dissolução da Câmara ou de não haver sido o país consultado sôbre nenhuma medida ou programa, V. Exa. não a aceitou, e se a tivesse aceito e quisesse realizar a profecia contida naquelas palavras eu talvez não pudesse ouvir ler a proposta, como esperava (não como deputado, mas como espectador) por achar-me ausente tratando de viver, — independente do Govêrno e dos interêsses coligados da escravidão —, no estrangeiro. Feitas porém estas duas reservas cada palavra daquele período exprime o que me parece ainda hoje ser o dever para com a pátria do homem que chegou nela à posição de influência, prestígio e ascendente moral, sem exemplo há longos anos, que V. Ex. ocupa.

Foi V. Ex. quem disse no Senado, como citei na minha petição de Londres à Câmara dos Deputados, em aparte a meu Pai na sessão de 13 de junho de 1873: « *É a grande injustiça da lei, não ter cuidado das gerações atuais.* » Essa frase impõe a V. Ex. o dever de reparar aquela injustiça e cuidar dessas gerações.

A questão da emancipação é para o Brasil uma questão de vida e morte. Vinte anos mais de escravidão serão a bancarrota

nacional em todos os sentidos. É preciso têrmos fé na liberdade, na justiça, na dignidade humana, como meios de progresso. Compare V. Ex. os países sem escravos como o Chile e a República Argentina, relativamente à população e recursos, com o imenso colosso despovoado, desconhecido, — mais desconhecido do que a África —, apenas com uma estreita faixa de vida e civilização européia no litoral, que se chama Brasil. É a escravidão a causa principal do nosso atraso, nunca houve correntes de imigração para países de escravos, nunca houve indústrias em países de escravos, nunca houve instrução em países de escravos, nunca houve respeito à liberdade alheia em países de escravos na longa experiência da escravidão africana!

Os políticos que se contentam com tapar as fendas de um edifício carcomido, com aplicar aos males que se manifestam remédios de ocasião, com arrastar uma vida inglória de expedientes usados, e, como os mendigos, que em vez de curarem as suas chagas, esmolam mostrando-as e vivem delas, preferem interessar a simpatia pública expondo as úlceras do Estado a cicatrizá-las com dor ou amputar até as raízes da vida os membros afetados, êsses podem falar da escravidão como de um vício orgânico, ou constitucional, e dizer que é preciso deixar ao tempo em gerações sucessivas a tarefa de eliminá-la da natureza do país. Os estadistas de vistas largas porém hão de forçosamente reconhecer que cada ano de escravidão é uma enorme perda de atividade, imigração, indústria, coragem e experiência para o Brasil. Os Estados do Sul puderam suportar a escravidão pela fôrça do seu organismo; o Brasil é fraco demais para a poder sofrer por mais tempo. Não é em mim uma cegueira incurável que me faz ver o futuro da nossa pátria se a escravidão continuar até ao têrmo da lei de 28 de setembro de 1871 — como um grande montão de trevas. Em vez de estarmos a endeusar essa lei onze anos depois da sua promulgação é preciso *revogá-la quanto antes.* Êsses ingênuos, escravos até aos vinte e um anos, e que hoje são judicialmente postos à venda ainda aos peitos das mães, essa estreita legislação sôbre o pecúlio, essa venda de crianças de oito anos ao Estado por apólices de 600$000, tudo isso precisa desaparecer para que possamos considerar a escravidão *como um todo* marchando para um fim próximo,

porque por enquanto as vagas deixadas nas fileiras dos escravos pela morte são ocupadas pelos *escravos-ingênuos,* como chamou-os o Visconde de Itaboraí.

Estude V. Ex. êsse problema com o seu esclarecido senso prático e verá que a escravidão arruína o país como nenhum outro fato social podia arruiná-lo. Nem o despotismo político, como o de Napoleão III em França, nem o protecionismo dos Estados Unidos — tão perfeitamente imitado entre nós, nem o curso forçado de um papel-moeda com desconto de 30% e mais, *nem mesmo a Inquisição,* podiam fazer, ou fazem, ao Brasil tão grande mal como o fato público e notório, universalmente conhecido, de que êsse grande Império é ainda um mercado de escravos, de que nêle a terra está repartida entre ricos proprietários de homens e a escravidão é uma instituição radicada em tôdas as classes, nas leis como nos costumes, nos instintos como na língua, no caráter como no temperamento da nação.

Não falo, Snr. Conselheiro, aos seus sentimentos de brasileiro, cioso do renome da pátria, da dignidade da sua conduta, da honestidade dos seus meios de vida, de sua sensibilidade moral, sem esperança de vê-lo em breve assumir relativamente à escravidão a posição de ataque, a iniciativa do comando e a direção do movimento. É possível que eu me engane como me tenho enganado em tantas esperanças, mas eu creio firmemente *que V Ex. pode hoje* no Brasil em favor dos escravos *o que ninguém pode,* e que, *podendo,* será grande a responsabilidade de V. Ex. perante a história se chegar à deliberação de que *não deve.* Sem dúvida não nos acharíamos logo de acôrdo, e um passo à frente dado por um homem como V Ex. se fôsse insuficiente e curto podia ter o efeito, como teve a lei de 28 de setembro, de paralisar o movimento pròpriamente abolicionista por algum tempo — e por isso é muito possível que nos achemos mesmo divergentes se V. Ex. concluir por medidas que não modifiquem a escravidão desde logo e não lhe encurtem a duração tanto quanto é possível e necessário para a nova lei ser recebida pelos escravos como uma lei de emancipação, e não como uma lei para iludir-lhes a impaciência e mistificar o Brasil e o mundo. A minha esperança porém é que V. Ex. se decida por medidas completas, que ponham têrmo a todos os abusos e ilegalidades

da escravidão — e que marquem a esta um prazo muito curto. A proibição da venda de escravos seria um dos primeiros benefícios da lei.

O que escrevo a V Ex. não é um conselho, é um apêlo. Se V. Ex. chegou a essa eminente posição política foi pela sua própria cabeça e por ela sòmente se há de governar até ao fim, e se tivesse que ouvir conselhos não seria de mim por certo. O apêlo porém que faço — fundado no juízo que tenho do estadista — não me parece indiscrição da minha parte, mas uma homenagem respeitosa. Desculpe-me pois V. Ex. a liberdade que tomei, e queira dar-me sempre as suas ordens para Londres.

Uma palavra mais. Sei que V. Ex. não é ministro, mas sei também que há pouco recusou formar novo ministério. Isto faz-me crer que na próxima sessão o Imperador não chamaria os Conservadores sem ouvi-lo mais uma vez, e no caso que V. Ex. organizasse um novo gabinete com uma lei de emancipação por programa e se seguisse a dissolução — a sua vitória eleitoral marcaria na história do Brasil o ponto de partida de uma vida nova e seria o dobre fúnebre da escravidão no país ou de mais de três séculos de crime sem reparação nem arrependimento. Lembre-se V. Ex. de que em Cuba a lei de 1870, igual à nossa de 1871, foi completada dez anos depois, em 1880, por outra, acabando a escravidão imediatamente como nome e de fato em sete anos — lei que tem funcionado muito bem na ilha e em pouco tempo ter-lhe-á varrido a escravidão da face. Quando mesmo, porém, V. Ex. não queira, e por isso não tenha que formar, um novo gabinete, a autoridade do seu prestígio é tal que se V Ex. tomasse a si no Senado a causa da emancipação, a liberdade dos escravos que eu vejo muito longe, e o dia em que a lei brasileira há de condenar a escravidão, o qual também me parece muito distante, aproximar-se-iam de nós a ponto de podermos esperar que o primeiro aniversário secular da Revolução Francesa não fôsse celebrado no Brasil a face de milhares de escravos.

Desculpe-me, meu caro Conselheiro, um tão longo apêlo, e creia que o faço sem ter em vista interêsse algum senão o dos próprios escravos, cujo cativeiro brada aos céus contra o Brasil e os brasileiros e pode vir a ser para nós, pelas leis da justiça social, uma sentença expiatória como não tenha havido outra.

Aproveito esta ocasião para oferecer a V Ex. os testemunhos do grande respeito que lhe voto e com o qual sou

de V. Ex.

Muito Obrigado Amigo e Menor Criado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão Homem de Melo

Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo exerceu no Império diversos cargos públicos entre os quais o de deputado, de presidente da província de São Paulo e de ministro do Império. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Nabuco fôra seu discípulo no Colégio Pedro II, onde Homem de Melo lecionava História, e conservaram-se amigos.

Londres, 28 de novembro de 1882.

Meu caro barão Homem de Melo,

No princípio dêste ano tive o prazer de receber um cartão seu de « *bons anos* », e, se até hoje ainda não lhe escrevi, é que tenho tido todo o meu tempo nas vésperas dos vapores ocupado sempre.

Com a sua ausência do Parlamento nada tenho lido ùltimamente a seu respeito, mas estou certo de que aí está nessa lufa-lufa política, em que infelizmente se consomem e estragam tôdas as nossas melhores inteligências e capacidades.

Aqui estou (sempre às suas ordens) desejoso de voltar quanto antes para o Brasil. Se as circunstâncias me fôssem favoráveis e eu tivesse os meios para isso a minha única ambição seria fundar e dirigir no Brasil um jornal, não especulação industrial, mas sim uma verdadeira alavanca tanto para a remoção dos preconceitos, erros e abusos do passado, como para impelir o país na carreira do progresso, imposta à América do Sul sob pena de passar às mãos de outros possuidores em menos tempo

do que se pensa. Um jornal, pequeno embora, que fôsse no Brasil uma escola de sãos princípios econômicos, um éco de tôdas as leis sociais justificadas pela experiência do mundo, uma arma da civilização em todos os sentidos, liberal de idéias não de partido, porque a história do partido liberal entre nós é infelizmente a história das apostasias e das perseguições das idéias liberais, americano e sul-americano, interessado em desenvolver relações que não existem ainda entre o nosso e países como a República Argentina e o Chile, um jornal assim, estou certo, seria o maior serviço que se podia prestar ao Brasil, e eu, se o pudesse, não teria dúvida em dedicar-me, corpo e alma, ao seu sucesso. Infelizmente, porém, faltam-me para seguir a minha vocação todos os recursos e devo contentar-me com o que tenho. Não é por êsse lado que me pesa o meu destêrro, que se foi (o que não foi) voluntário a princípio, hoje é forçado: o que me pesa são as saudades dos meus e dos amigos, da luta pelo bem dentro dos entrincheiramentos da escravidão, da estima de alguns que sempre largamente compensou o ódio e o rancor dos despeitados.

O lugar de bibliotecário, que recusei condicionalmente — isto é, que autorizei o Gouvêa a recusar por mim se me nomeassem — não me servia de modo algum. O lugar de bibliotecário, apesar de científico, e por isso independente em tôda parte, não é menos político do que o lugar de adido de legação, e dêsse o gabinete Sinimbu propôs, em despacho, a minha demissão ao Imperador e só não a lavrou porque êste lhe fêz alguma objeções.

Nada pois de empregos públicos. Quem entra para o serviço entre nós é considerado logo um parasita e, pior do que isso, um cliente do Govêrno. Se mesmo se quer que o deputado vote sempre com os Ministros que presidiram à eleição! No dia em que os meus amigos virem que eu posso viver no Brasil numa posição por mais modesta que seja — independente do Govêrno e dos interêsses escravagistas — posição que só se me pode oferecer na advocacia ou na imprensa — nesse dia voltarei para a casa contente, reconhecido e em paz com a minha consciência — porque não tenho *nas minhas relações para com a pátria até hoje* — nada de que arrepender-me. O que lhe escrevo é para ficar entre nós ou no pequeno círculo dos que não simulam simpatia e interêsse tão-sòmente para merecerem as nossas con-

fidências e depois miseràvelmente atraiçoarem-nas, às vêzes mesmo sem consciência. Não deixe de enviar-me o que venha a publicar e não se esqueça de que tem em mim um amigo muito obrigado. Meus respeitos à Snra. Baronesa Homem de Melo.

JOAQUIM NABUCO.

1883

A Sancho de Barros Pimentel

20⁸., Maddox Street,
Hanover Square.

Londres, 2 de janeiro de 1883.

Meu caro Barros,

O ano começa bem para mim porque recebi ontem a tua carta. Infelizmente estou sob a terrível impressão da morte de Gambetta. Lembras-te dos nossos tempos da Academia? Do entusiasmo que nos causava a leitura dos últimos atos e cenas políticas do Império — a estréia de Gambetta, o discurso do Plebiscito, a guerra ainda depois de Metz! Enfim a morte representa há muito êsse mesmo papel; somos nós que demasiado o esquecemos e temos fé na vida.

Mando-te o número do *Times* em que vem a primeira notícia da catástrofe. É para veres a diferença entre o jornalismo inglês e o do resto do mundo. A leitura dos jornais chegados esta tarde de Paris *causa nojo*.

Dize ao Rui que o seu admirável discurso Pombalino já está no *British Museum* que o aceitou com prazer, e ao Rodolfo (1) que me deu grande prazer a carta que êle me escreveu. Vocês formam um « triunvirato » e têm aspirações e eu os vejo de longe. Na obrigação em que me acho de seguir a marcha da política européia e acompanhar as evoluções de grandes homens dêste lado do mar, não deixo de ter um outro *sentido* para também seguir e acompanhar as coisas do nosso país e o que nêle se chama « política » e se chamam « homens de Estado » e por isso o que tu me escreves é mais ou menos o que eu penso. Êsse ministério que vocês aí têm é uma vergonha, como hão de ser todos os ministérios que se formarem nas mesmas condições.

---

(1) Rodolfo Dantas.

Mas a verdade é que para nós qualquer govêrno serve. O país habituou-se à sua própria lepra e não tem nem vontade nem coragem de curar-se.

Adeus, meu caro Barros, apresenta os meus respeitos à Mme. Barros Pimentel a quem desejo como a ti muita felicidade no ano que começa, e não penses que me esqueço ou que mudo. Sou muito inconstante, como sabes, mas nunca mudei de princípios nem de amizades.

Teu sempre o mesmo

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Jaguaribe

Londres, 10 de março de 1883.

Meu caro Amigo e Snr. Dr. Jaguaribe,

O seu ato libertando 21 escravos é a melhor prova da seriedade do seu caráter e da sinceridade das suas convicções. Não o felicito por isso por que nunca tive a menor dúvida sôbre a qualidade da sua adesão à causa abolicionista. Aquêle ato é uma prova, de que eu não tinha necessidade; a sua consciência e o seu coração estão satisfeitos, que maior recompensa pode ter o seu desinterêsse?

Estou trabalhando num livro de propaganda sôbre o Abolicionismo, e quando tiver a fortuna de o ver impresso, mandar-lhe-ei um exemplar, pedindo-lhe desde já o seu concurso para a propagação da obra.

Aqui estou sempre às suas ordens.

Desejo que se ponha em comunicação com o meu amigo André Rebouças e converse com êle sôbre as nossas vistas comuns. Veja se dá um pouco da sua atividade e energia à Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.

JOAQUIM NABUCO.

A Sancho de Barros Pimentel

20.ª, Maddox Street
18 de março de 1883.

Meu caro Barros,

Recebi a tua última carta que muito prazer me deu, como sempre que vejo letra tua. Envio-te uma carta para a viúva do nosso infeliz amigo, o Teófilo Otoni, rogando-te o favor de lha remeteres. Não sei o endereço e por isso te incomodo, lembrando-me que eras amigo da casa.

Estimo saber que as minhas correspondências agradam aí. Como em parte, a máxima parte, vivo disso, estou como o ator que precisa do favor público. Infelizmente escrevo as cartas a última hora e não tenho tempo de corrigi-las. Também não há quem as corrija, ou possa fazê-lo por mim.

Estou trabalhando num livro sôbre a escravidão. Ainda como me vias na Rua Nova! (1) Foi morando com o Santos Melo, lembras-te, e contigo que comecei essa tarefa que não acaba nunca, de tornar a escravidão odiosa perante os próprios senhores.

Sempre que puderes, escreve-me uma linha. Não imaginas o prazer que me dão cartas do Brasil, em um dos primeiros lugares as tuas. Sou, meu caro amigo, uma árvore com as raízes no ar. Não posso tardar muito a secar.

Aconselho-te muito que leias *bons* livros inglêses, já que tanto gostas de ler. Não sei se hoje te consentem o mesmo regime dos tempos de eremita, e se te deixam ler livros como fazias, do princípio ao fim sem atenderes a mais nada, durante a leitura. Há alguns livros inglêses muito bons, sobretudo para o homem político e o financeiro. Eu leio muito agora quando não trabalho.

O meu problema individual preocupa-me sempre, mas não posso resolvê-lo. Não quero habituar-me a viver fora do Brasil, e não sei como posso viver aí. Tôdas as carreiras estão-me abertas, mas em condições que não me parecem aceitáveis. Ao mesmo tempo custa-me a renunciar à influência que eu poderia exercer sôbre a opinião de meu país, se me resolvesse a assentar aí a

---

(1) No Recife, no tempo de estudantes, em que Nabuco e Barros Pimentel eram companheiros de casa.

minha tenda de uma vez para sempre e sujeitar-me a tudo. Tu me compreendes sem que eu acrescente mais nada.

Lembra-me ao Rodolfo, ao Rui, e aceita vivas saudades do teu

Amigo velho

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — O Artur manda-te muitas lembranças; êle é sempre o mesmo que conheceste em Pernambuco para mim e para ti.

J. N.

A Sancho de Barros Pimentel

Londres, 23 de junho de 1883.

Meu caro Barros,

Acabo de receber a tua carta em que dás a história da organização Lafaiete. Os cargos públicos caíram há tanto tempo tão baixo entre nós que não há mais honra em ser presidente do Conselho. Só no Império bizantino se viu até hoje semelhante degradação das mais elevadas posições do Estado no domínio dos eunucos. Mandei-te pelo correio três exemplares de um volume contendo os discursos da recepção de John Brighton em Birmingham para que divulgues aí as idéias liberais.

O Andrade Figueira descobriu na Câmara que eu recebo uma gratificação do govêrno! (1) Êle não me nomeou, mas referiu-se evidentemente a mim. *Não há injúria numa calúnia.* Eu ao sôldo do Martinho Campos, do Leão Veloso e agora do Lafaiete! Haverá aí quem acredite nessa infâmia? E homens assim, caluniadores profissionais, são *senhores,* isto é, juízes de outros homens. Se êle houvesse dito que J. N. recebia uma gratificação em Londres, J. N. responder-lhe-ia ou deixaria aos seus amigos responder-lhe, mas eu não tenho o direito de declarar-me correspondente do *Jornal* em Londres e por isso a lenda pode achar, como tantas outras infâmias, agasalho num canto da Beócia.

---

(1) O deputado Andrade Figueira, em 31 de maio de 1883, dissera na Câmara que a colaboração de Londres do *Jornal do Commercio* era « de caráter semi-oficial, porque o seu autor tem uma gratificação do govêrno ».

O meu preço é infinitamente mais elevado do que o de um Andrade Figueira. As nossas organizações morais são diversas e o fato de êle estar rico e independente não prova que tenha a minha incorruptibilidade. Tu, porém, sabes quem eu sou.

A oposição dos Conservadores, inclino-me a crer, há de dar fôrça ao gabinete, no qual vejo com prazer o nosso amigo Afonso Pena.

Estou muito atarefado acabando de imprimir um livro de propaganda política sôbre a emancipação (1). É o primeiro de uma série, da qual talvez eu te peça para escreveres um dos volumes de programa. Tu verás o que é. Está felizmente impressa a obra até a página 150 — e não terá mais de duzentas páginas. Tu crês que a minha ausência do país me está fazendo mal. É um engano. Não olhes para 1885 ou 86 — olha para 1900 ou mesmo para 90.

Adeus, meu querido Barros, o Artur manda-te um abraço.

Teu do coração

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — Agora provàvelmente vás comandar alguma província e ser novamente procônsul. Desejo-te muito feliz administração e que estudes os meios de a província, que te fôr designada, se emancipar quanto antes.

J. N.

Ao barão de Penedo

20.ª Maddox Street.
Regent Street. W.
Agôsto 26.

Meu caro Barão,

Soube pelo Artur que a Baronesa estêve uns dias doente. Que foi isso? Felizmente não foi nada, mas tenho receio que seja a mesma coisa de Londres. Em Homburgo êsse mal-estar devia cessar.

Mandei-lhe um segundo exemplar, desta vez encadernado, do meu livro. É um livro de família, tanto falo nos Andradas.

(1) *O Abolicionismo.*

A propósito de Andradas, viu a minha resposta ao Andrade Figueira e o veneno ofídico? O Paranhos recebeu dêle uma bicada com relação ao expediente do consulado, cêrca de 200$000. O A. Figueira disse entre coisas que, no caso de algum dêsses cônsules (Paris e Liverpool) recalcitrar pelo corte, se lhe respondesse que havia muita gente pronta a preencher-lhe o lugar por muito menos!

Meu cunhado diz-me que o Imperador se mostrara muito satisfeito com o seu discurso do « Riachuelo », por outra, como êle escreve, que o seu discurso « lhe dera no goto ».

Muito senti por sua causa no início ainda do negócio do Cabaçal a morte do general Carvalho. É de esperar porém que disso não lhe provenha nenhuma contrariedade, do que estou certo no caso de valer a mina o que se diz.

Peço-lhe, meu caro Barão, que me recomende à Baronesa e que me creia sempre

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

A Sancho de Barros Pimentel

20.ª Maddox Street.
Regent Street. W.

31 de agôsto de 1883.

Meu caro Barros,

Por êste vapor terás o prazer de receber um volume meu (1), que não te mandei pelo paquete de 20 porque, depois de enviar alguns para o Rio, pensei que era perigoso mandá-los não registrados e o registro estava fechado quando eu fui despachar o teu. Escrevo ao Leuzinger que te entregue um volume que me farás o obséquio de oferecer a teu Pai da minha parte.

Peço-te que leias o prefácio e vejas se queres escrever sôbre algum dos assuntos da série. Eu desejara que escrevesses sôbre

(1) *O Abolicionismo.*

a descentralização administrativa ou sôbre a reforma da representação e que o Rui fizesse o volume sôbre a liberdade religiosa e o Rodolfo, o da instrução. Cada autor teria os encargos e os lucros da publicação do seu volume — que deve mais ou menos ter as proporções do meu. Eu escreverei ainda sôbre a reconstrução financeira e as relações exteriores. Manda-me dizer o que pensas do meu livro inaugural — e se êle encontra éco no país.

O projeto do Pena que me mandaste é um verdadeiro parto da montanha. Que coisa ridícula e mesmo grotesca! Que proposta do Executivo! Realmente temos o govêrno que merecemos. É um deboche de degradação. No meu livro eu disse francamente o que pensava. É o que tu também sentes, estou certo.

Deixa-me criar fôrças e um dia talvez apareça aí para fundar um pequeno jornal. Tudo isso é muito desanimador, mas é a ação, e eu vivo paralisado.

A Conceição escreve-me que já deste ao futuro nada menos de dois penhores da utilidade da tua existência. Não deves pois desaproveitá-la, nem diminuí-la, mas engrandecê-la pela geração futura, gerações quero dizer. Já não passas por êste mundo como uma sombra. Tens quem veja por ti a navegação aérea, a república universal, não sei o que mais. A tua missão começa agora. Saber o que se deve fazer de um filho, é, só por si, um problema maior do que todos os que tiveste que resolver até hoje. Êsse problema resolveu em todo caso o outro que o casamento só não resolveu, estou certo. — O que devias fazer de ti mesmo? Sê feliz nêles, é o meu mais sincero voto, e o que posso te desejar de melhor.

Teu do coração

JOAQUIM NABUCO.

Ao conselheiro José Antônio Saraiva

Londres, 4 de outubro de 1883.

Meu ilustre Amigo Sr. Conselheiro Saraiva,

Vejo pelos jornais que V. Ex. já voltou para a Bahia e como aí está mais descansado e tem mais tempo para ler, respondo agora à honrosa carta que V. Ex. me escreveu e na qual

tive mais uma prova da generosa consideração de V. Ex. para comigo. Não preciso dizer-lhe a simpatia que a sua figura política sempre me inspirou e o respeito que sinto pelo seu caráter. Não há outro homem público em nosso país a quem escreva como a V Ex. Durante o seu ministério não pude auxiliá-lo mas também nunca o combati, sendo a minha oposição limitada a um ponto, por causa da atitude que julguei dever então assumir para fazer amadurecer mais depressa a idéia abolicionista. Espero, porém, combater ainda ao seu lado e sob as suas ordens. No meu livro recente *O Abolicionismo,* do qual escrevi para o Rio que lhe mandassem um exemplar, faço um apêlo pessoal a V. Ex. e ao José Bonifácio como *guias do povo,* para que falem nessa questão. O que mais ardentemente desejo é que V. Ex. veja o modo de se identificar com a emancipação como se identificou com a eleição direta.

O partido Liberal está profundamente desmoralizado, tendo sido sacrificado pelo gabinete Sinimbu e pelo seu ministro da Fazenda de modo a não poder mais readquirir fôrça e prestígio nesta situação. Salvamos ùnicamente dêsse naufrágio a influência política e a autoridade pessoal de V Ex. e por isso é a V. Ex. que cabe tomar a iniciativa da reforma, de dever, honra, patriotismo e salvação com a qual o país se acha frente a frente.

Lembre-se V. Ex. sempre de mim e dê-me de vez em quando notícias suas, que serão para mim uma grande compensação da ausência forçada a que me vejo condenado e que me vai um pouco desaclimando da nossa política. Eu quisera voltar para o Brasil, mas levantei contra mim uma série tal de obstáculos que é preciso esperar com paciência que a emancipação venha destruí-los. De longe ou de perto, entretanto, guardo sempre a mesma fidelidade aos nossos princípios, ideais e simpatias e por isso conte comigo em qualquer ocasião com tanta segurança como se eu lhe tivesse exprimido na véspera os meus sentimentos de amizada [ilegível] e adesão pessoal a V. Ex.

De V. Ex.

Am.º reconhecido

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvea

11 de outubro de 1883.

Meu querido Gouvea,

Os meus livros já partiram para o Rio e devem a esta hora estar postos à venda. Interesse-se para que a venda seja um sucesso. Gastei cêrca de 2:000$ com essa obra e devo tirar pelo menos as despesas da impressão. Eu quisera poder por meio da minha pena pagar as minhas dívidas que ainda infelizmente não pude amortizar e que são 2:000$ a Sinhazinha, £ 167 ao meu amigo A. C. M. e 500$ a você. Tenho mêdo, isto muito entre nós dois, sòmente que o *Jornal* se pronuncie contra o meu livro e o que é pior que o Castro (1) fique outra vez tão assustado com a má vontade da lavoura contra mim como quando desaconselhou a minha nomeação. Sonde o terreno para saber se no caso de haver motivo para algum receio dêsse gênero o Gusmão Lôbo lho comunicaria. Isso como coisa sua. Veja igualmente se a *Gazeta de Notícias*, se por acaso o *Jornal* se desgostasse de mim, quereria empregar-me. Isso também como coisa sua, indiretamente, sem que ninguém possa desconfiar das apreensões que tenho. Pedi ao Picot uma licença para ir ao Rio para o ano em julho abraçar minha Mãe — licença sem ordenado, por quatro meses, — isto também é segrêdo, êle escreveu aos seus amigos do *Jornal* — não sei o que responderão. Tenho muitas saudades de casa e desejo ardente de interromper uma tão longa ausência — mas como para eu lá aparecer, como para demorar-me um mês e meio ou dois meses, é preciso ganhar antes para gastar durante a viagem, talvez mesmo tendo a licença eu não possa fazer uso desta. Não poderia com certeza se o meu livro fôsse quanto à venda uma falência. Adeus, meu querido Gouvea. Abrace por mim Iaiá e os seus filhinhos e aceite muitas e vivas saudades minhas. Sempre do coração irmão e amigo

JOAQUIM.

---

(1) Luís Joaquim de Oliveira Castro, Redator do *Jornal do Commercio*, a cuja redação pertencia também Gusmão Lôbo.

Ao barão de Penedo

Brighton, 23 de outubro de 1883.

Meu caro Barão,

Quarta ou quinta-feira voltarei ao aprisco. É inútil dizer-lhe o prazer com que volto para Londres, onde está situado Grosvenor Gardens. Se resisti até agora a essa poderosa atração, se tive a coragem de ficar em Brighton três semanas sabendo que tinham voltado, foi para aprender a governar-me, resistindo aos meus mais fortes impulsos. Basta porém de disciplina.

Meus respeitos à Baronesa.

Vejo que o Corrêa quer fazer um empréstimo pela Delegacia! É preciso não confundir os Corrêas, o de lá e o de cá, porque a Baronesa seria a primeira a ofender-se com isso, ela que acha êsse nome de Corrêa bom demais para o *Praia da Glória*. A propósito de Praia da Glória, lembro-me do meu amigo J. Serra, que foi o inventor dêsse batismo literário e político. O Serra escreve-me que deu cada um dos exemplares da sua obra a apreciadores entendidos que lhe mostraram desejo de possuir *A Missão a Roma*.

Seu m.º dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Grosvenor Gallery Library.
New Bond Street.

Sábado. [Nov. 1883].

Meu caro Barão,

Obrigado pela sua carta de ontem. Vou melhor hoje, mas ontem se repetiram os mesmos fenômenos vertiginosos. Não vou a Brighton amanhã porque tenho que preparar um trabalho para o *Board* da *Central Sugar Factories*, que se reúne na têrça-feira.

Incluo retalhos sôbre o baile do Haritoff e um muito importante sôbre o montepio; as pensões foram suspensas. É um golpe para minha Mãe.

Espero que se restabeleça e volte breve. O tempo aqui tem sido magnífico. Meus respeitos à Baronesa.

Seu sempre dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

33, Davies Street.
Berkeley Square. W.

Dezembro 25. 7 1/2 da noite.

Meu caro Barão,

Eu sinto-me *incapaz* de ir hoje jantar em Grosvenor Gardens. Até êsse momento esperei não faltar a essa festa de família, da qual me considero, mas agora vejo que não tenho fôrças para a emprêsa. Apesar de ausente, o meu pensamento está todo aí e faço ardentes votos pela conservação prolongada da sua ilustre vida, da qual o Brasil tanto precisa e pela qual os seus amigos sinceros têm o mais vivo interêsse.

Deus lhe dê muitos e felizes anos!

Apresente os meus respeitos à Baronesa e aceite um apertado abraço pelo dia de hoje do

Seu Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

1884

Ao sr. Francisco Antônio Picot

Picot era diretor do « Jornal do Commercio » residente na Europa, de onde, além de dirigir o serviço de correspondência e telegramas, tomava parte ativa na orientação tôda do jornal.

33, Davies Street.
Berkeley Square. W.

Londres, 23 de fevereiro de 1884.

Meu caro Amigo Sr. Picot,

É perfeitamente certo que eu escrevo para a *Razon* de Montevidéu. Sendo essas cartas publicadas em língua estrangeira, (são traduzidas pelo próprio Redator) em país estrangeiro eu não tive o mínimo escrúpulo de consciência (e me considero tão leal quanto quem mais o seja no desempenho dos deveres que contraio) em aceder ao convite que me foi feito e que aceitei mais pela honra que o convite significava, feita a um escritor brasileiro, do que pelo interêsse de aumentar meu ordenado. Devo acrescentar que essas cartas são diversas das que escrevo para o *Jornal* neste sentido, que nas últimas dou conta de todos os fatos importantes ocorridos na Inglaterra e de quantos dizem respeito ao Brasil. Isto é, represento o papel de correspondente, e nas primeiras limito-me a um assunto inglês ou europeu, na falta de inglês, do momento, que se preste a uma espécie de estudo.

Não lhe comuniquei êsse fato até hoje pela incerteza em que estava, e estou ainda, quanto ao valor, duração e estabilidade de compromissos de imprensa em Montevidéu e também quanto à impressão boa ou má que terão produzido as minhas cartas e o modo de funcionar dêsse sistema de tradução do português para o espanhol. Não o consultei sôbre a aceitação do convite pela firme crença em que estava de que não havia incompatibilidade alguma nem inconveniente de qualquer ordem para o jornal nessa acumulação. O meu amigo porém é quem me

emprega e pode não pensar assim. Nesse caso queira dizer-mo com a sua franqueza habitual.

Am.º Certo e Obrg.º

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

33, Davies Street.
Berkeley Square. W.

Londres, 22 de março de 1884.

Meu caro Barão,

Vejo pelo *Jornal* de 1.º que o govêrno me nomeou membro de uma comissão, sob a sua presidência, mas a minha partida em abril me obriga a não aceitar a honra que me foi feita.

Nada sei da sua conversa com o Lambert, e espero pelas que tiver com o Picot.

Jantei em casa do Busk com Mme. de Martino que (segundo o seu louvável costume) foi-me logo dizendo que ouvira a alguém que eu ia ao Brasil para casar. Ela teve a bondade de não dizer-me todo o seu pensamento: que eu ia procurar casamento.

Espero que a Baronesa esteja gozando do passeio e que o tempo em Paris não lhes esteja sendo adverso. Eu vou preparando-me para a viagem transatlântica. Escrevi ao Paranhos dando-lhe o seu enderêço. Informe-se do Estrêla sôbre o fim do pobre Manuel de Melo. Também lhe agradeceria quaisquer informação sôbre o *Amazone,* que parte a 20 de Bordéus.

Por aqui nada de novo. Londres com Grosvenor Gardens fechada, não é mais Londres para mim, e por isso estou contando os dias até a sua volta. Não a apresse, porém, por isso. Tão longe não vai o meu egoísmo.

Muitas saudades e meus respeitos à Baronesa. Adeus, meu caro Barão, aceite um abraço apertado do seu

Amigo verdadeiro

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

33, Davies Street.
Berkeley Square. W.

Londres, março 26.

Meu caro Barão,

Muito lhe agradeço as suas boas cartas. A que me escreveu ontem coincidiu com outra do Picot, das mais amáveis que êle me tem mandado.

Estive hoje com o Lambert a propósito de uma dúvida sua sôbre os contratos de canas do Cabo e da Escada. A Companhia não está obrigada a tomar a safra de 1884 em nenhuma dessas localidades.

Em um contrato para adiantamento de dinheiro a safra de 1884 serve de caução, mas isso não tem importância. O devedor preferirá reforçar o seu penhor, ou substituí-lo pela safra de 1885, a ver as suas canas vendidas por baixo preço. O Lambert fêz-me excelente impressão hoje como sempre. Eu sugeri-lhe a necessidade de mandar examinar a extensão dos direitos que a Companhia tem, nos diversos sítios, sôbre o terreno imediatamente próximo às fábricas — porque com essas questões entre a Companhia e os plantadores podem surgir dificuldades por causa da ocupação dos diversos locais pela emprêsa. Desde o princípio, como sabe, eu fui pelo domínio do solo, ao que os contratadores se obrigaram, creio eu.

Também lhe falei na importância da renovação dos contratos depois dos cinco anos e da necessidade de uma companhia que comprasse as terras em tôrno dos engenhos ou *as arrendasse* para dividi-las pela pequena cultura nacional. Nos atuais contratos o senhor do engenho impediu a Companhia de tratar com os seus *moradores* — não pode haver nada mais contrário ao espírito da lei e ao fim dos sacrifícios a que o Estado se decidiu do que essa imposição do monopólio de alguns proprietários.

Deixemos, porém, tudo isso de lado. O meu amigo não foi para aí para continuar a pensar no que o preocupava desta banda do Canal. Como está dormindo bem, continue a sua estada em

Paris. Isso só lhe há de fazer bem. Em breve terá Edinburgo e a Exposição de Higiene para *distrair-se.*

Eu vou muito melhor de saúde. Quisera partir por Southampton por ser mais econômica a viagem, mas é o *Tamar!* Uma notícia para a Baronesa: O *Standard* de hoje (telegrama de Berlim) diz que se atribui a autoria de « La Société de Berlin » a Mme. d'Aubigny!!

Até breve, meu caro Barão. Para a semana terei o prazer de abraçá-lo e conversaremos então sôbre o que não haja esquecido da sua passagem por Paris. O *Café Anglais* é o remédio que lhe convém, porque mata essa tristeza espontânea que é a sua única enfermidade.

Muitas saudades à Baronesa, que espero esteja encantada dêsse curto pulo a Paris.

Sempre seu Am.º dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, maio, 23, 1884.

Meu caro Barão,

Aqui me acho entre os meus, depois de uma viagem que em vez de robustecer-me enfraqueceu-me bastante. Felizmente com o uso de duchas frias estou levantando ràpidamente a minha pobre saúde e espero não voltar para Londres como de lá vim, mas muito outro. Nas Alagoas fizeram-me uma grande honra, admitindo-me a Assembléia Provincial às honras do recinto e da sessão, e sendo-me dada a palavra para agradecer. Caso virgem! Na Bahia distribuí diversas cartas de liberdade e tive uma recepção popular como verá pelos jornais. No Rio foram proibidas pela polícia quaisquer manifestações de rua, o que estimei bem, porque não entrei como um intransigente e hoje posso falar sem ter sido antes convertido em facho incendiário.

Passei mal nos primeiros dias, mas como vou muito melhor estou agora sondando a situação. A minha impressão é que o govêrno está muito fraco para durar até o fim da sessão, mas não creio na subida dos Conservadores. Penso que o Saraiva é o *coming man.*

A bordo falei muito a seu respeito com o barão de Anadia, que me contou muitas histórias da sua mocidade e da Câmara, e com um engenheiro do Pará, Dr. Nascimento, que estêve há anos em sua casa em Londres e que lhe é muito reconhecido. Mandei-lhe de Maceió o seu retrato que apareceu no dia da minha chegada. Bom agouro!

O José Caetano e a Carlotinha e o Alfredo estão em Petrópolis e ainda nos os vi. Tenho estado porém com o Artur, que está muito forte e com outro semblante. Êle parece-me bem doutrinado no tocante a casamento (1). Quanto à promoção, depende do Imperador. Ontem tive pela segunda vez uma longa discussão com o ministro de Estrangeiros a êsse respeito, insistindo por mais de uma hora na nomeação do Artur. Êle não está mal disposto, pelo contrário, desejaria promover o nosso homem, mas a nomeação do Beltrão custou-lhe quase a pasta (!!) por causa de um Afonso de Carvalho, creio que é êsse o nome, de Buenos Aires, e agora êle quer dar satisfação às reclamações do Imperador pelo princípio de antiguidade. Como porém o Artur me diz que o Imperador se o nome dêle não fôr proposto, lembrá-lo-á, (do que o ministro duvida) eu creio ter conseguido do Soares Brandão que não apresente outro candidato sem dar ao Imperador facilidades para mencionar o nome do Artur. Nesse caso não haveria oposição do ministro, creio eu. O Lafaiete promete tudo a todos, mas nêle também ninguém tem mais a ingenuidade de fiar-se. Veremos.

Vi o seu netinho, que é o pai, como eu o imagino, aos 17 anos.

O meu sapateiro mandará a Grosvenor Gardens um par de botinas, do qual tenho urgência e que, por isso, lhe peço queira expedir-me imediatamente.

Muitas e muitas saudades à Baronesa, a quem peço notícias de *Paris.* Eu conto voltar a 24 de agôsto depois de ter duas ou

---

(1) O interessante desta notícia de planos matrimoniais do amigo é que a jovem em questão, como esclarece o *post-scriptum,* era Dona Evelina Tôrres Soares Ribeiro, que seria mais tarde a espôsa de Nabuco.

três candidaturas preparadas. Tudo depende do futuro ministério. Quem será? O *Jornal* de hoje publica o seu discurso de Edinburgo, que tem agradado muito *na rua do Ouvidor.* Ontem em casa do ministro de Estrangeiros tive ocasião, a propósito de uma observação de um *estranho,* de desmoronar a legenda do Sérgio. O Pena está doente; o que me dizem dêle é que tem o mais profundo desprêzo por quem quer que lhe fale de negócios. O Artur contou-me que o nosso amigo F., que nunca foi ao Paço, quando foi, atrapalhou-se tanto ou mostrou-se tão monarquista pessoal que ressuscitou o beija-mão. Testemunha José Caetano. Terá sido assim com efeito? Dê-lhe um abraço apertado e diga-lhe que lhe escreverei breve. O Senado anteontem derribou nada menos de 5 concessões de garantia, entre elas a do prolongamento do Natal a Nova Cruz. Não sei por enquanto do Mackenzie. Mme. Diogo Velho parte no dia 1.º de junho para Paris.

Se aí aparecer alguma coisa que me convenha não se esqueça de mim, como se eu estivesse presente.

O D. Sebastião de Lafaiete inutilizou o Sinimbu. Leu a referência do Paulino ao empresário dos bondes de Santa Teresa, o Plínio, que fêz o Lafaiete ministro! Tudo se descobre, e tudo que se descobre é triste e desanimador. Pobre país!

Dê muitas lembranças minhas ao Corrêa, Cesarino, Miranda e Rodrigues. Ainda uma vez muitas e muitas lembranças à Baronesa.

Todo seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

A pessoa a quem me referi falando da boa doutrina do Artur é uma filha do Soares [Ribeiro], genro que foi do Itambi e hoje marido da Amélia Drummond. Quando escrever ao Estrêla pergunte-lhe se êle ainda quer a procuração.

Todos me têm recebido do modo o mais cordial, sem ressentimento nem frieza, mesmo da parte de antigos adversários. Desde que me sentir melhor começo a minha campanha, ou *agitação,* à espera da qual muitos estão. Hei de ser muito moderado e prático para obter alguma coisa. Há atualmente uma certa reação escravocrata, mas isso não vale nada.

Tenho más notícias do Pedro Luís, que parece se estar finando. Pobre do nosso amigo! Dizem-me todos que está sofrendo de uma dilatação da aorta.

Ouço que no célebre sindicato de café perderam-se milhares de contos de réis e que o Belisário perdeu mais de 200 contos. São as especulações do Figueiredo — e do Banco do Brasil.

J. N.

Ao barão de Penedo

Maio, 31, 1884.

Meu caro Barão,

Aí vai um adido seu, o dr. Eduardo Prado, que eu recomendo à sua amizade como um homem digno de *tôda a sua confiança* e capaz de *compreendê-lo*. Não preciso dizer-lhe mais. Peço-lhe também que o apresente à Baronesa como um particular amigo meu e do Artur.

Até breve, meu caro Barão.

Sempre seu dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 31 de maio de 1884.

Meu caro Barão,

« Vim, vi » e fui vencido. O nosso Artur foi pôsto de lado. Seria longo e sem importância contar-lhe o que se passou entre mim e o Brandão (1). O pior é que o Artur está perdendo a confiança que tinha numa remoção. Espalharam por aqui infâmias sem nome, como a tal expulsão de um Clube. O José Caetano, a êsse respeito, informou o Imperador da qualidade dos boatos que lhe haviam chegado aos ouvidos. Sem esperança de

(1) Francisco de Carvalho Soares Brandão, ministro de Estrangeiros.

promoção neste ministério (1) o Artur vê-se numa situação angustiosa, sem saber se fique ou se volte depois de acabada a licença, e espera o seu conselho.

De política só lhe posso dizer que ninguém sabe o que vai acontecer. O que se acredita geralmente é que se o gabinete viver mais quinze dias atravessará a sessão tôda. Viverá êle porém mais quinze dias? É a questão. O ministério é muito fraco, como sabe, mas o Lafaiete tem a simpatia do Imperador. Todavia a maioria de que êle dispõe é pequena e há nela elementos problemáticos e muito abalados.

Entramos numa decidida reação escravocrata. A lavoura de café acordou em pânico. Mas são os últimos arrancos. É preciso apenas deixar passar a convulsão.

O Youle aqui está e disse-me, isto muito entre nós, que havia garantido 15.000 libras à Central S. F. O fato do *seu* grande interêsse pela sorte da emprêsa foi um dos motivos que levaram o nosso amigo a dar essa fiança. Ouço dizer que o Mackenzie procedeu aqui em tudo de modo *admirável,* mas o Youle pensa que êle arrisca muita coisa expulsando da agência o Christiansen, genro do barão de Campo Alegre.

Ontem tive uma longa conversa com o José Caetano, mas não falamos senão do *nosso homem.*

Não tenho desta vez nada mais que dizer-lhe e peço-lhe que dê muitas saudades minhas à Baronesa. Lembre-me ao Alcoforado e ao Corrêa.

Seu sempre dedicado

JOAQ. NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 23 de julho de 1884.

Meu querido Barão,

Não posso ainda mandar-lhe a solução da crise política, no meio da qual nos achamos desde o dia em que foi apresentado

---

(1) O ministério 24 de maio, presidido pelo conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira.

o projeto do govêrno. Pelos artigos que tenho publicado no *Jornal* com o pseudônimo de *Garrison,* verá o que penso da situação. Estou apoiando fortemente o ministério (1). O Dantas não tem maioria, e acredita-se geralmente que fará as novas eleições dissolvendo a Câmara. Talvez o telégrafo lhe diga o contrário, mas eu também creio na dissolução pelo Dantas. No caso de presidir êste a eleição, eu terei tôda a boa vontade dêle.

O ministro de Estrangeiros, a quem falei sôbre o Artur, disse-me ter um tal qual compromisso com o Corrêa de Araújo, mas eu creio que quem faz a nomeação é o Dantas. Com êste hei de entender-me a respeito, já tendo o Rodolfo e os melhores amigos dêle (Dantas) do meu lado.

Eu devo partir no dia 24 de agôsto, mas não sei se dentro de um mês mais estará restabelecida minha saúde que ainda não é boa. Ficar para as eleições seria impor-me em má quadra do ano um excesso de trabalho para o qual me julgo incapaz, além de que não sei se obteria uma prorrogação de licença.

Ninguém fala mais na tal *oração fúnebre* do Corrêa sôbre o Sérgio. Não houve duas opiniões tanto sôbre o papel que êste último representou por ocasião do empréstimo, como sôbre a inteligência de que deu prova o seu panegirista. O artigo que apareceu no *Jornal* não fêz senão tirar a moralidade da fábula.

Remeto-lhe diversos exemplares da minha conferência no Politeama para que me faça o obséquio de distribuí-los entre a legação e os seus amigos que se interessam pela questão.

Temos feito imenso caminho e o Dantas veio dar-nos muita fôrça. Daí não se imagina o efeito moral da intervenção do govêrno.

Muitas e muitas saudades à Baronesa a quem beijo as mãos e lembranças afetuosas aos nossos amigos comuns, de quem nunca me esqueço um dia como do *círculo* de Grosvenor Gardens.

Um abraço saudoso do seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Manuel Pinto de Souza Dantas sucedera ao conselheiro Lafaiete, formando o ministério 6 de Junho.

Ao barão de Penedo

Rio, 31 de julho de 1884.

Meu caro Barão,

Como terá visto pelos jornais foi a Câmara dissolvida e a dissolução pende da lei de meios. Pelos meus artigos assinados *Garrison* verá que estou sustentando o Dantas com tôdas as fôrças. Os abolicionistas estão todos em tôrno do gabinete. Isso dá-me alguma autoridade para promover, como estou promovendo, a nomeação do Artur, que está muito bem com a situação atual.

Não parto a 24 de agôsto, como pretendia. O meu estado de saúde impede-me de ensaiar tão cedo assim nova viagem de mar. Pedi mais um mês de licença.

A minha candidatura subiu muito com a dissolução. Apresento-me pela Côrte e por Pernambuco e talvez ainda pelo Ceará. Vai haver uma grande campanha para o ano, e é preciso que eu esteja no Parlamento.

O José Caetano votou contra a dissolução, diz o *Jornal* de ontem.

Até à volta, meu caro e saudoso Amigo. Suas cartas dão-me sempre vivíssimo prazer e fazem-me desejar voltar breve. Meus respeitos e saudades à Baronesa e lembranças afetuosas ao Corrêa, Fenelon, Cesarino e Miranda.

No dia dos anos da Baronesa estivemos *tôda a família* juntos à noite em casa da Carlotinha, que vai bem.

Um apertado abraço do seu

Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 1 de setembro.

Meu caro Barão,

Acabo de receber a sua carta contendo o seu *paper* sôbre instrução. Vou fazer uso dêle.

Está se procurando em casa do Lôbo a poesia.

O Jaceguai (1) (êle ia ser Aracuan, mas nós preferimos que o seu novo nome rimasse com Paraguai e Uruguai) tomou o Alfredo (2) para seu ajudante de ordens (ainda que sem nomeação efetiva).

O Fialho publicou no *Jornal* um artigo em que se resume o folheto-bomba que êle lançou ao partir de Londres nas pernas da Companhia. É um auto de corpo de delito. Êle mesmo dá o preço pelo qual vendeu (só em ações) a concessão, e conta a *chantage* de que se serviu para obter os seus fins. É uma completa inconsciência moral.

Ouço que o Ewbank (que trouxe muito boas impressões de Londres, da sua pessoa) será o diretor de Pedro II.

Ontem fui com o Artur à casa do Dantas que o acolheu *muito bem*. Não há porém vaga nenhuma.

Agora acabadas as notícias dos outros dar-lhe-ei minhas. Estamos neste momento em negociações para localizar-se a minha candidatura em Pernambuco, e também na Côrte. Eu conto partir para Pernambuco a 24 dêste e ficar até a eleição. O sistema de distritos tira quase tôda a fôrça ao govêrno. Que revolução, meu amigo, a da lei Saraiva! Estamos num país onde, em muitos pontos, em províncias inteiras, a eleição é mais livre do que na Itália, na Espanha, em Portugal. Todavia não desanimo ainda, e julgo dever ficar até ao fim. A eleição hoje é coisa muito diversa do que era antes de 1881, acredite-me, e daí a probabilidade do seu triunfo nas Alagoas se alguma vez se apresentasse. Se o Artur não estivesse na diplomacia e tivesse acordado mais cedo, êle seria um excelente candidato em seu lugar.

Tenho esperança de vê-lo, eu forte e robusto, quando voltar. Minha saúde está quase de todo restaurada.

Muitas e muitas saudades à Baronesa, a quem beijo as mãos. Lembranças aos *íntimos* de Grosvenor Gardens, não esquecendo a bela Mrs. Schlesinger.

---

(1) O amigo tantas vêzes referido nestas cartas, Arthur Silveira da Mota, o oficial de marinha ilustre desde a guerra do Paraguai quando foi o primeiro a transpor Humaitá com sua fragata, fôra feito barão de Jaceguai.

(2) Alfredo de Carvalho Moreira.

Aceite, meu caro e saudosíssimo Amigo, um apertado abraço do seu

Muito dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Recife, 14 de outubro de 1884.

Meu caro Barão,

Só não lhe mando dizer *Veni, vidi, vici,* porque a batalha ainda não teve lugar, mas *veni, vici,* a primeira campanha que foi ser incluído na chapa do partido Liberal como candidato do 1.º distrito do Recife. Ontem fiz um *meeting* que produziu, dizem-me todos, o mais excelente efeito. Creio que tenho uma alternativa pelo Ceará. Se eu não fôr eleito desta vez, será por falta de vista eleitoral, porque o presidente do Conselho está identificado comigo.

Eu escrevi ao Dantas sôbre o Artur à vista da vaga do Lopes Gama que dará lugar a um movimento. Também escrevi ao Mata Machado tanto sôbre o Artur como extensamente sôbre o Corrêa, para Lisboa.

Diga ao Alcoforado que eu assisto por êle a formatura do filho.

Muitas, muitíssimas saudades à Baronesa e lembranças aos amigos. Vamos ver o que sai de todo o trabalho que estou tendo. Não imagina o que são 2000 eleitores.

Aceite um apertado abraço do seu muito dedicado e do coração

Amigo certo

JOAQUIM NABUCO.

A Rodolfo Dantas

A amizade de Nabuco com Rodolfo Dantas baseou-se numa comunhão de idéias e cultura que vinha de todo o ambiente em que se formaram os dois desde as mais fundas raízes, — a ascendência paterna baiana, a amizade entre o velho Dantas e o velho Nabuco, chefes do partido Liberal, em cujos princípios os filhos se escudaram como numa religião. Ambos foram encaminhados desde jovens para o Parlamento. Rodolfo Dantas foi ministro do Império do govêrno Martinho Campos em 1882, com vinte e cinco anos de idade. Parecia que a presidência do Conselho seria para êle apenas uma questão de tempo, mas poucos anos depois, inexplicàvelmente para todos, afastou-se de repente e definitivamente da carreira política e do Parlamento.

Durante o govêrno de seu pai, o conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, presidente do Conselho em 1884, Rodolfo era deputado. Nessa época, como jornalista (foi êle o brilhante jornalista que, na República, fundaria o Jornal do Brasil*), era um da anônima guarda de honra que, com pseudônimos inglêses, defendia na imprensa a política emancipadora de seu pai. Era, desde a mocidade, na Bahia, amigo inseparável de Rui Barbosa, outro dêsses que chamavam os* inglêses do Sr. Dantas. *Nabuco nessa série assinava* Garrison.

Recife, out. 27, 1884.

Meu caro Rodolfo,

Não te posso, infelizmente, mandar a notícia de que minha eleição é certa, nem de que vou ganhando tanto terreno quanto tu desejas; mas não vou mal. Se houver união no partido e continuar a campanha com a mesma energia serei muito provàvelmente eleito, mas está ainda muito longe o 1.º de dezembro. O Barros (1) pouco pode fazer por mim depois do muito que fêz: a minha inclusão na chapa. Daí porém devem dar-me fôrça nas insignificâncias que eu peço. Se eu conseguisse o que pedi

(1) Sancho de Barros Pimentel, presidente da província de Pernambuco.

de considerável e importante — a reintegração da verba para o melhoramento do pôrto, sôbre o que escrevi a teu Pai (e peço-te que fales com urgência ao Carneiro da Rocha e ao Lôbo, telegrafando-me em seguida), a minha candidatura ganharia muita fôrça.

A vitória porém é muitíssimo duvidosa e difícil. Pede a teu Pai que atenda ao que lhe pedi (duas pequenas coisas) no interêsse do Coronel Luís Cesário do Rêgo, cuja volta à luta política é um dos melhores elementos da minha candidatura.

Recomenda-me a dona Alice e aceita um saudoso abraço do teu

Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — Não se faça a mínima nomeação para Pernambuco (Recife) neste mês senão por mim e pelo José Mariano. Qualquer outra agência seria fatal se interviesse.

Minhas conferências têm sido um «sucesso» eleitoralmente falando.

J. N.

A Rodolfo Dantas

Nov. 2, 1884.

Meu caro Rodolfo,

Ontem e anteontem fiz reuniões populares com o maior *sucesso* possível. Anteontem uma de 4.000 pessoas no teatro Santa Isabel, e nessa fiz uma conferência de uma hora. Ontem falei duas vêzes: outra conferência no Teatro de Santo Antônio, também literalmente cheio, e à tarde uma reunião ao ar livre de eleitores de uma paróquia de Afogados. O incluso anúncio dará idéia do comêço da série.

Mando-te as palavras que pronunciei depois da conferência do José Mariano. Estamos senhores da opinião e eu levantei o espírito público desta cidade. Foi um belo espetáculo a reunião

improvisada ontem à tarde no Peres e a volta em carros dos que me acompanharam até lá. O José Mariano tem sido comigo muito leal e mesmo generoso. Anteontem êle disse no Teatro que preferia a minha eleição à dêle, porque eu iria no Parlamento dar impulso à causa da emancipação e êle ficaria aqui tratando de tornar invencível o partido Liberal. Eu tenho pôsto teu Pai nas nuvens sempre com aplauso público.

Adeus, meu caro Amigo. Meus respeitos a dona Alice e saudades a teu Pai. Lembra-me ao Rui.

Todo teu do coração

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — Eu te mandarei todos os meus discursos; faze reproduzir êsse que foi improviso tanto quanto um discurso pode sê-lo, mas que agradou muito e que me justifica de diversas calúnias.

J. N.

Ao barão de Penedo

Recife, 28 de outubro de 1884.

Meu ilustre e saudoso Amigo,

Escrevo-lhe só duas linhas. Imagine que neste mês de novembro tenho que visitar 1.500 eleitores, fazer quinze discursos, e tratar de cem negócios diferentes. Santo Deus! Onde vai minha dispepsia! Mas, coisa estranha, a minha saúde há um ano nunca foi tão boa e pode ver talvez por esta carta que eu vou engordando. Não lhe parece?

Minha eleição vai muito bem e, a continuar como está aqui, eu devo ser eleito. Se fôr telegrafarei: Penedo, Londres, *elected*. Se não telegrafarei *defeated*. A falta de telegrama quererá dizer: 2.º escrutínio. Se a eleição fôr de tal ordem que no dia 1.º à noite seja *certa* a vitória conservadora no país e mudança da

situação eu telegrafarei em vez de *elected* — *Yes* e em vez de *defeated* — *No*. Se fôr certa a vitória liberal em vez de *elected* — *victory* em vez de *defeated* — *lost*.

A *Gazeta* tem um artigo forte contra a nomeação do Itajubá. Ainda uma vez o Corrêa preterido!

Quando receber o meu telegrama queira comunicar a notícia ao Picot e ao Paranhos (1) sem perda de tempo.

Meus respeitos e muitas saudades à Baronesa. Até breve ou até para o ano, se vier nos ver.

Seu dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Saudades ao Fenelon, com cujo filho tenho estado. Tenho muitas saudades dêle, também lembranças ao Corrêa, Cesarino, Eduardo Prado e Miranda.

Ao barão de Penedo

Recife, 14 de novembro.

Meu caro Barão,

Nada lhe posso adiantar de certo, mas a minha eleição é *provável*. Tem sido uma campanha sem exemplo no país. Vivo a falar nos teatros e na praça pública.

Mando-lhe duas barricas de abacaxis. Uma para a Baronesa, outra para que me faça o obséquio de enviar ao enderêço que incluo numa tira de papel.

Escrevi novamente ao Dantas com a maior instância possível a favor do Artur.

Muitas saudades à Baronesa e para si aceite um apertado abraço de seu saudosíssimo e dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) O futuro Barão do Rio-Branco era então cônsul em Liverpool.

Ao barão de Penedo

Pernambuco, 19 de dezembro de 1884.

Meu caro Barão,

O incluso corte dar-lhe-á uma idéia da minha situação no dia de hoje. Amanhã é a apuração. O que eu desejo é um novo escrutínio (1), mas parece que *tudo* conspira contra mim.

Sinto muito o que me dizem do Rio, que o Artur lhe terá referido, e que eu ponho todavia ainda em quarentena: que o *Nosso Amigo* (sabe quem tem as maiúsculas de jure) é quem tem feito oposição à promoção do Artur alegando certo incidente falso de um Clube de Londres. Não sei, estando aqui, que fundamento tem tal notícia, mas parece-me incrível.

Recebi o embrulho que me mandou pelo Estrêla.

Hoje diz o *Diario* que o Mata Machado foi derrotado. A situação será liberal por poucos votos e muitas depurações.

Só em março saberei se sou ou não deputado, estando de qualquer modo sujeito *ao terceiro escrutínio* (2).

Dê muitas saudades minhas à Baronesa, lembre-me ao nosso saudoso grupo de amigos e aceite para si, meu caro Barão, um apertado abraço do seu

Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

20. 12. 84.

Meu caro Barão,

Escrevo-lhe à última hora. A minha situação melhorou muito. A junta legal, presidida pelo juiz de direito, decidiu que houvesse novo escrutínio. Creio que os mesários conservadores, que

---

(1) Nabuco seria eleito em 2.º escrutínio, a 9 de janeiro, por mais da metade do eleitorado efetivo do seu distrito.

(2) O reconhecimento na Câmara, em que as depurações, como Nabuco previu, seriam numerosas de causar escândalo.

se retiraram, darão diploma ao Portela, mas diploma é o título assinado pelo juiz de direito. Não penso que os Conservadores pleiteiem o 2.º escrutínio, mas que me deixarão o campo livre. Em tais condições, eleito eu por mais de metade do eleitorado efetivo num escrutínio legal vou para a Câmara como quem melhor lá entre. É no dia 9 a eleição. Pode considerar-me deputado, agora só se a Câmara me depurar. Peço-lhe comunique isso ao meu bom amigo Picot e aos nossos amigos de Londres.

Muitas saudades à Baronesa. Como vai o Alcoforado? O irmão foi vítima de um roubo ontem em casa.

Queira-me bem e não deixe a ausência enfraquecer a amizade que sempre me mostrou e me teve.

Seu mto. dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Dez. 29.

Felicito-o pelo seu aniversário e desejo-lhe muito boas festas e Novo Ano. Estou trabalhando fortemente. Os Conservadores não se apresentam. Eu levarei assim o bom diploma. A maioria anuncia-se nossa. Mas contra mim haverá grande coalisão.

Veja que nem mesmo hoje esquecem o nosso amigo Fenelon. Por onde anda êle? Parto pelo inglês para o Rio onde estarei dentro de um mês de hoje. Escreva-me para lá.

J. N.

1885

Ao barão de Penedo

Pernambuco, janeiro 7, 1885.

Meu caro Barão,

Acabo de receber sua última carta chegada pelo vapor francês e não pelo « Neva », como dizia fora. Deu-me grande prazer saber que está de perfeita saúde, bem como a Baronesa.

Eu estou no meio de grandes trabalhos. No dia 9 tem lugar o 2.º escrutínio ao qual só eu compareço. O Portela, julgando-se eleito, vai disputar-me a eleição na Câmara, onde estou certo êle não terá entrada para formação da mesma. O diploma que eu levo é que é o diploma, o dêle sendo uma contestação. O ânimo público, tanto no Rio como aqui, está já muito exaltado com a idéia de que me possam *depurar*. Eu recusei o diploma que se me oferecia, para sujeitar-me a 2.º escrutínio, isto é, a uma nova eleição na qual tinha a mesma chança como o Portela que tivemos na 1ª. Se êste não concorre é porque tem certeza de que seria derrotado. Acabou-se o dinheiro para a compra de votos e os traidores são conhecidos. Com efeito êle tinha, vivendo comigo, indivíduos que passaram aos meus melhores amigos, como se fôssem minhas, cédulas com o nome dêle, o que é o cúmulo da traição, de forma que os meus mais dedicados eleitores não sabem como votaram. Apesar de tudo isso, teve apenas, na melhor hipótese que êle figurou até hoje, quatro votos de maioria, o que não é a décima parte dos que me foram roubados. Na consciência de tôda esta cidade está que eu fui o verdadeiro eleito e daí a excitação popular, que tocou ao seu auge quando Bodé, um célebre cabo de guerra dos Conservadores, disparou a queima-roupa dois tiros sôbre o José Mariano que estava desarmado e que lhe gritava: « Não assassine assim seus irmãos! »

Pelo meu nome, pelas inimizades que fiz na última Câmara, pelo interêsse que o Dantas tomou pela minha candidatura, pela importância desta capital, a minha apuração vai ser a grande batalha, a batalha central, da nova Câmara. Espero porém

vencer. Por ora temos maioria (governista) e esperamos aumentá-la.

Ontem foi derrotado o Ferreira Viana na Côrte, e eleito também o Bezerra, vencendo dos três Conservadores sòmente o F. de Oliveira. Sigo para o Rio a 15 ou 16 e lá me entenderei sôbre o Artur. Parece-me incrível que a oposição tenha partido do alto. Só ouvindo dêle mesmo acreditaria.

Nunca se viu no Brasil coisa semelhante à nova Câmara. Há de fato dois Parlamentos, e se o Imperador dissolvê-la terá três *plus* a anarquia. Julgo impossível a subida dos Conservadores agora. Não exagero dizendo-lhe que seria a véspera da revolução, e que os canaviais e os cafezais começariam a ser queimados. Há uma tensão de espírito como ainda não vi e começa-se a não ter mêdo da morte. O que há de exército e de marinha seria um elemento de revolta e não de compressão dos escravagistas. Nós não recuamos um passo, e o Imperador em tais circunstâncias não pode fazer melhor, a meu ver, do que sustentar o Dantas, custe o que custar. Sòmente conosco êle pode evitar a dissolução, isto é, um novo período de suspensão e ansiedade, fatal a todos os interêsses e que poderia ser seguido de uma verdadeira guerra civil.

Meus respeitos e muitas saudades à Baronesa e lembranças a todos os do nosso grupo de amigos. Seu do coração

J. NABUCO

Ao barão de Penedo

Rio, janeiro, 29, de 1885.

Meu caro Barão,

Aqui estou depois de uma *entrada triunfal,* como verá dos jornais que lhe remeto. O *Jornal* nem uma palavra. Não creio que eu volte para Londres como correspondente dêle. Estou muito prêso a Pernambuco e à abolição e entramos numa crise social. O que vamos fazer, diversos, é fundar um jornal no qual eu tenho 50% dos lucros, por ser êle todo criação e idéia minha. Sem jornal próprio, não se é nada aqui, e vive-se de favor alheio. Vamos criar uma fôrça nossa. As ações são de 50$ e eu venho

pedir-lhe que tome umas ações em nossa emprêsa para dar-lhe *good-luck.* O Jaceguai é quem está levantando o capital (25:). Acreditamos que desde o princípio o jornal começará sem *déficit,* e queremos pô-lo na rua para aproveitar as emoções da apuração. Responda-me logo. Se puder obter do Paranhos que tome umas 20, do Youle e outros que nos favoreçam será um grande auxílio. Um jornal *meu* é uma necessidade de nós todos, acredite.

Já o Artur lhe escreveu sôbre a oposição do homem com H grande. O decreto de nomeação chegou a ser lavrado. *Eu* não podia conseguir mais. Tão alto não chega minha influência.

Meus respeitos e muitas saudades à Sra. Baronesa, e lembranças afetuosas aos amigos de Grosvenor Gardens, não esquecendo o marquês de Casa La Iglesia.

Seu sempre dedicado

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

A situação é um *imbroglio.*

J. N.

Queira dizer ao Rodrigues que eu não suponho poder voltar para Londres e que êle veja o *Jornal.* Breve escreverei ao Picot definitivamente.

J. N.

A ações que nós esperamos vê-lo tomar são 40. Penso que não deitará dinheiro fora.

J. N.

A Rodolfo Dantas

Jan. 29, 1885.

Meu caro Rodolfo.

Muito obrigado pelo seu cartão. Quando vem você ao Rio? Temos muito que conversar antes da eleição da mesa.

Agora um assunto urgente e sério. O Jaceguai e eu pensamos, e já falamos com o Clapp e Luís de Andrade, em fundar

um jornal abolicionista liberal, da manhã, de que eu seja o redator, com interêsse de 50% nos lucros, porque será obra minha e criação tôda da minha imaginação e do meu esfôrço. Mandar-lhe-ei cópia do contrato que assinamos, tendo decidido que o capital seria de 25 contos, em 500 ações de 50$. Combinou-se que eu teria a preferência para compra dessas ações, caso os acionistas primitivos quisessem desfazer-se delas, de forma a poder tornar o jornal meu. Diga-me você se quer ser acionista da fôlha e por quantas ações. Eu acredito no bom êxito dela, que vem preencher a grande lacuna da nossa imprensa da manhã e pretendo fazer tudo para garanti-lo. Responda-me logo, porque é questão de dias. Queremos pôr o jornal na rua com a primeira sessão preparatória, para dirigir a população durante o período crítico de que nos estamos aproximando. Se me expulsarem da Câmara ficarei assim no meu pôsto e com a mesma fôrça para sustentar o gabinete. O que é preciso é que você venha à Côrte, para combinarmos no modo de criarmos uma falange que a especulação dos pretendentes a pastas não possa quebrar e que lhes tire a idéia de formarem um gabinete que não o que o país acaba de reconhecer e sustentar com os seus votos.

Todo seu ex corde

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, fevereiro, 7, 1885.

Meu caro Barão,

Soube com pesar que estêve doente devido em parte, e grande, dizem-me, à contrariedade que lhe causaram as notícias sôbre o Artur. O que êle mandou lhe dizer é exatíssimo, segundo me confirmaram, à minha chegada aqui, os que melhor podiam saber do ocorrido. Êle está muito queixoso do nosso Amigo, que assim lhe opôs um veto tanto mais doloroso e cruel quanto é irresponsável e sem apêlo. Enfim veremos.

O jornal sôbre que lhe escrevi vai sendo por enquanto uma idéia, faltam-me fundos, para dar-lhe a mais bela das existências.

Estou muito apressado, na véspera de grande batalha, e por isso limito-me a estas linhas, pedindo-lhe que apresente meus respeitos à Baronesa.

Aceite um apertado abraço do seu sempre dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

Ambos os partidos esperam ter maioria na Câmara. Nunca se viu sessão tão cheia de interêsse entre nós. Não sei o que haverá, mas estamos prontos para tudo.

J. N.

Ao barão de Penedo

9 março.

Meu caro Barão,

Escrevo-lhe muito às pressas para não perder êste vapor. Apenas tenho tempo para dizer-lhe que temos melhores notícias do José Caetano que deve chegar amanhã. Foi uma fortuna encontrar êle no Rio Grande do Sul o Gouvêa (meu cunhado). Êle sofre de uma lesão de coração, diz-me o Hilário, gravíssima, mas mesmo com lesões dessas, vive-se muitò. Veremos amanhã como êle nos chega.

O Artur teve anteontem uma tentativa de febre biliosa da qual já está livre por felicidade.

A situação política é má, o Dantas mais do que ameaçado e o meu reconhecimento ultra problemático. Se receber um telegrama — *Elected* quer dizer que estou de dentro. Queira nesse caso comunicar logo a notícia ao Picot e ao Paranhos.

Muitas e muitas saudades à Baronesa.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

O Jaceguai está satisfeitíssimo com Alfredo, mais do que isso, orgulhoso dêle.

J. N.

A Rodolfo Dantas

Abril 1, 1885.

Meu caro Rodolfo.

Êste é o cálculo. (1)

	Reconhecidos
Governistas	41
Republicanos	3
	44
Itaqui (compareceu)	+ 1
	45
Carlos Afonso	+ 1
	46

O Portela por seu lado pode fazer êste cálculo:

	Reconhecidos	
Conservadores	38	
Dissidentes	12	
Menos presidente	1	
Menos Carlos Afonso	1	
	48	
	+ 1	Pereira da Silva
	49	

Diferença a favor dêle — 3.

(1) Referência ao reconhecimento pela Câmara dos novos deputados de que dependeria a maioria liberal ou conservadora. Foram depurados muitos Liberais, entre os quais Nabuco. Pelo 1.º distrito de Pernambuco foi reconhecido em vez dêle, o candidato conservador Machado Portela.

Estão com parecer, porém sujeitos à discussão, e portanto para entrarem depois de mim exceto talvez os primeiros que forem votados. Não vão em ordem:

Antônio Pinto
Frederico Borges
Coelho Campos
Pereira Franco
Costa Pereira
Juvêncio

e há mais pareceres, anulando

Anadia
Drummond
Diamantino
Fernandes de Oliveira.

Está a chegar Viana Vaz. Há três vagas — Estância, Epaminondas, Pompeu.

Restam:

Demétrio
Filipe Lima
Basson
Nascimento
Teodureto
Moreira Brandão
Pessoa da Costa
Armínio
Beltrão
Spinola
Belo
Vaz de Melo
Marcolino

e mais nova eleição no 1.º do Pará (Cantão e Santa Rosa).

Como tenho para base 46 votos, se votarem por mim Viana Vaz, Antônio Pinto, Frederico Borges, Juvêncio, Filipe Lima,

Demétrio, Nascimento, M. Brandão, Spinola e Marcolino, fico com 56 contra Portela 49, mais Vaz de Melo, Coelho Campos, Costa Pereira, Anadia, Gaspar Drummond, Rezende etc.

Má estatística a das *probabilidades* da Câmara ressuscitando-se o Art.º 20 da Lei.

O melhor é tomar para base do cálculo os reconhecidos atuais e os poucos que podem vir a sê-lo antes de mim. São números quase iguais, votando todos. Ninguém ficando em casa. Mas qualquer defecção na Dissidência salvaria a vitória.

Teu do coração

JOAQUIM NABUCO.

2 de abril

P. S. — Que esplêndido que estava o Grey (1) hoje. O Rui e o Lôbo são incomparáveis. Pobre João Alfredo. Viste o elogio que êle fêz de Andrew Johnson e a condenação de Lincoln? É o primeiro estadista nosso que faz o elogio do Sul e condena o Norte! É escravagista até nos Estados Unidos, um « Alabama » brasileiro! E o Nestor conciliando Agamenon com Aquiles! Quem foi que disse isso, foi Pitt ou êle? Não se esqueçam também do pedaço de César preparando o Triunvirato. Que história e sobretudo qual foi a analogia em que êle pensou?

Teu sempre

J. N.

Ao barão de Penedo

Rio, 14 de abril de 1885.

Meu caro Amigo,

Diversas vêzes tenho-lhe escrito, mas nunca me satisfez o que lhe dizia. Era avivar demasiado a dor profunda que a morte do nosso bom José (2) lhe causou. Hoje que já são decorridos muitos dias posso escrever-lhe sem magoá-lo muito.

---

(1) Pseudônimo de Rui Barbosa. Nabuco era *Garrison* e Gusmão Lôbo *Clarkson*. Defendiam o ministério Dantas, com grande repercussão, na seção paga do influentíssimo *Jornal do Commercio*, cuja parte editorial era fechada aos abolicionistas.

(2) José Caetano de Andrade Pinto falecera em 27 de março dêsse ano.

Pobre e saudoso amigo! O Artur dedicou-se à Carlotinha e ao Artur José quanto era humanamente possível. Tenho estado na Quitandinha. A consolação começa a vir para a viúva e para o filho, mas a dor é sempre grande e a saudade a mesma.

Como a sorte o tem ùltimamente experimentado, meu caro Barão! Golpe sôbre golpe! Felizmente a sua coragem é grande e a reação da Fortuna que sempre o favoreceu é certa. Dê à Baronesa os meus mais doloros pêsames. Ela sabe que eu também perdi um amigo que até a última hora se preocupava de mim.

Até hoje nada sôbre o meu reconhecimento, que é mais do que problemático. Se não tiver recebido o meu telegrama até chegar-lhe esta às mãos é que anularam o meu diploma ou, se não, que reconhecerão o Portela. Aborrece-me muito ir de novo, tão cedo, ao Recife pleitear terceira eleição.

Também eu não tenho sido feliz.

Adeus, meu bom Amigo. Muitas e muitas saudades do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A João Clapp

Abolicionista denodado. Comerciante, estabelecido no Rio com loja de louças, era na organização de comícios populares o braço direito de Patrocínio. A queda de Dantas seguiu-se imediatamente a esta carta de Nabuco, que é de 8 de maio de 1885. A manifestação popular realizou-se assim mesmo e com um entusiasmo que levou Dantas a dizer que êle « caía contente porque caía nos braços do povo ».

Petrópolis, Hotel Bragança
Sexta-feira

Meu caro Amigo,

A situação é má — do que dá sinal o artigo de hoje do « *Jornal do Commercio* ». Querem perpetuar a escravidão, roubando-nos uma legislatura.

Acho conveniente convocar-se um *meeting* de indignação para o Teatro Pedro II. Nenhum outro serve. Entenda-se imediatamente com Rodolfo sôbre isso. Eu tomarei a palavra sôbre a tese da noite. Não temos tempo a perder. O *meeting* deve ser têrça ou quarta de noite e em seguida marcha aos archotes ao Dantas que está muito ameaçado. Serve-lhe?

Todo seu

J. N.

Telegrafe-me o que haja. Eu fico aqui até segunda-feira.

Ao barão de Penedo

Rio, 17 de maio

Meu caro Barão,

Consummatum est! Foi-se o Dantas e logo depois fui eu degolado. Três meses tôda a verificação de poderes estêve sujeita à *tramoia* principal — a de degolar-se o deputado do Recife. Sete intitulados Liberais (três Sebastianistas e quatro mineiros) juntos aos Conservadores reconheceram deputado um homem contra o qual a *maioria do eleitorado* pronunciou-se solenemente *numa eleição legal.* No Recife a notícia fêz explosão, como verá da *Gazeta de Noticias.* Havendo uma eleição pendente para o dia 7 de junho os candidatos liberais desistiram em meu favor e assim sou novamente candidato. Se fôr eleito telegrafarei *Elected.* O distrito é liberal, mas também é agrícola. *Dunque.....* Mas o fato da desistência causou aqui verdadeiro entusiasmo e os deputados liberais mandaram um telegrama assinado por todos, pondo em relêvo a abnegação dos desistentes.

Agora outra questão. Desejo que me telegrafe, logo que haja tido tempo de informar-se, uma destas três palavras: *Yes, No, Perhaps* — isso depois de saber que não fui eleito, o que saberá se não receber o telegrama *elected. Yes,* quer dizer — 1.º, seu lugar do *Jornal* está vago. 2.º, Picot supõe que há vantagem para o *Jornal* em que você volte a ocupá-lo; 3.º, se você vier

poderá melhorar a posição dentro de algum tempo quanto ao *Jornal* e mesmo na advocacia de companhias inglêsas que eu com o Youle e outros lhe poderemos arranjar, continuando por algum tempo mais com a *Central Sugar*, como dantes. *No* quer dizer o contrário do N.º 1, 2 e 3. *Perhaps* quer dizer N.º 1 e 2 sem número 3. É bom telegrafar-me também *Surely* para dizer: « sem o Jornal se você obtiver aí outra correspondência ou coisa equivalente às 30 libras pode contar com a 2.ª parte do N.º 3 quanto às companhias ».

A minha posição individual é muito difícil e exige ainda sacrifícios de minha parte — o tempo porém está próximo em que a proscrição há de acabar. Se receber o *elected*, não precisa, está claro, telegrafar-me nada. Mas se não receber não perca tempo em esclarecer-me.

Outra hipótese: Eu quisera muito, mas muito mesmo, viver no Recife, onde sou muito estimado. Se as companhias e firmas daí relacionadas com o Recife me fizessem uma posição lá, intermédio Youle, que serviço, meu caro Amigo, teria o senhor prestado à minha carreira política. Veja se dá passos eficazes nesse sentido; no seu caso querer é poder e sei que sabe querer. Se me abrissem horizontes dêsses em Pernambuco, a sua palavra telegráfica deverá ser *Welcome*. Residindo um, dois ou três anos em Pernambuco eu fundaria ali uma séria e verdadeira influência política.

Muitas saudades e meus respeitos à Baronesa e um apertado abraço ao Corrêa e Alcoforado.

Seu dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Recife, 24 de junho de 1885.

Meu caro Barão,

Os inclusos retalhos lhe dirão o que foi a minha vitória, o eco que ela teve no país, e a recepção que vim encontrar nesta

província, recepção nunca vista antes, verdadeiramente nacional (1).

Mando-lhe, sem tempo para escrever ao nosso amigo Corrêa, cuja promoção foi para mim imensa surprêsa, dois telegramas que lhe mostrarão, um quanto me impressionou o fato e outro como êle foi ferido suavemente por mão gentil.

Adeus, meu caro Amigo. Acredite que nunca houve homem que fôsse mais esmagado sob a generosidade dos seus compatriotas de que êste seu, seu e da Baronesa

dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Parto hoje para o Rio no meio das manifestações delirantes da população. Nunca homem algum recebeu dêste povo o que êle me acaba de dar.

J. N.

Mande-me tudo isso por empréstimo ao Picot e Paranhos.

Ao barão de Penedo

Recife, 21 de dezembro de 1885.

Meu caro Barão,

Doente como estava não pude felicitá-lo pela tardia, mas elevada distinção que lhe deu o govêrno. Felicito-o agora e igualmente o abraço pela promoção do nosso Artur. Se veio em terceiro lugar, teve a compensação de obter o melhor pôsto dos três. Honra ao Cotegipe, a quem a felicidade sorriu deixando-lhe a vaga do Carvalho antes mesmo do Artur chegar a Londres.

---

(1) Depurado na Câmara como deputado pelo 1.º distrito de Pernambuco, Nabuco fôra novamente eleito deputado pelo 5.º distrito da mesma província, onde havia uma eleição pendente. Os candidatos liberais a esta eleição desistiram em seu favor.

Leia o bilhete incluso e veja se pode completar a sua obra. Preste um bom serviço ao José Mariano e não se arrependerá.

Eu vou muito desanimado lutando sempre (1). Se fôr eleito mandar-lhe-ei a palavra *Elected* — mas nisso pouco, muito pouco espero. Se a receber é favor entendê-la dirigida aos meus P. P. P. — Penedo, Paranhos, Picot.

Muitas e muitas saudades sempre. No dia de Natal (2) que prazer não teria em estar à sua mesa, como os seus amigos firmes e constantes, o Casa La Iglesia e os Schlesinger, bebendo à sua saúde e felicidade! Estarei porém mergulhado nesta cabala de eleição, que é um horror.

Muitas recomendações à Baronesa, a quem felicito pela promoção do Artur, e à Carlotinha e ao meu « afilhado » (3).

Sempre seu o mesmo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) A queda de Saraiva fôra também a da situação liberal. Os Conservadores estavam no poder desde 20 de agôsto e o novo presidente do Conselho, Barão de Cotegipe, esperava apenas a lei de meios para dissolver a Câmara. As eleições realizaram-se em 15 de janeiro e delas resultou, a exemplo do que em geral acontecia com o partido no poder, uma Câmara quase unânime.

(2) Aniversário do Barão de Penedo.

(3) Arthur José de Andrade Pinto, neto do barão de Penedo. Sua mãe, depois da viuvez, voltara a residir com os pais em Londres.

1886

A Salvador de Mendonça

[Do Rio, sem data.]

Meu caro Salvador,

Desculpa-me não te ter antes agradecido os dois volumes que me mandaste da vida de W. L. Garrison — pelos Filhos. Peço-te o favor de entregares a inclusa carta de agradecimento ao teu amigo W. P. Garrison.

Aqui estou de volta de Pernambuco, onde naufraguei por má colocação (1). Se me tivessem apresentado pelo 5.º distrito que era o meu na Legislatura passada estaria eleito, como foi o Beltrão.

Os Conservadores estão com quase unanimidade. Desejo-te que te dês bem com êles porque parecem ter muito tempo de govêrno.

Meus respeitos à Mrs. Mendonça e lembranças ao Mário.

Teu sempre o mesmo

Amigo e Colega Obrmo.

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 4 de março de 1886.

Meu caro Barão,

Muito prazer me causa sempre ter notícias suas, porque sabe que vivo, e hoje muito mais do que nunca, de algumas

---

(1) Na eleição realizada em 15 de janeiro em que Nabuco foi derrotado no 1.º distrito, apenas um liberal logrou vencer em Pernambuco, Pedro da Cunha Beltrão, deputado pelo 5.º distrito.

fundas amizades, entre as quais foi privilégio meu ter a sua. Com a ausência de certas pessoas, ou antes de certa pessoa (1), com o afastamento de minha família que está na Nova Cintra, morro onde meu cunhado tem uma chácara; com a falta do Artur, do Mota, que emigrou para Mogi das Cruzes, do meu sempre lembrado José Caetano (quando agora vou à casa da mãe parece-me sempre que êle está ali, e pela rua de Sto. Inácio não passo mais), Grosvenor Gardens me parece, tal é a *solidão absoluta* em que vivo, ainda mais longe, e acredito, através desta distância, ver lá a espada do Querubim que guardava para sempre, ou para nunca mais, a porta do Paraíso!

Vou ver se fundo um jornal político — *O Século*. Prometem-me capital de Pernambuco. Mas se não fôr possível, e eu precisar voltar para o meu destêrro, peço-lhe que auxilie o Paranhos em ver se se me pode restituir o que eu tinha, como base de uma nova carreira no estrangeiro, o que apesar de tudo me custaria muito. Eu mandei ao segundo P, P 2.º, uma chave telegráfica para o caso.

Lembre-me muito à Baronesa, cuja saúde espero se esteja cada vez mais fortalecendo, e a Carlotinha a quem desejo que o clima de Londres não seja tão hostil como afinal se tornou para mim. Sempre seu, de tôda a dedicação

Am.º Obr.

JOAQUIM NABUCO.

A José Maria da Silva Paranhos

O jovem Paranhos, futuro barão do Rio-Branco, fizera-se cedo amigo dos filhos do senador Nabuco. Primeiro o foi do mais velho, Sizenando, cuja idade se aproximava mais da sua e depois de Joaquim Nabuco. Sempre fôra porém um temperamento muito reservado, um tanto inacessível mesmo aos mais próximos. Durante o longo período passado na rotina do serviço consular, dos quais dezessete no consulado de Liverpool, não foram muitos os que tiveram ocasião de lhe conhecer o preclaro merecimento e poder prever o alto destino que sua capacidade e seus

(1) Referência à volta para Paris de dona Eufrásia Teixeira Leite.

conhecimentos lhe poderiam garantir. Joaquim Nabuco formou na onda daqueles que fizeram chegar a Floriano Peixoto («o Nabuco é um adversário leal» respondera o Marechal ao amigo que lhe transmitiu o recado), que o brasileiro mais próprio para defender nosso território na questão das Missões, no arbitramento já confiado ao presidente Cleveland, quando faleceu o plenipotenciário do Brasil, barão de Aguiar de Andrada, era o Cônsul do Brasil em Liverpool. Num labor paciente de anos Rio-Branco fixaria alargando-as não só nesta linha, mas em tôdas as dúvidas semelhantes, as fronteiras do Brasil.

Rio, 3 de abril de 1886.

Meu caro Paranhos,

Muito obrigado e de todo o coração pela sua carta e tudo que nela se contém. Agradeço-lhe muito a prontidão com que você mandou as £ 50 que eu lhe pedi adiantasse a H.

Por êste vapor você receberá uns versos meus franceses. Saíram cheios de erros na *Gazeta de Notícias,* eu agora quero ver se saem mais corretos. Espero que lhe agradem.

Êsses panfletos (1) têm-se vendido, mas eu os encetei como precursores apenas do *Século,* que estou tratando de fundar, com capital pernambucano que me foi prometido (2). Espero até ao dia 15 ter uma solução a êsse respeito, e envio-lhe uma pequena chave telegráfica para o caso de *insucesso,* sendo que eu desejo que você logo que receba esta vá dando sèriamente

---

(1) *Propaganda Liberal,* série de opúsculos de Joaquim Nabuco. O primeiro, sôbre o govêrno emancipador de Dantas, intitulava-se *O Êrro do Imperador* e tivera excelente venda.

(2) Nabuco chegou a lançar em fevereiro de 1886 uma circular impressa solicitando a todos os Liberais a colaboração na fundação dêsse jornal. Nêle dizia: «Para a defesa e propaganda das nossas idéias comuns e também para procurar fazer do partido Liberal a principal fôrça humanitária e democrática do país, vou empreender fundar nesta cidade um jornal diário que se intitulará *O Século*... Contando com a identidade das nossas aspirações e homogeneidade da nossa conduta política, tenho a honra de solicitar de V. Sra. um serviço importante à causa liberal: o de concorrer na hora da adversidade para reanimar, por meio da imprensa, a coragem e a resolução dos nossos correligionários.»

os passos precisos para no caso de eu não querer ficar aqui poder partir.

Com um Amigo como você, para quem a amizade é mais do que uma palavra, posso falar de coração aberto. Aqui vai a minha história, isto é, a posição em que me acho. Não tenho objeção a que você confidencialmente a conte também aos outros dois P. P. (Penedo e Picot).

Quando vim da Europa, em 1884, eu ganhava em Londres £ 30 do *Jornal,* £ 50 por trimestre (quero dizer guinés £ 52.10.0) da Central Sugar, £ 10 da *Razon* de Montevidéu, e de consultas de advocacia — digamos £ 10, porque eu tive diversas que me foram pagas a £ 50. Isso é, tirei perto de £ 70 por mês com uma perspectiva de muito mais. Infelizmente caí doente, e tive que vir ao Brasil, e hoje reconheço que se não tivesse partido teria morrido, tão fraco e tão abatido, de fato tão mudado cheguei. Não tenho portanto que me arrepender de ter vindo. Desde, porém, que saí de Londres deixei de ganhar. Estive aqui de maio a setembro, doente, tratando-me. Em setembro parti para o Recife, liquidou-se o Montepio e eu tive uns 4:500$ na liquidação. Depois recebi dois meses de subsídio na Câmara. Foi tudo. Desde abril de 1884 tenho estado a gastar dinheiro sem dinheiro. Eu em Londres tinha uma pequena dívida feita para as despesas de minha colocação e partida para lá. Essa dívida, eu a teria pago com o produto do Montepio. Êste, porém, foi-se nas eleições. Tive quatro eleições em um ano! Viagens repetidas, dispendiosas como são, e como as minhas despesas eram permanentes, e acresciam extraordinárias, fui-me endividando e hoje acho-me colocado em uma posição difícil. Assim a minha vinda ao Brasil fêz-me perder tudo o que eu tinha e o que ia ter, e obrigou-me a despesas muito além de meus meios, perdendo eu portanto duas vêzes. Em suma, para um homem regrado, e extremamente suscetível à pressão da dívida, foi um desastre que só teve uma compensação, além da volta da saúde, a minha atual relação com Pernambuco, e o amor que lá me têm.

A minha idéia de fundar um jornal político resulta dêste duplo pensamento. A necessidade de ver o Partido Liberal representado na imprensa pelos seus elementos liberais (vejo o visconde de Pinhal, o *único* deputado liberal de S. Paulo, é ver-

dade que é de S. Paulo, o que acaba de fazer), e o sentir eu que em oposição aqui possa encurtar a época imperial do partido Conservador, porque você sabe « os períodos » dos partidos, são fixados pelo Imperador sòmente.

Julguei-me obrigado a fazer essa tentativa. Se os meus amigos estiverem prontos a unir-se a mim, como parecem, eu andarei melhor identificando-me com êles que realmente têm feito tôda espécie de sacrifícios por mim. Nem lhe posso dizer que sacrifícios foram para êles essas eleições sucessivas em que me envolvi! Se porém o jornal não se puder fundar, estarei livre para partir, mas então será por muito tempo, será, como o seu, quase um divórcio da política. É isto o que me faz tanto hesitar.

Em 1878 eu estava na diplomacia, e hoje estaria muito adiantado nela se tivesse ficado fora da política. Mas a política me arrastou, e uma vez no Parlamento, irresistìvelmente, o abolicionismo me atirou fora dessa outra carreira, a política, fazendo de mim um como que semeador de idéias. Nada mais. Em todos os casos, pus de lado os meus interêsses materiais completamente, e acredite que eram grandes, e, pior ainda, fortes afeições (1). Mas hoje a situação é esta: por uma série de evoluções cheguei a ser um dos representantes de uma grande aspiração nacional por um lado, e por outro, de grandes esperanças duma Província, à qual muito devo. Eu sinto que ficar na política é arruinar-me. Que as exigências a que tenho que atender não me deixariam parar no plano inclinado em que fui repentinamente lançado, e que serei um nômade, de espírito e de instalação entre o Norte e o Sul, entre Pernambuco e o Rio. Partir hoje, quereria dizer — quebrar êsses laços, retirar-me do movimento no instante para mim mais interessante e momentoso, e ainda uma vez abandonar uma carreira feita pelo desconhecido de posições precárias e subalternas e por um novo provisório, como se me figura ser a vida no estrangeiro, a mim que tenho tantas raízes, tantas e tão fundas, neste país. A minha única salvação está em ser coagido pela necessidade a fazer uma coisa ou outra, como tenho sido sempre, porque a escolha definitiva é superior à minha deliberação tão difícil, tão impossível.

---

(1) Ver adiante a nota sôbre Dona Eufrásia Teixeira Leite.

Adeus, meu caro Amigo. Reflita em tudo isso. Eu estimaria poder contar com o lugar do *Jornal*, se o Picot não tiver perdido a confiança em mim. Eu escrevi-lhe uma vez sôbre as correspondências do meu sucessor, mas tenho mêdo que êle tenha visto uma crítica onde não havia, porque realmente as cartas são excelentes, o seu único defeito é serem um tanto tardias e não darem a primeira impressão dos fatos. Não sei quem me substituiu. Infelizmente, se eu voltasse, teria que pedir ao nosso Amigo que me deixasse residir parte do ano fora da Inglaterra, porque o clima de Londres, sem sol, não conviria mais hoje à minha constituição, muito enfraquecida quanto aos nervos. Não lhe posso, porém, dizer por escrito, meu caro Amigo, tôdas as causas de perturbação que ùltimamente têm-me feito viver como que sôbre um solo movediço e que me fazem desejar como suprema felicidade êsse ideal da *Monotonia* que eu acabo de ver descrito por Théodore de Banville, num número de *Gil Blas*, de um homem que faz todos os dias as mesmas coisas às mesmas horas, invariável como o ponteiro do relógio.

Lembranças minhas ao seu pequeno *mundo* e aos nossos amigos. Aí lhe mando um retrato mais. Sempre seu todo

JOAQUIM NABUCO.

A José Maria da Silva Paranhos

Rio, 10 de abril de 1886.

Meu caro Paranhos,

Recebi sua carta para o Sizenando, e os retratos que muito lhe agradeço. O do menino está muito bom, o seu tem um ar preocupado sob o esfôrço para sorrir.

Soube que o Mota vai reformar-se? Foi devido a uma injustiça do Alfredo (1) na nomeação para o Conselho.

---

(1) Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, ministro da Marinha. O Mota das cartas de Nabuco a Penedo é sempre o dileto amigo de ambos, almirante barão de Jaceguai.

Escrevi-lhe ùltimamente mas esta tem por fim pedir-lhe que não perca tempo em estudar o problema de minha volta para aí e em conversar com o Picot sôbre a hipótese. Creio que seria para mim a renúncia de um grande futuro voltar a tornar-me um cronista da política européia, mas talvez eu não possa fazer outra coisa, e então convém estar preparado. Peço agir, porém, com a sua habilidade de costume.

O Gouvêa não tem esperança no caso de seu cunhado, sinto muito dizer-lhe. Parece que êle está de novo doente da mesma idéia. Você talvez não saiba que em Pernambuco conheci sua irmã e seu sobrinho e que sou grande amigo dêles hoje.

Acrescente às palavras telegráficas que lhe mandei mais esta: *Légende* — O Picot diz que não será possível você voltar para o *Jornal.*

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

A dona Eufrásia Teixeira Leite

Na sua primeira travessia para a Europa, em 1874, aos vinte e quatro anos de idade, Joaquim Nabuco apaixonou-se e ficou noivo de dona Eufrásia Teixeira Leite, jovem fluminense que vivia em Paris com sua família. O casamento não chegou a se realizar, principalmente porque a noiva não quis contemplar a idéia de abandonar os encantos da Europa pela residência no Brasil, e porque Nabuco não se poderia resignar a deixar suas atividades na pátria para viver no estrangeiro uma existência luxuosa em gôzo de uma fortuna que pertencia à espôsa.

No Brasil, que essa filha de fazendeiros de Vassouras, no tempo áureo do café na província do Rio, visitava apenas de longe em longe, o namôro intermitente e prolongado com Nabuco se renovou, tendo por principal cena o Hotel Whyte, na Tijuca, então o refúgio preferido dos estrangeiros.

Além das hesitações da interessada, que se prolongaram até o declinar da juventude de ambos, o projeto de casamento encontrou a oposição da família de dona Eufrásia, senhores de vastas terras trabalhadas pelo braço escravo, e para quem as

atividades abolicionistas de Nabuco eram anátema e sua carreira política menos que nada.

Requestada por muitos titulares, essa herdeira brasileira, a quem não faltavam atrativos, nunca se resolveu por pretendente nenhum, tendo tido sempre, segundo dizem os contemporâneos, um sentimento sincero por Nabuco. Só voltou ao Brasil em avançada idade, para morrer. As cartas que conservou de Nabuco foram destruídas, depois de sua morte, entre os papéis que ela recomendou que se queimassem, sem tocar nos maços. Uma apenas, evidentemente a última que trocaram, foi encontrada no copiador de Nabuco.

Rio, 18 de abril de 1886.

Escrevi-lhe há três dias da Tijuca, e hoje faço-o novamente para uma explicação apressada. Eu tenho em meu poder diversos papéis, cartas e lembranças suas. Considere tudo isso *como propriedade sua,* e não se julgue em momento nenhum de sua vida ligada por nada que me diga respeito. Não deixe tampouco dominá-la em relação a mim, a pena, que uma vez me exprimiu como sendo um obstáculo ao nosso casamento, de magoar com a sua preferência a outros pretendentes. Não hesite por uma consideração dessa ordem em relação a mim de dar passo nenhum em sua vida. Eu por meu lado considero-me perfeitamente livre de qualquer compromisso nem desejo ou pretendo obstinar-me quando fala o seu coração. O que êste ditar, é o que eu hei de fazer.

Esta explicação era necessária da minha parte, a menos que não se julgasse em relação a mim menos obrigada a atenções do que se julgou muitas vêzes comigo em relação a outros. Quando quiser tôdas as *lembranças* suas, que são poucas, telegrafe-me e eu as destruirei ou mandar-lhe-ei pelo correio. Está entendido que nesse caso destruirá também, ou melhor, mandar-me-á, essa massa tôda, caótica, de correspondência que tem minha.

Dito isto, volto a ser seu Amigo e esqueço a impressão em que me acho desde que recebi seu telegrama até entrar de novo no Hotel Whyte. Esta é a Semana Santa e pretendo ir passar uns dias na Tijuca. Não tenho literalmente visto ninguém, vivo só em casa (minha família está tôda no morro de

Nova Cintra), não fui uma vez a Petrópolis. Ainda não sei se ficarei no Rio, ou no Recife ou se voltarei para Londres. Tenho passado três meses de verdadeiro desânimo e solidão, e vou perdendo o gôsto de tudo. Todo êste grande panorama da baía que tenho em frente, os navios que entram e saem, os botes que passam à vela, tudo é tão triste! Eu sinto que tudo acabou entre nós e não vejo *quem* mais poderá ou quererá encher êste fim de vida que não parece valer a pena separar do passado.

Adeus, sempre seu

Amigo verdadeiro

JOAQUIM NABUCO.

A José do Patrocínio

O nome de José do Patrocínio fica indissolùvelmente ligado para sempre à Campanha Abolicionista. Foi o organizador e o presidente da Confederação Abolicionista. Sua ação nos anos de propaganda, como jornalista e como tribuno capaz de arrastar o povo, só é comparável à de Nabuco.

Rio, 3 de maio (1886).

Meu distinto Amigo,

O escritor das *Cartas de um Diplomata* que a *Gazeta da Tarde* está publicando, conta por meio de uma alusão transparente, que, por ocasião de vagar o lugar de bibliotecário, o meu nome foi apresentado ao Imperador e que S. M. se dignara recusá-lo. Não sei se o meu ilustre amigo o Sr. Rodolfo Dantas (1) lembrou-se de apresentar o meu nome a S. M. para aquela vaga, sem estar preparado para insistir na aceitação; mas se S. M. o recusou, teve para isso bons motivos e entre êsses, eu faço esta justiça à experiência do Imperador, o de pensar que eu, se fôsse nomeado, não aceitaria. Com efeito, estava eu em Londres, e quando me chegou a notícia de que se tinham lembrado de mim para aquêle emprêgo, respondi

(1) Rodolfo Dantas em 1882 era ministro do Império.

imediatamente, em carta que essa *Gazeta* publicou, que «já tinha uma biblioteca de 1.200.000 volumes — os escravos — em que estava estudando a vergonha da pátria». S. M. tem mostrado (basta ver entre os senadores que êle escolhe e os homens a quem eleva), ser um juiz indiferente, tanto em matéria de moralidade pública como de caráter político, mas no meu caso pelo menos eu acredito que o Imperador não cometeu o êrro de julgar possível que eu, depois de ter combatido sob a bandeira abolicionista, aceitasse um emprêgo qualquer da escravidão que êle representa, e trocasse o meu destêrro de Londres por alguma sinecura do orçamento.

Faço esta reclamação, meu distinto Amigo, para que ninguém suponha que eu tenho o mínimo ressentimento pessoal de S. M. e possa atribuir a um baixo móvel dêsse gênero a atitude que ùltimamente assumi em relação ao Imperador. O trono entre nós acha-se tão acima de todos, não só pela altura própria do primeiro pôsto do Estado, como por não haver para compará-lo outras elevações sociais reais e permanentes, que eu pessoalmente me considero profundamente obrigado ao Imperador pelas muitas atenções que me tem dispensado. Se o tenho atacado desde que subiu a situação conservadora, diretamente e constantemente, é porque considero o modo fácil e desembaraçado por que êle abandonou a causa dos escravos, depois de a ter levantado, como uma triste quebra do dever de brasileiro e da honra do Monarca.

A história há de comentar condignamente êste fim de um reinado que, nunca tendo cumprido a lei de 7 de novembro de 1831, deixou revogar a de 28 de setembro de 1871 (1), e chamou o Partido Conservador ao poder, no meio do mais ardente movimento nacional pela emancipação, para desapontar os escravos, iludir o mundo, e por fim deixar sem execução a própria lei que lhe tinha sido imposta tal qual.

É por isso que vemos hoje um govêrno de senhores de escravos, habituados, antes das hipotecas, a feitorear noite e dia africanos livres, falando em nome do Brasil!

---

(1) A lei Saraiva-Cotegipe, dispensando a declaração de origem na matrícula dos escravos, legalizou a posse dos africanos importados clandestinamente depois da lei de 1831, e para cuja liberdade imediata Nabuco e seus companheiros vinham lutando desde a fundação da *Sociedade Brasileira contra a Escravidão*.

É por isso que vemos os mesmos que denunciaram a Campanha Abolicionista da imprensa, enchendo hoje os jornais com entrelinhados, cada um dos quais é um elemento de criminalidade, e procurando convencer êste país de que fora das apólices do Sr. Belisário não há emprêgo possível para o capital, e de que os cinco por cento novos valem mais do que os seis por cento antigos, porque o câmbio está subindo de propósito para honrar a nova emissão!

Eu não creio que haja uma vergonha igual a essa de um ministério que deixou de cobrar os 5 % dos impostos, isto é, que roubou as cem mil cartas de liberdade que o Sr. Saraiva solenemente prometeu seriam dadas dentro do primeiro ano da lei, e que tendo feito essa estupenda bancarrota nacional com a sanção do Imperador, gaba-se hoje de ter levantado o crédito público, porque sob o pretexto de conversão lançou-se na praça e na imprensa a mais infrene agiotagem a que ministério brasileiro jamais se entregou, dando imenso dinheiro a ganhar ao Banco do Brasil e aos principais personagens do Sindicato do Café, cuja liquidação envolve assim, por uma fatalidade histórica, tôda a dívida pública do Império! Não há, com efeito, quase um único argumento nesses artigos que não seja desonesto, e não conduzisse em outros países o govêrno que assim procura recomendar a sua falsa mercadoria às penas do estelionato.

Realmente pode-se dizer que o MILHÃO E TREZENTOS MIL CONTOS que o Brasil deve hoje vão ser lançados à praça sob a forma de empréstimos e conversões, tudo para substituir pela questão financeira, isto é, pelo interêsse da alta especulação, a questão abolicionista, isto é, a questão dos desgraçados cuja sorte e cujos sofrimentos aquela dívida representa! E por isso é que eu ataco o Imperador, ainda que com todo o desânimo de um brasileiro e esta é a situação de todos os bons liberais, que ainda não têm fé na República e perderam a fé na Monarquia.

Creia-me sempre, meu distinto Amigo,

todo seu

JOAQUIM NABUCO.

1887

Ao barão de Penedo

Petrópolis, 1.º de fevereiro de 1887.

Meu caro Barão,

Não preciso dizer-lhe que estou vexado de não lhe haver escrito desde não sei quando, mas tenho a desculpa de que obrigado a escrever uma coluna de jornal por dia (1), a tinta e o papel me causam a impressão de instrumentos de tortura. Além disso não tenho tido realmente o que mandar, tudo sendo sempre a mesma coisa. No dia de Natal (2), bebemos a sua saúde em família, e todos fizemos votos por sua preciosa vida e pela da Baronesa.

Não sei se muito breve não estaremos de novo juntos. Sabe que Londres, do qual *pars magna* sois, me atrai como o pólo a agulha. Tenho a mesma base para partir que da vez passada, e estou certo de que, se me resolver a fazer a viagem, tirarei melhor resultado do que ficando. Mas tenho mêdo de partir do verão para o inverno, e, se deixar passar o intervalo das Câmaras, não me deixarão partir depois. A opinião a que pertenço tem poucos homens com os quais o país se tenha familiarizado e assim é natural que o meu partido queira a continuação dos meus sacrifícios muito além da idade em que se deve começar a pensar em si mesmo. Se eu voltar para aí, é contando sempre com sua velha amizade e interêsse por mim.

Tive excelentes notícias do Artur José, que pretende formar-se na metade do tempo que nós levávamos para atravessar a Academia. Nunca o esqueço, sobretudo em Petrópolis, onde, tanto na rua de Joinville como na Quitandinha vejo sempre a imagem do nosso José Caetano, que espero se reproduzirá nêle.

O outro Artur, o grande, deve estar agora Encarregado de Negócios em Roma. O Cotegipe foi um verdadeiro amigo no

(1) A *Sessão Parlamentar* no *O Paiz,* redigida por Nabuco, tornara-se uma coluna de combate. Pelo seu brilho e sua coragem estava alcançando êxito extraordinário.

(2) Aniversário do Barão.

caso dêle, e destruiu o obstáculo que havia a todo o seu futuro, agora livre e desembaraçado, quase o presente. Êle não me escreveu nunca, segundo o seu costume invariável com o nosso sexo. Mas eu espero vingar-me, vendo-o no exercício de suas altas funções.

Morreu o pobre João Vieira, sem ter conseguido reintegração, e por isso mesmo. — A discussão entre o Afonso Celso e o Alvim é a amostra mais perfeita que, há muito tempo, tenho visto de nossa política. Parecem dois indivíduos que entraram juntos em algum negócio secreto, e que, na descompostura a mais descomposta, têm ainda mêdo das revelações um do outro. Não tive ocasião de ver o livro do bispo do Pará em resposta ao seu. — O caso da « Central Sugar » muito me afligiu, por sua causa principalmente. Mas, desde que a concessão foi feita ao Fialho, tudo ficou perdido, e os contratores não melhoram a perspectiva do negócio. Além disso todo o plano de engenhos centrais é radicalmente mau, enquanto não houver harmonia de interêsses entre os plantadores e o engenho. Espero que o naufrágio não seja total.

O Alcoforado que vive na intimidade do Belisário (1), e que no Rio acha meio de ir jantar todos os dias de casaca à casa de alguém (ainda se fôsse em Petrópolis) espera salvar a *North Brazilian*. — Fiquei assustado há um mês com uma notícia que deram às Andradas de que o Artur, seu filho, estava sofrendo de tuberculose cerebral. Imaginei logo que era a minha dispepsia, mas, como sei o que é a dispepsia, tive mêdo que o Artur estivesse inválido como eu me considero, apesar de minha saúde exterior. — O Amelot diz-se muito contente com a Quitandinha (2), mas a estrada está em péssimas condições. Êle acha a conservação do pé em que a propriedade estava no tempo dos donos, muito cara e difícil. Mas sua filha há de poder sempre vendê-la porque há um encanto nesse retiro tão perto e tão fora de Petrópolis.

Está oficialmente anunciado o casamento de Mlle. Rita Lima e Silva com um fazendeiro Jordão. Quanto à política,

(1) Francisco Belisário Soares de Souza, ministro da Fazenda do govêrno Cotegipe.

(2) O sítio de dona Carlotinha de Andrade Pinto, perto de Petrópolis, onde hoje existe o Hotel Quintadinha, havia sido alugado ao ministro de França, conde Amelot.

sabe melhor do que eu. O Andrade Figueira e Ferreira Viana estão em oposição, mas o Cotegipe espera atravessar mais um ano pelo menos. Amanhã há no Rio uma reunião de militares que de há muito não fazem caso algum do ministro. Os Liberais estão em poeira, e não há meio de se unirem tão cedo. Em tais circunstâncias é indiferente que esteja no poder Cotegipe ou João Alfredo. A candidatura do Corrêa parece um tanto remota, e o Belisário, que é quem tem ganho terreno no partido e a segunda figura do gabinete, ainda não tem manifestado pretensões de sucessor em vida do Paulino. A discussão entre Celso e Alvim prejudica a ambos; mas o primeiro é quem tem que perder pollticamente. Nada disso lhe pode interessar, e eu estou ansioso por sair durante algum tempo pelo menos desta atmosfera mefítica.

Vão aí as novidades que achei, e que talvez não o sejam em Grosvenor Gardens. A temperatura no Rio é muito alta e insuportável, mas não tem havido febre amarela e o itinerário do cólera nos foi muito favorável.

Muito estimei ver seu cunhado (1) mandado para o Chile, onde o Lafaiete deixou a impressão de um urso ou tamanduá, segundo acabo de ver de uma carta do ex-presidente Santa Maria. Fizeram tudo quanto foi humanamente possível para agradar-lhe e mostrar-lhe a estima da sociedade chilena por nosso país, mas a nada o bruto se moveu. Saiu do país sem conhecer a ninguém. Felizmente deixou uma reputação de jurisconsulto, que o Lopes Neto não pôde deixar para atenuar a sua grosseria. Agora seu cunhado vai salvar a situação. Como já se lhe não aplica, deixe-me dizer que é uma inépcia não empregarmos os nossos melhores homens na América. Isso nos teria poupado pelo menos alguns encouraçados.

Já tenho conversado bastante e digo-lhe adeus, pedindo-lhe que dê muitas e muitas saudades minhas à Baronesa, que deve saber que a tenho sempre presente à memória — à boa, que é a da gratidão e do sentimento quase filial, — apesar de não lhe escrever nunca. É também para proteger um pouco a minha simpática Mlle., dispensando-a de compor algumas frases gentis

(1) O barão Aguiar de Andrada (Francisco Xavier Aguiar de Andrada), irmão da Baronesa de Penedo, fôra nomeado ministro do Brasil no Chile.

em minha honra. Muitas lembranças à Carlotinha, de quem tive muito boas notícias por Mrs. Macdonell (1).

Creia-me sempre, meu caro Amigo, o mesmo seu dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Pernambuco, 12 de março de 1887.

Meu caro Barão,

Pelo « Gironde » parto no dia 22 daqui para Londres por Bordéus e assim espero vê-lo no comêço de abril onde se achar. Não creio que desta vez me demore muito, mas entendo dever aproveitar talvez a última oportunidade que a política me deixe de sair do Brasil. Não preciso dizer-lhe quanto o prazer de tornar a Grosvenor Gardens aumenta a satisfação com que empreendo esta viagem de esperança. De fato nada me deu *mais* coragem para atravessar de novo o oceano de que o desejo de abraçá-los.

Li o livro do Bispo do Pará sôbre o seu livro (2) e agora mando dois artigos sôbre êle para *O Paiz.*

Meus respeitos e saudades à Baronesa e Carlotinha.

Seu todo sempre,

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

56 Boulevard St. Michel.
Paris, 7 de abril de 1887.

Meu caro Barão,

Aqui cheguei ontem e, como vê pelo enderêço acima, estou em casa da viscondessa do Rio Branco. Em dois ou três dias estaremos juntos, e então conversaremos muito.

---

(1) Mrs. Hugh Macdonell, espôsa do ministro da Grã-Bretanha no Brasil.

(2) *A Questão Religiosa do Brasil perante a Santa Sé,* pelo Bispo do Pará, Dom Antônio Macedo Costa.

Esta é só para lhe dar a notícia de que cheguei sem novidade. Do Recife mandei uns quatro artigos para o *Paiz* sôbre o livro do bispo do Pará que deve ter tirado um grande pêso dos seus ombros.

O Artur José, que me acompanhou sempre em Pernambuco, ficou bom.

Até a vista, com muitas recomendações à Baronesa e Carlotinha.

Seu Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

56 Boulevard St. Michel.
Segunda-feira, [11 de abril 1887].

Meu caro Barão,

Recebi sua carta e telegrama que muito agradeço. Logo que eu chegar irei a Grosvenor Gardens. Creio partir daqui sexta ou sábado.

Desconfio que os meus artigos d'*O Paiz* lhe parecerão muito amáveis com o bispo do Pará, ainda que não o pareçam tanto a êle. Confesso porém que o livro causou-me grande prazer, porque foi a sua justificação completa, e à franqueza e sinceridade do Bispo devemos hoje a confissão de que a sua missão a Roma foi o que nós dizíamos. Imagine que o efeito dela foi tal que dois anos depois produzia ainda um novo resultado na carta *repetida* do cardeal Antonelli, que parece ter sido, senão a base, o cimento do tratado de anistia! Assim à sua missão deve-se a paz definitiva que tem reinado até hoje na Igreja do Brasil! O livro só faz mal aos próprios amigos do ultramontanismo e um pouco ao João Alfredo. Eu tratei-o como um serviço prestado à verdade. Tôda a discussão sôbre direitos da Igreja e do Estado, e sôbre maçonaria, não atinge a missão. Nós sabíamos que o autor do conflito não podia pensar senão assim. O

importante é o desmentido solene dado a todos que negavam a existência da carta. Se o latim do cardeal Antonelli passou por uma correção dos redatores, autorizados, nos importa pouco. Os têrmos da carta são os mais positivos que a Cúria podia empregar, escrevendo a bispos. Ouço que sua resposta está magnífica (1). Ouvi-o do Paranhos, do Picot e do Estrêla. Parece que em todos êles produziu grande impressão o seu trabalho, pelo modo por que me falaram dêle. Eu imagino. Nos meus artigos, porém, só me ocupei do livro (em relação à Missão) no ponto de que falei, isto é, como sendo a admissão forçada do que até então a Igreja não tinha querido admitir. Tudo mais é secundário relativamente à Missão, ainda que tenha muito interêsse para quem quiser estudar a política religiosa do ministério e o *interior* do nosso episcopado militante. A princípio eu pensei, pelo que li nos jornais, que o Bispo *o* tinha esmagado; quando li, porém, o livro, vi que pelo contrário êle o tinha justificado, e por isso o livro agradou-me muito.

Já lhe tenho, porém, escrito demais sôbre o assunto.

Meus respeitos e recomendações à Baronesa e Carlotinha.

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Paris, abril 15, 1887.

Meu caro Barão,

Muito obrigado de novo por sua carta. Domingo à tarde ou segunda-feira de manhã, ao mais tardar, eu estarei em Gros-

---

(1) O barão de Penedo publicou nesse ano uma resposta ao livro do Bispo do Pará, *O Bispo do Pará e a Missão a Roma.* A essa tréplica, responderia ainda dom Antônio de Macedo Costa, publicando em 1888 *O Barão de Penedo e a sua Missão à Roma.*

venor Gardens. Como não tenho bagagem aqui, não lhe peço para mandar à estação. Eu irei logo para Grosvenor Gardens.

Seu sempre

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

O Picot disse-me que o « Bahia » naufragou com muitos dos passageiros vindo do Norte. Quem terá morrido?

J. N.

Ao barão de Penedo

Grand Hôtel. Paris.
Segunda.

Meu caro Barão,

Não creio que me demore aqui. Paris está transbordando e nos hotéis não há acomodações, nem serviço, senão abaixo de tôda crítica. Apenas achei um quarto no quinto andar com uma janela no teto, prometeram mudar-me hoje para outro com uma janela na parede, já é alguma coisa. Mas o banho, a água quente, os tapetes, a cama, as toalhas, tudo excede descrições. O meu mau humor provém talvez de haver tanto enjoado. Que mar! Ainda parece que estou virando o meu pobre estômago de dentro para fora e que o trago pelo avêsso!

Estive com os Estrêlas (1) às 10 horas da noite, depois de jantar na Madeleine. Êle, de calças de enfiar, estudava o Código Civil e ela estava tôda de branco, vaporosa, no salão em cima. Estive com ambos *separatim,* se o bispo consente o advérbio, como convinha. Ela tem engordado muito, êsse *sem* já não tem mais, e se lhe visse as bochechas admirava-se de tê-la feito tão espetral. O Estrêla disse-me que a Barral lhe escrevera mesmo, no sentido de não ir à estação, e que êle discordara nesse ponto

(1) O barão e a baronesa de Estrêla eram amigos antigos de Nabuco. Residiam em Paris onde a jovem e linda brasileira figurava nas rodas sociais como uma das estrangeiras mais elegantes e festejadas do momento.

da Princesa (1), que queria forçar o incógnito a todo mundo. *Tout est bien qui finit bien,* e isso acabou muito bem e espero que a boa digestão fique para sempre. Viu no *Jornal* de 20 um latinório, nos *A pedidos,* sôbre Mamoré, Cotegipe, República e *Gerigonça?* Está engraçado; o que excede porém a tudo são os artiguetes anônimos do Afonso Celso contra o Alvim no mesmo *Jornal.* Peça a Carlotinha que lhe leia alguns.

Aqui nada se sabia da queda do Prado e subida do Rodrigo (2). O Eduardo (3) foi a Lisboa encontrar o pai. Ainda não vi ninguém senão os da Place Vendôme. Creio que não me demoro além de outros dias. No fim de contas não há senão a Inglaterra (para quem tem juízo) para viver e parece que essa Mancha foi feita mesmo para os tolos lá não irem e os outros não saírem.

Addio. Dê mil saudades minhas à Baronesa e Carlotinha.

Seu sempre o mesmo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Grand Hôtel. Paris.
Têrça-feira.

Meu caro Barão,

Ontem reconciliei-me um pouco com Paris, porque os Campos Elíseos estão cobertos de fôlhas e as Tulherias parecem outras, com a verdura que eu lá não tinha deixado quando aqui estive a última vez. Jantei com os Estrêlas, onde me disseram que a Princesa recebe hoje em casa da Condessa de Barral, por-

---

(1) A Princesa Imperial, dona Isabel, com seu espôso, o conde d'Eu, era nessa ocasião esperada em Paris. A condessa de Barral-Montferrat, a antiga dama do Paço, a quem havia sido confiada a educação da Princesa Imperial e que era filha do visconde de Pedra Branca, foi intérprete dos desejos da Princesa de que a colônia brasileira não comparecesse à estação à sua chegada.

(2) A 10 de maio o ministro da Agricultura, Antônio Prado, fôra substituído na pasta pelo conselheiro Rodrigo Silva.

(3) Eduardo Prado.

que na legação seria tornar público o segrêdo, que ela está aqui. É um êrro fazer coisas dessas e fiar-se na reserva de todos que as sabem. Se amanhã algum jornal republicano a atacar por isso, ela está obrigada, mesmo à última hora, a visitar o Presidente. Parece que há pouca esperança no Imperador (1), apesar de tudo.

Vi um livro do Barral descrevendo a sua ida a Lisboa com os príncipes d'Orléans. Imagine que êle lá escreve que teve a fortuna de encontrar os túmulos de duas *de ses parentes*... Imagine agora quais são essas *parentes* do Barral. A Imperatriz e a rainha dona Estefânia! A imperatriz do Brasil e a rainha de Portugal *ses parentes!* Será possível?

Até breve — meu caro Barão. Segunda ou têrça arrebento por lá para ocupar-me de minha casa de Lower Belgrave Street. Peço a Carlotinha que não a deixe alugar o outro, nem que me dê o segundo andar pelo primeiro. Ela pode, ela que se lembra de tudo, mandar à *tobacconista* de vez em quando.

Os Estrêlas mandam-lhes muitas saudades. Amanhã é o *drawing room* (2), e eu espero pela Baronesa que o dia passará bem.

Até breve.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Grand Hôtel. Paris.
Domingo.

Meu caro Barão,

Segunda-feira pelo trem que chega aí às 7,20 (Vitória) eu chegarei também. Paris pesa-me como pesa a ociosidade e a solidão. Para ver alguém, tenho que ir a enorme distância, e, como passo todo o tempo ou no hotel ou nos museus, sinto-me verdadeiramente muito solitário neste duplo *caravansérail* do

(1) O Imperador dom Pedro II achava-se gravemente doente. Em 30 de junho de 1887 pôde, porém, partir para a Europa, em busca de melhoras para sua saúde, ficando dona Isabel, que regressara às pressas para o Brasil, como Regente do Império.

(2) Reunião de côrte da rainha Vitória.

Grande Hotel e de Paris. Ontem jantei à *table d'hôte* (é um caso semelhante ao seu na taverna do *East End* com o negociante do Pará) e imagine quem havia de estar sentado a meu lado, — o holandês com quem o Rodrigues contratou as *Sugar Factories* não sei de onde. Conversamos sôbre Engenhos Centrais no Brasil. Não há alguma coisa nesses encontros extraordinários, no meio de « grandes desertos de homens » — a expressão é do seu querido Chateaubriand — semelhante à atração que faz dois navios chocarem-se na imensidão do oceano?

Ontem passei a noite nos Campos Elíseos e lá volto hoje depois de jantar com os Estrêlas. Mas mesmo isso é nada para encher o vácuo da ociosidade e da falta de ocupação. Estou só com o pensamento em Londres e em Londres no Hermenegildo (1). « Embarcará êle ou não? » é a questão que neste momento divide a minha curiosidade com a outra — « Fica ou não fica o general Boulanger? » que os jornais parecem estar discutindo também aí. Domingo vou ver o Mounet-Souly, em Hamlet. Há nada mais curioso do que a última representação da Rousseil que depois do benefício entra para o convento?

Até agora não tive *provas* (2), e depois de receber esta não convém mandar mais porque nós poderíamos desencontrar-nos.

Muitas e vivas saudades à Baronesa e Carlotinha e um abraço do seu

Sempre o mesmo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Pernambuco, setembro 15, 1887.

Meu caro Barão,

Tive ontem a mais esplêndida vitória! (1)

Tive 1407 votos e o Portela 1270 — fui assim eleito por 137 votos de maioria!

---

(1) Hermenegildo Miguel, prêto, empregado de Nabuco.

(2) Da tréplica que o barão de Penedo estava preparando na sua controvérsia com dom Antônio Macedo Costa, bispo do Pará.

(1) A nomeação do conselheiro Machado Portela, deputado pelo 1.º distrito do Recife, para a pasta do Império e Culto, havia motivado

Não há meio de anular a minha eleição e a esta hora o ministério entra em nova crise por causa dela.

Quem mais a terá sentido no Brasil é o Belisário, — até aqui estendeu-se a influência da «comandita internacional», mas em vão.

Não sei ainda o que farei nestas *férias*.

Deus protegeu a boa causa e foi uma inspiração a minha vinda. Mando-lhe o *Jornal do Recife* de hoje. Aqui chega hoje o Fenelon. O Artur José *iluminou* ontem. É um delírio a cidade a esta hora. *Fizemos história!* Abraço-os a todos.

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Pernambuco, 24 de setembro 1887.

Meu caro Barão,

Hoje sigo para o Rio a tomar assento na Câmara. Não sei se me deixarão, apesar da maioria que tive, da pureza do processo eleitoral em tôdas as secções liberais (tendo havido apenas pressão e violência contra nós nas Conservadoras de fora). Para me porem fora da Câmara é preciso uma batalha que a situação não me parece forte bastante para afrontar.

Do Rio volto ao Recife, no fim provàvelmente de outubro e o que farei depois, *nescio*.

Agora tenho tempo para ocupar-me do seu livro.

---

uma nova eleição nesse distrito para confirmar-se a nomeação, como exigia o regímen parlamentar. Nabuco fôra o candidato de oposição. Tais eleições eram geralmente uma pura formalidade com o resultado sempre previsto. Dessa vez, porém, aconteceu o imprevisto. Nabuco foi eleito.

Sabe que há no Senado uma aposta de Liberais e Conservadores para ver quem tira a argolinha da abolição? Eu julgo o Cotegipe fulminado pela eleição de Pernambuco, que fêz cair o Portela.

Agora vou rogar-lhe um favor, o de dar ordem ao William para expedir para Pernambuco os caixões que tenho na legação e em sua casa, mandando encaixotar as gravuras e objetos que ficaram de fora. O frete será pago aqui e êle que me mande a conta da despesa que fizer. Tudo deve ser endereçado para Pernambuco por algum vapor que entre no pôrto (vapor de carga de Liverpool).

O Artur José tem estado muito pouco comigo, suponho que anda estudando. Por êle tive notícias de que foram para Carlsbad e Homburgo.

Mande-me notícias suas, meu caro Amigo e dos seus, que sabe bem o aprêço que dou a *tudo* que vem de Grosvenor Gardens.

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 8 de outubro de 1887.

Meu caro Barão,

Êste vapor lhe leva a notícia do meu reconhecimento e *estréia.* O Cotegipe dizem que fica até maio para cair então e vir o João Alfredo. É provável.

Eu volto a 24 para Pernambuco, onde vou enraizar-me. De lá não sei se irei à Europa, ou aos Estados Unidos ou ao Pacífico.

Ainda não tive tempo para escrever sôbre o seu livro como merece e por isto nada escrevi. Mas logo que se fechem as Câmaras, fá-lo-ei.

Ainda não se viu uma eleição produzir o efeito que a minha produziu. Pôs o ministério doido de contrariedade e o abolicionismo de alegria, ambos de surprêsa.

Mil saudades à Baronesa, Carlotinha e aos Schlesingers.

Todo seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — Peço-lhe urgência na remessa do que é meu para Pernambuco.

J. N.

A João Artur de Sousa Corrêa

Diplomata de carreira, tornou-se amigo dos mais chegados de Nabuco quando serviam ambos na legação em Londres sob as ordens do barão de Penedo. Foi Corrêa que, nessa ocasião, cumpriu o doloroso dever de dar a Joaquim Nabuco a notícia do falecimento no Rio de seu pai, o conselheiro Nabuco de Araujo. Corrêa foi mais tarde ministro do Brasil em Londres, onde gozava de grande prestígio pessoal e social e da amizade do príncipe de Gales, de quem era parceiro de «whist» Era um homem bom e simples. Faleceu sùbitamente no seu pôsto em março de 1900 e Nabuco foi seu sucessor.

Na data desta carta Corrêa era ministro do Brasil junto ao Vaticano.

Radley's Hotel. Southampton.
Dez. 14, 1887.

Meu caro Corrêa,

Sua carta foi tão amável, com o convite que me trouxe para ir passar com você o Jubileu do Papa que, até Lisboa, eu estava incerto se devia ou não ir a Roma. Em Lisboa desfiz-me dessa indecisão por falta de tempo. *Não devo* estar mais de mês no máximo (até o fim de janeiro, mês e meio) na Europa e ir e vir de Londres a Roma a galope é aumentar a aflição de não

poder demorar-me. Você, porém, compreende o que isto me custou, principalmente pela companhia que aí teria sua e do Artur (1). Fica para outra vez. A sua estrêla agora está acesa no mais alto do céu e é possível que mais cedo do que possa esperar, eu também seja iluminado por ela e que então estejamos muita vez juntos. Se em qualquer tempo eu lhe puder ser útil conte comigo como nos tempos da nossa íntima convivência de Londres que tão grata recordação me traz sempre.

Como não tenho mais papel na carta que escrevi ao Artur, pode você dizer-lhe que me mande a discussão havida no Parlamento italiano sôbre a Exposição de 89?

Agora outro assunto entre nós sòmente. Você sabe que todos os bispos, exceto o do Pará e o do Rio, nas pastorais por ocasião do Jubileu recomendaram como o melhor presente a oferecer ao Santo Padre a abolição da escravatura. Para o abolicionismo seria um imenso auxílio se o Papa, aceitando aquela dádiva, recomendasse por sua vez aos católicos a extinção completa do cativeiro em que ainda são cúmplices. Essa recomendação tôda moral não teria, está visto, alcance ou efeito partidário, satisfazendo sòmente o que hoje é a aspiração geral do país. Se eu tivesse possibilidade, indo aí, de conseguir sujeitar a questão ao próprio Papa, eu iria sem falta alguma. Não quero dizer que eu mesmo interviesse nisso, mas sim que conseguisse interessar no meu propósito alguma pessoa a quem S. S. preste ouvido e que quisesse auxiliar uma grande obra de humanidade e religião, como é aquela. O Papa de alguma forma deve manifestar-se sôbre o modo pelo qual os bispos brasileiros unânimemente julgaram que devia ser celebrado o Jubileu no Brasil. Não fazer menção dêsse movimento do nosso Episcopado é não prestar atenção às nossas coisas. O que nós desejávamos é que nessa menção S. S. pusesse alguma coisa de sua alma de sacerdote e do seu coração de pontífice em advogar a causa dos mais infelizes dos seus filhos. Não haveria meio de eu aí conseguir de alguém que chamasse a atenção do Santo Padre, tanto para as pastorais dos bispos como para a importância incalculável do apoio que êle lhes desse?

---

(1) Artur de Carvalho Moreira era então secretário da legação do Brasil em Roma.

Seria um imenso serviço à boa obra que nós estamos quase concluindo obter essa palavra que ferisse a consciência dos católicos brasileiros que ainda possuem escravos. Você não se pode envolver nisso, mas eu posso, e o que lhe pergunto é se é escusado pensar nisso, ou se poderia achar algum auxiliar que me ajudasse a conseguir o meu fim.

Todo seu

J. N.

A Salvador de Mendonça

Londres, 27 de dezembro de 1887.

Meu caro Salvador,

Muito boas festas para você e um *Happy New Year* para Mrs. Mendonça.

Estou com um projeto e um compromisso de voltar ao Brasil pela América do Norte, e mais ainda pelas Antilhas também (1). Você me faria um obséquio se sem perda de tempo me mandasse dizer em que dia partem de New York os vapores americanos dos meses de fevereiro e março, e mesmo abril. Não sei se me poderá também informar sôbre as linhas das Antilhas, porque minha idéia é ir tomar o americano em Santo Tomás ou Barbados, e eu quisera saber como posso (e por quanto e de que modo, que vapores) ir do Sul da União a Cuba, Jamaica, Haiti, e Antilhas francesas.

Também você me obsequiaria mandando-me os preços das linhas de New York a New Orleans.

O objeto da minha viagem é travar relações a bem do Abolicionismo com certas pessoas que nos possam ser úteis na Amé-

---

(1) Nabuco, quase em vésperas da vitória abolicionista, planejara visitar os países em que existira a escravidão para observar as condições posteriores e as possíveis conseqüências e prejuízos que a súbita mudança das condições de trabalho podiam produzir. Desistiu dessa viagem em favor de outro plano, sempre dentro de sua preocupação abolicionista. De Londres, seguiu para Roma, a obter do Papa uma encíclica contra a escravidão, a qual acreditava acabaria com as últimas hesitações da Princesa Regente. Leão XIII atendeu-lhe ao pedido.

rica do Norte e por outro lado ver com os meus olhos os efeitos da escravidão e o estado social dos negros das diversas nacionalidades.

Espero que terei a fortuna de os encontrar em New York e se você me responder a esta em tempo e sabendo eu assim que você está aí lhe escreverei em tempo para que nos vejamos durante a minha curta demora nessa cidade.

Adeus, meu caro Salvador. Recomende-me muito afetuosamente a Mrs. Mendonça e todos os seus e creia-me sempre seu

Velho Amigo

J. NABUCO.

P. S.

Escreva-me para Londres, Brazilian Legation. Eu vou a Roma, mas volto à Inglaterra dentro de pouco. Você deve escrever-me de forma a estar sua resposta aqui entre 20 e 30 de janeiro.

J. N.

1888

Ao barão de Penedo

Roma, janeiro 16, 1888.

Meu caro Barão,

Aqui estou há uma semana e se ainda não lhe dei notícias minhas é porque tenho estado tão ocupado quanto possível com a preparação de um Memorial para o Cardeal Secretário de Estado (1).

Fui admiràvelmente recebido por êle e tenho esperança de obter do Papa alguma *Gesta tua Lauditur* para os nossos bispos.

A esta hora deve ter visto o meu artigo.

Breve estarei por lá em caminho para a América do Norte, mas não antes de fevereiro porquanto tenho ainda que passar por Berne (2).

Artur está bem e o Corrêa sempre conosco. Não há dia no qual dia não relembremos com prazer algum episódio de Grosvenor Gardens e não nos ocupemos *con amore* de cada uma das três pessoas da S. Trindade.

Isto é ainda como vê uma impressão do *Circolo Nero* do qual lhe escrevo.

Saudades muitas a todos.

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Cardeal Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII e que só pelo veto da Áustria não foi seu substituto no conclave de 1903, que em último escrutínio elegeu Pio X.

(2) Foi à Suíça para ser padrinho da filha do ministro da Rússia, conde Prozor, que havia servido no Brasil e que cristalizou sua grande amizade e admiração por Nabuco num artigo: *Joaquim Nabuco et la Culture Brésilienne,* publicado na *Revue Hebdomadaire* de 20 de julho de 1912.

Ao barão de Penedo

Roma, fevereiro 9, 1888.

Meu caro Barão,

Apesar de não ter cartas suas continuo a dar-lhe notícias minhas porque, como as informações de cá para lá não são tão certas como as de lá para cá, é possível que nada saiba de mim, ao passo que eu pelo menos sei que aí todos vão bem.

Tenho sido demorado mais do que nunca pensei, mas devo partir nestes poucos dias. Infelizmente já devo considerar perdido o paquete de 24 e assim tenho que me arranjar para sòmente partir a 9 de março. Terei sempre uns quinze dias em Londres. O meu bilhete de volta foi-se.

O Corrêa que teve a malária passou-ma sob forma muito mais benigna e fugitiva, mas ainda hoje tive que tomar quinino.

Ao Artur voltou ontem infelizmente a doença dos olhos, mas talvez para não se repetir com a mesma fôrça. Esperemos.

As notícias do Alfredo me têm penalizado muito e eu também acredito que êle precisa vir quanto antes, porque o estado dêle, sem ser grave hoje, poderia sê-lo amanhã, continuando êle a não fazer caso de si e sem a família para fazer-lhe sentir que não está só no mundo. A notícia da *Gazetilha* indignou-me.

Muitas e muitas lembranças do seu

Am.º dev.º e constante

JOAQUIM NABUCO.

10 de Fev.

P. S.

Hoje o Papa recebeu-me em audiência particular e conversou cêrca de uma hora comigo, prometendo-me publicar brevemente a sua Encíclica aos bispos brasileiros contra a escravidão. « *Quand le Pape aura parlé,* repetiu-me êle diversas vêzes, *les Catholiques devront obéir.* » Não vi a mínima vacilação no seu espírito a respeito do modo de pronunciar-se na questão.

Interrogou-me sôbre as disposições do govêrno, dos partidos, da família imperial, dizendo mais de uma vez: « Quando o Papa falar, hão de obedecer. »

Agora estou livre e se não me achasse doente, partiria hoje mesmo para Berne, onde devo demorar-me alguns dias, seguindo então por Paris para Londres, a esperar o dia 9 de março. Teremos assim pelo menos duas semanas para conversar.

J. N.

A Custódio José Ferreira Martins

deputado pela província de Minas Gerais

68 Praia do Flamengo.
Maio 5, 1888.

Meu caro Colega,

Não podendo por uma indisposição ligeira comparecer à reunião de hoje para a qual fez-me a honra de convidar-me vou rogar-lhe o obséquio de comunicar o meu pensamento aos nossos colegas da minoria Liberal.

Convencido de que a Princesa Imperial prestou um grande serviço à causa da ordem e da liberdade demitindo o ministério Cotegipe, entendo que devemos sustentar e não impugnar aquêle ato de tão grandes vantagens para o país. Convencido também de que neste momento tôda e qualquer oposição ao Ministério é um serviço prestado ao escravismo, ainda não de todo desiludido a respeito do nosso partido, entendo ser nosso dever dar ao Ministério tôda a fôrça precisa para realizar a nossa idéia.

No meu entender será impossível ao partido Liberal destruir a situação conservadora se se não levantar a bandeira da autonomia das províncias de preferência a qualquer outra, mesmo à da reforma do Senado, tão popular, mas não tão necessária como aquela.

É esta a linha que julgo melhor seguirmos. Se outra fôr adotada eu procurarei conciliá-las para não parecermos divididos,

mas sem quebra do espírito que me anima de agradecer à Princesa e ao Ministério a obra patriótica e nacional que vão realizar.

Creia-me, meu caro Colega,

De V. Ex.
Am.º At.º Ven.º e Obr.º

JOAQUIM NABUCO.

A José da Silva Paranhos, barão do Rio Branco

Consulado do Brasil - Liverpool

Rio, 25 de maio de 1888.

Meu caro Barão,

Viva! o seu título foi uma das maiores alegrias que eu tive com a abolição e muito antes do govêrno dar-lho êle andava em tôdas as bôcas, o povo queria. Eu dei ao Sinfrônio o mote

o govêrno deu ao filho
o nome ilustre do Pai.

que apareceu glosado n'*O Paiz*. Esta é uma variante pelo mesmo improvisador.

Não lhe mandei o *Frei Caneca* de Pernambuco porque não o achei, mas como eu o tenho aqui vou expedi-lo por um dos primeiros vapores. Veja o que é a preguiça. Mas neste ano da abolição, você não tem tempo para Frei Caneca.

Todos em sua casa estão naturalmente contentíssimos com o seu crisma. Felicite a todos por mim, começando pela ilustre Sra. Viscondessa que tanto prazer devia ter tido em ver que

o govêrno deu ao filho
o nome ilustre do Pai.

13 de Maio foi a apoteose de seu Pai. Você deve estar orgulhoso!

Até o fim do ano. Sabe que podendo não deixarei de *atravessar*. Saudades aos nossos companheiros do Voisin, Anglais e Foyot.

Seu do C.

JOAQ. NABUCO.

P. S.

Tenho sempre visto o Lôbo. O Salvador parece não ter conseguido a legação de Washington. Pelo menos o negócio está empatado.

Ao barão de Penedo

Rio, 25 de maio de 1888.

Meu caro Barão,

O Hilário pede-me para encomendar-lhe um casal de cães rateiros da Escócia porque os ratos estão devorando-lhe a chácara. Êle acredita nesses cães especiais que pretende criar e poderá dar à Carlotinha os filhos do feliz par que fôr transportado para cá. É uma encomenda dêle que lhe será com suas amizades escocesas fácil talvez satisfazer, recomendando-os a bordo pelo nosso amigo Youle.

Dado êste recado, duas linhas para dizer-lhe que tive muito prazer em saber que longe de haver qualquer indisposição contra si, o João Alfredo está muito bem disposto a seu respeito. Parece que êle o destacou para junto do Imperador. Ainda não me informei. Em todo caso, porém, o susto irracional que me fizeram em Pernambuco passou inteiramente. Eu vejo a monarquia em sério perigo e quase *doomed*. A Princesa tornou-se muito *popular*, mas as classes fogem dela e a lavoura está republicana. Em tais condições eu que hei de ser o último dos monarquistas estou decidido a seguir uma política que não prejudique o trono do qual precisamos tanto para levantar o povo e torná-lo inde-

pendente da oligarquia despeitada. É por isso que apoio ainda o govêrno e o apoiarei não sei até quando.

Mil saudades à Baronesa e Carlotinha que ainda hão de ver-me em Grosvenor Gardens.

Um abraço apertado do seu Am.º dedicadíssimo

JOAQUIM NABUCO.

A Quintino Bocaiuva

Jornalista profissional, dos mais brilhantes e corajosos de sua época, republicano desde 1870, quando fundou o jornal A Republica *e deixou o partido Liberal, sacrificando sua carreira política, Quintino lutou pela Abolição, como todo republicano. Nos últimos anos da campanha abolicionista, êle e Nabuco trabalharam pela causa comum em íntima união, na redação de* O Paiz, *o grande jornal de que Quintino era diretor. A aproximação da República colocou-os em campos opostos. Ao ser ela proclamada, Quintino foi levado à pasta dos Exteriores como um triunfador. Joaquim Nabuco conta em* Minha Formação *da sua admiração nos tempos de estudante, pelo ilustre jornalista que lhe «deu a primeira idéia de um polemista destemido».*

68 Praia do Flamengo.
22 de junho de 1888.

Meu caro Quintino,

A inconciliável divergência em que me acho com o espírito, o alcance e o propósito do programa que você traçou para *O Paiz* no seu artigo de ontem (*Agitação Social*) veio tornar impossível a minha permanência n'*O Paiz,* já dificultada na véspera pelo seu *veto* à publicação do meu artigo contra o Manifesto Paulino e a agitação republicana do escravismo intransigente.

Pela amizade que lhe tenho, pela gratidão que devo ao *Paiz,* e também pela lealdade que foi sempre a primeira das minhas preocupações para com as causas que sirvo, é-me impossível continuar a servir ao *Paiz* com o programa que êle adotou e os

intuitos que êle revela numa crise em que a meu ver corre perigo a sorte da monarquia *libertadora* e com ela a existência da pátria unida e una.

Ontem conversei com o Visconde (1), êle disse-me que me entendesse com você novamente e eu esperei-o. Mas pensando bem vejo que é impossível entendermo-nos mais. Se adotássemos um qualquer *modus vivendi* hoje, nós ambos o infringiríamos sem querer amanhã, levados pelas duas correntes opostas de idéias e aspirações que representamos.

Não me resta assim senão pedir-lhe o obséquio de declarar pelo *Paiz* que deixei de fazer parte de sua redação, ou como você melhor entenda. Êste passo que dou e que me é impôsto tanto pela minha consciência de monarquista e de brasileiro como pela necessidade de ter a mais completa liberdade de ação na imprensa neste momento difícil e crítico para as instituições nacionais tôdas, não alterará em nada, estou certo, os sentimentos pessoais que tão estreitamente nos ligam. Quanto ao *Paiz*, não preciso dizer-lhe, que eu nunca poderia riscar do meu coração os anos de 86, 87 e 88, a lembrança da hospitalidade que nêle encontrei, nem a memória dos serviços incalculáveis que êle prestou, sob sua direção, à causa abolicionista.

Creia-me, meu caro Quintino, sempre seu

Am.º Velho e dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A José Mariano

Não é possível separar nas lides da Abolição em Pernambuco os nomes de José Mariano Carneiro da Cunha e de Joaquim Nabuco. Tribuno popular de grande prestígio, chefe Liberal na cidade do Recife, ardente abolicionista, foi o condutor da admirável atividade secreta do Clube do Cupim, cujo fim era auxiliar a fuga de escravos e pô-los em caminho da liberdade.

---

(1) Visconde São Salvador do Matozinhos, português, proprietário de *O Paiz*, de que Quintino Bocaiuva era diretor.

Rio, julho 1888.

Meu caro José Mariano,

« Afinal, dirá você, o Nabuco me escreve! » Mas na guerra como na guerra, até hoje não tenho descansado e assim se não nos escrevemos é porque estamos trabalhando juntos pela mesma causa.

O Beltrão, entretanto, com quem você se corresponde, disse-me hoje na Câmara que você havia lhe manifestado contentamento por ter-me eu declarado contra o ministério. É preciso, à vista disto, que eu lhe escreva para você conhecer bem a minha atitude. Essa não mudou. Eu estou hoje onde estava ontem. Combato o João Alfredo no terreno dos bancos hipotecários como o sustentei no da abolição pelos mesmos motivos. Estou longe, porém, de o querer derribar de qualquer forma juntando-me com os reacionários escravistas. Se êle quiser cair, cai com os olhos abertos. A minha posição é especial, exatamente porque o João Alfredo está sendo atacado pela lei de 13 de maio, causa principal do ódio contra êle, e porque estou mais identificado com o abolicionismo do que com qualquer partido que me parecem todos igualmente plutocratas. Eu hoje luto por idéias e não por partidos. Nas idéias sou intransigente; quanto aos partidos não me presto mais a galvanizá-los. Estão mortos e bem mortos. Para fazer coisa nova é preciso novos instrumentos. Os que nos vieram da escravidão são cabos de chicote e pedaços de tronco que não servem para a reorganização do país.

Ocupo assim na Câmara uma posição solitária, que corresponde ao meu ideal não direi político, mas popular. Você tem a alma do povo, eu tenho a consciência. Nós nos separamos apenas aparentemente — porque no fundo nos completamos. Hoje como ontem, amanhã como hoje. Deixe os partidários desgostarem-se de mim: estou fazendo a única política verdadeiramente democrática que possa existir no país. Os partidos esmagam o povo. Ambos êles são exploradores e, mal começa, o republicano já está adorando o bezerro de ouro. Eu oponho-me aos bancos porque quero a pequena propriedade, a dignidade do lavrador, do morador, do liberto — a formação do povo

que está ainda abaixo do nível dos partidos. Não considero o interêsse de nenhum partido, mas sòmente do povo que nada pode fazer por si porque ainda nem sequer balbucia a linguagem de seus direitos.

Eu sei que a minha atitude tem aí desagradado muito ao partidarismo. Mas o que queria êle que eu fizesse! O Dantas está no mesmo ponto de vista que eu. Ainda ontem êle me dizia: «O constrangimento que nós teríamos em derribar o João Alfredo com os escravocratas devia ter o Andrade Figueira para não sustentá-lo depois da abolição.» Eu sigo o meu caminho pela bússola que no deserto mostra o norte tão seguramente como se em tôrno de mim todos me estivessem dizendo onde êle estava.

E deixe-me dizer-lhe, meu caro amigo, você não está aqui, seu temperamento o terá feito muita vez explodir contra o ministério, você se terá sentido humilhado vendo o seu liberalismo suspeitado pela parte do partido que é orgânicamente conservadora e até reacionária, mas eu sinto que você me compreende e me aprova, ainda que você talvez estivesse procedendo de outro modo.

Isto me consola, mas confesso-lhe que a retirada do Antônio Carlos (1) da política tirou-me a vontade de também continuar nela. Um homem em geral não leva a efeito mais de uma idéia. Eu dediquei-me todo à abolição; feita ela, creio que estou autorizado a querer pelo menos refazer o meu cérebro que foi todo vazado naquele molde durante dez anos. A Federação deve ser você. Você pode levantar um novo partido — tão forte como foi o abolicionista. Eu o sustentarei, mas eu mesmo não me sinto com fôrças para êsse novo esfôrço, quero dizer, para pôr-me à frente dêle, e êle requer um homem. Falo do Norte. Levante-se, meu caro amigo, e comande!

Eu hoje estou fora dos partidos pessoais e dentro das idéias, às quais reconheci sempre circunferência bastante larga para abranger todos os homens de boa-vontade para servi-las, qualquer que fôsse o seu batismo político. Por isso não serei mais candidato. Estou em uma verdadeira evolução na qual os par-

---

(1) Antônio Carlos Ferreira da Silva, o braço direito de Nabuco em diversas eleições.

tidos me causam o efeito de sombras impalpáveis e o povo de uma imensa chaga aberta em nosso território infeliz. A abolição desatou muitos laços, submergiu muitas posições, transformou tudo e abalou todos. Estou certo porém que ela não fêz senão tornar-nos nós dois ainda mais unos do que éramos.

Mil saudades e minhas recomendações à dona Olegarinha que nestes meses pelo menos não terá tido ciúmes de mim. Contanto que ela não venha a tê-los do Ulisses! (1) Mas se vocês não se deixassem, era o caso de, mesmo fora da política, eu ir até o Recife divorciá-los.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao dr. Antônio José da Costa Ribeiro

Importante advogado no Recife, deputado por essa província, amigo e correligionário de Nabuco.

Rio, 17 de julho de 1888.

Meu caro e ilustre Amigo,

Desde que daí parti nada absolutamente tenho sabido da política do nosso grupo. Eu mesmo sustentei o João Alfredo com tôda a fôrça para êle ter o prestígio preciso (todos procedendo como eu, está claro) para impor a lei em dias ou horas. Ùltimamente porém o João Alfredo tem ido pedir informações ao Figueira, que o envolveu em um projeto de bancarrota nacional destinado a encampar a dívida perdida da escravidão, e eu fui forçado a atacar o ministério, com fôrça e a fundo. Ninguém entretanto se entende em política, o partido Liberal é uma multidão e não um exército, e assim não há sequer a vantagem em derribar o ministério, porquanto o sucessor poderia até ser o próprio Paulino. Eu acho-me portanto na mesma posição de *Independente* em que me coloquei no partido Liberal,

---

(1) Ulisses Viana, deputado liberal por Pernambuco.

e vejo que essa é a mesma que têm o Saraiva, o Dantas, o Gaspar e todos os outros.

O nexo entretanto do partido não pode ser outro senão a federação, e a êsse respeito eu desejara ver o movimento pronunciar-se grandemente aí, como em S. Paulo, em Minas e na Bahia.

Escreva-me o que pensar, porque estou há muito sem comunicação alguma com êsse pequeno grupo de amigos donde tiro tôda a minha fôrça e que não duvida da minha lealdade ao lar pernambucano.

Saudades e recomendações a cada um dos nossos.

Creia-me sempre

de V. Ex. Am.º M.º Obrº

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Rio, 17 de julho de 1888.

Meu caro Paranhos,

Rogo-lhe o obséquio de transmitir à sra. Viscondessa e de aceitar para si os meus mais profundos pêsames pelo passamento de sua infeliz irmã, de que sòmente ontem tive conhecimento casual. Infelizmente não leio quase senão a parte política dos jornais, tendo estado êstes dias na Tijuca donde desço para a Câmara passou-me a notícia do passamento. Ontem o Orozimbo descreveu-me a cena aflitiva da desolação da família e eu impressionei-me tanto mais quanto imaginava o que deve sofrer a sra. Viscondessa ao ter as notícias lutuosas que lhe hão de ser transmitidas.

Pode-se dizer que foi uma verdadeira mártir sua santa irmã, vítima de uma das mais terríveis tragédias da vida que se têm

dado em nossa sociedade (1). Eu me associo à sua profunda dor, meu pobre Amigo. O seu coração tem sido pôsto bem à prova, mas console-se pensando que você está sofrendo por seu pai e que êsse cálice lhe foi poupado a êle pelo menos.

Adeus e um apertado abraço de seu

Am.º dedicado

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Em 5 de julho de 1888 falecera a mais velha das irmãs de Rio Branco, Dona Maria Luiza da Silva Paranhos, cujo marido, José Bernardino da Silva, fôra adepto do espiritismo e morrera louco pouco antes de falecer ela.

1889

A Rodrigo Silva

Rodrigo Augusto da Silva, deputado e depois senador por São Paulo, foi ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do govêrno Cotegipe e ministro de Estrangeiros do govêrno João Alfredo, acumulando as duas pastas, depois, da retirada de Antônio Prado. Referendou a lei da Abolição.

68 Flamengo.
Janeiro 4.

Meu caro Rodrigo,

Você deve lembrar-se que uma e muitas vêzes lhe falei sôbre a promoção a Encarregado de Negócios do meu amigo Artur de Carvalho Moreira, nosso Secretário em Roma.

Você que sabe promover ràpidamente, como mostrou com o Corrêa de Araujo, as pessoas que distingue em nosso Corpo Diplomático, tome a si a carreira do C. M. Êle, com inteligência, educação, sagacidade e posição própria sua em tôda parte onde se acha, é o mais distinto dos nossos jovens diplomatas. Infelizmente êle não sabe pedir, nem « cercar » ministros ou diretores de secretaria, e o seu futuro portanto depende de haver um ministro que o conheça pessoalmente ou pelas informações de quem como eu sabe o que êle vale.

Eu desejaria muito ver o Artur entregue inteiramente à sua solicitude. Você faria dêle um amigo certo e leal e poderia contar tanto com a gratidão dêle como com a minha se o fizesse seguir nas águas do C. de A.

E o nosso Corrêa? Quando o manda você para Roma?

Eu não vou vê-lo porque é proverbial a dificuldade de encontrá-lo. Felicito-o porém por ter *ficado*.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, janeiro 6 de 1889.

Meu caro Barão,

Um feliz 1889 é o que sinceramente lhe desejo. Recebi sua carta em resposta à que lhe escrevi. O Dantas está em Friburgo, mas eu lhe comunicarei os trechos que a êle se referem.

O Corrêa, que está morando comigo, tem agora mais esperança de ir para Roma. Êle foi portador anteontem de uma carta que escrevi ao Rodrigo sôbre o Artur e o Rodrigo deu-lhe alguma animação de que iria com efeito para a Cidade Eterna. Eu não me esqueço do Artur, mas não valho muito. O Corrêa de Araujo está ministro residente e amanhã plenipotenciário por fôrça do seu parentesco com o Camaragibe que ainda depois de morto faz milagres. O Cesarino vive em casa de João Alfredo, o Guimarães Jr. tem por si a antiguidade e o nome literário, o Artur tem ainda contra si o Vieira Monteiro, protegido pela *coterie* de Paris. Como vê, é uma luta em que sucumbe o mais fraco. Eu tenho entretanto confiança no Rodrigo para que, dadas certas eventualidades, êle promova o Artur. Pode haver mais de uma vaga e êle até hoje tem mostrado certo espírito de independência e uma maneira tôda sua. Quem sabe se não lhe mandarei ainda alguma boa notícia?

O Rodrigues (1) foi para ali investido de tôda a confiança do Prado, tratar do resgate de Caminhos de ferro. O Jaceguai pretende seguir breve com dois contratos no bôlso avaliados em muitas centenas de contos.

Tenho visto o Justiniano Rodrigues que vai melhor, coitado!

Fui obrigado a sair do *País*, pelo seu republicanismo. O fato de ser êsse republicanismo um tanto intermitente não diminuía, antes aumentava a dificuldade de minha posição. Não sou hoje senão deputado, amanhã talvez nem isso seja. Estamos num tempo de muita incerteza para quem, sem ter uma conta corrente do banco, tem uma coisa que se chama convicção. Eu sou

---

(1) José Carlos Rodrigues. Antônio Prado era ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do ministério João Alfredo.

um monarquista convicto e recomeço com a monarquia a vida de sacrifício que tive com a abolição. Minha única esperança de descanso é perder um dia o fogo sagrado, e achar que já fiz bastante. Quando virá êsse dia?

Muitas saudades à Baronesa e Carlotinha a quem desejo um 89 cheio de tudo que elas mais desejem — à Baronesa a sorte grande de Espanha, à Carlotinha uma feliz colocação, depois da formatura, para o Artur José.

Tenho visto o Alfredo. Fala em ir para a Europa com o Mota, não o achei tão doente como o haviam pintado. Essas coisas não se vêem, é certo, mas a aparência é de quem tem ainda muita vida e só precisa descanso e moderação.

Pelos jornais verá que tivemos um combate republicano no dia 30. Não lhe posso dizer se a república saiu mais forte ou mais fraca. Ela não virá *mais* sem guerra civil. É exato que a república tem feito imenso progresso em pouco tempo por efeito da lei de 13 de Maio, mas a monarquia *começa a ter amigos* e os dois partidos terão, contra tôda a vontade, que se unir contra o inimigo comum. Eu vejo tudo isso com imenso pesar porque a agitação republicana me parece um retrocesso e um perigo para a liberdade e para a tolerância de que até hoje temos gozado.

Muitas saudades do seu
Sincero Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Estou pensando em ir neste intervalo de sessão passar dois meses no Norte. Não poderei porém ir até a Europa por falta de tempo e de *tudo mais.* Lá verei o Artur José.

Ao barão Monteiro de Barros

Júlio César Monteiro de Barros, barão Monteiro de Barros, importante agricultor no município de Cataguazes, Minas Gerais, havia sido colega de Nabuco na Faculdade de Direito de São Paulo.

68 Flamengo.
8 de janeiro.

Meu caro Monteiro,

Os teus cumprimentos vieram quando eu deixava o *Paiz.* Sempre a deixar alguma coisa! Nada me vem, tudo se vai! Mas fiz o que devia, estava deslocado numa redação que por ser de amigo ainda mais me vexaria atacar. E se eu não divergisse *alto* dela, ficaria com uma parte de responsabilidade pela sua ação republicana.

Muito te agradeço as tuas felicitações. Eu não desesperei ainda de poder dar-te um dia a prova de que penso sempre em ti.

Do teu

Velho Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Jari

João Batista Gonçalves Campos, barão e depois visconde de Jari, magistrado, ministro do Supremo Tribunal, era adepto sincero do abolicionismo. Antecipara a lei do Ventre Livre, libertando ao nascerem os filhos de suas escravas. Depois libertou espontâneamente seus escravos todos, que eram trinta, número considerável para um particular.

Praia do Flamengo 68.
Janeiro 18, 1889.

Ilmo. e Exmo. Sr. Barão de Jari,

Pela segunda vez acaba V Ex. de dar-me uma inestimável prova da sua consideração e eu peço-lhe que creia que nada me podia ser mais consolador.

A atitude assumida pelo redator do *Paiz* nos números de 1 e 2 dêste mês obrigou-me a deixar a fôlha que empreendia realizar a república dentro do ano que chamou cíclico de 1889.

Depois houve explicações para o público de que o jornal não era republicano, mas eu já estava de fora, e quando mesmo me fôsse possível pensar em voltar a êle, eu me negaria a dar êsse passo, porque, dentro de pouco tempo, em conflito constante de idéias com o meu amigo Quintino Bocaiuva, eu teria novamente que renunciar a minha colaboração no *Paiz*. Creia V. Ex. que, servidor leal das idéias que se impõem ao meu espírito como sendo de salvação pública, eu relutei muito e muito em sacrificar a imensa vantagem que à minha propaganda dava a grande circulação do *Paiz*. Infelizmente não vejo na constituição atual do nosso jornalismo meio de dispor eu tão cedo de uma tribuna ao mesmo tempo tão alta e tão livre como a que fui obrigado a deixar. A melhor propaganda porém para a monarquia é uma política larga e popular e eu tenho mêdo de que em falta desta nenhum espírito independente e patriótico se preste dentro de pouco a tentar nenhuma outra.

Agradecendo muito a V. Ex. a sua benevolência tenho a honra de ser

de V. Ex.

M.º respeitador e Ob.º Criado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Paquetá, 27 de abril 1889.

Meu caro Barão,

Tenho o maior prazer em comunicar-lhe que está efetuado o meu casamento (1) e que em Evelina a família Penedo tem uma amiga sincera e dedicada. Neste casamento reconheço a

---

(1) Em 23 de abril de 1889 casara-se Joaquim Nabuco com dona Evelina Torres Ribeiro, filha do barão de Inohan e de dona Carolina Rodrigues Torres. Era neta materna dos barões de Itambi.

mão da Providência e a certeza do provérbio que reserva para ela êsse importante departamento da vida.

Creia-me seu sempre

Am.º do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Buenos Aires, Dezembro 7 de 1889.

Meu caro Paranhos,

Estamos em república e você que conhece bem a história das Repúblicas sul-americanas pode avaliar a via crucis que temos agora que percorrer para recuperar a liberdade e perpetuar a união. A Federação teria ou não salvo a monarquia? Agora pode-se ver que sim. Preferiram porém os srs. Ouro Prêto e Cândido de Oliveira confiar na guarda nacional e nos empréstimos à lavoura.

Muitas saudades a todos os seus e creia, meu caro Paranhos, que é sempre com o maior desvanecimento de amigo que eu leio as honrosas referências constantemente feitas ao seu patriotismo pelo modo por que você emprega o seu admirável talento ao serviço do nosso Brasil. Leu você o artigo do Rui a seu respeito?

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Consta-me que o Rebouças acompanhou a Família Imperial. Se êle estiver na Europa quer você mandar-lhe essa carta e no caso contrário devolver-ma? Muito obrigado.

J. N.

1890

A Afonso Pena

Afonso Augusto Moreira Pena havia sido colega de Nabuco na Faculdade de Direito em São Paulo. Foram colegas de Câmara. Houve divergências políticas, mas nunca deixou de haver entre êles uma cordial amizade e recíproco respeito. Pena foi várias vêzes ministro do Império. Proclamada a República, embora não aderisse logo a ela, foi eleito senador à Assembléia Constituinte de Minas Gerais. Foi depois presidente de Minas Gerais, presidente do Banco do Brasil e finalmente presidente da República. Faleceu no terceiro ano de seu quadriênio, em 1909.

Paquetá, 24 de julho de 1890.

Meu caro Pena,

Acabo de ler com vivo interêsse a sua carta e estimo vê-lo compreender de modo tão nobre o seu papel no novo regime. Há, entretanto, ainda entre nós uma pequena discrepância que não existiria, estou certo, se eu fôsse mineiro. Não devemos mais pensar em monarquia, diz você. Não é preciso, ou melhor, é indiferente que pensemos ou não nela. A acumulação dos erros republicanos, a catástrofe financeira, o apagamento do senso moral, o abalo da unidade nacional, os conflitos da federação, a indisciplina do exército, a irresponsabilidade das ambições e a queda da civilização (em todos os seus elementos) com o aparecimento de fôrças novas estranhas e a que a miséria pública dará maior impulso, como o clericalismo, o fanatismo, o bairrismo, o militarismo, tudo isso junto produzirá, no fim de alguns anos, uma situação como a de 1840, e tudo o que hoje os mentecaptos políticos admiram fará horror ao país. A monarquia se reabilitará então moralmente pelo contraste, e a inteligência do país se abrirá para êste simples aforismo — que povos no período em que estamos não podem dar um passo na ordem e na liberdade sem neutralizar de qualquer forma a posição

suprema, por outra, que as rodas não caminharão sem um eixo forte. Nem a República Argentina, nem o Uruguai, teriam sofrido os governos que têm tido se tivessem uma tradição liberal de monarquia à qual recorrer no seu estado de desânimo. Os partidos conservadores no México, depois de lutar em vão contra a desordem revolucionária — ou antes « a anarquia espontânea » (Taine), tiveram afinal que pedir um príncipe da Europa que por ter ido na bagagem de um exército estrangeiro, e só por isso, naufragou.

Enfim, não digo que devemos fazer política monárquica, mas tôda política levará lá. A monarquia caiu no Brasil sem haver uma queixa contra ela dos próprios republicanos, tanto que a procuraram recompensar. Nenhum dos nossos males veio dela, mas da anarquia em que ela tinha caído como instituição, isto é, pelos partidos, não pela dinastia. A anarquia era geral, na escola como nos quartéis, no parlamento como no júri, na imprensa como na administração. Onde é que se viu curar a anarquia pela anarquia? pela república? Eu não chego até essa homeopatia. Concordo entretanto em tudo mais com você, e quem souber retrair-se saberá quando menos o que devera ser o mais a sua dignidade e em todo tempo poderá retificar a sua atitude se os acontecimentos forem mais benignos para nós do que merecemos.

Adeus, meu caro Amigo. Muitas felicitações pela sua honrosa recusa.

Há uma impaciência no Saraiva (1) que só servirá para trazer-lhe a decepção que o Luís Felipe acaba de ter em Pernambuco.

Os estadistas de cá deveriam lembrar-se um pouco de que há ainda banidos e deportados e de que se a atual ditadura podia ser mais *violenta* não poderia nunca ser mais arbitrária por mais que fizesse.

Do seu velho amigo e colega

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Saraiva aceitou sua designação para a Constituinte e foi eleito senador. Pouco depois resignou.

P. S. — Por não lhe ter expedido logo esta carta posso baseá-la na revolução argentina. Nas repúblicas sul-americanas nunca nenhum partido cairá senão pela guerra civil. As revoluções correspondem às nossas dissoluções de outrora. Eu francamente preferia viver sob um regime que dispensava de armar-se para disputar o poder a quem tinha essa fantasia. Leia no *Jornal do Commercio* o manifesto dos revolucionários e faça-lhe aplicações de *Santa Bárbara!*

Sempre o mesmo seu

J. NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Paquetá, 31 de julho de 1890.

Meu caro Amigo,

Muito lhe agradeço o seu confortante latim — era o caso de acrescentar ao *Le latin dans les mots brave l'honnêteté* alguma coisa que dissesse que nas repúblicas intolerantes êle abriga também a liberdade de linguagem. Também recebi pelo R. o seu *Cave canem* acêrca do agente secreto universal.

Aqui publicou-se a notícia de uma remoção geral (para a aposentadoria) do Corpo Diplomático e vi algumas substituições de cônsules. Não sei se o Quintino irá tão longe, nem mesmo se não irá mais longe. Ficaria o nosso Corrêa flutuando *in gurgite vasto,* único de sua espécie fóssil. E você? Não haverá um iconoclasta republicano que um dia queira deitar abaixo o seu grande nome? Eu não sei de nada... Temos hoje tal qual um El Supremo. Ser amigo dêle ou parente é a única recomendação segura, como ser seu desafeto é o único anátema que não se pode levantar. Exemplos do 1.º caso — o Lucena (nomeado agora sátrapa de Pernambuco) e um dr. José Felix, nomeado presidente da Intendência desta cidade, tendo resistido a duas mudanças totais de Intendência, permanente como o ditador. Converteram o 5

de agôsto em 2 de dezembro (1). Nunca o Imperador recebeu a adulação que fazem ao seu « sucessor ». É uma vergonha sem nome...

Quanto a eleições ninguém pensa nisso. Todos sabem que vai ser uma farsa e a representação será a de tôda peça que não foi ensaiada. Não restará dúvida. O serviço da Intendência e o das juntas será ingênuamente feito, não se esconderá a escamoteação e por isso ninguém irá às urnas senão para levar a chapa do govêrno. O partido republicano desapareceu e êles estão furiosos naturalmente, mas esperam ainda. Coitados! Perderam tôda a importância que tinham na monarquia, são suspeitos aos republicanos de 15 de Novembro que têm ciumes dêles e que dispõem absolutamente da situação. A reunião das Câmaras deixará ver em que abismos caímos e os que nos empurram — conosco. Entramos na série dos governos pessoais militares e daí virá a degradação do exército, a bancarrota pela ladroeira e pela especulação, como nas demais repúblicas do mesmo tipo, o govêrno nos « Estados » de verdadeiros caudilhos, cercados de uma *quadrilha* de analfabetos, e por fim o desmembramento, se o sentimento nacional não reagir à última hora. Combine o que lhe escrevo com o que escrevo ao Prado. Êsse espetáculo me nauseia e não tenho vontade de assistir a êle até o fim. Nada posso fazer aqui. Tudo o que eu diga parecerá eivado de prevenção monárquica, serei tido por um *laudator temporis acti* incorrigível, e nada mais. Por isso, meu caro Amigo, pensamos dar um passeio à Europa. Eu sempre disse que nunca seria *cidadão* de um país tipo do Estado Oriental de Venezuela, possuído por um homem — vejo porém que tenho tôdas as minhas raízes neste Brasil e por isso não tenho a liberdade de procurar outra pátria. Seria o caso porém, se eu não tivesse a esperança de que a febre nos veio numa idade da vida em que ainda podemos reagir e salvar-nos.

Mando-lhe esta por via de Londres. Não sabem que eu lhe escrevo. Eu vivo inteiramente isolado nesta ilha. Se partirmos, como contamos, em setembro será para mim um grande prazer vê-lo de quando em quando. Meu bom amigo! Para que traba-

(1) Aniversários, respectivamente, de Floriano Peixoto (5 de agôsto), para o qual se preparavam já os festejos, e Pedro II (2 de dezembro).

lharam nossos pais! Se êles pudessem ver e estar presentes ao 5 de agôsto!

Muitas recomendações aos seus — e até breve.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Paquetá, 22 de agôsto de 1890.

Meu caro Barão,

Depois que lhe escrevi chegaram-me as mais desoladoras notícias da saúde do Artur e eu os estou acompanhando nessa nova provação como bem pode avaliar!

Resolvemos partir para Londres no *Clyde*, que sai a 8 de setembro. Vou ver se me estabeleço como advogado. Meti-me em negócios no Rio da Prata e estou prêso na ratoeira argentina (1) até pelo menos o papel valer alguma coisa. É preciso uma receita suplementar para viver e essa me recuso formalmente a procurá-la, posso mesmo dizer *a aceitá-la,* aqui. Já vê que não trato de coisas do govêrno nem políticas porque nessas conhece o meu *ne varietur,* falo mesmo de negócios, que todos aqui têm mais ou menos um quê. Veremos em Londres.

Estou por outro lado, e é o pior, precisando tratar de minha saúde, que não é florescente, e ainda que Londres não seja para isso o lugar na Europa ouvirei os melhores médicos e seguirei um regime. Não posso dizer que me sinto tão mal como me viu em 1883 e 1884, a certos respeitos mesmo minha saúde é melhor, mas sou incapaz de trabalho aturado e pelo lado da inervação não estou mais forte.

---

(1) Entusiasmados com a prosperidade que observaram na Argentina durante sua viagem de lua de mel e para aproveitar a alta sem precedentes do câmbio brasileiro, Joaquim Nabuco e sua espôsa transferiram para títulos da dívida pública argentina todos os bens do casal. Meses depois o govêrno argentino declarava-se insolvente, pagando 10% do valor das apólices.

Eu tenho idéia que em Londres desta vez dar-me-ei melhor. Não penso porém senão no pobre Artur e para mim esta viagem é muito triste por partir sob a impressão de que êle está ameaçado de perder a vista.

Evelina tem a maior ansiedade de conhecer a Baronesa. Nós levamos em nossa companhia Sinhazinha (1) e as duas filhas mais velhas de Gouvêa, que vão estudar ou completar sua educação na Inglaterra.

De Londres lhe escreverei logo e como vou procurar o Burton ao chegar pode escrever por êle.

O Artur leu-me o tópico sôbre a aposentadoria que depois do decreto reabilitando o Calado é ponto vencido em direito republicano mesmo. Eu acho porém que é melhor esperar. Eu pelo menos não segurava esta ordem de coisas por nenhum dinheiro.

Nossas saudades à Baronesa.

Do seu sempre

JOAQUIM NABUCO.

A Sancho de Barros Pimentel

Rio, 7 de set. 1890.

Meu caro Barros,

Dispõe em Londres do teu velho companheiro do Recife — que infelizmente nunca se deliciará mais com aquelas belas cartas de que fêz coleção.

Do teu

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Sua irmã, Maria Nabuco.

Ao barão de Penedo

Rawling's Hotel
Jermyn Street. (Londres).
Set., 29, 1890.

Meu caro Barão,

Sua carta, pelo nosso amigo Burton, deu-me imenso prazer como devia esperar, sobretudo pelo que me conta do Artur. Não sabe que pêso me tirou do coração.

Hoje tivemos no *Times* a notícia da demissão do grande Benjamin Constant. Se êle saiu zangado, é uma novidade de alta importância.

Hoje estêve comigo o Youle e está muito animado esperando conseguir a nomeação do Artur José. Convidou-me para ir com êle a Mr. Fuller apoiá-lo com os meus argumentos. Vamos ver o que consegue a embaixada.

Nossos cumprimentos à Baronesa — terei grande satisfação no dia em que poder apresentar-lhe minha mulher.

Dê-me sempre notícias suas e disponha do

Amigo sincero

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

22 Park Street,
Park Lane, W. Londres.
Out. 26, 1890.

Meu caro Barão,

Já estamos na nossa nova casinha de Park Street. Como estou aqui para ver se trabalho, vou resignar-me a ter um triste inverno em Londres.

Escrevo para dar notícias recebidas. O Patrocínio e o *Silva Jardim* embarcaram para a Europa (já devem estar em Lisboa)

furiosos com a República. Parece que o Deodoro e o Benjamin romperam em conselho atirando o B. com a pasta na mesa e tendo o D. uma forte vertigem. Dizem que o estado de saúde dêste é muito precário. O exército está dividido em quatro partidos: o do D., o do Floriano, o do Benjamim e o do famigerado Solon.

O esplêndido porém é que na convocação das Constituintes dos Estados para aprovarem as Constituições que forem decretadas — as eleições a mesma fraude — o decreto anuncia que o Congresso apenas reunido será adiado até essas Constituintes terem completado a sua obra nos Estados. Êles não querem ouvir falar de Câmaras. Consta que o Lucena formará gabinete depois de eleito Deodoro. No meio de tudo isto cinqüenta mil companhias — tôdas com o mesmo dinheiro, o papel do grande Rui. No Sindicato que comprou o *Jornal do Commercio* com o José Carlos Rodrigues figura gente de todos os credos segundo consta ao *Paiz*: Eduardo Wilson, Barão de Oliveira Castro (homem do Mayrinck), Duvivier & Co. (Wagner), Silva Costa, Rodrigues, Manoel Artur, São Joaquim e outros. Ficará o *Jornal* na mesma *Habent sua fata libelli.*

Nossos cumprimentos à Baronesa.

Muitas saudades do seu

Velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

1891

Ao barão do Rio Branco

Rawling's Hotel.
Sábado.

Meu caro Paranhos,

Rasgada e lida a sua excelente carta última

Realmente o R. (1) não tem mais relações — sem ter havido ruptura formal — com o Rui.

Escrevi ao Prado que ainda não me respondeu. Não sei por onde êle anda. Estou muito curioso de ver as novas publicações. Vou também fazer a minha como você aconselha, mesmo porque a carta saiu cheia de erros e mal paragrafada.

Quando estará você em Paris? Escrevo-lhe para lá a esperá-lo se se demorar. Eu sinto-me no ar, sem saber o que fazer, sem interêsse por nada, como quem perdesse todo o capital que acumulou. Que vamos fazer nós todos que não nos reconciliamos? A mim não podia acontecer nada pior do que essa paralisia do entusiasmo com que eu estava trabalhando pelo nosso pobre país. Que é que se pode hoje fazer a bem dêle? Que é que pode produzir efeito e não parecer o escárnio impotente dos subjugados, que talvez até seja um dos gozos das ditaduras sujas que vamos tendo? Enfim! Adeus.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

A Rodolfo Dantas

Londres, 8 de janeiro de 1891.

Meu caro Rodolfo,

Antes de tudo muito boas-festas, que a sua brilhante estrêla continue a não ter uma só intermitência no ano novo. Você,

---

(1) Rodolfo Dantas.

porém, já está bem recomendado à sua fada-madrinha e não precisa de meus votos.

Recebi a sua carta e felicito-o por você querer sair do seu retiro para tomar parte na vida pública (1). Você seguramente está em condições excepcionais para prestar ao país o serviço de dar-lhe uma verdadeira imprensa. O meu receio é que você faça música clássica e se mova, entre tôdas as patotas que pululam no caminho da imprensa, como um habitante de Júpiter.

Eu sempre desejei também ter um jornal. Com a minha alma de missionário êle teria sido uma decepção para mim; com muito trabalho eu talvez desse algum prazer aos meus amigos que me lessem. Consolo-me de o não poder ter, pensando que você terá a decepção por mim e eu o prazer por você. Veja se sou egoísta! É isto próprio dos bons amigos.

É muito amável tudo o que você me diz, a sua reminiscência de nossa convivência e a sua oferta de ajudá-lo de Londres. Aceito francamente o seu convite, mas sob uma inteligência que eu escreverei o que puder e donde puder. A retribuição que me oferece será *very welcome* para a minha pequena bôlsa.

Estamos indecisos se ficaremos em Londres ou se vamos para algum lugar do Continente. Isto dependerá em grande parte de achar eu o que fazer em Londres bastante para contrabalançar o custo da única vida que é agradável levar aqui. A não ser essa, a vida do menor pedaço de aldeia com luz e sol seria preferível.

Você sabe que o *Jornal do Commercio* quase me matou e eu não quero que você tenha o remorso de ter acabado de matar-me sem o saber. Eu escrevia muito no *Paiz* e, apesar da retribuição ser o mesmo ordenado daquele, eu não sentia o pêso do *Paiz* quase nada, porque tinha a livre escolha do assunto e da ocasião e a liberdade de mover-me. Para o seu jornal a começar dos primeiros dias de março eu escreverei regularmente e *con amore* porque, além da consciência com que servi ao *Jornal* e ao *Paiz,* tenho neste caso mais a afeição que nos liga e que me liga também a seu ilustre pai, e à redação que você me

---

(1) Rodolfo Dantas anunciava-lhe a fundação de um jornal que seria o *Jornal do Brasil.*

cita (1). Não me forçarei porém para escrever sôbre motivos que eu não possa assinar. Escreverei uma correspondência pessoal (em política bem entendido) que tanto poderá ser datada de Londres num dia como de Roma ou de Jerusalém no outro. Tenho mesmo mêdo, à procura do assunto, de fazer sòzinho a visita ao Partenon e Tebas, e até ao Japão que devia fazer com D. Alice (2). *Je ferai de mon mieux* para que você não ache o meu o lado fraco do seu jornal; vou porém dizer-lhe, a importância de um correspondente em Londres é de tal ordem, para um jornal que se funda com amplos recursos e ambicioso de ser o *leading journal* para os interêsses permanentes do país, que uma correspondência de Londres de primeira classe bastaria para dar reputação e autoridade à nossa imprensa naquelas condições. Como eu entendo porém a correspondência de Londres não é o que eu fazia para o *Jornal do Commercio*. A política inglêsa perdeu o interêsse que tinha para o parlamentarismo monárquico que a imitava e seguia, e quanto às singularidades inglêsas sempre tão curiosas para o estrangeiro inteligente quase não se pode escrever nada daqui verdadeiramente ao alcance da nossa massa de leitores.

A êsse respeito aí com um bom tradutor (eu lhe aconselho que faça o seu jornal forte em tradutores, um tradutor capaz vale dez escritores sem idéias ou fantasistas de imitação) você faria maravilhas. A importância excepcional da correspondência de Londres está na finança e no movimento político universal, que se reflete diàriamente em Londres, o primeiro centro telegráfico do mundo.

Por circunstâncias diversas os anos que começam agora para o Brasil são exatamente aquêles em que começa também a dúvida e a ansiedade dêste mercado pela nossa marcha e, pelo nosso lado, a maior necessidade de recorrer a êle e de saber o que êle pensa de nós e de que modo nos acolherá. São anos mais ou menos análogos aos últimos da República Argentina, e o jornal no Brasil que tiver melhor em mão o pulso da *City* estará

---

(1) A redação do *Jornal do Brasil* era composta de Rodolfo Dantas, Sancho de Barros Pimentel, Gusmão Lôbo, Ulisses Viana e Nabuco.

(2) Dona Alice Clemente Pinto Dantas, espôsa de Rodolfo Dantas.

em posição superior a qualquer outro. Uma correspondência de Londres assim, tanto telegráfica como desenvolvida em cartas, seria a meu ver um dos maiores serviços que a imprensa do Rio podia prestar ao comércio, aos bancos, aos estrangeiros, aos particulares interessados na marcha do crédito e dos acontecimentos que a afetam. Eu sinto-me capaz de planejar uma tal correspondência e certo de que ela seria uma feição única em todo o nosso jornalismo. Estou porém indeciso como lhe disse a respeito da nossa demora aqui e semelhante tarefa eu só a empreenderia se tivesse alguma expectativa de desenvolvê-la em um modo completo de vida, porque imporia muitas sérias obrigações de tempo, atenção e trabalho. Seria uma tarefa ingente, no princípio pelo menos, e envolveria despesas pessoais até de representação. Essas coisas só as pode fazer o *Times*. De minha parte seria preciso fazer dessa ocupação única um *verdadeiro casamento,* imagem que a você expressará bem a dedicação, absorção e exclusivismo da vida que eu teria de levar. Estou porém convencido que semelhante serviço daria logo a um jornal discretamente conduzido no interior uma posição excepcional no comércio

A propósito da crise argentina quanta notícia falsa se tem publicado aí e em Buenos Aires! Não li uma notícia exata, precisa, completa, as únicas sôbre as quais se pode fazer negócio. Admira-me que J. C. R. (1) não tenha montado êsse serviço, ainda que talvez o Eduardo Prado faça de Paris o possível para melhorar a correspondência do *Jornal.* A razão é talvez que os compradores do *Jornal* empataram imenso capital na compra e não precisarão de fazer melhoramentos nem de dar-lhe feição nova para manter a sua posição à frente da imprensa.

Havia um meio prático imagino eu (e lhe comunico muito confidencialmente esta idéia porque talvez eu ainda precise levá-la por diante) de um grande jornal ter êsse serviço de Londres como o acabo de descrever sem grandes sacrifícios e seria entrarem em combinação com êle para pagar o serviço dois ou três estabelecimentos interessados no movimento monetário, bancário e comercial dêste mercado e das outras praças ligadas com êle tão intimamente como com as próprias cidades

(1) Uma sociedade organizada e presidida por José Carlos Rodrigues havia adquirido pouco antes o *Jornal do Commercio.*

onde funcionam. Nesse caso se eu merecesse confiança estaria pronto a pôr-me às ordens das combinações. Acabo de escrever-lhe, meu caro Rodolfo, com inteira franqueza. Chegou o momento do descrédito na Europa das finanças de tôdas essas repúblicas e o Brasil não tem mais nada que o diferencie dessas pátrias de anarquia. Acompanhar em Londres a pulsação do crédito brasileiro e, por simpatia, a do descrédito dos nossos vizinhos, não seria só por si uma distração, mas se eu fôsse colocado por acaso em tal posição de responsabilidade procuraria compensar-me da sua monotonia *vivendo*. Estamos entendidos que eu desde março (primeiro vapor) lhe mandarei uma carta. Até lá espero ter outros detalhes sôbre o seu jornal. O meu enderêço telegráfico é simplesmente Nabuco — Londres. Escreva para Frederick Youle — Merchant Banking Co. ou Legação.

Recomende-me muito a dona Alice. Eu não sei se ela vê com prazer você adotar um gênero de vida noturno e uma carreira que o novo Imperador alemão excluiu severamente da côrte sem exceção alguma. Eu desconfio que seus artigos serão escritos de manhã sôbre os fatos da véspera porque você não terá a liberdade de ir passar a noite na rua do Ouvidor. E aí quem sabe! Recomende-me também a seu pai. Como êle deve estar olhando para tudo isso! Não sei se êle ainda conserva a mesma esperança no futuro. Breve lhe mandarei uma coisa que acabo de escrever... no entanto a não curvar a cabeça a êsses déspotas presentes e futuros o que resta ao brasileiro? Morrer de nostalgia? Aqui nos falta a pátria, lá nos falta a liberdade, *comment faire?*

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao Imperador Dom Pedro II

Joaquim Nabuco, cuja posição política até o 13 de Maio fôra sempre de oposição e que, em dado momento, atacou fortemente o Imperador, atenuou certa vez ataques escrevendo, no folheto O Êrro do Imperador *(1886): «Quem escreve estas linhas não é partidário nem desafeto pessoal do Imperador, muito pelo contrário». No exemplar lido por dom Pedro, Sua*

Majestade escreveu à margem: « Creio nisto. Sempre tive simpatia por Nabuco ».

Londres, 9 de fevereiro de 1891.

Senhor,

Vossa Majestade fez-me imensa honra e causou-me indizível emoção com a sua carta. Essas são as honras que aprendi com meu Pai a apreciar mais que tôdas.

Todos os meus, por quem V. M. tão graciosamente pergunta, estão bons. Meu cunhado, o dr. Hilário de Gouvêa, comunica-me a remessa de um volume para V. M. Minha mulher, muito grata a V. M., pede-me que lhe beije respeitosamente a mão.

Todos nós fazemos votos para que o exílio de V M. não se prolongue até o completo esgotamento do país que não tarda.

A linguagem dos jornais mostra que o descontentamento cresce sem parar, na razão da corrupção republicana. O Brasil, ou melhor, o Rio de Janeiro, está como a Califórnia, quando se descobriu o ouro, ou a África Austral com a descoberta dos diamantes. É uma grande feira a que afluem os aventureiros do mundo inteiro para enriquecer de repente. Não me consta, porém, que se tivesse descoberto lá nem ouro nem diamantes, mas sòmente papel. Assim como a Monarquia, por ser um govêrno nacional, honesto e responsável, não servia para a época de especulação desenfreada que atravessamos, os aventureiros precisando de um govêrno também aventureiro, assim também a República não servirá (como se está vendo no Rio da Prata) para a época da reparação.

V. M. terá visto a mudança que teve lugar no pessoal governante, verdadeira reação contra os homens de 15 de Novembro e comêço da dissolução *republicana,* a meu ver.

Depois dos revolucionários estão agora no poder os *aderentes.* É provável que depois dêstes venham outros grupos experimentar *in anima vili* o seu sistema.

O Brasil sob a República figura-se-me um doente grave passando das mãos do alopata para as do homeopata, dêste para o curandeiro, dêste para o espiritista, — e depois? Os médicos

estimariam ser todos chamados individualmente; o doente porém contenta-se com experimentar um de cada escola e assim vai mudando ràpidamente de sistema, e em breve os terá experimentado a todos. Nesse dia lhe ocorrerá a idéia de mudar de ares, de fugir à ação do impaludismo republicano geral na América Latina e voltar à terra natal, como o filho pródigo, a respirar a atmosfera benigna de sua infância, no horizonte que o viu crescer, cercado de tudo que o prendia à vida. Preserve Deus, para a conclusão de tão amarga, porém tão útil experiência, a preciosa vida de V. M. e dos Seus.

Dê sempre V. M. as suas ordens a quem tem a honra de subscrever-se com a veneração de um verdadeiro brasileiro,

Senhor,

de V. M. I.

o mais obediente servo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Consulado do Brasil Liverpool

Março 4, 1891.

Meu caro Paranhos,

Eu vou escrever pelo vapor de 12 que ao mais tardar chegará no Rio a 31 de março. É um vapor dos novos que são muito rápidos. A véspera é mais do que tempo para um jornal. Também estou à espera da carta do Rodolfo anunciada a você. Tal seja ela que eu escreva antes.

Tenho mêdo que o artigo do Eduardo venha a cair tarde sôbre o Rui. Estamos muito longe. Entre receber as notícias, escrever e publicar, lá se vão uns três meses pelo menos. Êle porém deve estar com uns atrasados de seis. É um mundo! As enormidades, os escândalos, são tantos que, deixando-os acumu-

lar assim, não se lhes pode dar vasão. Eu tenho pena da família imperial. Ela vê a sua causa defendida apenas por três ou quatro pessoas que nada tinham com ela e da parte de quem essa atitude até surpreende a muitos, como o Eduardo, o Rebouças, o Laet, o Diogo de Vasconcelos. Do lado dela nem *uma* só voz, nem mesmo os representantes de interêsse dinástico parecem mover-se dentro de casa sequer. Por que não há um jornal, uma fôlha, um papel *monárquico* no Brasil ou fora do Brasil? Enfim — gastamos nossa vida, nossos pais trabalharam enganados, estamos ameaçados de ficar sem pátria, e os ladrões a saquear o pobre país que decapitaram. É fantástico. Você adoeceu, eu compreendo isso, porque eu mesmo desde 15 de Novembro não sei se *vivo* — é um estado transitório, eu creio, entre a vida e a morte.

Do seu do C.

J. N.

Ao barão de Penedo

16 Cheyne Gardens, S. W.
Londres, 7 de março de 1891.

Meu caro Barão,

Por uma carta do Rodolfo vejo que o Artur entrou para o novo jornal. Êle também convidou-me e eu aceitei. Não há *small profits*. Posso escrever donde quiser e o que quiser e não estou obrigado à correspondência de Londres, para a qual não teria mesmo gôsto.

Pelos jornais recebidos vejo que aboliram os títulos e condecorações. Extinguiram as ordens, mesmo as militares. Proibiram o anonimato na imprensa. Etc. etc. Fortes doidos! Não sei ainda explicar a eleição do Deodoro por tão pequena maioria, nem sei se o Floriano foi o candidato oficial. Em todo caso as Alagoas estão na *ponta* — com os dois chefes do Estado, o de hoje e o de amanhã. O tratado de comércio com os Estados Unidos en-

contra a maior oposição e já se diz que vai ser suspenso (1). O Salvador *s'est joué* de tôda aquela súcia de ignorantes como um verdadeiro ianque.

Nossos respeitos e saudades à Baronesa.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

A Domício da Gama

Domício da Gama, diplomata de carreira, e dos mais respeitados, foi secretário por muitos anos do barão do Rio Branco, acompanhando-o nas suas missões e no Itamarati. Foi o segundo embaixador do Brasil, sucessor de Nabuco em Washington em 1911. *Foi ministro das Relações Exteriores em* 1918-1919.

16, Cheyne Gardens,
London, S. W.
Abril 18, 1891.

Meu caro amigo Sr. Domício da Gama,

Muito obrigado pelo seu livro e autógrafo. Há espalhada por êle tanta teoria e tanta notação de idéia que vou sorvê-lo de vagar mesmo para gozar mais tempo de sua companhia. Ao contrário da nossa natureza que é a melhor das pinturas para o colorista que sabe trabalhar no verde, os nossos costumes, a nossa psicologia local, desde o nome próprio, são um embaraço quase invencível para quem quer bordar em tela caracterìsticamente brasileira. O contraste aparece muito visível entre a cultura complicada do escritor e a simplicidade do costume nacional

(1) O acôrdo aduaneiro, concluído em 31 de janeiro de 1891, entre o secretário de Estado norte-americano James Blaine e o ministro do Brasil nos Estados Unidos, Salvador de Mendonça, foi denunciado pelo Brasil em nota de 22 de setembro de 1894, e cessou de vigorar em 1.º de janeiro de 1895.

impenetrável. É verdade que muita inovação não seria um progresso.

Não preciso dizer-lhe o alto aprêço em que tenho o artista e a sua ferramenta. Creia-me seu com muita simpatia.

Amigo e patrício

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

16 Cheyne Gardens,
London, S. W.
11 de maio, 1891.

Meu caro Paranhos,

Ontem nasceu nesta casa mais um amigo dos Rio Brancos, um seu futuro discípulo e súdito. Por isso não tenho ido ver o Dantas (Hotel Previtali, Arundell Street, Leicester Square) com quem estive anteontem. Êle pouco se demora aqui e você o verá freqüentemente em Paris.

E sua passagem por Londres?

Mande-me notícias suas que há muito não tenho e que fazem parte do meu pão nosso quotidiano.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Aí vai uma história que fiz imprimir para o dia 13 (1). Vou remeter-lhe amanhã uns exemplares.

---

(1) Uma saudação redigida por êle para ser apresentada por um grupo de brasileiros à Princesa Isabel no terceiro aniversário da libertação dos escravos. Não vinha assinada.

Ao barão de Penedo

Maio 11, 1891. Londres.

Meu caro Barão.

Acabo de receber sua carta que me deu o prazer aderente à sua escrita e muito lhe agradeço. Queira saber que nasceu ontem nesta sua casa um seu criado, nosso filho, a quem entre outras minhas poucas, mas caras, fortunas, pretendo passar à amizade que lhes tenho. Conte para a sua velhice, *lontano, lontano, lontano,* com êsse ouvinte sequioso e se Deus quiser copista novel.

As suas pinturas do Mediterrâneo encantam-me e pondo diante dêsse mar azul uma mesa de trabalho, em que eu escreva alguma coisa que lhe agrade, veja que poderosa atração. Estou insensìvelmente obedecendo a ela e quando as meninas (1) partirem para o Brasil ficaremos mais leves para sermos melhor atraídos para alguma bucólica casinha aí com rosas e praia como a nossa de Paquetá. É, porém, antes possível que eu (sòzinho) tenha que ir breve ao Brasil levar as meninas. Para êsse caso ponho-me às suas ordens se ainda tiver ali algum negócio que deslindar. Dizem-me que o Cabo Frio (2) não é o trunfo que era com o Quintino (3). Êste govêrno apesar de tudo é mais decente que o do Rui (& Cia.). Ouvi que o Deodoro estêve a ponto de mandar o Rui para Fernando Noronha! (4) Aqui estão Gaspar e Dantas. O Dantas trouxe a família. Disse-me que o Artur José está empregado no *Jornal do Brasil* e Carlotinha satisfeita. Alugou a casa de Petrópolis ao S. Clemente e agora ao Rodolfo e sôbre a Quitandinha trata de fazer um bom negócio. « Por ser mulher, disse-lhe ela, pensam que hão de lograr-me, mas deixe estar que não me logram. »

---

(1) Suas sobrinhas, Ignácia e Ana Nabuco de Gouvêa.

(2) O visconde de Cabo Frio foi Secretário Geral por muitos anos do ministério das Relações Exteriores, e sob várias administrações gozou, pela sua autoridade e competência, de um prestígio igual ao dos ministros.

(3) Quintino Bocaiuva fôra substituído na pasta das Relações Exteriores por Justo Leite Chermont.

(4) O que parece ter constado realmente, no momento da mudança de govêrno, foi que Rui Barbosa iria preso para o Forte São Marcelo.

Muito senti a morte do José Justiniano Rodrigues. Foi um bom amigo *seu,* da espécie rara que os antigos tiveram a fortuna de conhecer.

De política brasileira nada senão que tudo aquilo é uma anarquia degradante à qual os homens políticos do antigo regime que se têm associado não levam nenhum prestígio, perdendo apenas o que tinham. Do Rio me escrevem caracterìsticamente que com a partida do Imperador desapareceu o freio moral que continha os nossos homens e que por isso êles atiraram-se vergonhosamente na especulação a mais desmoralizadora entrando para companhias fraudulentamente formadas e sustentadas na praça, tudo que em outros países leva os *promoters,* diretores etc. à cadeia. Agora êsse negócio com a paralisação da Bôlsa cessou de ser bom, a utilidade industrial do medalhão acabou ou interrompeu-se e êles estão acenando ao Lucena para que os apresente ao compadre, esperando o recado dêste. O povo continua monárquico — cada vez mais convencido de que tudo mais é uma orgia governamental — mas não se mexe por sua natureza paraguaia de sofredor inesgotável. Quem sabe, porém, de um momento para outro! O bom é que a república é uma idéia hoje gasta e desacreditada. Não será o Floriano que a reabilitará.

Muitas saudades, meu caro e bom Amigo, ponha-me aos pés da Baronesa, aceitem os cumprimentos da « invalid » e creia-me sempre o mesmo seu

J. NABUCO.

Ao barão de Penedo

16 Cheyne Gardens,
23 de junho 1891.

Meu caro Barão,

Acabo de receber suas epístolas. Sôbre o muito que elas me inspiraram conversaremos ainda em Paris, se realmente vem a 27. Eu só parto a 2 de Southampton. Confesso que não contava

com essa milagrosa oportunidade de vê-lo e a Baronesa antes de minha partida e de apresentar a ela a minha mulher. Nós devemos estar em Paris mais ou menos ao mesmo tempo. É uma grande notícia diante da qual tudo mais empalidece.

Muitas saudades do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Rio, 9 de setembro de 1891.

Meu querido Paranhos,

O Prado é carta viva, mas eu quero aproveitar a partida dêle para dar-lhe notícias nossas que se resumem numa palavra — sem novidade. Espero que seja o mesmo caso com você e os seus.

O *Jornal do Brasil* vai muito bem, e tem certa influência, ainda que eu atribua a simpatia que êle está encontrando às tendências *sebastianistas* que lhe atribuem. O Rodolfo está muito contente com a sua fundação que promete ser um bom negócio.

Nós talvez voltemos para o mês e talvez eu tenha que ir ainda a Buenos Aires.

De política, meu caro, não há que dizer. Uns são pessimistas, outros otimistas (falo dos *nossos*), mas é preciso dar tempo ao tempo, não querer que tudo se revele num dia e saber esperar. Eu acredito firmemente que *tudo* está crescendo no sentido das nossas esperanças e que o próprio ceticismo dos que aceitam tudo e só acreditam na possibilidade do que está, trabalha sem o saber em nosso favor. Atualmente a República está sem oposição — mas a verdade também é que ainda o povo não aceitou e que, apesar do sentimento nacional achar-se tão debilitado que nem pode expressar-se, não se deve considerar fundado, sòmente porque ninguém o combate, um regime a que o país se mantém estranho e considera estrangeiro. Os impacientes porém desani-

mam logo e o meio em que vivemos, ainda que muito menos do que o ano passado, é muito desanimador para os impacientes. Eu porém não estou nada abalado, porém pelo contrário muito restaurado, na minha esperança da primeira hora, para não dizer da véspera.

Adeus, meu caro. Por prudência envio-lhe esta carta pelo Banco. Muitas saudades aos seus e ao nosso simpático amigo Domício da Gama.

Do seu todo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Rio, outubro 18, 1891.

Meu caro Paranhos,

Recebi pelo Pinheiro Guimarães sua carta. Você foi objeto, com outros, de umas futilidades no Congresso, a que eu no *Jornal do Brasil* dei uma pequena resposta que vai inclusa.

Nós contamos voltar breve e assim eu mesmo serei portador de notícias. Estamos porém sôbre um vulcão de lama, que às vêzes são dos mais perigosos. A República está inteiramente desacreditada, pronta para cair de podre com satisfação geral. Com ela é duvidoso que o câmbio possa melhorar. A morte do Deodoro atirará os batalhões uns sôbre os outros, havendo mesmo mêdo de saque. Há dias era tido por certo um pronunciamento para estabelecer um triunvirato Quintino, Wandenkolk, Almeida Barreto. O Saraiva, como você viu, renunciou o mandato. Em suma pode acontecer de um instante para outro... o fim da República, sem ter havido essa intenção de ninguém. A situação financeira, o câmbio a 14, a carestia dos gêneros, a crise da praça, a doença do Deodoro, a desmoralização do Congresso, a propaganda separatista — tudo junto faz um belo horizonte.

Adeus, meu caro e até breve. Não sei se partiremos pelo *Clyde*, mais provàvelmente iremos pelo *Madalena*.

Muitas saudades de Evelina e de todos.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

Escrevo nestes mesmos têrmos ao Penedo por isso você não precisa mandar-lhe a carta.

J. N.

A Anibal Falcão

Anibal Falcão, abolicionista e republicano, foi em Pernambuco um dos elementos mais entusiastas nas eleições de Nabuco, um líder da ala moça dos estudantes na campanha abolicionista, ali chefiada por José Mariano e Joaquim Nabuco. Foi quem taquigrafou os discursos de Nabuco na propaganda eleitoral de 1884 em Recife e depois lhes escreveu o prefácio quando foram reunidos no volume Campanha Abolicionista no Recife. *Falcão foi secretário do govêrno provisório de Demétrio Ribeiro e deputado da Constituinte.*

12, rua de Olinda, Botafogo, têrça-feira.

Meu caro Anibal,

Devolvo-lhe a carta do nosso amigo. Já lhe respondi que se quisesse entrar novamente em política, primeiro assentaria praça, (é um pouco tarde, não lhe parece?) por estar certo de que o melhor govêrno que a república pudesse dar ao país seria incapaz de receber direção que não partisse dos próprios quartéis. Vocês republicanos substituíram a monarquia pelo milita-

rismo sabendo o que faziam, e estão convencidos que a mudanç
foi um bem. Eu, que sabia também que ela não tinha outro subs
tituto, pensei sempre que seria mais fácil embarcar uma famíli
do que licenciar um exército.

Como sempre todo seu

Amigo Velho

J. NABUCO.

1892

Ao barão do Rio Branco

Consulado do Brasil Liverpool

Lisboa, Hotel Braganza.
Janeiro, 17.

Meu caro Paranhos,

Há três dias escrevi-lhe, apressadamente, prometendo fazê-lo depois com mais vagar. O dia está triste, vamos pois à prosa. Que notícias tem você aí do Brasil? É a primeira pergunta que lhe faço ao chegar de lá. Muito me admira com efeito não ter ainda lido que rebentou nova revolução e que o Floriano (1) está em guerra com o general D. ou o almirante F. Quando saímos do Rio só se falava em desforra dos elementos lucenistas. Também não sei se o Congresso ainda está reunido ou se já debandou.

Nós viemos de lá um tanto forçados. Com o estado do câmbio e o rigor do inverno dêste lado teríamos querido ficar mais uns meses no Brasil. Infelizmente o país não é habitável nesta quadra de terror, de clubes tiradentes e de juramentos secretos. Não há garantia alguma para os homens que êles julgam capazes de fazer mal à República. Os jacobinos estão dentro da polícia e em aliança íntima com a tropa. Os manifestantes que davam *morras* diante do *Jornal do Brasil* e do *Brasil* eram em parte soldados à paisana a quem distribuíram, como no caso da *Tribuna* e de Apulco de Castro, êsse papel. No Recife não morreram menos de 156 pessoas no último conflito e no Rio diz-se que têm sido fuzilados muitos marinheiros nacionais. A época é de perfeita *anarquia,* e os mais ousados são os que mais conseguem. O govêrno não faz senão satisfazê-los, ou pelo menos não descontentá-los.

---

(1) Em 23 de maio de 1891, o Marechal Floriano Peixoto assumira a presidência, afastando o Marechal Deodoro da Fonseca e dissolvendo pouco depois o Congresso.

Se o *Jornal do Brasil* continuasse na antiga atitude teriam já a esta hora destruído as máquinas e sacrificado as vidas dos empregados que se achassem no meio do conflito. A verdade é que a República não tolera nenhum grau de liberdade de opinião. Ela sabe que tem todo o mundo contra si e não tem coragem de afrontar os perigos da liberdade. Isto era bom para o Imperador!

É possível que passe temporàriamente a atual quadra de terror oficial ainda que para voltar logo depois; mas eu não creio. Julgo que a anarquia senhoreou defintivamente o país, precisando cada dia se aumentar a compressão para evitar a volta da monarquia. Quanto a esta, não é mais tempo de propagandas. A propaganda está feita. Do que se trata é de libertar nove décimos da população da tirania do décimo restante — e o problema pôsto nesses têrmos não deve ser de muito difícil solução. Você que é *doutor* em guerras pode bem dar o plano.

Agora converse comigo, por sua vez. Evelina manda-lhe muitas saudades. Lembranças afetuosas a todos os seus.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Paris, 7 de junho, 1892

Meu caro Barão,

De volta de Londres recebo sua boa carta que muito me contristou pelas notícias do Artur. Tenho muita pena dêle nessa viagem! Não lhe preciso dizer. Êle pode obter a reparação e até a promoção, e pode nada obter. O nosso país está em tudo para essas partidas arriscadas. Nunca se viram em parte alguma altos e baixos tão imediatamente conversíveis uns em outros. Nada obsta que o Artur amanhã tenha um amigo influente, e êsse

não terá as antigas delongas para detê-lo nos seus desejos de proteger o amigo. Hoje quem está de cima pode tudo, nunca o Paulino estêve senhor absoluto do Rio de Janeiro como agora, e a amizade dêsses novos dispensadores de graças é a coisa mais fácil de obter. Esperemos que o Artur tenha chança, não há outro elemento no problema.

Quanto a mim, meu bom amigo, estou-me preparando para uma nova volta ao nosso desgraçado país. Nada obtive, nem posso obter, em Londres. Falta-me o braço resoluto e poderoso de outras épocas, e sou naturalmente suspeito a todos e para tudo nesta quadra. Além de que, não tenho habilitações. Estive pensando em ir enterrar-me no Minho ou em qualquer lugar onde pudesse pagar a dívida que tenho para com meu Pai, de escrever-lhe a vida e publicar-lhe os trabalhos. Essa dívida não é só para com meu Pai, é também para com meus filhos que eu pretendo educar, na parte que me tocar dessa tarefa, pela vida dêle e não pela minha. Para isso mesmo o câmbio não me dá licença, e eu tenho receio de que tudo que publicasse fôsse despesa e não renda. Confesso que me seduziria mais que tudo a idéia de ficar em um lugar barato editando de Paris uma Revista, onde os nossos homens, como não os há mais, pudessem contar a história do seu tempo. Em tal publicação o seu lugar seria constante, quero crê-lo. Mas dessa esperança creio também que não verei o comêço de realização, ainda que me sinta com fôrças para dar-lhe grande vitalidade.

É assim *provável* que por todo êste mês voltemos para o Brasil e desta vez por algum tempo. Ainda tenho porém um motivo *tênue* para voltar a Londres e lá estarei domingo próximo. Estivemos mês e meio desta vez, e tomamos cômodos na sua Avenida n.º 60 ao chegarmos. Escreva-me porém sempre que tiver ocasião para a rue Dumont d'Urville, porque me mandarão logo as cartas.

Nossas saudades à sra. Baronesa, saudades nossas, meu caro Barão, e creia-me sempre, até o fim, seu

Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao visconde de Taunay

Paris, 27 de junho de 1892.

Meu caro Taunay,

Muito lhe agradeço suas expressões de simpatia pelo me pobre Sizenando (1) cuja morte foi para mim um duplo prc fundo golpe, por o ter perdido e pelo abalo causado a minh Mãe em sua velhice.

Você, meu caro amigo, ver-me-ia talvez aí pelo vapor mesm que lhe leva esta se não fôsse os médicos terem proibido a minh mulher a viagem neste momento. Em poucos meses, porém, a estarei de novo com você.

Não são muito animadoras as suas cartas e sobretudo entris tece-me o seu desprendimento da vida quando você ainda ter em si reservas de fôrças que só pelo desfalecimento deixarão d ser aproveitadas para o nosso país.

Quem teve uma tão brilhante mocidade, radiante de fat em nossa geração, não deve deixar de ter também uma saída d cena em relação, em vez de contraste, com a entrada. Tudo iss é doença, é o físico absorvendo o moral, mas você deve reagi e não descrer de si mesmo para que os outros se inspirem em você

Você por honra sua destacou-se do quadro envergonhado da atualidade, isto é, escolheu o melhor, desprezando posiçõe que lhe teria sido fácil obter, como os outros a trôco de um simples adesão.

Se vierem tempos melhores seu nome será honrado por isso se não vierem já é uma consolação não ter sido um dos saquea dores da fortuna pública e não ter tomado parte nessa orgi política.

Quanto me comove a recordação do nosso Rebouças! Infe lizmente êle partiu sem mandar-me uma linha, não sei par onde escrever (2). Que elevação moral a dêsse homem! Qu pira [duas ou três palavras ilegíveis] no deserto!

---

(1) Sizenando Nabuco, irmão de Joaquim Nabuco, falecera er 11 de março de 1892.

(2) André Rebouças, por gratidão à família imperial pelo decret de 13 de Maio, fez-se o cortesão da desgraça. Acompanhou no exílio Imperador e os seus, a bordo do *Alagoas*. Não quis voltar para o Bras

Você deve orgulhar-se da amizade dêle nesta fase de sua vida e de estar no seu pensamento durante a longa noite de África de que êle um dia contará as belezas, eu o espero, com o entusiasmo com que falava antigamente das madrugadas de Petrópolis.

Adeus, meu caro amigo. Meus respeitos à sua Senhora a cujos pés rogo-lhe me queira pôr. Dê lembranças minhas ao nosso Laet e ao Constâncio Alves.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

A André Rebouças

Paris, 30 de junho de 1892.

Meu querido Rebouças,

Assim foi, partiste para a África sem me mandar uma palavra de adeus — para a África! Até hoje não tenho podido consolar-me do teu esquecimento, mas nem agora mesmo sei como escrever-te. Não se tem passado um dia sem que eu te acompanhe de longe os passos com alguma coisa mais do que ansiedade.

Meu pobre Sizenando lá se foi. Nós estamos detidos aqui por ordem do médico, o estado de minha mulher não lhe permitindo agora viajar, mas esperamos estar de novo no Brasil por todo o mês de setembro.

Quanta coisa tem acontecido! e como é triste o futuro que está diante de nós!

Não sei se terão remetido as duas cartas que te escrevi para Marselha quando cheguei a Lisboa. Não se explica o teu silêncio, meu caro amigo. Quando porém a vida por alguma circunstância nos separasse a morte nos havia de unir. Nós, eu estou

---

depois da República. Abandonou o cargo de lente catedrático da Escola Politécnica do Rio de Janeiro que exercia: Da Europa seguiu para a África, depois para a ilha da Madeira, onde faleceu em 9 de maio de 1898.

convencido, somos raios da mesma luz e é a ela que havemos de voltar. O que fazes tu aí? Ainda ontem escrevi ao Taunay dizendo-lhe que êle devia julgar-se feliz pela amizade que lhe tens nesta fase, a mais bela, ainda que a mais triste, de tua vida, e por ser o companheiro de eleição das tuas noites de África. Adeus, meu caro e saudoso Amigo. Deus vele sôbre ti e conserve aos teus amigos por muito tempo, mais tempo do que as outras, essa parte de nossa alma.

Do teu do C.

JOAQUIM NABUCO.

A André Rebouças

Paris, 29 de julho de 1892.

Meu caro Rebouças,

O nosso amigo Rangel da Costa mandou-me uma cópia de tua carta, que me deu tanto prazer como se fôra escrita a mim mesmo, por ter afinal notícias tuas e saber que te achas em um bom clima e com todos os recursos da civilização em redor de ti. Tratei imediatamente de ver nos guias onde está e o que é Barbeton e dora em diante êsse pequeno lugar do Transvaal será para mim um dos pontos de atração da Terra. Ao menos estaremos vendo as mesmas estrêlas.

Quer isto dizer que breve, a 25 de agôsto, voltamos para o Brasil e desta vez para não sair mais voluntàriamente. Vou assim assistir da própria cena ao descalabro progressivo de nosso país. Não terei os meios materiais de ausentar-me e talvez não tenha mais o desejo. Apesar das viagens produzirem sempre em mim a mesma renovação física e moral, a mola da locomoção está quase quebrada no centro. No Brasil conservar-me-ei afastado de tudo como no estrangeiro. Minha ambição neste mundo resume-se hoje na esperança de poder criar os meus filhos para viverem do seu trabalho. Preciso eu mesmo até o fim trabalhar para viver, e é êste o homem que êles vão conhecer, se Deus me der vida para gozar da intimidade de meus filhos em idade

de já poderem diferençar as diversas estradas da vida. No século XX eu prevejo que o naufrágio moral será muito mais difícil de evitar para todo o que tiver o sangue brasileiro do que mesmo no nosso.

Até um dia, pois, meu caro Rebouças. Onde? Quando? Deixemos a Deus essas grandes incógnitas. O que te afirmo é que para ninguém tu vales mais do que para o teu do Coração

JOAQUIM NABUCO.

A André Rebouças

Braganza Hotel. Lisboa.
Agôsto, 28.

Meu caro Rebouças,

As últimas despedidas, do quarto que você tanto tempo habitou e onde ainda se sente o espírito do grande Pitagórico. Uma vez mais para o Brasil e desta vez, quem sabe! para não voltar mais? Lá, por certo, tenho um grande motivo de menos para estar, que é você. Outra tristeza enorme é a falta do Sizenando — que se foi! Tenho porém meus filhos e *devo* preparar para êles um futuro, tenho que lhes dar raízes e fora da pátria não as há. Certos espíritos podem ter raízes cósmicas; a mediocridade, porém, que é a regra feliz, só as pode ter no solo em que germinou e cresceu. O meu trabalho é verificar se o nosso solo permite o desenvolvimento nêle das espécies morais que eu tenho a legítima ambição de produzir. Elas seguramente não poderiam existir à beira dum pântano e nesse caso o meu dever seria *transplantá-las* porque também não as quisera ver crescer como parasitas. Não sei se você compreende êsse enigma. Mas suponha-se com filhos e formule o seu problema moral-patriótico, dadas as condições brasileiras do século XX.

Adeus, meu caro Rebouças. Ainda não desesperei de ter cartas suas, a nossa amizade não é um nó górdio que a espada de um Alexandre possa cortar, é o entrelaçamento do tecido de duas almas durante um largo período de colaboração social e

de reforma moral e um trabalho dêsses continua misteriosamente a sua teia apesar da separação, do silêncio, e até, se fôsse possível, do esquecimento.

Em todo caso a parte de você que incorporei a mim mesmo só na morte — e quem sabe — a poderei largar. Adeus, meu querido Rebouças, e até um dia.

Do seu velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Braganza Hotel
Lisboa
28 de agôsto.

Meu caro Barão,

Daqui lhe mando as últimas despedidas cheias de tôda a filosofia que semelhante momento ainda uma vez mais me sugere sôbre as viagens, a vida, a amizade e o nosso país. Espero tornar a vê-los, mas como isto só pode ser dêste lado receio muito que se passe desta vez bastante tempo e o parêntesis seja o mais longo que tenha havido em nossa velha convivência. O imprevisto porém representa um papel tão importante nas coisas dêste mundo que eu prefiro entregar à boa-vontade constante dêsse protagonista da sorte o meu requerimento. Até um dia, em todo caso, meu bom e saudoso Amigo — dia em que espero vê-lo restituído ao lugar em que o conheci e o admirei tantos anos, de Predileto da Fortuna.

Queira repetir à Baronesa o que ela sabe tão bem a meu respeito e apresentar-lhe os melhores e mais afetuosos cumprimentos de Evelina.

Do seu Velho Amigo muito reconhecido

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

12, rua de Olinda (Botafogo).
Rio, 4 de outubro de 1892.

Meu caro Barão,

Apenas cheguei soube que afinal haviam revogado a sua demissão substituindo-a pela aposentadoria a que tinha direito (1). Felicito-o por essa pequena reparação porque sei que a tinha a peito.

Dos seus filhos, ainda não vi Carlotinha que se refugiou em Petrópolis, nem o Alfredo, que segundo diz o Artur está em cheiro de santidade perante o Lloyd e a caminho para um comando; tenho porém visto quase todos os dias o Artur. Êle não tem esperança quase, o Melo é um pseudo-fanático de quem é fácil fazer um instrumento contando-se-lhe histórias de sebastianismo, conspiração, etc, e parece que o convenceram de que o Artur é um sebastianista *enragé*. Que tal! É verdade que êle é *seu* filho e o *seu* nome parece ter sido escolhido para cabide de quanta invenção há em matéria de sebastianismo. Há dias dei ao Artur para mandar-lhe mais uma dessas invenções. Era um recorte de jornal onde se dizia que o senhor havia escrito ao Saraiva tomando-lhe contas por êle ter aderido!

Acabo de voltar de São Paulo onde fui a convite do Eduardo Prado, que me chamou para padrinho do seu casamento. Voltei maravilhado da imensa riqueza daquelas terras. É provável que vamos passar o verão por lá, ainda que riqueza não pegue em quem está vizinho, como a varíola. Parece-me porém que é melhor estar onde tudo se está valorizando e tomando incremento, sobretudo com as boas amizades que eu lá tenho. Não se esqueça de mim se se oferecer alguma ocasião.

Muitas saudades nossas e para a Baronesa.

Do seu mt.º dedicado

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) O barão de Penedo, ministro do Brasil em Paris ao ser proclamada a República, não aderiu ao novo govêrno, e achava-se entre os brasileiros que foram especialmente a Lisboa receber o Imperador exilado quando chegou o *Alagoas*.

Ao barão de Penedo

12, rua de Olinda (Botafogo).
Rio, 6 de outubro de 1892.

Meu caro Barão,

Com a minha estada agora em São Paulo e as relações que lá fiz, ou melhor, renovei, vem-me a idéia de que talvez fôsse vantajoso à Companhia de São Paulo encarregar-me de estudar as diferentes hipóteses que lhe dizem respeito com relação ao desenvolvimento da viação férrea em São Paulo. Eu sei que ela tem pessoal idôneo, e amigos além dêsses, para sugerir-lhe tudo que lhe possa interessar na concorrência em que está empenhada, mas quer parecer-me que se eu também por meu lado me dedicasse ao mesmo assunto poderia mandar-lhe informações, esclarecimentos e avisos que de sobra compensariam a retribuição que ela me desse. Esta convicção é-me principalmente inspirada pelo que eu ouvi a mais de uma pessoa entendida, que a « Companhia não sabe o que possui em São Paulo ».

Não é êste porém assunto sôbre o qual possa eu escrever diretamente ao *Board;* mas o senhor, que melhor do que ninguém conhece os negócios da Companhia, poderá, caso julgue aceitável o meu oferecimento, tomar a iniciativa de fazê-lo como coisa sua. Em todo caso eu quisera não ser esquecido pela Diretoria. *Impedido de tratar diretamente com o Govêrno,* há outra esfera em que eu julgo poder ser-lhe útil, a saber no *estudo, exame, e informações certas sôbre tudo que diga respeito aos seus vastos interêsses de presente e de futuro.*

Peço-lhe que tenha isto de memória para qualquer oportunidade, se esta não lhe parecer favorável.

Creia-me sempre, meu caro Barão, como sempre seu

Am.º mt.º dedicado

JOAQUIM NABUCO.

1893

A André Rebouças

Rio, 1.º de janeiro de 1893.

Meu querido Rebouças,

Que saudades as tuas cartas me causam e quanto pensamento agitam em mim a *nosso* respeito! Mas estás aí cumprindo o teu fadário, expiando a falta dos outros, resgatando a vergonha de todos. Com que gente andamos metidos! Hoje estou convencido de que não havia uma parcela de amor do escravo, de desinterêsse e de abnegação em três quartas partes dos que se diziam abolicionistas. Foi uma especulação mais! A prova é que fizeram esta República e depois dela só advogaram a causa dos bolsistas, dos ladrões da finança, piorando infinitamente a condição dos pobres. É certo que os negros estão morrendo e pelo alcoolismo se degradando ainda mais do que quando escravos, porque são hoje livres, isto é, responsáveis, e antes eram puras máquinas, cuja sorte Deus tinha pôsto em outras mãos (se Deus *consentiu* na escravidão); mas onde estariam os propagandistas da nova cruzada? Desta vez nenhum seria sequer acreditado. O cinismo é tal que ninguém admite que haja um homem de bem. Fazes tu bem em estar longe de tudo ainda que tenhamos pela nossa parte que aceitar a responsabilidade que nos toca na bancarrota moral da abolição, no abandono das raças de côr à destruição da época. Estávamos metidos com *financeiros,* e não com puritanos, com fâmulos de banqueiros falidos, mercenários de agiotas, etc; tínhamos de tudo, menos sinceridade e amor pelo oprimido. A transformação do abolicionismo em republicanismo bolsista é tão vergonhosa pelo menos como a do escravagismo. Basta de torpezas.

Nada me contas a teu respeito, nem sei de ti e receio que não haja em Barbeton um fiel que te esteja acompanhando os passos e registrando a vida. Tens os teus diários, mas quase escri-

tos por símbolos que bem poucos compreenderão. Quando emergirás da África e onde farás a tua futura encarnação?

Eu não tenho, agora sim, mais esperança de sair daqui e penso que estou fixado quanto a país pela vida e pela morte. Não preciso dizer-te que triste perspectiva é essa, sobretudo se eu tenho que viver bastante para criar meus filhos neste meio, cujas abjeções conheço. Mas tenho notado que o imprevisto é a grande lei da vida e quem sabe se mesmo em Barbeton não encontrarás ainda o teu

JOAQUIM NABUCO.

A Happy New Year!

A André Rebouças

Petrópolis, 28 de janeiro de 1893.

Meu querido Rebouças,

O Taunay trouxe-me hoje duas cartas tuas. Quanto estimo sempre que te sei bom e o mesmo! Espero que Deus terá organizado tua vida aí do modo mais providencial e que te mostres em tudo um verdadeiro Pitagórico (deixemos Tolstoi à Rússia) principalmente na vida longa.

Eu quisera mandar-te os jornais, mas nesse percurso de não sei quantos milhares de milhas êles te chegariam já podres. Se quando saem da tipografia já estão, quanto mais tendo essas vergonhas tôdas dois meses de velhas! Isto está um mercado infame. A República foi socialmente o reinado da ladroagem e da jogatina. Uma geração não há de bastar para se voltar a viver honestamente. A mocidade está ávida e o dinheiro sul-americano é barato, como tu sabes. Isto acaba numa sociedade de moedeiros falsos. Já têm aparecido os primeiros. Agora estão se denunciando uns aos outros e é longa a lista de nomes de argentários que têm passado pela polícia. A República destruiu pelo menos umas mil reputações feitas ao calor da moralidade de dom Pedro II. Que poderoso antissético foi êle! Logo à sua partida a podridão fermentou espontânea nos próprios que o cercavam. O velho Senado que imundície. E a Casa Imperial!

O Taunay vem aqui às manhãs conversar e és tu em grande parte o assunto, Eu por mim desisti dêsses imensos trabalhos que me marcaste. Já me basta a Abolição, meu caro. Esta pobre raça negra está abandonada de todos, entregue ao alcoolismo que consola da miséria, rejeitada por todos em favor do chim. É um fim de nação ou antes de raça. Porque a nação viverá e o território tem um grande futuro. A nossa raça porém foi pesada na balança e condenada, e como dizem os inglêses « os moinhos de Deus moem de vagar, mas moem fino ».

Ainda não achei um trabalho. Sou incompatível com tudo que é do govêrno pela engrenagem moral em que me meti desde 1879 — e os negócios estão em mãos quase todos de mercenários. Não sirvo a ninguém para nada, porque o trabalho honesto e inteligente, nas posições em que eu podia conscienciosamente servir, não compete com a maleabilidade e o servilismo. Nada sei portanto do dia de amanhã. Até hoje Deus me tem dado, felizmente, o pão quotidiano. Minha mulher e meus filhos vão bem e formam o círculo mágico dentro do qual sou intangível. Nestes últimos anos fez-se em mim uma perfeita evolução católica e a estou escrevendo, ainda que não para o público. A melhor divisa é ainda a do velho filósofo Alexandrino: « Viver oculto. » Tenho a mais viva fé em Deus que ainda teremos juntos um *espaço desta breve vida mortal.*

Adeus, meu querido Rebouças. Muitas saudades nossas e muitas esperanças.

Do teu do C.

JOAQUIM NABUCO.

A Sancho de Barros Pimentel

Petrópolis, 7 de maio de 1893.

Meu caro Barros,

Acabo de ler a triste notícia que dá hoje o *Jornal* e mando-te as minhas mais sentidas saudades de amigo neste cruel transe de tua vida. O laço que te prendia a teu pai era mais profundo e complexo do que costuma ser a afeição filial; eram duas vidas misteriosa e subterrâneamente ligadas entre si, e por isso a tua

solidão deve ser cruel hoje que o não tens mais. A fisionomia dêle tinha uma estria particular de luz, que eu sei que te pertencia, porque era a felicidade que ela refletia de ter um filho como tu. Eu guardo a lembrança daquela jovialidade constante, do afago e da doçura do seu sorriso, da bondade contente e feliz da sua expressão, e não me lembro de ti sem também me lembrar dêle, do modo por que êle te deixou sòzinho em S. Paulo certo de que não te havias nunca de separar dêle, isto é, de que viverias na liberdade da Academia como se estivesses em casa no seio de tua família. E tua mãe?

Adeus, meu querido Amigo. Eu que passei por um golpe igual sei o que é essa primeira morte que se morre na vida!

Do teu Velho Amigo do C.

JOAQUIM NABUCO.

A André Rebouças

N.º 12, rua de Olinda.
Rio, 22 de agôsto.

Meu querido Rebouças,

O Taunay deu-me a boa notícia que você está agora em Funchal, mais perto de nós, em escala mesmo entre o Rio de Janeiro e Lisboa.

Parece-me que é a volta, e desde que não posso sair daqui vejo com prazer egoísta que você vai-se aproximando de nós. Quando porém estaremos juntos de novo? Tenho muito mêdo de longos intervalos na vida tão curta!

Por aqui nada de novo. Continua a cristalização da República em um despotismo militar de última classe, a única forma que ela podia assumir vindo do assassínio de Ap. de Castro pelo ódio do escravagismo. Essa gênese ignóbil ainda não deu tudo que pode dar. Devemos esperar um servilismo nacional que exceda o do Paraguai de Lopez, numa sociedade política mais corrupta que a argentina.

O Taunay e eu estamos paralisados, inertes, e, se êle não escrevesse, eu diria também estúpidos. Não vejo em que empre-

gar atividade e esfôrço, estando tudo moralmente tão apodrecido, homens e interêsses. Seria o caso de emigrar se tivesse meios, mas não os tendo só me resta aceitar o castigo de Deus, muito brando ainda para a geração de que somos parte.

Adeus, meu caro Rebouças. Esperemos sempre dias melhores, e o seriam de certo para mim aquêles em que pudesse avistar e ter perto o meu mestre universal.

Saudade e saudades do

Velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Rodolfo Dantas

8 de setembro.

Meu caro Rodolfo,

Peço-lhe o obséquio de mandar-me o meu manuscrito todo. Depois lho restituirei, mas nestes dias preciso dêle para um trabalho final.

Aqui vieram dizer-me que você, eu e outros estamos na lista das proscrições (1). Eu não creio nisso e não me acautelo de modo algum. Quem não deve, não teme. Eu tenho tanto com êsse movimento como com a guerra siamesa. Se me prendessem seria pelo desejo que tenho de que de tanta calamidade resulte uma paz perfeita.

Mas para que lhe estou falando de boatos que pululam em dias de revolução como os sapos em dias de chuva?

Mande-me alguns sapos, se chegarem por aí também.

Do saudoso

JOAQUIM NABUCO.

Quanto a seu pai o melhor modo para êle vir de Paquetá não seria tomar a barca de Petrópolis em Mauá? Se há uma lancha em Paquetá essa seria a viagem menos exposta.

Você é decididamente um Pilatos das nossas revoluções!

---

(1) Rompera em 6 de setembro, chefiado pelo almirante Custódio de Melo, o movimento da marinha contra o govêrno militar de Floriano Peixoto. Todos os adversários da ditadura se tornaram suspeitos a esta.

1894

A Hilário de Gouvêa

Rua de Olinda, 12, Botafogo.
14 de fevereiro, 1894.

Meu caro Gouvêa,

Encontro, agora que lhe ia escrever dando-lhe parte do falecimento do Comendador (1), outra carta que lhe escrevi a 17 de janeiro, mas que nunca me decidi a mandar pelo correio. Tirando dela a parte política, eis o que dizia: « Ontem trouxeram-me o número do *Temps* em que vem a sua *interview* e eu vejo que você se está tornando célebre mesmo em Paris » (2).

« Escrevo-lhe para dar-lhes parte que ontem nasceu, como feliz sucesso, mais um filho nosso. Só estêve com Evelina a Madame Cardoso e tudo se passou bem. Calculo que você se demorará aí, aproveitando muito a sua estada. Você é homem de grandes recursos e quem sabe o que o futuro ainda lhe reserva, talvez mesmo nesse grande cenário. »

A parte política da minha carta referia-se à situação como se nos parecia ser há um mês, hoje continua mais ou menos no mesmo. Ninguém pode prever o desenlace desta terrível posição, cada dia mais aflitiva, porque o desenlace depende do tempo que durar ainda a guerra civil. Neste caso o tempo é o *principal* fator da guerra, mesmo político, pode-se dizer, porque com o tempo tem mudado e pode ainda mudar o próprio caráter do movimento e a natureza do resultado final. Aqui não sabemos ao certo a fôrça e a consistência que tem a invasão do Paraná

---

(1) José Joaquim Soares Ribeiro, avô paterno de dona Evelina Nabuco, em cuja casa, à rua Marquês de Olinda, Nabuco residia com sua família, falecera em 5 de fevereiro de 1894. Sua morte, de varão forte e cristão, impressionou profundamente Nabuco.

(2) Hilário de Gouvêa, evadindo-se da prisão política, em que estava ameaçado até de morte por ser dos mais suspeitos de participação no levante contra a ditadura de Floriano Peixoto, conseguiu embarcar para a França e lá estabeleceu-se com a família, exercendo sua profissão, durante doze anos.

pelos Federalistas e a marcha para S. Paulo, de que há dias se fala. Tampouco se conhece a fôrça da esquadrilha do Floriano e a disposição em que se acha a maruja. Não há pois senão o palpite de cada um, o otimismo de cada grupo e o *quod volumus* dos « boatos ».

Todos no morro (1) vão bem, por êstes dias contamos ir para Petrópolis passar um mês, e ver se escapamos às pestes. Sinto muito não poder levar o Pedro e Nenê (2), êle porém não arreda pé do pretório.

Dê muitas lembranças minhas ao Juca Estrêla, a prisão do mano (3) muito me tem aborrecido, espero porém que não passará de um grande incômodo. O que me faz mêdo a respeito dos nossos presos, entre os quais temos tantos amigos, é a epidemia da época. Dizem-me porém que o Silva Costa e o Maia Monteiro estão na Polícia, o que é sempre melhor do que a Bastilha do Catumbi. O pobre do Siqueira continua prêso, e o Adolfo dizem que bem doente, tendo-se-lhe negado remoção. Enfim é um horror e eu penso no futuro com desânimo: o que vai ser a recordação dêstes tempos, o crescimento dêstes ódios espalhados, a divisão intestina das famílias e as represálias recíprocas quando acabar o estado de sítio é um véu negro que eu pelo menos não quisera levantar. Felizes os que puderem viver longe do país durante estas épocas de proscrição, é tudo que sei.

Muitas saudades a Iaiá e às meninas. Vi diversas cartas em que falam de suas impressões daí. Não vá Inacinha trocar a Inglaterra pela França nas suas afeições. Não seja volúvel. Quanto a Maria José e Lalá, que eu não eduquei, deixo-lhes o direito de serem parisienses a vontade. Iaiá mostra-se muito apreensiva dos ladrões em Paris — já é prevenção.

---

(1) No morro de Nova Cintra, residência de Hilário de Gouvêa, continuou a morar sua sogra, dona Ana Nabuco, mãe de Joaquim Nabuco, com outros membros da família.

(2) Ana Nabuco de Gouvêa, filha de Hilário de Gouvêa, e espôsa do juiz, depois desembargador, Pedro Nabuco de Abreu.

(3) Estava entre os presos políticos o barão de Maia Monteiro, filho do conde de Estrêla (Joaquim de Maia Monteiro) e irmão do barão de Estrêla (José). Presos também o ex-deputado A. de Siqueira e Adolfo de Barros.

Muitas recomendações de Evelina a todos. Disponha sempre, meu querido Gouvêa, do seu

Irmão e Amigo certo

JOAQUIM.

A Hilário de Gouvêa

Petrópolis, 10 de março, 1894.

Meu caro Gouvêa,

Tenho lido por suas cartas e as de Iaiá a vida que você aí leva e lastimo que se estejam fechando em casa por nostalgia do Morro. É preciso aproveitar o sacrifício que fizeram, distrair-se, ver tudo e esperar com confiança que tudo lhes será um dia compensado. A sua sorte apesar de tudo foi muito mais feliz do que a de todos os outros presos do Floriano, que não puderam escapar, e quanto aos negócios eu tenho certeza de que você recuperará o perdido, como diz o Penedo, em *breves audiências*. Assim pudesse eu dizer o mesmo de mim.

Afinal Nenê decidiu-se a vir e estão todos aqui desde o dia 28 de fevereiro. Estamos com a casa cheia. Além de Beatriz, Alzira, e uma menina do Macedo Soares, temos todos os criados da rua de Olinda. Pelo preço que pede, Zizinha não a alugará fàcilmente, mas se o Guimarães vier e quiser ter esta propriedade para renda pode tirar, creio eu, de uns quinze a vinte contos, com umas ligeiras edificações nos terrenos do fundo que o cônego Amador cobiça, e alugando com aumento o chalet e cocheira à parte. Aqui êle pode edificar uma pequena cidade (1).

---

(1) A casa em que Nabuco se achava em Petrópolis havia sido a residência de verão do barão de Itambi, avô materno de dona Evelina Nabuco, e passara por herança à filha dêste, Guilhermina (Zizinha), casada com o comendador moço fidalgo Sebastião Pinto Bandeira Guimarães. No local à rua 1.º de março existe atualmente um clube de tênis. O terreno se estendia pela rua do lado, hoje Padre Siqueira, e no ângulo havia sido construído no tempo dos barões de Itambi o Asilo Nossa Senhora do Amparo.

A febre amarela tem estado terrível êste ano, mas são quase exclusivamente estrangeiros por ora as vítimas. Algumas histórias pungentíssimas. Com os preços que temos pode-se dizer que estamos com a peste, a guerra e a fome em casa.

Eu passei êsses seis meses a reunir e separar o material preciso para escrever a vida de meu pai. Foi um trabalho seguido de cinco horas por dia. Tive que considerar uns 30.000 documentos talvez, fora livros, discursos, anais. Tenho hoje em três caixões o indispensável para escrever uma obra em dois grossos volumes «Vida e Opiniões do Conselheiro Nabuco». Só quisera, para levantar êsse *monumento* (não pelo que vou escrever, mas pelo que vou publicar dêle) à memória de meu pai, ter durante uns dois anos o espírito sossegado. Não tenho nenhum desejo de entrar na política, mesmo se se me oferecer ocasião, agora que tenho realmente um trabalho que me seduz e todo preparado. Quer você fazer-me o favor de pedir ao Penedo um resumo do modo por que funcionou a Comissão dos Regulamentos Comerciais de 1850 e da parte que coube a cada um dos redatores? Pode também obter-me do Estrêla uma cópia das cartas últimas que êle possui do Nunes Machado à mulher? O Penedo também me obsequiaria algumas notas sôbre o que era a vida acadêmica, os grupos de estudantes, a imprensa de Olinda e Recife no tempo em que êle via meu pai representar o papel do Sargento XXX, que êle sempre conta (1). Eu não me meteria em tais funduras, porém, sem primeiro estar certo do prazo e meio de vida. Quem me dera entretanto conhecer o arquivo particular do Imperador, que deve ser para um estudante da nossa história constitucional uma mina incomparável. Está aí uma coisa a que eu estimaria dedicar o resto de minha vida, uma Vida de Dom Pedro II escrita à luz dos documentos que êle deixou. Por onde anda tudo isso? Com uma coleção dos jornais, das leis, dos Anais, eu estou certo de que faria um trabalho útil à dinastia e ao país. A quem será êle cometido? Disto se deve certamente tratar.

---

(1) Penedo acorrera a êsse pedido de Nabuco com as notas bastante longas incluídas em *Um Estadista do Império* no capítulo *Estudante de Olinda*. O papel que Nabuco pai representava no teatro de estudantes era o de major Francel no drama *O Desertor Francês*. Conta Penedo que Nabuco de Araujo chegava a derramar lágrimas, tão possuído estava do seu papel e que todos admiravam o trágico de ocasião.

O meu problema individual consiste em descobrir um meio de vida que me deixe tempo para adiantar a obra sôbre meu pai. Neste momento nada seria possível achar; passada a revolução quero ver. Com o que tenho dêle posso publicar além dos dois volumes da Vida e Opiniões (políticas), uma série de volumes de consultas e trabalhos jurídicos divididos em Direito Civil, Comercial e Penal, e restaria ainda um enorme arquivo administrativo.

Passemos porém a outros assuntos. Você nada me diz da saúde de Iaiá, sôbre quem você pretendia ouvir os médicos europeus. Tenho por bom presságio êste silêncio. É sinal que ela não tinha nada, senão os aborrecimentos da vida agitada que você levava ùltimamente. Em casa todos estão bons, inclusive o segundo Joaquim, que é uma criança muito forte. O seu Hilarinho já anda sòzinho. Petrópolis está triste como no inverno. Com as prisões do Silva Costa e Maia Monteiro houve uma espécie de emigração para Minas dos que receavam passar pelo mesmo vexame. Está aqui porém o Afonso Celso Jr.. Quanto a mim entreguei-me à Providência divina desde o dia em que fui à Polícia e à Correção procurar por você. Considero uma fortuna ter escapado até hoje quando depende de uma carta anônima o encarceramento de qualquer. Não estou certo porém de que tudo acabe bem. Para o fim as convulsões do desespêro hão de ser terríveis e sacrificar os mais alheios a tudo isso. Não vejo o Pedro descer diàriamente à cidade sem receio de que não volte à noite. Prenderam-lhe anteontem o escrevente, não sei porque.

Agora, meu caro Gouvêa, quanto à magna questão — « como vai tudo acabar? » — que lhe hei de dizer? Não me preocupa mais o *quando,* quisera sòmente saber o *como.* Eu cheguei no princípio a admitir a hipótese de trocarem-se os papéis, ficando o Floriano mais forte no mar e a revolução em terra. Sempre pensei que êle pudesse obter navios e equipagens mercenários capazes de derrotar a esquadra do Melo, ainda que por outro lado pensasse que, com a oficialidade que tem, a revolução pudesse mais tarde (quando se apossasse de São Paulo e tivesse recursos de dinheiro) compor uma esquadra mais forte que a esquadra forasteira do govêrno. Hoje porém estou convencido de que a revolução não perderá nunca o domínio do mar, mesmo que venha o Riachuelo inexpugnável dos estaleiros franceses, e,

como lhe disse tantas vêzes, quem ficar senhor do mar acabará por vencer. Desde Temístocles essa é a política verdadeira. (Apesar dessa convicção teórica porém estou longe de ter certeza *prática* do resultado). A verdade é que o govêrno dispondo de todos os recursos tem sempre perdido terreno e a revolução sem meios de espécie alguma tem ido sempre avançando. A gente que cerca o Floriano é a pior possível e êle não pretende mudá-la. Não vejo portanto como será êle mais feliz para o fim do que foi no comêço, tendo perdido talvez os seus melhores elementos em combates inglórios. Você aí pode avaliar a situação talvez melhor do que nós porque tem os telegramas do Sul. Há três dias o telégrafo tem estado trancado para todo o país. Com alternativas vivemos neste regime de publicidade trancada desde que rebentou o movimento rio-grandense, há mais de um ano portanto. Os boatos circulam furiosamente sempre. Um dava a esquadrilha do Floriano ontem em Cabo Frio, outro a dá sòmente em Vitória.

Enfim — nada, senão cálculos de probabilidades de parte a parte. Qualquer que seja o resultado da luta, entretanto, meu caro Amigo, como se vai tudo isto reorganizar? Que montão de ruínas! Que despesas fabulosas! Que profunda anarquia! Tôdas essas ambições revôltas, essas guelas insaciáveis, essas nulidades armadas de poderes ditatoriais em todos os Estados, essas patentes improvisadas, êsses acumuladores de empregos, tudo isto como se vai combinar e satisfazer? Nunca êste país atravessou crise igual e para mim o que ela tem de mais assustador é a convicção geral de que isto *ainda não é nada.* Eu quisera poder mandar-lhe uma boa notícia, mas as boas notícias não lhe chegarão pelo correio, irão imediatamente pelo telégrafo.

Muitas saudades nossas. Minha mãe chorou ontem muito lendo a carta de Iaiá. A despedida da Lucília apagou nela as outras impressões da separação — agora porém está tendo saudades de cada um. Evelina não recebeu as tais cartas de Inacinha, respondeu logo à de Iaiá. O Pedro escreve por êle e por Nenê, que é uma preguiçosa. Não sei para que você mandou ensinar-lhe a escrever, bastava ler. Não se esqueça de recomendar-me ao Youle e de dizer ao Penedo que não me esqueça (com a São Paulo Railway.) Que me diz você do Corrêa? Eu não tenho querido escrever-lhe por ser eu suspeito e tornar suspeito.

Muitas lembranças ao Juca Estrêla: muito tenho sentido a prisão do Antônio (1).

Adeus, meu querido Gouvêa.

Do seu do C.

JOAQUIM.

20 de março.

Não lhe mandei esta carta logo por cerimônias com o correio, e agora tive de abri-la para acrescentar êste postcriptum. O Saldanha e os seus oficiais, dizem que também os marinheiros, saíram afinal barra a fora nos navios portuguêses (2). Estivemos sob uma terrível ansiedade até saber que estavam livres de perigo. Agora por onde vão e o que poderão fazer, ignoro. O plano revolucionário me pareceu sempre mau desde o princípio, nunca compreendi essa defensiva dentro da baía, e o não mandarem navios para o Norte. Olhe, que êsse Floriano é um *jettatore* de fôrça. Agora vamos ver o que êle faz do Custódio e do Aquidaban. Há de levar seu tempo como costuma até mandar o J. C. de Carvalho dizer à esquadra que pode entrar sem susto no Destêrro. Você terá lido os detalhes da entrada no Rio dos navios do Salvador e Flint?!

A André Rebouças

Petrópolis, 12 de abril, 1894.

Meu caro Rebouças,

Tantas cartas te tenho escrito e rasgado que já tenho vergonha de começar outra. Nesta porém não irá nenhuma política.

---

(1) O barão de Maia Monteiro.

(2) Era a vitória decisiva do govêrno contra a revolução. Os oficiais e tripulantes vencidos encontraram refúgio nos navios de guerra portuguêses fundeados no pôrto do Rio de Janeiro e que os levaram às águas neutras do Rio da Prata.

Nem mesmo se deve perturbar uma serenidade que te tem tanto custado guardar, e, ao mesmo tempo, com que arte! Fizeste do repouso uma arte, grandemente, como tudo que te dita o teu gênio, meu velho. Eu tenho envelhecido muito nestes anos. É a marcha natural do organismo, que nada pode deter. Fui feito para viver muito menos do que tu, mas ainda assim ir-me-ei, espero, agarrando, até a idade paterna (1), e quem sai aos seus não degenera. Não aspiro a tanto, falando sério, basta-me ver que fruto hão de dar os meus três rebentos, e isto cedo na vida se pode adivinhar.

Como fizeste bem em sair e em te conservares até hoje fora! Estamos entregues ao jacobinismo cearense, do João Cordeiro e Frederico Borges. O número do *Tempo* de hoje é característico, é um documento precioso do maratismo boêmio e boçal que nos governa. É inqualificável e incrível o que se está passando neste desgraçado país há quase cinco anos; à que doença de decomposição corresponde a nossa anarquia, não te saberia eu dizer.

Tu não reconhecerias a tua Petrópolis querida, meu Rebouças. Depois que partiste, ela tem tido fases. De 90-91 teve a do chamado encilhamento, à qual também não assisti; era o luxo do Buenos Aires de Juarez Celman transplantado de repente para o Rio de Janeiro do Rui e do Mayrinck. Agora é a fase militar, são fardas por tôdas estas pobres ruas, feitas idealmente para o repouso de espírito, e o teu nevoeiro « côr de pérola » (2) que não vem envolver contìnuamente essas abominações que te poriam doente. Fizeste muito bem, o teu bom gênio te mantenha sempre com o dom da profecia e o culto da serenidade — longe, bem longe.

Agora, porém, conversemos de ti. Que estás fazendo? Onde vives? Como te achas? Não imaginas como temos sêde de notícias tuas, de tua pessoa, do modo como te acolhem, dos amigos que tens feito. Imagino que na Madeira te sentes como já te sentias no Bragança — do Tejo. Portugal está neste momento em discussão nos jornais do govêrno, os únicos que falam. Estão

---

(1) O conselheiro Nabuco de Araujo viveu até os 65 anos, Joaquim Nabuco até os 60.

(2) Rebouças nos últimos anos em que estivera na pátria residia em Petrópolis e assim descrevia o «ruço» daquelas montanhas.

furiosos com êle! Não compreendem que insultá-lo por ter dado asilo e recusar-se a entregar os que asilou é elevá-lo na opinião do mundo inteiro (1). E são republicanos êsses que nem respeitam o mais sagrado de todos os direitos!

Adeus, meu caro Rebouças, o Taunay está fora de Petrópolis, mas creio que deve vir para tomar posse do lugar de diretor na Companhia de São Cristóvão (bondes). Muito prazer tive com essa nomeação. Assim lhe aproveite. Estamos em tempos em que andar livre é um privilégio que muitos agradecem. Muitas saudades do velho amigo

J. N.

Decididamente não rasgo esta.

A Hilário de Gouvêa

N.º 12 rua de Olinda. Botafogo.
Rio, 10 de maio de 1894.

Meu caro Gouvêa,

Descemos de Petrópolis e Nenê veio conosco. Ela falava em ficar com o Maurilo o resto do mês, receosa por causa do Hilarinho em vista da febre amarela e ao mesmo tempo desejosa de que êle continuasse a lucrar como tinha lucrado nos dois meses que lá estêve. O Maurilo porém estava também com vontade de descer e por isso Nenê e Pedro vieram conosco. Minha mãe e Sinhazinha tinham vindo antes. Os meus dois mais velhos foram para o Morro onde segundo você assegura não chega a febre. Estamos assim mais tranqüilos. Até 15 porém os mandaremos vir porque nos fazem muita saudade. Beatriz (2) resolveu

(1) O comandante português Augusto de Castilho, por ter dado agasalho nos navios de guerra portuguêses fundeados na baía do Rio de Janeiro ao almirante revoltoso, Saldanha da Gama e seus oficiais, foi muito atacado pela imprensa partidária do govêrno de Floriano Peixoto. Em Portugal respondeu por isso a conselho de guerra. Sua atitude foi afinal universalmente reconhecida como acertada.

(2) Dona Beatriz Taques, prima-irmã de dona Evelina Nabuco.

ficar morando por enquanto de sociedade conosco de modo que por alguns meses pelo menos êste será o nosso endereço. Digo *alguns meses* porque ninguém está certo do dia seguinte. Apesar de acabada a revolução no mar, não foi suspenso o estado de sítio, têm sido feitas novas prisões e reina portanto a mesma incerteza e ansiedade apenas mitigadas pela presença do Congresso. O José Mariano veio prêso e ontem disseram-me que êle se queixava da prisão na ilha das Cobras, onde parece que o enterraram. Pela Mensagem você verá que o Floriano quer acabar com a marinha incorporando-a ao exército por artes complicadas que êle só entende. Ficamos em boas condições para uma guerra externa! Veja que remédio contra as revoltas futuras!

Quanto a você, meu caro Amigo, não sei quando se poderá pensar em tornar a vê-lo nesta terra e para vê-lo fora daqui só um ato especial da Divina Providência me poderia habilitar. Estou infelizmente impossibilitado de mover-me, o pouquinho que hoje temos fica reduzido a nada com êste câmbio republicano. Se eu fôsse o Fenelon, seria outra coisa! O Taunay entrou para a São Cristóvão, mas não veio ainda tomar posse. Os tempos não estão para isso. Qualquer sujeito que deseje um lugar numa companhia tem tantos meios de fazer prender um pobre diretor suspeito. O Silva Costa está sempre na Correção, e o Adolfo, e o Alfredo de Barros presos em casa. São os únicos que eu saiba sujeitos a êsse gênero de prisão, mas que horrível constrangimento não é não poder sair à rua — qualquer que seja a urgência. O Alfredo mora perto daqui e à tarde irei vê-lo de vez em quando para distraí-lo. É outro que sofreu ainda mais pelo estado melindroso da mulher do que pela prisão mesmo. O A. de Siqueira, êste foi sôlto, e segundo me dizem, não está nada queixoso do Floriano, que êle reputa o homem talhado para a situação do país. É já filosofia. Eu a princípio tomei por pura ironia êsse modo de falar do nosso amigo, mas me asseguram que realmente êle não tem queixa da prisão atribuindo-a ao estado atrasado de nossa sociedade e não à perversidade do Floriano. Essas prisões são simplesmente miseráveis, são requintes de crueldade fria, são atos de barbarização que o caráter dêste povo (menos do que o de qualquer outro), não justifica de forma alguma. Dar a um antigo conselheiro de Estado um

cubículo, com um estrado e um vaso por mobília, como dão ao Silva Costa, sem falar dos generais etc., é o que só se terá visto na história das prisões políticas nas prisões de Nápoles, no tempo dos Bourbons e quem sabe ainda?!

Muitas coisas teria que lhe contar, mas tenho sempre receio de que as cartas sejam interceptadas e assim se perca o meu trabalho, senão, pior. Até à vista portanto no que diz respeito a fatos de certa gravidade, que nesse tempo talvez serão matéria velha. O nosso ardente voto é que você possa voltar, não calculo porém o tempo que levará a resfriar a temperatura política desta terra de tiradentes e jacobinos. Evelina manda-lhes muitas saudades, Beatriz também e eu os abraço a todos e os beijo com a maior ternura e cordialidade que se possa ter por irmãos exilados e perseguidos. Adeus, meu querido Gouvêa, adeus, minha querida Iaiá, adeus minhas sobrinhas do coração. Do irmão muito dedicado

JOAQUIM.

Não tenho sabido do Juquinha (1). Muito prazer me deu, como já lhe escrevi, o trecho de sua carta referente a êle. Êle porém não se corresponde com ninguém e por isso passamos grandes intervalos sem notícias. Você as terá porém aí dêle mesmo.

J. N.

Ao barão de Penedo

12, Rua Marquês de Olinda
Rio, 22 de maio de 1894.

Meu caro Barão,

Muito prazer deu-me sua carta e sua queixa. Não lhe tenho porém escrito há muito por mêdo que a minha carta vá parar no *cabinet noir*, o que é uma perda de tempo pelo menos. O

(1) José Tomás Nabuco de Gouvêa, filho de Hilário de Gouvêa.

Artur garante-me porém que lhe encaminhará esta e por isto venho matar saudades.

Realmente pedi ao Hilário que lhe escrevesse pedindo-lhe notas sôbre as suas primeiras recordações de meu pai, mande-me o tal sargento ou alferes que êle representava em Olinda e tudo mais que lhe ocorrer da vida de estudante, algum traço dos lentes da primitiva (1831-35). Sei que não é dêsses anos, mas tem a tradição. Também lhe pedi informações sôbre o trabalho que a cada um tocou em os regulamentos comerciais de 50 — não achei manuscritos de meu pai, suponho que êles *lhe* foram entregues para a redação. O seu nome há de figurar muito, sobretudo, penso eu, pelas negociações de Paris em 66. Não sei quando acabarei, está apenas começado, mas creio que o meu trabalho ficará pronto antes das suas Memórias. O ano passado levei seis meses a estudar e classificar o arquivo, tenho o material, só me falta animá-lo e fazê-lo viver. Não sei se o conseguirei. Por todo êste ano, porém, se Deus me ajudar, ter-me-ei desfeito do assunto.

Realmente, meu caro Barão, o nosso Fenelon nasceu *empelicado*. Que boa e agradável prebenda lhe deu agora o Youle! É digna do arcebispo de Cantuária, que nós uma noite aclamamos com o Rancé e as Schlesingers no jantar da fava. Mas não temo que eu tenha caído no desfavor do nosso « incommodiously obliging » amigo de Brighton. Êle vê que eu nada posso fazer por mim mesmo e não confia em serviços indiretos.

Fiquei-lhe muito obrigado pela arbitragem, que abortou, e que depois de uma conferência com o Fox eu vi não poder ser conveniente. Por ocasião da demissão do Artur José, o Youle consultou-me sôbre a substituição, mas eu nada lhe aconselhei, nem respondi, porque tinha sido eu quem indicara o seu neto e ser o negócio delicado em nossas relações íntimas. Depois com o terror que tenho hoje do correio deixei de escrever ao nosso amigo; por último lhe escrevi, mas não sei se lhe chegou a minha carta. Recomende-me a êle, talvez algum dia êle possa me arranjar alguma coisa, senão para o Brasil mesmo, para o Japão ou para a Índia. O meu sonho seria que êle me chamasse para junto de si. Se não nasci, quero morrer empelicado e em boa pelica, do Youle, etc.

Não precisará a Companhia em Londres de alguém que lhe traduza as missivas do Fenelon e que as comente? Se êle me metesse no *Board* de alguma companhia, eu compraria ações pelo telégrafo e partia pelo primeiro vapor! Veja, meu caro amigo, se consegue fazer-me um *city man* para eu dar a respirar a meu filho, — um dêles — agora são três, que nasceu em Londres, o ar da terra natal. Não me esqueça é o que tôda esta brincadeira quer dizer, nem deixe que o Youle e o seu amigo Martin Smith me esqueçam tampouco, e se algum dia comprar o *Jornal do Commercio,* no qual eu quisera já ver a bandeira inglêsa ou americana garantindo-nos a leitura tranqüila dos *vende-se* e dos *aluga-se,* não deixe de me meter lá *outra vez,* mesmo contra o voto do nosso amigo, o amigo de Horácio, que me desprezou.

Agora, meu caro Barão, muitas saudades minhas e de minha mulher para si e a Baronesa. Os seus retratos, o dela infelizmente se apagou em parte, estão sempre diante dos nossos olhos e renovam a dor da separação forçada.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Pelo Burton mandarei uma tira com a minha última impressão, quando fôr possível formar uma opinião provável sôbre o desfêcho de tudo isto. Continua o estado de sítio, fazem-se novas prisões cada dia, o que quer dizer que o govêrno sente-se rodeado ainda de perigos, que nós não conhecemos fora. A situação internacional no Sul pode complicar-se de um momento para outro sèriamente, se o Floriano quiser mostrar com os argentinos a energia de que se jata com Portugal. Razão de sobra tem êle para ressentir-se, tendo talvez outras maiores para se mostrar grato. Em todo caso o câmbio indica vontade de baixar ainda mais, o barômetro ainda não está no « fair weather », longe disto. Até quando durará esta ansiedade, êste terror de prisões, a miséria de tantas famílias cujos chefes estão fugidos? Receio muito que o pobre Silva Costa morra na Correção, o Adolfo e o Alfredo de Barros continuam presos em casa, veja que luxo de arbí-

io — e aquêle saiu bem abatido da celular. Agora dão aos fuzimentos o nome de *beriberi* galopante — que horror esta quara tôda!

J. N.

Ao barão de Penedo

Rua Marquês de Olinda, 12.
Junho, 11 1894.

Meu caro Barão,

Muito obrigado por suas notas, era isso mesmo, vou aproveitá-las — trabalhando como estou, conto ter todo o *material* pronto nestes três meses próximos, restam as ligações, a parte crítica, recordações e impressões pessoais, etc. obra para outros dois meses, e um índice analítico — também outros dois meses. Quer dizer que, se Deus me der vida e saúde, nestes oito meses terei pago o meu tributo de saudade e gratidão a meu pai. É uma história do seu tempo, além da biografia dêle.

Nada de novo, senão mais histórias da Correção. Que triste fim!

Não sei se o Youle (1) está mal comigo; se não está peço-lhe que me recomende a êle para alguma prebenda vaga, e veja se me abre uma porta, qualquer me serve, para fora dêste meio asfixiante, agora sobretudo que levo uma grande bagagem de escritor. Imagine que terei neste ano três livros para imprimir! A prisão voluntária em que vivo me deu muito tempo para escrever e pensar. Não deixe esterilizar-se a afeição que o nosso homem de Brighton tinha por mim. Não quero figurar no seu testamento, mas quero a doação de alguma sinecura *inter-vivos*.

---

(1) Frederick Youle, figura conhecida nos meios financeiros inglêses ligados ao Brasil e que aparece em traços muito simpáticos no capítulo de *Minha Formação* onde Nabuco descreveu os íntimos da casa dos Penedo. Já velho nesse tempo, morreu em avançada idade depois de Nabuco a quem demonstrou afeição até o fim.

Muitas saudades à Senhora Baronesa minhas e de Evelina. O Artur está sempre conosco. Aceite um apertado abraço

Do Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

12, rua Marquês de Olinda.
Agôsto 9, 1894.

Meu caro Barão,

Há muito que estou para escrever e matar saudades, o estado de incerteza do dia seguinte em que vivemos me tem feito porém adiar de dia a dia a resposta devida à sua última carta. Tenho querido mandar-lhe alguma notícia melhor e sempre continua a mesma incerteza do que há de vir. O Floriano tem estado por vêzes em sério perigo, mas agora parece ter debelado os seus inimigos com a astúcia que todos lhe reconhecem e as artes de corrupção que tão caro nos custam. A pior campanha para êle não foi a do Rio Grande, foi a da Marinha, que parece ter vencido afinal dispersando os navios e exercendo sôbre a armada a mais vergonhosa espionagem e seleção que se possa imaginar. A anarquia que temos, porém, é do caráter da de 1789 em França que Taine qualificou de espontânea, e essa anarquia irrompe de tudo. Não há meio de consertá-la senão por pouco tempo, verdadeiramente de dia a dia. Caminhamos além do mais para a bancarrota se os empréstimos inglêses falharem como o último. O Gaspar (1) tem representado nesta fase desgraçada do nosso país um grande papel e o Gumercindo (2) tornou-se alvo da esperança de todos, mas com os recursos de que dispõe o Go-

---

(1) Gaspar Silveira Martins, com sua grande eloqüência e seu prestígio político, procurava conciliar as opiniões monarquistas e republicanas na oposição à ditadura e no restabelecimento das Câmaras. Era federalista e acabou sendo a alma do partido que se levantou em armas no Rio Grande contra a ditadura.

(2) Gumercindo Saraiva, o principal iniciador da revolução no Rio Grande do Sul contra Júlio de Castilho.

vêrno, se êle puder fazer da Marinha o seu capacho, o Rio Grande poderá quando muito debilitar financeiramente a União por mais algum tempo. É verdade, porém, como lhe disse, que vivemos em estado de anarquia permanente e que onde mais pareça haver ordem é aquela que está por baixo em estado latente. Se a família Imperial tivesse achado meios aí de sustentar o Gaspar, a revolução teria tido outra fôrça. O que é difícil de criar, um exército entusiasmado por uma grande causa própria, está feito; o que falta é o que é menos fácil de levantar, dinheiro, Infelizmente sem êle não há guerra possível e o entusiasmo tem que passar pelas fôrcas caudinas. Em suma, perde-se a mais bela oportunidade possível, e eu diria que outra igual não nos volta mais, se realmente o esfacelamento do país não estivesse aumentando cada dia, não fôsse uma decomposição galopante, de modo que o dia de amanhã será, em todo tempo, mais favorável momento para a ação do que o dia de hoje, desde que haja por parte da dinastia convicção do seu direito, de sua necessidade, e do acolhimento que ela havia de receber de todo o país.

Agora, meu caro Amigo e Mestre, que lhe falei de política, deixe-me agradecer-lhe o favor de sua intervenção a meu favor junto ao *Board* Paulista. Infelizmente a designação de árbitro veio acompanhada do aviso de que o arbitramento não teria lugar, o que aprovo inteiramente pela minha parte, de modo que só me trouxe a nomeação o prazer de ver o amigo que tenho em sua pessoa e o da confiança que mereço a Mr. Martin Smith. O engenheiro Fox procurou-me e expôs-me as razões pelas quais o arbitramento lhe parece inútil e talvez prejudicial e eu concordei com êle, pensando que a questão atualmente é tôda de diplomacia e da mais hábil que seja possível empregar no meio essencialmente corrupto em que hoje se vive, sobretudo em S. Paulo. Para essa tarefa eu era o menos capaz, por isso não me ofereço. Se porém a Companhia precisar de quem a informe lealmente sôbre os seus interêsses e perspectivas e o melhor modo honesto de conciliar os seus interêsses com as pretensões rivais, e de acautelar o seu futuro, eu estarei pronto para qualquer incumbência dentro da minha esfera. Espero que não me abandone se se apresentar alguma ocasião de me ser útil em Londres. Já não escrevo ao Correia, nem incomodo o Youle, de modo que o últi-

mo elo dessa saudosíssima cadeia que me prende à Inglaterra é a sua pessoa. A mim me agradaria mais viver dêsse lado de lá, se pudesse fabricar uma pequena posição independente em Londres, mas eu mesmo reconheço com as minhas incompatibilidades políticas, a minha pouca utilidade para posições ostensivas nas Companhias. Um dia porém Deus permitirá que eu quebre a cadeia que tenho aos pés e que me desligue inteiramente de tudo que é política para sòmente cuidar de minha vida. Nesse dia creio que ninguém me perseguiria mais e que me deixariam tratar de criar os meus filhos como qualquer outro Botocudo.

Não tenho esperança de que o Artur seja nomeado. Parece-me que vivem a enganá-lo com meias promessas indiretas para não dizer-lhe a verdade assentada nos altos conselhos. Carlotinha vai bem, o Artur José está metido numa tipografia em falta de melhor colocação (está aí um a quem muita falta fêz o pai, morrendo antes de encaminhá-lo), o Alfredo está muito bem cotado no Lloyd, mas é suspeito de Wandenkolkismo (1) em palácio. O Fenelon prepara-se para digerir duas ou três reclamaçõezinhas, depois do que irá fazer a apresentação do filho nos salões de *Mayfair*.

Evelina recomenda-se muito saudosamente à Baronesa e ao senhor, e eu com as mais constantes e gratas saudades de ambos, mando-lhes um apertado abraço. Creia-me sempre, meu caro Barão,

Seu mtº dedicado Amigo

JOAQUIM NABUCO.

Rogo-lhe por favor destruir a parte política desta carta, porque os enredos de *torna-viagem* chegam aqui muito aumentados e são capazes de inventar que eu lhe propus levantar aí um empréstimo para Gaspar fazer a monarquia, se souberem que aludi às vantagens que a dinastia teria se pudesse auxiliar a reivindi-

---

(1) O almirante Wandenkolk, que fôra o primeiro ministro da Marinha da República. Em 1.º de março de 1892 havia assinado o «Manifesto dos 13 generais» contra a ditadura de Floriano Peixoto. Mais tarde, acompanhado de vários oficiais, tomou conta do navio mercante «Jupiter», e nele tentou um desembarque na barra do Rio Grande para auxiliar os federalistas revoltados. A tentativa foi um malôgro.

cação dos brios rio-grandenses com o *nervo da guerra*. O meu ponto de vista é que a liberdade será sempre em proveito da monarquia e que o govêrno livre desejado hoje pelo Rio Grande tomaria mais cedo ou mais tarde a forma monárquica se o militarismo sucumbisse no duelo em que está empenhado com os rio-grandenses, *os brasileiros livres*.

J. N.

A Hilário de Gouvêa

12, rua Marquês de Olinda.
25 de agôsto. (1894).

Meu querido Hilário,

Pelo amor de Deus não se queixe você de mim por lhe ter deixado de escrever há tanto tempo. Diversas vêzes escrevi-lhe extensas cartas, posso afirmar-lhe, mas enquanto esperava pessoa de confiança que as pudesse levar, os acontecimentos as inutilizavam de modo que era absurdo mandar-lhe previsões *post factum* e em contrário quase sempre do que acontecia. Que série de surprêsas temos tido! De mim mesmo não lhe mandava notícias por você as ter do Morro e saber que estávamos bons. Felizmente atravessamos até hoje essa triste quadra de tantas aflições sem têrmos que sentir senão pelos outros.

Espero sempre com ansiedade notícias de Paris que Sinhazinha me transmite regularmente. Graças a Deus vocês todos vão bem, eu suponho que sob a futura presidência você terá ocasião de voltar e tratar de sua vida sem mais o incomodarem. Dentro de alguns meses não haverá talvez mais pretexto para tiranias. A morte de Gumercindo Saraiva, que era para muitos o símbolo da resistência, veio fortificar o Congresso contra os partidários do estado de sítio perpétuo e ilimitado. Não sabemos nada do que se está passando no Rio Grande do Sul, mas não vejo como o movimento federalista poderia outra vez assumir caráter geral. Seja como fôr, as nossas finanças acham-se em tal estado que qualquer govêrno precisará para inspirar confiança abandonar as perseguições secretas e tentar o apaziguamento do país, o que sòmente será possível pela anistia. Esperemos por ela.

Admirar-me-ia muito se a situação não melhorasse para os proscritos logo depois da presidência do Prudente. É possível entretanto que a anarquia republicana apresente uma nova face com o govêrno de um civil e que os legalistas de hoje sejam os revoltosos de amanhã. Se fôsse assim teríamos piores dias nesta cidade do que até hoje, porque teríamos a dança em terra e não no mar sòmente.

Há um ano que estou fechado em casa a trabalhar na *Vida* de meu pai e dentro de um mês terei acabado a parte material do trabalho, só restando aperfeiçoá-la e poli-la para a imprensa. Como está deve dar dois grossos volumes. Não sei como nem quando os publicarei. A impressão será coisa para talvez uns quinze contos! Recebi ontem as cartas do Nunes Machado que me mandou o Estrêla, tinha recebido antes o que perguntei ao Penedo, assim muito obrigado.

O *Jornal* de anteontem publicou a lista dos contemplados na distribuição dos « bonus ». Leia isso. Ontem contaram-me uma farsa que custou caro ao autor, disseram-me que o Júlio Ribas fôra prêso por um requerimento que fizera ao Floriano quando o Barata foi nomeado para o Supremo Tribunal, pedindo-lhe que o nomeasse para a cadeira dêle na Faculdade de Medicina e juntando a sua carta de bacharel. Por isso estêve longos meses na Correção. Ainda estão presos muitos, mas alguns têm sido soltos afinal como os nossos amigos Adolfo de Barros, que lhe manda muitas saudades, o irmão Alfredo; o Pedro também já passeia pela rua do Ouvidor, deram-lhe garantia de que não o prendiam. O Silva Costa, porém, o Gentil, o José Mariano e outros continuam nas fortalezas. Vamos ver quando e como tudo isto se liquida e quando o rol dos criminosos políticos ou dos simples suspeitos aparece afinal! Adeus, meu querido Gouvêa. Abrace por nós Iaiá, minha comadre, que é a única pessoa dessa casa, segundo me dizem, ansiosa por voltar, dê-lhe mil saudades de todos nós, e também às meninas, que hão de ter mais cedo do que pensam o desprazer de entrar na bela baía do Rio, da qual só admiram a saída.

Do irmão muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Morreu o José Augusto (1), solitário na Pensão onde vivia. Assisti ao entêrro, êste ano tenho me arruinado em carros de entêrro! Ainda hoje devia ir ao da mulher do Eduardo de Andrade. Tem morrido muita gente conhecida nossa. Da mesa do voltarete do Comendador foram-se quase todos. Quando estiver com S.S. A.A. apresente-lhes os nossos respeitos e homenagens.

J. N.

A Hilário de Gouvêa

12, Rua Marquês de Olinda.
Rio, 23 de setembro, 1894.

Meu caro Hilário,

Estou ansioso por notícias do seu doutoramento (2). Apesar de saber bem do que você é capaz, avalio o que lhe terá custado refazer êsses estudos da mocidade e prestar exames como um estudante e em língua estranha. É um dos fatos êsse de sua vida mais expressivos da sua energia, resolução e capacidade. Hoje conto ir jantar no Morro para festejar os seus anos, mas está chovendo. Eu estive lá anteontem. Nenê está forte como nunca a vi e o seu segundo neto é um progresso em matéria de saúde e de fortaleza — como o último dos meus filhos também — sôbre o primeiro molde.

Acabei como lhe disse a parte material da *Vida* de meu pai — saiu um imenso manuscrito que dá para três grossos tomos. Agora resta tratar da publicação, e sòmente então dar-lhe-ei a forma definitiva. Estou descansando um pouco. Realmente só do arquivo do Imperador é que o Reinado poderia ser estudado do ponto de vista central, do ponto de convergência e irradiação de tôdas as correntes e fôrças que o constituíram.

Estou infelizmente ainda sem ter uma ocupação qualquer lucrativa e por isso você não deixe o Penedo esquecer-me, êle

(1) José Augusto Nabuco de Araujo, irmão por parte de pai do conselheiro José Thomaz.

(2) Para poder clinicar em Paris durante o exílio, Hilário de Gouvêa, que já possuía diplomas médicos das universidades do Rio de Janeiro e de Heidelberg, teve que se apresentar a novos exames e estudos.

pode muito em Londres. Eu pelas minhas idéias nada posso tratar diretamente com o govêrno, mas posso encarregar-me aqui de diversos trabalhos e prestar serviços de tôda ordem a quem confiasse em mim. Hoje com o estudo que fiz dos detalhes de nossa administração tôda durante 50 anos sôbre qualquer questão que se refira a ela possuo a tradição tôda dos fatos. Para um grande jornal eu poderia acompanhar a marcha financeira do país — para uma companhia captar a opinião, a boa-vontade dos principais elementos, estudar os aspecto legal e financeiro das questões, aconselhar sôbre o melhor modo de conduzir as negociações, sôbre as operações a fazer, etc. Não deixe o Penedo esquecer-me, nem o Youle, nem o Corrêa. De repente pode dar-se em Londres ou aqui uma situação que me convenha e que eu possa aceitar. Só não posso entender-me com o govêrno; posso prestar, porém, tôda a assistência a quem fôr mandado para isso, e fora das negociações diretas com o govêrno, tratando-se de colhêr e dar informações e indicações, sustentar na imprensa ou parcialmente os direitos ou advogar os interêsses de uma emprêsa, preparar o terreno para alguma negociação ou operação, tudo isso eu posso. Eu não quisera sair daqui, você estando ainda fora, por causa de minha mãe, mas se aparecesse uma boa colocação em Londres eu a aceitaria, esperando a sua volta ou contando com ela. Se você entretanto se estabelecesse com *animus manendi* em Paris, qualquer que viesse a ser a mudança política no Brasil, eu preferiria ser o representante cá de algum interêsse de vulto. Está claro que eu tenho que sujeitar tôdas as considerações à necessidade de trabalhar onde quer que se me ofereça oportunidade por causa de meus filhos — que já não são poucos. Nesse caso, você emigrado, se eu devesse também emigrar, creio que levaria minha mãe — ainda que você tivesse que vir ajudar-me a levá-la, melhorando a situação política. Eu por êste vapor escrevo ao Penedo também, e ao Youle — não quero deixar de escrever de vez em quando — o mais, que posso eu fazer? Essa esperança que me deixa cada novo requerimento dá-me alento para os trabalhos desinteressados a que me dedico. Em São Paulo eu poderia talvez fazer mais do que aqui, conheço a principal gente de lá e há menos política — e para as crianças, durante o verão sobretudo, é melhor clima.

Estamos todos acompanhando ansiosamente o escoar dos dias que restam até 15 de novembro. Sente-se que êste *Terror* não se pode repetir e que a polícia há de deixar de ser a fôrça jacobina que é hoje, a repartição de espiões e carrascos que tem sido. O que se diria aí em França se o govêrno além do exército e da polícia tivesse em armas batalhões de fanáticos políticos encarregados especialmente dos suspeitos e dos presos? Uns pensam que o Floriano quer ficar, a opinião corrente porém é que êle deixa, ainda que em geral se pense que deixará com esperança de que tudo logo se anarquize e que êle seja chamado à presidência vaga. A 15 de novembro o mais provável é a transmissão pacífica, o que virá depois é que é o segrêdo. Os que acreditam na permanência do Floriano fundam-se nas deposições havidas e outras como de Pernambuco, julgadas iminentes. Eu creio que o Prudente virá no dia fixado, mas confesso que não sei como êle poderá apagar a bomba que lhe deixam acêsa. A concessão do *habeas-corpus* a dezenas de presos tem sido o acontecimento do dia, o govêrno desinteressou-se nessa questão, muitos vêem um plano nessa falta de resistência. Não sei se você poderia vir logo depois de instalado o novo presidente. Neste país as mudanças são rápidas e extremas, talvez em dezembro a anistia e o esquecimento do passado estejam em todos os jornais da situação nova sem que isso pareça uma política precipitada e perigosa. Assim seja.

Adeus, meu caro Gouvêa, recomende-nos muito e abrace por nós todos a Iaiá e as meninas e aceitem muitas saudades que lhe mandamos.

Do irmão muito amigo

JOAQUIM.

Ao barão de Penedo

12, rua Marquês de Olinda.
Rio de Janeiro, 24 de setembro, 1894.

Meu caro Barão,

O Artur que está sempre conosco deu-me notícias suas e um recado de que ia escrever-me. Estamos ansiosos todos pelo 15 de

novembro, não é provável que haja um segundo Francia neste país. Em geral pensa-se que a transmissão será regular, mas que depois virão os tumultos da rapaziada jacobina para aterrarem o Prudente e fazê-lo evacuar o Itamarati (1) do qual no meio da confusão o Floriano tomaria posse em nome da ordem e das responsabilidades do exército na fundação da república. É possível entretanto que *rei morto, rei pôsto,* e que acabada a presidência o florianismo, desprendido da pagadoria, se torne tão imprestável como uma sanguessuga repleta. Veremos.

Não se esqueça entretanto nunca, meu caro Barão, de ver se me põe em contacto com os seus amigos inglêses e de recomendar-me aos que ainda mantêm relações com o antigo vice-rei de Grosvenor Gardens. Exceto a representação oficial, para a qual, aliás tôdas as companhias e grandes casas têm o seu representante inglês, tudo mais me é lícito aceitar, tratando-se de causa justa.

Sei que tem visto o meu cunhado, e dois homens que tanto têm de comum entre si não podiam deixar de afeiçoar-se um ao outro em terra estranha e no mesmo serviço. Veja se faz alguma conspiração com êle em meu favor, que pelo menos sou um *pretendente,* o que não consta às vêzes da própria realeza, pretendida da Revolução, segundo os boatos oficiais. Dê muitas saudades ao grupo de amigos, que desconfio se reúne na Avenue d'Iéna. Estou curioso de ter o que o Eduardo (2) publicou em Lisboa, prometeram trazer-me hoje a fôlha embargada. Escrevo por êste paquete ao nosso Burton, dizendo-lhe quanto sinto ver desaparecer a figura dêle do escritório de Argyll Place — lembrou-me de modo muito apagado, tanto eu sempre adorei Londres, a sua retirada de Grosvenor Gardens.

Evelina e eu muito nos recomendamos à Baronesa e à sua regencial pessoa. Aceite um saudoso abraço do velho e sincero amigo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) A casa da marquesa de Itamarati, hoje Ministério das Relações Exteriores, foi a primeira residência dos Presidentes da República. Êste ministério continuou na Praia da Glória até o govêrno adquirir também a residência dos Barões de Nova Friburgo, no Catete.

(2) Eduardo Prado.

A Hilário de Gouvêa

12, rua Marquês de Olinda.
Rio, 6 de novembro [1894)].

Meu caro Gouvêa,

Estimarei muito que esta os encontre a todos em perfeita saúde, tão necessária sempre, sobretudo em Paris onde não se tem direito de descansar. Estou ansioso por ter notícias suas, de todos, diretas e circunstanciadas; há muito já que não as recebemos. Essa sua formatura em Paris, aos cinqüenta anos (não se aborreça por isto) é uma das coisas mais extraordinárias que você fêz, um dos seus doze trabalhos de Hércules. Você com efeito é um Hércules. Fizeram-lhe uma lenda que não morrerá mais, — a Cruz Vermelha, sua prisão, sua fuga, seus disfarces, a natação para Villegaignon, a partida para a Europa, as façanhas do Juca (1), a formatura em Paris, a conversão, os trabalhos aí, tudo isso junto, com o falso e o verdadeiro misturado, deu para a nova lenda do Hilário, que ficará célebre. O que eu noto é que até antigos adversários seus ou pessoas pouco afeiçoadas falam agora bem do ausente. Disseram-me isto pelo menos do Werneck. Na Faculdade não creio que haja quem se atreva a pôr outro na sua cadeira.

Sim, senhor, estamos perto do 15 de novembro. Para a semana é o *dies irae, dies illa,* e o Floriano evacuará o Itamarati com a triste frase de Tibério — *Homines ad servitutem parati.* Realmente, imagine que à recepção do Prudente (no dia de finados) não foi um só empregado público, muito menos iria uma farda. O próprio Porciúncula em Petrópolis não se dignou. Mas o Floriano pensará que esta será sua sorte quando êle não fôr mais govêrno? Os que por mêdo dêle não ousam adorar o sol nascente, que farão quando fôr êle o suspeito — o faccioso,

---

(1) José Thomaz Nabuco de Gouvêa, filho de Hilário de Gouvêa, havia participado valente e ativamente, como médico e combatente, da revolta no Rio Grande do Sul. Tanto se distinguiu entre os gaúchos que ficou radicado no Rio Grande, como se gaúcho fôsse. Ingressou na política e foi por muitos anos deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Mais tarde exerceu várias missões diplomáticas, sendo por último embaixador no Peru.

o caudilho? Há duas opiniões hoje. A respeito da transmissão do poder no dia 15 todos pensam, uniformemente, que se fará na forma da Constituição; quanto porém ao que se há de seguir, uns pensam que o Floriano deixa o poder ao Prudente *todo minado,* ficando êle com os fios condutores para quando seja preciso fazer saltar a mina; vêem-no generalíssimo, chefe do partido militar unido de Norte a Sul; outros pelo contrário pensam que desde que êle deixar o poder os seus aderentes se irão um por um esgueirando; que se fará em tôrno do tirano onipotente de 1893 o vácuo que cerca todos os decaídos em nossa terra; que aparecerão as mais horrorosas revelações sôbre as atrocidades até hoje escondidas, e que a polícia se encarregará de dar ao futuro conspirador a sorte que êle deu aos seus inimigos, etc. etc. Entre essas duas profecias qual é a que eu adoto, me perguntará você? A mim parece duvidoso que o Floriano possa deixar o poder. Eu não vejo bem com que elementos êle contaria para colocar-se na posição do Custódio. Tendo levantado a sua gente em nome da legalidade, a ditadura seria difícil de sustentar, era a justificação retrospectiva da revolta, das previsões dos revolucionários, dividia os vencedores em dois campos, isolava exército da Republica, ou pelo menos cercava-o exclusivamente do elemento jacobino e do positivista (o tal da ditadura científica) que são odiados tanto um como outro pela massa da população; por outro lado porém não compreendo com que coragem o Floriano há de descer do poder, êle não é um Sila que depois das proscrições passeava nas ruas de Roma tendo abdicado a ditadura — êle vive fechado invisível como nenhum tirano se fechou nunca em tôda a história das Repúblicas sul-americanas; coragem maior é preciso para dar a conhecer ao seu sucessor o que se passou de oculto na administração, para deixar que êle reconheça o estado do Tesouro, do Banco, as emissões clandestinas, os fuzilamentos disfarçados, as reclamações estrangeiras, os escândalos todos do pretorianismo. Não me parece que depois de uma semana de publicidade livre e inteira o florianismo possa achar um defensor desinteressado senão entre os fanáticos ou mentecaptos. As atrocidades de que o acusam não foram feitas para vencer, mas depois de vencida a revolução — e a conspiração para abafá-las, para destruir as provas, para enganar a opinião, tudo isso é tão miserável e tão aviltante, é uma série de mentiras

tão torpes, que a leitura dêsse processo instaurado à tirania decaída causaria uma indignação irresistível. Nessas condições como êsse homem pode deixar o poder, eu não compreendo nem posso explicar de modo coerente com a natureza que êle tem revelado. Vejo que êle está praticando atos que são uns de quem quer deixar o seu partido pessoal montado sôbre o seu sucessor, mas outros que são verdadeiras verbas testamentárias. A frase corrente — que êle ressuscitará no *terceiro dia*, do novo sebastianismo nascido do terror por êle espalhado, pode confirmar-se ou não; não sei o que pensar, o que me parece mais provável é que êle entregue o poder por falta de energia para uma ação individual que sempre lhe faltou e não está no seu temperamento como estava no do Deodoro, e está no do Melo, mas que depois de 15 de novembro continuará o terror exercido pelo receio de que êle volte, para desta vez debelar e levar a ferro e fogo tudo que lhe seja contrário. Será um terror anônimo, inexplicável, inapreensível, mas que bastará para paralisar o Prudente, impedi-lo de pensar em conciliação com o Rio Grande (dizem que o Pinheiro Machado já ameaça de invadir por São Paulo se o Prudente fizer liga com os federalistas), e que manterá em coação, como hoje, o jornalismo, o Congresso, o funcionalismo todo e os passageiros dos bondes, a cidade tôda. Eu não creio que o militarismo se dissolva senão depois do segundo ato da peça militar de 15 de Novembro (o 1º foi a briga da armada com o exército) que será a briga de exército com exército, de guarnições contra guarnições, etc. Não me parece porém que esteja iminente essa briga, o espírito de classe parece-me ainda forte e resistente e o exército todo fazendo causa comum e reconhecendo por sua cabeça o Floriano. A luta provável é entre o exército de um lado e o republicanismo civil do outro e nesta eu palpito pela vitória daquele, isto é, ainda de Floriano. Com essa luta confesso que eu nada tenho porque não posso escolher entre elementos que se têm mostrado desde 15 de Novembro igualmente despóticos, indiferentes à liberdade, ao direito, à lei, superiores aos tribunais e aos princípios, proscritores, e moedeiros falsos da última categoria, e cúmplices das maiores gatunagens administrativas que se possam imaginar. Não sou da teoria do *quanto pior, melhor*. Dêsse ponto de vista a ditadura militar seria um bem para nós. Ponho-me no ponto de

vista do que é realmente melhor para consolidação da liberdade e da ordem, sem *arrière pensée* nenhuma de mudança na forma de govêrno, e dêsse mesmo confesso que, entre um govêrno fraco dominado por um terror oculto, incapaz de reivindicar sua autoridade, de impô-la ao militarismo recalcitrante, e o militarismo desvendado e responsável, é-me impossível decidir de antemão o que eu preferiria no interêsse mesmo de minha conservação e da sua volta, meu caro Gouvêa. Como você vê, não tenho nenhuma previsão certa, o que me parece mais provável, é um govêrno nominal do Prudente e o terror efetivo, oculto, anônimo do militarismo ligado ao jacobinismo e reconhecendo como « encarnação suprema » da « pátria republicana » o nosso Rosas.

Neste vapor ou no *Brésil* (é no *Brésil*, diz-me Evelina) parte o Couto de Magalhães que vai um tanto transtornado da cabeça e entregue segundo ouvi ao Marinho. A primeira idéia, consta-me foi recomendá-lo a você, mas creio que o próprio Marinho tem instruções para ouvi-lo, não estou bem certo. Você aí como médico brasileiro e célebre terá muitas consignações dessas desde que a República dure algum tempo mais, é de pôr a todo o mundo doido.

Muitas saudades nossas a Iaiá, Inacinha, Maria José, Laura e Lucília, vão os nomes todos para não pensarem que os esqueci, por elas terem o costume de não nos escrever nunca.

Recomende-se muito ao Penedo, ao Estrêla e vá escrevendo o seu diário para ao menos retrospectivamente eu ter um dia conhecimento de sua vida aí nesta fase tão interessante e tão triste. Adeus, meu querido Gouvêa, muitas lembranças do seu irmão muito amigo

JOAQUIM.

A André Rebouças

12, rua Marquês de Olinda.
Rio, 13 de novembro, 1894.

Meu querido Rebouças,

Há muito tempo não tenho notícias suas diretas, mas as indiretas que me tem dado o nosso amigo Taunay me têm muito

suavizado essa falta. Suas cartas são terrìvelmente impessoais, do que temos sêde é dos seus menores gestos e emoções, o que se quer saber é como você vai sofrendo a fricção de cada dia, de cada trivialidade, se no seu destêrro há nada trivial, e você só nos manda epístolas, como São Paulo — com a boa doutrina. Dêsse modo não nos vemos nem sabemos verdadeiramente de você senão que tem o mesmo cérebro, o mesmo caráter. Por que nos roubar assim o seu *coração?*

Vejo que um sobrinho seu distinguiu-se muito no campo florianista pela coragem que mostrou. É um estudante ao que parece muito estimado. Eu dou-lhe os parabéns. Das idéias êle há de curar-se, o que é essencial é que tenha o estofo viril dos Rebouças. Seu mano mais moço é um personagem na engenharia de São Paulo, de modo que seu velho pai (cuja figura encontrei agora nos Anais de 1843 de modo a poder copiá-la) teria grande prazer na semente que espalhou se pudesse ver a florescência. No dia de finados lá estive em seu lugar.

Sim, senhor, meu caro amigo. Ontem inaugurou-se a estátua de Osório e parece que foi um sucesso, aparecendo pela primeira vez depois de 15 de Novembro o povo de 13 de Maio. É isto pelo menos o que dizem os jornais. Depois de amanhã entramos em nova presidência e o país começa a respirar do regime do terror vendo um civil à espera do penacho. Hélas! Ainda temos que passar por muita coisa antes de têrmos o govêrno civil que será a fase de esfacelamento da República ou do país. A luta entre a marinha e o exército há de reproduzir-se com caráter mais acentuado ainda para terminar de outra forma. Não é difícil concluir isto do estado em que são conservados os navios ocupados por uma guarnição de confiança de praças do exército, dizem-me mesmo que é o oficial de terra e não o comandante que tem a disposição do armamento. Isto quer dizer que mesmo a armada florianista está humilhada e é suspeita e daí a probabilidade de unir-se ela ainda para reconquistar a sua dignidade de classe distinta e separada do exército. Se na nova presidência a marinha fôr restaurada ao estado antigo isto trará complicações. Ao exército não convém o pronto levantamento da marinha porque a sua melhor gente é a que combateu contra êle e uma vez a marinha recomposta e igual ao exército a influência daquele elemento se faria sentir para apagar os vestígios

da luta e os efeitos da vitória. A situação militar é assim forçosamente má e um presidente civil terá muita dificuldade em harmonizar classe com classe. O partido militar é florianista e Floriano fora do poder pode inutilizar qualquer política e de fato subverter o Prudente ou qualquer outro no momento que quiser.

Até quando se prolongará êsse seu destêrro, meu querido amigo? Até o fim? Por tôda a eternidade? Eu desde que veja o perigo do terremoto afastado lhe escreverei também sôbre a sua volta, por enquanto não me atrevo, o Rodrigues e o Patrocínio ainda julgam prudente estar escondidos, a nova ordem de coisas é extremamente precária e a reação pode ser ainda mais cruel do que foi o último estado de sítio. Você terá tido notícias de tudo que nem se pode escrever.

Adeus, meu querido Rebouças. Vivas saudades nossas.

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

12, rua Marquês de Olinda,
Rio, 23 de dezembro de 1894.

Meu caro Barão,

Estamos nas vésperas do seu dia e não quero deixar ir o vapor mais vizinho sem dizer-lhe que êsse dia tem sempre em mim o mesmo devoto. Muitas felicidades pois e um bom 1895. O Burton escreve-me que tanto o Sr. como a Baronesa estão com o ar tão jovem como tinham nos belos dias de Grosvenor Gardens. Deus os conserve assim e lhes afaste a velhice para bem longe.

A situação dêste lado melhorou bastante, não temos mais a Bastilha nem os pelotões de fuzilamento, mas é grande o receio de que o militarismo, que o pode no dia em que queira, se aposse de novo do govêrno. Seria uma fase pior do que tudo e a impotência da atual administração não nos tranqüiliza de forma

alguma. Por outro lado o Tesouro está arrebentado e a situação financeira é desesperadora. Não será continuando a guerra do Rio Grande, que só servirá para enriquecer fornecedores e comandantes Castilhistas, que o Prudente há de melhorar as condições do Tesouro — que já vimos mais gordo.

Recomende-nos a ambos muito à Baronesa e creia-me sempre, meu caro Barão, muito saudosamente seu

Amigo dedicado e reconhecido

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Rio, 23 de dezembro.

Meu caro Hilário,

Escrevo-lhe para desejar-lhe boas festas neste seu segundo Natal fora. Esperemos que seja o último, pelo menos de ausência forçada.

Com a presidência do Prudente de Morais melhorou muito a atmosfera aqui. Já não é a dos cubículos da Correção, e os jornais, o do *Brasil* sobretudo, os da tarde (*Gazeta* e *Correio*) e o *Apóstolo* já trazem as narrativas que podem achar dos assassínios do Paraná, de Santa Catarina e das ilhas desta baía. Mas estamos longe de ter saído de uma vez do Terror, existe ainda um sub-Terror, um pressentimento triste de que os dias da ditadura hão de voltar, talvez agravados pelo ressentimento dêste interregno civil. O govêrno parece-me de todo impotente para resistir ao militarismo; um ou outro ato de independência, como a nomeação de Solon, G. Besouro, Travassos, etc, não encobre a situação aflitiva em que êle se sente de prisioneiro; de fato *eu sei* que no govêrno mesmo teme-se uma surprêsa qualquer do florianismo jacobino, que é o único elemento político audaz que hoje temos. Parece que é impossível para o govêrno apoiar-se na armada, que não existe mais (senão no Sul). A fortaleza de Santa Cruz daria conta hoje dos calhambeques onde

o P. de M. pudesse abrigar a sua sorte. A atitude dêste entre o florianismo e o federalismo é a mais inglória possível, não podendo de fato tentar nada de sério contra qualquer dêles sem aliar-se com o outro, daí a política vacilante de quem não chega a tomar pé na situação melindrosa das coisas públicas. O que a agrava porém sobretudo é a extrema penúria do Tesouro. O Floriano fêz ao seu sucessor o mesmo que o Cotegipe, que dizia ao Ferreira Viana quando subiram os Liberais: « O que me consola é que êles não hão de achar um vintém sequer no Tesouro! » Parece que realmente não ficou um níquel!

Muito me alegrou a notícia que você me dá que o Prado pensou em mim — as idéias dêle são porém tantas que se exterminam no nascedouro umas às outras. Se êle tivesse uma só de cada vez! Quanto ao meu livro, eu só o deixaria imprimir longe de mim se tivesse uma cópia e se a última de-mão já estivesse dada. Você estimará talvez saber que o Rodrigues me escreveu e que já nos falamos uma vez. Sôbre a *Vida* do Imperador seria realmente um trabalho a que eu me entregaria com o maior prazer, mas se tivesse o espírito sossegado e em outra sociedade, onde durante a composição eu achasse quem se interesse pela obra. Sua Alteza teria que dar as ordens para me serem entregues os papéis que ela julgasse poder comunicar-me, eu não os pediria ao Silva Costa diretamente, mas como lhe digo, não estou ainda preparado para êsse *fim de vida.*

Todos os nossos vão bem, graças a Deus, e desejo que o mesmo se dê aí. Estou ansioso por saber que você já se habilitou para clinicar. Temos todos muitas saudades, e agora alguma esperança de os tornarmos a ver breve. Abrace, por mim e Evelina, Iaiá e as sobrinhas e disponha sempre do irmão muito amigo

JOAQUIM.

1895

A Hilário de Gouvêa

12, rua Marquês de Olinda.
Rio, 7 de março de 1895.

Meu caro Gouvêa,

Muito prazer nos deu receber a sua bela tese e a notícia de que você tinha atravessado com felicidades o último passo da sua nova formatura. Não pode tanto trabalho ter-lhe sido dado em vão depois de uma vida tão laboriosa como a sua. Eu espero que tudo tenha sido providencial e que do mal que lhe quiserem fazer virá o seu bem, ulterior e *definitivo*. Aqui há muita admiração por você hoje e não tenho dúvida que com o tempo ainda será maior.

Estive dormindo umas noites no Morro, por causa de uma febrinha intermitente que me veio depois de uma forte nevralgia num ouvido, que o Manso Saião me diz ter sido palustre. Vi minha mãe, de perfeita saúde, *cada vez mais forte,* falando sempre em vocês, lendo os jornais sem óculos, criando o gatinho de Lucília, de quem nunca se esquece. Deus a conserve assim muitos anos. Sinhazinha também está magnífica, estêve passando aqui os dias que eu dormi lá, muito religiosa com os seus concertos, que realmente deram muito dinheiro às igrejas. O Pedro vai muito bem, parece que será feito vitalício por exceção. Nenê está muito forte e os seus netinhos vão ambos bem. O último é um perfeito Gouvêa.

Tudo naquela casa fala dos donos. Quando os tornaremos a ver? Você diz muito pouco da saúde de Iaiá, suponho que por ser excelente. Das meninas sabem todos aqui que elas não querem mais ouvir falar da rua do Ouvidor, nem mesmo do Morro. Há uma queixa geral contra essa ingratidão das belas fluminenses.

A situação aqui é hoje apática, triste, desanimada, expressiva da ansiedade, ou antes da incerteza, da indiferença, do vazio,

que há em todos os espíritos, em todos os corações. Em uma palavra apodrecemos.

Dê muitas saudades nossas a Iaiá e às meninas e aceite as mais vivas lembranças dos que pensam sempre em vocês.

Do irmão muito amigo

JOAQUIM.

A André Rebouças

12, rua de Olinda (Botafogo).
9 de março de 1895.

Meu querido Rebouças,

Ontem o Taunay, que foi eleito Diretor por mais três anos da São Cristóvão, veio ver-nos e mandou-me hoje pelo correio a carta que você lhe escreveu sôbre o Hilário, pela qual vejo que você *é* sempre o mesmo e *está* o mesmo. Por meu prazer escrevia-lhe por todos os vapores, mas a pena torna-se fatigante para os que vivem dela e, como você sabe que há sempre uma pulsação em mim que é sua, e que eu rezo por você nas minhas missas, confio que o silêncio é tão expressivo entre nossos espíritos como os fragmentos, que possam ir numa carta, do nosso modo de sentir.

Mando-lhe por êste correio a série de artigos que escrevi sôbre Balmaceda — não tôda a série, mas os últimos, que mais se parecem com o que se deu entre nós. Estão cheios de erros, mas você nos pontos duvidosos para si emendará fàcilmente.

Estamos aqui numa situação apática, que pode ser o reposteiro para tudo. Como o nosso país retrocedeu! Agora foi o José Maria, o 2º José Mariano, assassinado no Recife. Os governadores são os antigos sátrapas argentinos. A República está apodrecendo e corrompe tudo. Quem diria que havíamos de dar o tipo jacobino, que você conheceu perfeito, ainda que sòmente potencial então, no Enes de Souza.

Adeus, meu querido Rebouças, nós aqui conservamos o seu culto, e desejamos que sua vida tenha um belo desfêcho, um

longo final no meio de amigos e discípulos amorosos — e discípulas também, se você é um verdadeiro Pitágoras.

Do seu coração

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

28 de junho.

Meu caro Gouvêa,

A morte do Saldanha (1) nos trouxe a todos a maior desolação e a mais profunda dor. O Brasil não verá outro igual! Estou crente que o Juquinha não estava com êle. Ontem pedi no *Jornal* que telegrafassem ao correspondente em Montevidéu e pelo *Jornal* de hoje você verá que a resposta foi: *não sabemos.* Se você lesse essa menção do nome de seu filho sem saber que ela foi provocada daqui poderia dar-lhe uma significação que não tem. Por isso o aviso. Fui eu que, vendo no *Jornal* de ontem que diziam estar o Dr. Gouvêa como médico da coluna com o Saldanha pedi ao correspondente do *Jornal* notícias a respeito e a resposta dêle foi incluída no telegrama destinado ao público. Daí a notícia falar do nome do Juca. Espero que hoje cheguem notícias tranqüilizadoras. Você, porém, as terá tido aí diretas pelos seus informantes.

Como deve ter você o coração neste momento! A morte do Saldanha deixa uma legenda que viverá. Mando-lhe o artigo do Patrocínio de hoje e um *Jornal do Brasil* com a indenização Buethe e uma sentença do Aureliano de Campos em caso igual

(1) O Almirante Luís Felipe Saldanha da Gama tomou parte na revolta de 1893, e assumiu o comando da esquadra revoltada depois que Custódio de Melo partiu para o Rio Grande.

Vencida a marinha pelo govêrno, refugiado Saldanha no Rio da Prata, voltou êle com o que pôde reunir de homens, penetrando no Rio Grande e juntando-se ali aos federalistas cuja resistência não cessara. Foi morto em combate contra as tropas do govêrno.

ao seu. Como tudo isto abala e comove! Evelina, que está hoje com 8 dias de cama, chorou ontem todo o dia pela morte do Saldanha, que ela aliás nunca tinha visto. Imagine se o conhecesse como nós!

Penso que vocês devem mandar fazer aí quanto antes uma gravura grande de sala do retrato melhor do grande herói brasileiro para se vender aqui. Virá tempo em que em tôdas as salas da gente honesta e direita haja uma imagem dêle. O Eduardo pode encarregar-se disso ou o Juca.

Saudades muitas a Iaiá, que espero nada mais venha a supliciar e às meninas.

Com todo o coração seu

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Rio, 23 de setembro de 1895.

Meu querido Gouvêa,

Não quero deixar passar o dia de hoje (1) sem também mandar-lhe as nossas sinceras felicitações e votos pela sua felicidade. Grande é sempre a falta que nos faz a sua ausência, mas ela tem tantas vantagens para você que damos por bem empregada a saudade que sentimos. Pelo grupo que me foi mostrado, tirado em St. Gervais, vejo que todos aí estão esplêndidos, inclusive a nossa querida irmã, que maior susto me causou durante a sua prisão do que a sua própria sorte. Só depois da publicação do Trompowski foi que me capacitei de que você se salvou da morte, fugindo, com o auxílio dêsse admirável cônsul (2), benfeitor da família. Por onde anda êle?

---

(1) Hilário de Gouvêa completava 52 anos.

(2) O cônsul francês, graças a cujo interêsse Hilário de Gouvêa pôde se refugiar no navio francês *Aréthuse*.

Você verá pelos jornais que o Eduardo (1) e o João Mendes estão a ferro e fogo de língua, ou de pena, em São Paulo. Por aqui não há brigas, mas eu pelo menos não acompanho a direção que se está dando à causa monárquica e estou encostado no meu silêncio, na *Vida* de meu pai, e em um livro que estou compondo em francês. O Constâncio Alves entrou desde ontem para o *Jornal do Commercio*. Você lerá com prazer o que êle está escrevendo. Leia dia por dia o *Dia a Dia*.

Todos nós vamos bem, sem novidade, graças a Deus. O Cândido Tôrres foi carta viva. A sua licença parece que sofre oposição na Câmara; aqui *todos* os republicanos pensam que você a quer para « conspirar ».

O Juca tem estado às vêzes conosco. Êle achava-se impressionado pensando que estava sofrendo da circulação e mesmo de tabes, dizia que tinha no pé o mal perfurante característico, mas o dr. Barbosa Romeu reduziu tudo isso a nada, dizendo-lhe que o que êle tem é uma dispepsia com dilatação do estômago, para o que lhe receitou sòmente um elixir em pepticada sua fórmula (dêle). Está agora o Juca muito contente, como quem saiu de um sonho aterrador; êle estava triste, julgando-se mal parado, pretendendo mil coisas, que tudo felizmente o Barbosa Romeu dissipou. Antes assim.

Eu sei que você dará a isso a importância que tiver, mas devia informá-lo. O tal mal perfurante, o Barbosa Romeu disse que não era nada, e que bastava cauterizar algumas vêzes. Êle está muito forte, robusto e admirava-se da espécie do seu esgotamento que vinha sem diminuição de fôrças, sendo êle o mais forte dos alunos da Escola.

Você escrever-lhe-á. Quando êle veio do Sul veio para casar com a filha de um rico português do Rio Grande, e parece que conta efetuar o casamento logo que se formar. Não sei se êle já se abriu com você a respeito. As informações que o J. deu a Sinhazinha sôbre o tal português do Rio Grande são de que tem realmente uma grande fortuna.

Sinhazinha sempre pensando nos seus concertos e em eterno movimento. Minha mãe querendo saber que você vem e levando a conversa com todos para êsse ponto.

---

(1) Prado.

Adeus, meu querido Gouvêa. Muitas saudades e lembranças nossas para cada um, abraça a Iaiá e as moças por mim e lembre-se do seu saudoso

Irmão, amigo e compadre

JOAQUIM NABUCO.

A Antônio Bento

Antônio Bento de Souza e Castro foi, em São Paulo, a alma e o chefe do movimento generoso, ativo e secreto que permitiu a fuga pela serra do Cubatão de milhares de escravos das fazendas da província. Escrevia nesse tempo a um correligionário: «Para mim, acima de tudo, até de minhas crenças políticas, estão o Dantas e o Nabuco. Tudo mais não vale nada».

12, rua Marquês de Olinda.
(Botafogo)
Rio de Janeiro.

[s/d.]

Meu caro amigo Dr. Antônio Bento,

Pretendo dedicar o meu tempo disponível a reunir os elementos para a história do Movimento Abolicionista em nosso país, e como o seu contingente foi um dos mais importantes para a rápida terminação que êle teve, venho rogar-lhe o obséquio de auxiliar-me na tarefa que vou encetar. Os documentos, papéis, fotografias, etc. que me comunicar serão cuidadosamente guardados. Eu penso que faríamos bem em reunir tôda a coleção abolicionista de livros, folhetos, jornais da época, retratos, gravuras, etc., em uma só biblioteca onde pudessem no futuro ser consultados de modo a se poder escrever a história sem deixar na sombra nenhum dos operários e nenhum dos fatos dessa campanha de dez anos. Em qualquer tempo que se quisesse levar por diante essa idéia, tôda a coleção que se achasse em meu

poder, em virtude do apêlo que vou fazer aos abolicionistas, pertenceria de direito à « Biblioteca 13 de Maio ».

O que porém mais me obrigaria de sua parte seria um histórico do movimento em São Paulo, como êle principiou, de que meios se serviu, como se operava a fuga dos escravos, onde eram recolhidos, como ficavam em segurança, as suas datas decisivas, os seus principais auxiliares, a expansão da idéia pela província, a conquista dos partidos, a atitude dos republicanos, cenas interessantes, episódios da vida do escravo, tragédias da escravidão, resistências maiores encontradas, parte individual de cada colaborador na aceleração do movimento. Igualmente tudo que se refira aos resultados da abolição, suas relações com a imigração, preços de escravos em diversas épocas segundo as causas que os afetavam, menção dessas causas. Quanto possível as suas informações sempre que se referirem a um documento qualquer deverão vir acompanhadas do documento.

Estou lhe pedindo um livro, não lhe parece? É isso mesmo. Se o escrever e o publicar eu terei nêle a fonte de informações que desejo, mas mesmo assim eu teria que lhe pedir além do seu livro o material todo que rejeitasse ao escrevê-lo e os documentos que omitisse. Se os abolicionistas de cada província escrevessem a história do movimento de que foram chefes ou auxiliares, a minha tarefa ficaria muito facilitada. Talvez lhe falte tempo para coligir o que lhe peço, ou para recordar por escrito o que fêz e o que viu fazer em tôrno de si. Dispense, porém, meia hora por dia para êsse trabalho, e no fim de alguns meses de espera eu terei uma grande soma de informações fidedignas sôbre um dos movimentos mais consideráveis da nossa campanha e um dos que mais importa destacar e salientar, o de S. Paulo.

Agradecendo-lhe de antemão o auxílio que me possa prestar, peço-lhe que creia na viva cordialidade com que me prezo de ser sempre além de admirador de sua grande obra seu

Afmo. Amigo e Colega

JOAQUIM NABUCO.

1896

Ao barão de Penedo

12, rua Marquês de Olinda.
Rio, 1 de janeiro de 1896.

Meu caro Barão,

Venho desejar-lhe e à Baronesa um 1896 *todo especial* sem a menor contrariedade nem desgôsto, à beira dêsse Mediterrâneo que tanto os encanta. No dia 25 almocei com a Carlotinha, estava o Artur, mas não o Alfredo que anda pelo Espírito Santo. A Carlotinha não tem passado bem, mas ela recupera tão depressa e tão completamente que nunca parece estar tão mal como ela diz e se sente. O Artur vai sem novidade, fìsicamente forte, apesar de mais magro e de umas cólicas nefréticas de que tem sofrido. Pelo lado dos negócios está sempre atarefado e cheio de esperanças, mas não o vejo *realizar* nada, infelizmente. Êsse era entretanto o complemento da cura para êle; se êle ganhasse algum dinheiro, ninguém suspeitaria que êle estêve tão mal como nós o vimos há três anos.

Eu também não nado em prosperidade por êsse lado, mas como temos quatro filhos, o dia que êles todos juntos estão bons, já é um prazer. Vejo que há tanta compensação na vida que prefiro a saúde, sobretudo da minha ninhada, à fortuna.

Vou mandar-lhe por êsses dias *mais* um livro meu, composto dos artigos que escrevi no *Jornal do Commercio* sôbre a Intervenção durante a Revolta. Como vê nunca trabalhei mais. Desejo-lhes, meu caro Barão, um bem feliz 96. Aceitem os melhores votos de Evelina com os meus, e creia-me sempre seu

Amigo dedicado e grato

JOAQUIM NABUCO.

Polìticamente a situação é melhor, mais folgada, mas ninguém sabe o que pode surgir de repente dêste céu claro. O poder tem

que cair nas mãos do partido de que é chefe o Glicério. O Prudente é um meio-têrmo, que durará pouco. Não vejo próximo o domínio jacobino puro, dos terroristas ou *florianistas,* mas o do Quintino me parece estar a bater. É êste o grupo dos republicanos *políticos,* que dizem ter as *responsabilidades* da República. De longe não se pode talvez fazer estas distinções, mas são reais.

J. N.

A Eduardo Prado

Filho do senador Martiniano da Silva Prado e de dona Veridiana Prado, figuras ambas de grande realce em sua província, Eduardo Prado foi um aristocrata pelo nascimento, pela fortuna e pelo talento.

Escreveu pouco, mas sempre com brilho e também com um acentuado espírito de controvérsia. Seu livro A Ilusão Americana *fêz sensação. Nabuco se preocupou muito com o mal que a doutrina nêle contida podia fazer à amizade nossa com os Estados Unidos.*

Rio, 30 de janeiro de 1896.

Meu caro Eduardo,

A sua proposta (1) foi-me não só muito lisonjeira, mas por diversas razões até benvinda. É exato o que o Rodolfo talvez lhe tenha dito: Eu desejaria experimentar São Paulo como residência. Parece-me mais tranqüilo, mais retirado, mais saudável.

O que me faltaria para aceitá-la era verificar se realmente São Paulo nos convém, se a posição oferece alguma estabilidade, e se eu sou *o homem* para o lugar.

Há três modos, a meu ver, de fazer um jornal *monarquista* neste momento. Um é fazê-lo jornal *restaurador,* centro de agi-

---

(1) Eduardo Prado fundara nessa ocasião o *Commercio de São Paulo,* do qual desejava que Nabuco fôsse o redator-chefe. A título de experiência, Nabuco aceitou, mas antes que êle assumisse a direção o jornal foi empastelado por um grupo de republicanos exaltados, ao chegar, em março de 1897, a notícia do malôgro da expedição Moreira César em Canudos.

tação, um jornal na linguagem da *Autorité* ou da *Libre Parole.* Êsse jornal ou era recebido com indiferentismo, se fôsse escrito sem talento, ou realmente assustava os guardas da República, que açulariam o exército contra êle.

Êsse jornal eu não o faria. Estou convencido de que não há segurança alguma para êle; que seria uma provocação seguida de uma fuga, se não o fôsse de um massacre de tipógrafos e revisores.

O segundo modo de fazer o jornal é fazê-lo instrumento de demolição. Não foi o panfleto que matou a monarquia, foi o espírito da *Gazeta de Notícias* e da piada de guarda-livros portuguêses. O gênero Rochefort é um gênero terrível, eu o reconheço. Êsse jornal eu não o poderia fazer.

Há um terceiro modo — é um jornal que reconhecendo a fôrça da atual tendência republicana a trate como uma doença da ignorância ou da razão, e cujo papel na imprensa possa ser comparado ao de um diretor-médico em um hospício de alienados. « Au fond de toute femme, il y a une douce folle qu'il faut ramener par des caresses et des suaves paroles », disse o nosso ex-mestre Renan. Tire o *doce* e as *carícias* e aí está o caso da idéia republicana, sobretudo na mocidade e o modo de tratá-la. Êsse seria o meu jornal.

Um jornal monárquico como eu o entendo teria que semear *primeiro* a tolerância. Só quando ela tivesse brotado nos *quartéis* e nas escolas militares (parece um sonho) e à sombra dela, é que êle pensaria em fazer agitação monárquica ou ajudar a que se fizesse em redor dêle.

O jornal tinha que ser uma máquina de subir montanha com um forte *break* para descer os planos inclinados. Eis o que eu faria quanto à política se você me pusesse à frente do *Commercio* e eu pudesse aceitar; ficava entendido que o jornal não sofreria a censura de nenhum grupo ou diretório enquanto durasse o meu contrato, que eu seria o capitão do navio em alto mar.

Estamos ambos talvez perdendo tempo com essa troca de vistas e eu não tenho muito tempo mais que perder!

Confesso-lhe, meu caro Eduardo, que se eu pudesse não escrevia mais para jornais. Compreendo que você tenha querido ter a sensação da *editorial chair*, mas a ação do livro é outra e

para prova aí está a sua *Ilusão Americana.* (Um admirador dela, que a queria ver na Quarterly, é o Phipps) (1). Eu infelizmente preciso escrever como meio de vida e por isso sòmente voltei para o jornalismo, que tanto mal faz à inteligência e tantos defeitos e maus hábitos lhe faz contrair. Mas você, como o seu editor, sua livraria e sua ciência do livro!

Seu muito afetuoso

JOAQUIM NABUCO.

A André Rebouças

12, rua Marquês de Olinda.
Rio, 5 de fevereiro de 1896.

Meu querido Rebouças,

Muitas felicidades no Ano Novo. Desde 1 de janeiro estou para escrever-lhe, deixei para 13 (2) e agora vejo que estou muito atrasado. Você sabe, porém, que eu também vivo no Funchal e que o visito pelo pensamento com a regularidade da brisa do mar. Quem vive da pena cansa de escrever, tanto mais que uma carta cheia de recordações suspende o trabalho mercenário da manhã e às vêzes desgosta dêle. Todos vamos bem. Eu tenho hoje uma grande família, o que me faz viver muito mais do que você sob a impressão de dependência d'Aquêle de quem *tudo* depende.

Mando-lhe hoje um livro meu que acaba de aparecer e um exemplar de *Balmaceda* em melhor papel do que o que você já tem. Também uma reimpressão em folheto da minha Carta ao Jaceguai (3). Tenho trabalhado muito, porque tudo isso é feito sem prejuízo da *Vida* de meu pai.

Parece que você se está possuindo da idéia de não voltar ao Brasil, por enquanto, e eu só receio que você não volte mais.

---

(1) Sir Constantine Phipps, ministro da Grã-Bretanha no Brasil.

(2) Aniversário de Rebouças.

(3) *O Dever dos Monarquistas* era o título da longa carta aberta que Nabuco escrevera em resposta a *O Dever do Momento,* apêlo que lhe fêz o almirante Jaceguai, incitando-o a servir a república, e que foi publicado primeiro no *Jornal do Commercio* e depois em folheto.

Você acharia aqui tudo mudado, disperso, e não poderia formar um quadro que lhe fôsse agradável, como o da Madeira. A sua moldura aí é muito mais bela. Eu quisera tê-lo perto e o meu desejo seria que você viesse, se eu também não tivesse a aspiração de educar meus filhos em outro meio, onde êles possam aprender a ser tementes a Deus, única riqueza que eu quisera deixar.

Estou escrevendo para o *Commercio de São Paulo* e aqui trata-se de fundar um jornal monarquista. Eu quisera, porém, não escrever mais para jornais, o que tenho que fazer excede às minhas fôrças. Você sabe o que é, *Vida* de Meu Pai, História da nossa Campanha Abolicionista, e o *meu Livro.*

Saudades nossas. Do seu sempre muito e todo

JOAQUIM NABUCO.

A Rodolfo Dantas

Rio, 10 de fevereiro [1896].

Meu caro Rodolfo,

Hoje telegrafei-lhe. Estou com você. Não posso desviar do pensamento o quadro que o cerca (1). O seu golpe foi terrìvelmente amargo, dêsses que saciam da dor. Se você fôsse um crente eu lhe pediria repetisse a oração que tenho rezado por você e continuo a rezar. Aqui lha mando como um consôlo poderoso e penetrante mesmo para quem só sinta a música dessas palavras divinas.

Evelina sentiu profundamente o golpe. Você pode imaginar o que é para ela a representação da cena de que você é o centro e como ela se lembra do outro quadro — do Thames, de Lisboa, de Cintra, de Paris.

Agora, meu caro Rodolfo, você está pai e mãe, sua personalidade desaparece, você não tem mais um momento de seu na vida

(1) Falecera a espôsa de Rodolfo Dantas, dona Alice Clemente Pinto, filha dos condes de São Clemente. Deixava cinco filhos pequenos, o menor com meses apenas.

— tudo e todo é de seus filhos. Deus lhe dê fôrça e coragem, as mais nobres inspirações, a pureza de espírito e de coração, para o seu grande papel na vida. Não se deixe acabrunhar, não se deixe dominar pela saudade, pela tristeza, pela recordação contínua e dolorosa do passado feliz a ponto de não poder cumprir a missão que lhe foi legada num supremo ato de amor.

Adeus, meu caro Rodolfo. Até um dia.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

« Vierge Sainte, au milieu de vos jours glorieux n'oubliez pas les tristesses de la terre. Jetez un regard de bonté sur ceux qui sont dans la souffrance, qui luttent contre les difficultés et qui ne cessent de tremper leurs lèvres aux amertumes de la vie.

Ayez pitié de ceux qui s'aimaient et qui sont separés! Ayez pitié de l'isolement du coeur! Ayez pitié des objets de notre tendresse. Ayez pitié de la faiblesse de notre foi. Ayez pitié de ceux qui pleurent, de ceux qui prient, de ceux qui tremblent! Donnez à tous l'espérance et la paix! »

(PEREYVE).

A Carlos Magalhães de Azeredo

Joaquim Nabuco amava os moços que por sua parte o festejaram até ao fim. Em uma manifestação de estudantes em Belo Horizonte, em 1906, já chegando ao fim da vida, êle se congratulava num discurso improvisado de ter-lhes o apoio e dizia: « Eu bem sei que todos nós somos apenas fosforescências do vasto oceano do tempo, mas já é um grande privilégio ter sido um momento a parte da vaga iluminada pelo clarão divino da mocidade. »

O poeta Carlos Magalhães de Azeredo foi um dos moços a quem êle mais quis bem e que, desde menino, lhe fêz sentir essa luz de admiração e compreensão que, para êle, constituía grande privilégio. Relações muito próximas de família atraíram a atenção de Nabuco desde cedo para êsse menino em que o idealismo e o encanto do trato se uniam ao talento. A afeição começou em plena campanha abolicionista, quando o entusiasmo dos estudantes era um dos elementos que Nabuco mais prezava.

Diplomata, Magalhães de Azeredo fêz quase tôda sua carreira em Roma, até ser embaixador junto à Santa Sé. Foi o mais jovem dos membros fundadores da Academia de Letras.

Rio, 21 de fevereiro de 1896.

Meu caro Amigo,

Desculpe-me as muitas faltas em que estou, mas escrever hoje é para mim um castigo, porque não deixo a pena, e quem vive de uma profissão nas horas vagas não deseja ver nada do que faz parte dela. Acredite, porém, que se lhe falto exteriormente, ou se não o posso acompanhar na correspondência, conservo-lhe todos os meus antigos sentimentos; se não lhe escrevo mais vêzes, leio-o sempre que posso, isto é, sempre que nos dá alguma coisa. Agora mesmo acabo de ler o seu artigo na *Revista* sôbre o americanismo, assim como li há tempos uns deliciosos versos franceses na *Gazeta.* O seu livro foi entregue ao Tomás Ribeiro. Como êle estava na Tijuca, mandei-o pelo consulado.

Então quando vai para Roma — ou antes para o Vaticano? Quererá ir diretamente? Parece que lhe estão escolhendo postos como para um poeta que quisessem habilitar depressa para ministro. Ainda nisso a sua carreira se parece com a de Lamartine. Não vá haver por aí alguma Graziela! As Grazielas fazem sempre mal ao coração e à vida. O sofrimento alheio deve ser cuidadosamente excluído da nossa própria felicidade, para ela ser real e verdadeira. Digo isto sem nenhuma intenção, ao acaso.

Queira apresentar os meus respeitosos cumprimentos à Exma. Sra. sua mãe e acredite-me sempre seu

Am° mt° af° e obd°

JOAQUIM NABUCO.

A Sancho de Barros Pimentel

Rio, 21 de fevereiro de 1896.

Meu caro Barros,

O Brandão disse-lhe o pesar que eu tive de não poder acompanhá-lo no domingo à sua casa e além (1). No dia seguinte

(1) Ao entêrro do pequeno Henrique de Barros Pimentel, levado pela febre amarela aos oito anos de idade.

êle informou-me que você tinha deixado a casa. Ontem, pensando que podiam ter voltado, fui ao Cosme Velho e achei tudo fechado.

Já se passaram dias e você está ainda curtindo dores desconhecidas. Há de ser assim por muito tempo. A dor como tudo gasta-se com o tempo, mas até matar o nervo que lhe corresponde, cada dia ela se apresenta sob uma nova face e nos parece outra. Felizmente você é dos que podem ser lascados e não dos que só podem ser fulminados, derribados. Por mais duro que seja êste momento, conforta-se pensando que Deus teve a caridade de ampará-lo, cercando-o de tôda a afeição que você tem em roda de si. Fora dêsse círculo para ninguém sua desgraça terá sido um golpe mais direto, nem uma surprêsa mais comovente do que para mim, porque você sabe quanto eu o julgava feliz.

Rogo-lhe o obséquio, meu caro Barros, de apresentar à Exma Sra. D. Laura os mesmos sentimentos que lhe mando e as sinceras simpatias de minha mulher.

Do seu sempre

JOAQUIM NABUCO.

Aos senhores visconde de Ouro Prêto e conselheiro Domingos de Andrade Figueira

Ouro Prêto, chefe liberal, fôra o último presidente do Conselho da monarquia. Andrade Figueira, chefe influente do partido Conservador no Império, era apontado como futuro presidente do Conselho quando os Conservadores voltassem ao poder.

Adversários naturais durante a monarquia, uniram-se sob a República com outros chefes monarquistas para formar um partido de resistência.

Nabuco fôra elemento decisivo na organização dêsse partido, principalmente na reconciliação de Ouro Prêto com João Alfredo. Sua conhecida independência de opiniões continuou, porém, a inspirar receio aos chefes de partido como nos tempos do Império. O primeiro indício dessa desconfiança foi não ser êle incluído entre os membros governantes dêsse partido monarquista, nem convidado a assinar o Manifesto — *por êle mesmo redigido.*

Quanto à imprensa, suas idéias de combate eram as de Rodolfo Dantas ao fundar o Jornal do Brasil, *— ficar muito acima de mesquinhas disputas e de ataques pessoais.*

Assim não pensava o visconde de Ouro Prêto, que conseguira os capitais para fundar uma fôlha monarquista que se chamou Liberdade; *nem pensava assim Carlos de Laet, que foi seu redator-chefe. Nabuco por isso recusou tomar parte na organização do jornal.*

O órgão monarquista viveu pouco tempo. Foi assaltado e incendiado na mesma ocasião e pelo mesmo motivo — a vitória dos jagunços contra Moreira César — em que foi também destruído O Commercio de São Paulo. *Gentil de Castro, gerente e principal acionista de* Liberdade, *foi assassinado em 7 de março de 1897.*

12, Rua Marquês de Olinda.
Rio, 19 de março de 1896.

Ilmos. Exmos. Srs. Visconde de Ouro Prêto e Conselheiro Domingos de Andrade Figueira,

Recebi ontem a carta que VV. EEx. me fizeram a honra de dirigir e, em resposta, cumpre-me dizer, agradecendo as expressões benévolas que me prodigalizam, que me seria impossível aceitar o pôsto de confiança que VV. EEx. me oferecem no jornal monarquista ao lado do Dr. Carlos de Laet.

Em nada, felizmente, pode esta minha recusa contrariar os planos assentados por VV EEx., porquanto, informado como estou de todos os passos dados para a fundação do jornal e depois das declarações que tive a honra de fazer a VV EEx. com a maior franqueza no tempo em que conferenciavam comigo sôbre a criação da imprensa do partido, devo considerar o convite de VV. EEx., agora recebido, como puramente atencioso.

Agradecendo a VV. EEx. o seu obséquio, prevaleço-me da oportunidade para subscrever-me com a mais elevada estima e consideração de VV. EEx.

Atenciosamente amigo e obrº criado

JOAQUIM NABUCO.

A Ferreira de Araujo

Um dos mais eminentes jornalistas de seu tempo. Fundou em 1876 a Gazeta de Noticias *de que foi redator-chefe até seu falecimento em 1900. A Gazeta foi o único jornal que consentiu em 1880 em publicar o projeto de emancipação que Nabuco não teve permissão de apresentar na Câmara, sendo-lhe negada pelos seus colegas, com apenas dezoito votos favoráveis, em votação nominal, a urgência que requereu para êsse fim.*

12, Rua Marquês de Olinda.
Rio, 23 de abril de 1896.

Meu caro dr. Ferreira de Araujo,

Desculpe-me o não ter ainda agradecido tôda a simpatia das suas páginas a meu respeito na *Revista Brasileira.* Não me julgue capaz de ingratidão e desapreço de nenhuma palavra que traga a sua marca. Sabe que nós que vivemos da pena, não só cansamos de escrever, como temos que preterir tudo à tarefa obrigada do dia. Esperava, entretanto, vê-lo um dêstes dias na rua do Ouvidor e penhorar-me em pessoa.

Realmente a minha posição é de isolamento. As mesmas causas que concorreram para isso no Império concorrem hoje. Nesse ponto sua observação está de acôrdo com o que sinto. Quanto, porém, ao que disse da República nada disso quase se deve aplicar ainda aos homens e coisas da atualidade; muito do que existe é a continuação do impulso monárquico, a transmissão hereditária das feições; na geração seguinte, dos homens criados sob o novo regime, é que se verá a verdadeira planta indígena da República e então se poderá comparar com a *planta exótica* que floresceu em *nosso tempo.* Em relação ao meu militarismo sob a República devo dizer que entendi sempre a república militar-parlamentar, isto é, com o eixo militar, as rodas parlamentares. Devia estas explicações ao crítico indulgente que tão bem me tratou.

Acredite, meu caro dr. Ferreira de Araujo, na perfeita reciprocidade de sentimento com que subscrevo de V. Ex. Amº e Confrade obrigado

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Rua Marquês de Olinda, 12.
Rio, 21 de dezembro de 1896.

Meu caro Gouvêa,

Como esta lhe chegará em 1897 escrevo para desejar-lhes a todos e a cada um um novo ano mais feliz do que os mais felizes e que lhes traga tudo quanto seja para seu bem.

Aqui a questão é se você voltará ou não, à vista da atitude do Glicério e do voto da Câmara, por outra se você está disposto a perder a cadeira e tempo de serviço. Pollticamente não creio que você corresse nenhum perigo; os que tomaram parte na Revolta andam na rua do Ouvidor tranqüilamente, sem cogitar de perigo; a questão para você era se, vindo para cá, você viria agitar, mover, instigar os que dormem, para alguma ação; nesse caso sua saliente e enérgica individualidade seria objeto logo de desconfiança que podia chegar até à perseguição. O Gaspar, por exemplo, não se sente bem aqui, mas nenhuma demonstração houve nunca contra êle, é talvez que êle se sente êle mesmo um inimigo perigoso e implacável. Para campo de ação política não digo que o Rio esteja já inteiramente resfriado e capaz de o receber sem de futuro causar-lhe algum desgôsto; para você viver fora de movimentos políticos está, porém, mais do que seguro aqui. Resta a você ver qual é o seu caso e assentado isso qual o seu maior interêsse. O que me parece contingente na sua clínica aí é ser, segundo me dizem, principalmente entre brasileiros, que são um elemento precário, inconstante, sujeito a intrigas e manejos ocultos. Se você tivesse ou tem uma posição em Paris independente da nossa própria colônia, então está você exposto sòmente a contingências de saúde ou de família que o obriguem a liquidar mais cedo do que você calculasse, — melhor do que aqui *como médico*. Aqui você teria sempre as oportunidades que se abrem para um homem de sua atividade e competência, que, com uma modificação de temperamento ou antes de sensibilidade, tomaria a frente a todos. Eis aí em poucas palavras o que penso.

As notícias sôbre a saúde do Arcebispo são contraditórias: hoje o *Jornal* o dá melhorando nas mãos do Murtinho, o charlatanesco ministro da Viação tirado da homeopatia e que continua a clinicar —, ontem disseram-me que êle ia mal. Não lhe pude ainda fazer a sua visita por ter êle estado no Corcovado; irei à Conceição. Creio, porém, que o estado dêle é dos piores e que o organismo está em ruínas.

Nenê está no Morro e o Juca morando com um dr. Botelho, de Montevidéu.

Todos em casa vamos bem, preparando-nos para o verão que tem começado muito quente, mas por ora sem a amarela. O *Jornal* de ontem publica a segunda carta de Mr. Parsons, o engenheiro inglês, sôbre saneamento.

Muitas saudades nossas a Iaiá e às moças e para você um saudoso abraço do irmão e am°

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

Ontem acabei o primeiro tomo da *Vida* de meu Pai. Tenho esperança de que o Garnier o queira imprimir *gratis*. Já não é pouco. Os dois outros estão prontos em esbôço ou materialmente, só lhes falta a forma literária, que, faltando eu, outro escritor lhes poderia dar. A estátua está assim acabada. Mesmo pelo primeiro volume se têm tôdas as proporções dela.

1897

A André Rebouças

Março, 26.

Meu querido Rebouças,

Não lhe tenho escrito quase, ùltimamente, mas isso entre nós nada significa porque *nulla dies sine memoria,* sem nos sentirmos privados um do outro e esperando da Providência Divina que nos deixe ainda ter uma só vida, *as of old.*

Estamos outra vez neste desgraçado país sob o terror jacobino. Os monarquistas desapareceram da cidade para não se encontrarem com a masorca tiradentes, com *les bandes de massacreurs* que lincharam o pobre Gentil de Castro no trem de Petrópolis. A morte do Moreira César tem alguma coisa que parece a mão de Deus. Êle que fêz matar tanta gente em Santa Catarina, fazendo desaparecer os corpos, foi morrer no sertão da Bahia da bala de um jagunço, tendo a cabeça, segundo se diz, levada para Canudos. A derrota foi um pânico, uma fuga, que muito desmoraliza o nosso exército. É um golpe no prestígio do exército como a revolta o foi no prestígio da armada, e a diminuição do ascendente militar no espírito dos republicanos é um impulso para a anarquia no país. Os monarquistas que nada tiveram com o Antônio Conselheiro, que não são culpados do pânico da tropa nem da sua incapacidade para tomar um lugarejo defendido por fanáticos quase sem armamento, foram logo responsabilizados por tudo! Destruíram tudo quanto havia nas tipografias monarquistas e mataram a revólver o Gentil de Castro, que era o grande amigo, como você sabe, do Ouro Prêto. A nossa condição aqui é esta: ao menor contratempo da República, a cada inépcia que ela comete, asneira que faz e lhe sai mal sucedida, soltam o grito de *mata monarquista!* e a rua do Ouvidor (hoje rua Moreira César!), enche-se de *sans culottes* prontos para qualquer « serviço ». Eis ao que reduziram o nosso país. De um povo honesto e sério que éramos tiraram essa escória sanguinária e epilética que hoje nos governa, dominando

as ruas e impondo ao govêrno. Seja tudo pelo amor de Deus. A pátria é assim mesmo, é preciso não recusá-la nesses momentos em que ela se torna selvagem e hedionda, porque essa manifestação é o resultado e a expressão de causas anteriores acumuladas, é o êrro das gerações passadas que dá o seu fruto. É preciso deixar passar o carnaval de sangue e a onda de lama, fiel ao nosso próprio destino, que foi nascermos brasileiros. Adeus, meu querido amigo. Só um de nós, só um do nosso tempo soube colocar-se bem desde o 15 de Novembro: foi você.

Do seu sempre

JOAQUIM NABUCO.

1898

A Carlos Magalhães de Azeredo

Rio, 6 de janeiro, 1898.

Meu caro Amigo,

Rira bien qui rira le dernier; que terrível insucesso para o B. foi ter tocado em você e tê-lo feito demitir abruptamente! Quanto senti o golpe, hoje alegra-me a reparação brilhante e completa. Aceite as nossas felicitações, e amàvelmente anistie por esta ocasião as culpas tôdas, nenhuma de esquecimento, nem de tibieza, em que estou há tanto tempo para com você e Mme. Magalhães de Azeredo, desde o belo retrato que nos mandaram da sua formosa lua de mel italiana, — a qual agora se vai renovar sem B.

Muitas recomendações e afetuosas lembranças a seu sogro e a Mme. Caimari e à Sra. sua mãe. A todos de casa queira transmitir as minhas congratulações pela sua desforra, ou melhor por ter sido tão inequívoca a satisfação que lhe deram.

Tenho lido sempre tudo que escreve e estou acompanhando com muito interêsse a formação da sua individualidade literária. Não nos deixe de dar uns retratos italianos; talvez seja melhor dá-los sem assinar. Além de que é sempre um esbôço, uma impressão, o que se escreve sôbre a gente que encontramos ou mal conhecemos, a assinatura obriga além do que se quisera. Eu nunca escrevi nada anônimamente, mas não vejo nisso hoje uma virtude e sim um defeito: — orgulho, presunção de inteligência. Do que eu não assinasse, não quisera ter a responsabilidade, julgaria inferior. Hoje estou convencido de que a forma anônima é a mais livre e a mais nobre. Não é a liberdade de criticar por não ser conhecido que eu quisera nos seus retratos de poetas, escritores, artistas etc. da Itália, mas a liberdade de não elogiar por pura civilidade e benevolência.

Creia-me sempre

Muito seu afeiçoado am° e comp°

JOAQUIM NABUCO.

A Arthur de Souza Corrêa

Ministro do Brasil em Londres

N.º 12, Rua Marquês de Olinda
Rio, 2 de março de 1898

Meu caro Corrêa,

Pelo último vapor tinha-lhe escrito uma carta referindo uma conversa com o José Carlos Rodrigues, que me pedira lhe escrevesse, mas julguei melhor deixar êle mesmo expor-lhe o que pensa e o que dêle ouvi. Anteontem disse-me êle que lhe havia afinal escrito três fôlhas de papel. Confesso-lhe que a linguagem do Rodrigues surpreendeu-me muito; espero ainda, porém, que êle não descambe no *Jornal* no sentido em que me falou. A infelicidade dêste nosso país é que tendo a sua classe rica, *fundamental* (os fazendeiros), interessada, por causa do preço do café, no maior ágio do ouro ou depreciação da moeda nacional, tem agora o comércio, mesmo o estrangeiro, o estrangeiro principalmente, os Bancos até, favorável, se não pedindo e fazendo propaganda, à suspensão dos pagamentos em Londres para deter a queda do câmbio. Digo em Londres, porque não tenho ouvido sustentar a suspensão da dívida interna. Essas idéias são correntes na praça, *sobretudo* entre os estrangeiros, os inglêses, que não tendo títulos brasileiros pouco se interessam pela sorte dos que, lá, os tenham. O fato, porém, é que a suspensão não é um meio de equilibrar o orçamento, salvo se repudiarem a dívida ou fizerem bancarrota; o adiamento sòmente do pagamento dos *coupons* faria apenas remover para mais tarde as nossas dificuldades. Eu tenho muito mêdo que uma vez suspendendo-se os pagamentos não mais os reassumam; que se tome a moratória por abundância e fartura, em vez de pôr de lado os juros vencidos, a um câmbio que lhes pareça mais razoável, 10, 11 ou 12 mesmo. Porisso tenho a suspensão como medida muito perigosa e *fatal.* Vi, porém, o nosso amigo mais inclinado a ela do que ao arrendamento; a êsse respeito êle lhe escreveu dando suas razões que você avaliará. O que lhe quero dizer é que entramos em uma quadra em que se tomará por má vontade, hostilidade ao nosso país e ao nosso govêrno, tudo que não seja facilitar a interrupção

de remessas em ouro por êste câmbio, isto é, a suspensão. Não sei o que pensa o Govêrno, o que vejo é a pressão da praça, do comércio, que será em breve a da imprensa e da opinião! *Helas!* meu caro Corrêa, nós somos, nós dois, uns fósseis com as nossas idéias a respeito do crédito público. Como lhe disse, porém, eu espero ainda que o *Jornal* seja o último a dizer uma palavra de animação aos teoristas e propugnadores da interrupção dos pagamentos. Não há dúvida que uma política sólida de reorganização financeira que pudesse contar com o tempo não causaria prejuízo aos nossos credores entendendo-se com êles para uma dilação no pagamento dos juros até ela ter corrigido o excesso da circulação, mas, além de que semelhante política dispensaria essa demora, que garantia há de que outra administração persistiria nela? e quanto a fazer da suspensão dos juros só por si, só porque o govêrno desaparece do mercado, um *meio* de levantar o câmbio, não precisa qualificar o salvatério. De tudo isso você só concluirá o que já sabe, que estamos em uma situação bem complicada. Eu receio muito que com a exploração política se queira lançar o odioso das nossas más finanças sôbre os Rothschilds, que defendem os interêsses daqueles que em parte pelo nome da sua Casa colocaram parte de sua fortuna em nossos fundos. A posição dêles para com o nosso Govêrno começa a ser delicada, e eu estou certo de que êles saberão produzir no govêrno a impressão de que não têm falta de boa vontade, nem têm sombra de desconfiança, para com o Brasil. A verdade é que o govêrno brasileiro é o mais cordato, o mais leal, o mais bem disposto e pronto para tudo, com que êles poderiam tratar. Tudo está no modo, e na plausibilidade das razões alegadas para obter dêle alguma coisa. Em questões de *crédito* nacional êle ouvirá de preferência os Rothschilds, que estão identificados hoje com o bom nome do nosso país, aos que só tratam de descobrir novos expedientes para continuarem, prolongarem, o estado financeiro atual. Você que de tão perto os conhece e trata, compenetre-se bem para seu govêrno do que eu lhe digo nesta carta, certo de que a amizade e boa vontade dos Rothschilds e sua leal e sincera cooperação são o principal alicerce de nossas finanças, a base sôbre a qual a reforma é possível.

Mando-lhe o Manifesto do Manoel Victorino com alguns pontos marcados. Todo êle é curioso, é uma série de revelações

comprometedoras para todos, o espécimen literário da nossa pior politicagem em suma. Veja como êle constrói os seus castelos financeiros, o falso « encilhamento » de que escapamos.

O Pedro de Barros quer que eu consiga sua intervenção para êle ser nomeado advogado da Liverpool & London Globe, com sede em Londres, que tem como gerente aqui P. S. Nicolson & Cia. e da Alliance Marine General Assurance, cujo presidente é Lord Rothschild e tem como agente Messrs. John Moore & Co.. Parece que as Companhias de Seguros nacionais estão nomeando advogados permanentes para acompanharem os inquéritos policiais preliminares de que tudo depende ulteriormente, e o Pedro de Barros está informado de que essas Companhias não têm advogado de partido. Não sei se é lá ou cá que tais nomeações são feitas, se dependem do Board ou dos Agentes. Vai, porém, o pedido, ainda que eu esteja convencido que você bem pouco pode em tais matérias, e respeite a sua delicadeza de não querer forçar a mão aos interessados. Com o câmbio atual qualquer retribuição em ouro parece aqui avultada.

Eu continuo, meu caro Corrêa, à espera de uma solução dessas para ver se mergulho definitivamente numa roça, ou se continuo aqui, às suas ordens. Não posso, porém, ser o meu próprio patrono. Demais tenho um sentimento que minha vida *útil* acabou com a *vida* de meu pai, e que só devo pedir chança e felicidade para meus filhos. Também se penso ainda em receber de lá alguma *good news*, é por causa dêles.

Recomende-me ao Alfredo e creia-me sempre seu do coração

Amigo sincero

JOAQUIM NABUCO.

A Arthur de Souza Corrêa

Rio, 20 de abril de 1898

Meu caro Corrêa,

Por êste vapor segue o Campos Sales, que vai logo a Londres, ao que parece. Aqui dizem que êle vai combinar um plano financeiro; êle mesmo declarou que « ia informar-se por si mesmo

dos recursos com que ainda podemos contar». Mando-lhe os retalhos em que vem isso e o discurso dêle ontem, falando dos recursos e riquezas em ser [*sic*] de nosso país, que êle se propõe converter em realidade, *governando*. Eu penso que do período da administração dêle tudo depende, e auguro muito bem dessa sua viagem a Londres e da inteligência dêle com os Rothschilds. Desejo a você que durante essa visita se firme bem para o novo quatriênio. *Faites de votre mieux.*

Mando-lhe também uma carta do Andrade Figueira ao *Commercio de São Paulo.* Veja com que vigor êle ataca a suspensão dos pagamentos.

Escrevo hoje ao Alfredo, (1) explicando por que não respondi antes ao seu telegrama a que você se refere. Você não precisava pedir-me para o contemplar entre os subscritores do meu livro. A edição é da casa Garnier, mas dos *raros* exemplares que me tocaram eu pedi logo que lhe mandassem um. Espero que o tenha recebido.

Não lhe posso mais falar da minha situação, tanto tenho martelado a respeito, mas não lhe oculto que preciso muito que você combine com o nosso amigo alguma coisa em meu favor e que seja de vantagem ou utilidade para terceiros. Não me conviria nada de natureza reservada nem tampouco de mera sinecura. O meu livro em três volumes lhe dará idéia, creio eu, da minha aptidão para o trabalho. O Phipps disse-me uma vez que os R. (2) ganhariam em conversar comigo. Eu não direi isso; acredito, sim, que uma boa hora de conversa com você me serviria de muito para o meu futuro govêrno. Se indo a Londres, o que seria o melhor descanso de que hoje preciso depois da minha empreitada, eu tivesse *probabilidade* de achar colocação satisfatória, lá ou cá, com que prazer tornaria a ver as calçadas de Piccadilly! Se você conversando com o nosso amigo, vir que há furo e quiser tomar a responsabilidade dessa viagem, mandem-me uma palavra que a êsse telegrama eu não levarei tempo a responder.

---

(1) Barão Alfred de Rothschild, membro da grande casa bancária em Londres.

(2) Rothschilds, banqueiros em Londres do govêrno do Brasil. Sir Constantine Phipps era ministro da Grã-Bretanha no Brasil.

Adeus, meu caro Corrêa. Retribua-me a amizade com que sou seu

todo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A José Mariano

12, Rua Marquês de Olinda.
Rio, 26 de abril de 1898.

Meu caro José Mariano,

Apesar de afastados um do outro pelas peripécias políticas dos últimos anos conservo-lhe sempre os sentimentos da nossa velha camaradagem, e por isso o golpe que o feriu tão profundamente afetou-me também pela lembrança viva que guardo de dona Olegarinha, tão boa quanto bela. Nunca me há de esquecer na eleição de 14 de setembro o modo pelo qual ela se associou à nossa comum e grande vitória. As agitações da sua vida, na República sobretudo, em que ela deve ter passado por transes atrozes pensando em você, conservavam aquêle coração extremoso em constante abalo. Foi talvez o mais duro tributo que você terá pago à horrível política do nosso tempo. Eu como seu amigo faço votos para que depois de tão doloroso sacrifício você pense no dever que tem de economizar a sua própria vida no interêsse agora de seus filhos.

Creia, meu caro Amigo, que é de todo o coração que lhe escrevo estas linhas.

Seu sempre dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao visconde de Taunay

Fazenda do Pilar,
Maricá, 23 de junho de 1898.

Meu caro Taunay,

Acabo de receber sua carta de ontem. O que você me diz do entêrro do Rebouças consola-me muito. O artigo do José Veríssimo está justo e merecido, não lhe dá senão o que é dêle e o acho muito bem apanhado e esboçado a traço largo.

Há nêle, porém, outro homem além dêsse Tolstoi dos últimos anos que o José Veríssimo sintetizou; há outro, e outros que nós conhecemos tão bem e que valem ainda mais do que o seu resíduo filosófico, intelectual, como quer — que tomou a forma tolstoica.

O que você me diz de albumina me entristeceria se não soubesse que o seu organismo debela todos êsses sintomas com o menor regime; nem a albumina é, em si mesmo, um fenômeno grave. Tenho visto muita gente que perdia albumina nem por isso passar pior.

Veja o Eduardo Prado como estêve em 1892. Quero, porém, ver dissipada essa nuvem do seu espírito quanto antes.

Nós contamos voltar nos primeiros dias de julho. Assim até breve. Muitas lembranças afetuosas do seu

muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao visconde de Taunay

Maricá, Fazenda do Pilar.
Domingo.

Meu caro Taunay,

Realmente recebi sua primeira carta, mas como não havia que responder, e sòmente que entesoirar, deixei para quando eu mesmo tivesse alguma coisa que lhe transmitir. Demais era no tempo em que eu tinha um impedimento, o meu livro, que feliz-

mente, graças a Deus, já está *todo* com o Garnier. Tenha, como regra, quando você me escreve uma carta e eu não lhe pago com outra, que a sua está a render sôbre a minha mesa.

O que você me disse da minha obra causou-me a maior satisfação (1). Se o 1º volume lhe agradou assim, o 2º estou certo lhe agradará ainda mais. O 3º saiu-me com 593 páginas, incluído o índice, não sei quanto produzirá em tipo, porque algumas, muitíssimas de minhas páginas de texto têm um rabo de três a cinco meias fôlhas de notas.

Não lhe parece que o Rio Branco deve entrar para a Academia na vaga do Pereira da Silva? Com os ausentes, que podem votar, eu penso que êle teria maioria. Os trabalhos dêle são os mais sérios que se têm feito entre nós em geometria e história militar; não sei se você já viu a Memória que êle apresentou ao Cleveland, — é uma série de volumes de raríssima erudição e pesquisa; e depois do artigo do José Veríssimo, êle mesmo não quererá reduzir a Academia a um círculo fechado de estilistas, gramáticos e literatos. Se pensar como eu, trabalhe pelo Rio Branco o nosso triângulo da *Revista.*

Acabo de ler os jornais de ontem. Como êsse cerimonial das Docas contrasta com o simbolismo todo do incomparável final do Rebouças! Não repita isto para não fazer sofrer nenhum dos que o quiseram engrandecer daquela forma; mas nós, que sabemos como êle sentia, podemos consolar-nos com o pensamento de que êle já estava muito longe, a distância infinita, de tudo aquilo. Tenho o *máximo* interêsse em saber que uso vão fazer dos papéis dêle. Como com você, nossas duas vidas estiveram tão entrelaçadas de 1879 a 1889 que o arquivo dêle faz de algum modo parte do meu. Eu quisera que o José Veríssimo e você interviessem para salvar a integridade moral dêsse espólio que nos é comum a nós três, porque o que eu digo você pode também dizer pela sua parte, e êle representa a família. A nós *três* compete, meu caro Taunay, elevar-lhe o monumento. Fá-lo-emos?

Creia-me sempre todo seu nêle.

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) *Um Estadista do Império, José Tomás Nabuco de Araujo, sua Vida, suas opiniões, sua época.*

A Arthur de Souza Corrêa

Ministro do Brasil em Londres

Rio, julho 26, 1898

Meu caro Corrêa:

Felicito-o pelo que você fêz aí durante a estada do Campos Salles e que lhe garante a paz e tranqüilidade de espírito no novo período presidencial. Realmente as cartas do Tobias (1) pintam a sua situação como excepcionalmente segura. Até 1902 você pode arrendar a sua casa de Curzon Street certo de que não terá de passar o contrato a outro Ministro.

Eu que só desejo ver todos felizes e tudo próspero em redor de mim estimei muito que o Campos Salles fôsse recebido dêsse modo na Europa. Ainda hoje chegam telegramas do acolhimento que êle teve do rei da Itália e do Papa. Teremos assim um Presidente homem do mundo em vez do jacobino que, há algum tempo, êle nos teria dado. Sobretudo muito estimei o encontro e a inteligência dêle com os Rotschilds. Afinal, forçados pela necessidade, êles se resolveram a assumir o papel de *watchers* do nosso crédito e dos escolhos *ahead.* Aqui chamam-nos os jornais da oposição de *curadores* do Brasil, de « espectro de Banquo », etc.. Não atacaram a carta publicada no *Times* sòmente porque o Campos Salles foi parte nessas reversais, e querem todos poupar o Campos Salles até ver. O telegrama do banquete, lembrando os sacrifícios feitos pelos *bondholders* e aludindo ao cumprimento dos nossos compromissos, pareceu também uma espécie de *memento mori.* Eu penso, porém, que a única chança de melhorarmos as nossas finanças é insistirem todos os que têm autoridade nessa nota de *warning,* de *caution,* — de que tocamos ao limite extremo da vasante e que uma linha abaixo é o encalhe, se não estamos já encalhados. Aqui não há uma só *cabeça pensante,* na política nem na imprensa nem *no comércio* (Bancos, etc.), que veja a situação tal qual ela é e compreenda a gravidade do estado financeiro. Todos sem exce-

(1) Tobias Monteiro acompanhara como secretário e amigo confidencial o Presidente eleito Campos Salles na sua visita a diversos países da Europa.

ção acreditam que nós temos um orçamento *normal*, quando a verdade é que estamos gastando o dôbro do que os nossos recursos consentem e que a diferença tem que ser preenchida, de ano a ano, *per omnia saecula*, ou por novos empréstimos ou por papel-moeda. O Campos Salles parece-me cheio de boas intenções mas de ainda maiores ilusões.

Estivemos êsses dois meses na roça, na fazenda de meu sogro, e os meninos deram-se muito bem. Será talvez a solução do nosso problema retirar-nos para o campo, onde a vida é mais barata e a saúde melhor. A questão é achar um pequeno sítio *self-supporting* em clima favorável e com alguma comodidade. Acabei a *Vida* de meu Pai e não tenho outro objetivo senão encaminhar eu mesmo a formação intelectual de meus filhos.

Parece que o *D. Quixote*, depois que tomei a assinatura para você, não deu nenhum número. Eu tinha o palpite de não assinar, de comprar os números e remeter-lhos.

Evelina manda-lhe afetuosas lembranças e minha Mãe e Irmã também se recomendam. Suponho que você estará ao receber esta por Homburgo. Bem lhe façam as águas e o descanso. Eu quisera bem ter uma probabilidade de ainda aparecer aí. Há seis anos já que não vou à Europa e em sete o homem muda por completo. Em breve não restará em mim nenhuma parcela do que estêve em Londres.

Saudades ao nosso amigo, a quem mandei um volume da *Vida* de meu Pai por gratidão à amizade que êle me tem mostrado. Veja que êsse volume lhe tenha sido entregue. Em último caso serviria para o British Museum.

Adeus, meu caro Corrêa. Creia-me seu muito dedicado e

Velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao desembargador Domingos Alves Ribeiro

A amizade de Nabuco com Domingos Alves Ribeiro, começada quando êste era desembargador da Relação em Pernambuco, consolidou-se nos anos de retraimento político e de vida espiritual que, para Nabuco, se seguiram à proclamação da República. Além da afinidade de cultura e de temperamentos, tinham

a aproximá-los a comunhão de idéias tanto no que se referia ao sistema de govêrno como em matéria religiosa. A volta de ambos mais ou menos na mesma época à fé católica de sua infância, a conversão na idade madura, depois de uma vida distante de Deus, foi mais um motivo de compreensão recíproca entre os dois amigos. Quando, depois da aposentadoria, o Desembargador foi residir em São Paulo, começaram a corresponder-se com regularidade.

Agôsto 1.º, 1898.

Meu caro Amigo,

Muito prazer me dá sempre a sua letra, bem como ao nosso amigo, e não sei por que não lhe escrevo tódo dia para ter o confôrto de suas doces palavras de amizade e ternura e a transmissão do fluido da graça que visìvelmente o anima e sustenta. Nada de desfalecer, nem de eclipses de melancolia. *Dum vivimus, vivamus,* o que quer dizer para nós, rendamos graça a Deus de cada minuto que êle nos dá para bendizê-lo e admirá-lo. São as idéias que fazem a vida triste ou alegre, tenhamos idéias alegres.

Eu não tenho passado mal desde que vim um tanto restaurado da fazenda, mas não quero fazer experiência de fôrças e por isso pouco saio de casa, porquanto o que me cansa é a cidade, o movimento, a agitação sem objeto nem resultado. De fato, estou-me habituando à vida de meu pai, que pouco saía. Estou cansado do mundo, da gente: tive que lidar com tanta! Cansado, mas não aborrecido, entenda-se bem. Ser-me-ia preciso fazer uma viagem para me sentir outra vez o que fui, ou estar perto de você, que é um tônico mais forte que o seu licor fosfórico e que os seus banhos da Copacabana.

Estou ansioso, meu caro Amigo, pelo 2º volume. Deus o traga breve e o 3º ainda êste ano!

Não compreendo a aversão que você parece ter a essa terra de São Paulo, que tanto me seduz e onde me parece que você está melhor do que no Rio, exceto pelos amigos cuja falta sente. Êstes, porém, não são os únicos, e o tom da vida aí é mais doce. O que eu desejaria era experimentar algum tempo a vida de São Paulo, onde só tenho estado de passagem, mas, com a famí-

lia que tenho, nem posso pensar nisso. Escrevamo-nos e eu irei acompanhado e conversando com você como se estivéssemos juntos aí.

Meus respeitos à Sra. dona Carlota e muitas saudades e recomendações nossas. O vizinho ficou de lhe escrever amanhã (1).

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Rio, 19 de agôsto de 1898.

Meu querido Gouvêa,

Há muito que não temos, nós, notícias suas diretas, o que, felizmente, indica ir tudo bem por lá; o que mais me inquietava na sua estada aí, era a saúde de Iaiá, mas, desde que ela em vez de sofrer tem lucrado com êsse clima e os invernos de Paris, não há em sua demora no estrangeiro nada que me contrarie senão a própria ausência. Vivemos juntos tanto tempo que uma separação de quase cinco anos já não é pequena privação para nós; eu mesmo nunca me afastei mais de 2. Essa consideração, porém, é secundária diante da conveniência e bem-estar que você ache aí para os seus, que são também nossos. Não sou assim dos que pensam que você deve voltar, que todos os dias encontro lastimando sua resolução de perder a carreira e deixar-se ficar em Paris. Eu entendo que você faz sempre o melhor, que mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio, sendo que você é avisado quanto se possa ser. Realmente não sei se você faria aqui os rios de dinheiro que tenho ouvido, mesmo colegas seus, dizer que você faria, nem estou certo, de modo absoluto, que não se possa ainda levantar uma tormenta jacobina. A perspectiva política é boa no sentido de não ser provável no próximo quatriênio nem uma revolta, com o respectivo *terror*, nem um

(1) O conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, residente à rua Marquês de Olinda, próximo à casa de Nabuco.

Canudos, com as respectivas imolações, como a do Gentil, e por pouco do Ouro Prêto, etc. Mas apesar de tudo, quem sabe? O estado financeiro é péssimo, a carestia da vida medonha, a miséria há de ser grande, e apesar de disperso, abatido, silencioso, o militarismo florianista é ainda uma esfinge. Se o Campos Sales der uma parte, por menor que seja, no seu govêrno a êsse elemento, êle pode de repente tomar grande vulto. Não obstante não há risco senão muito longínquo e problemático em sua volta. Por êsse lado eu não ficaria inquieto, vendo-o chegar. Você, porém, é quem sabe se pode abrir caminho em Paris e consolidar-se, e, se o puder, o futuro é melhor lá do que para nós. Esta é que é a verdade.

Não sei se o Rio Branco está mal comigo, nem, se o está, por que. O certo é que há anos não me dá um sinal de sua graça. Diga-lhe você que nós o queremos eleger para a vaga do Pereira da Silva na Academia de Letras, mas que para isso é preciso, conforme se decidiu, apresentação do candidato. Creio que ainda há tempo para vir pelo correio a apresentação dêle; poderia porém, para se fazer melhor trabalho, vir pelo telégrafo, com uma palavra: « sou candidato ». Eu me serviria da carta ou do telegrama se houvesse certeza da eleição, que quase todos, senão todos, desejam, mas que pela ausência dêle poderia encontrar o embaraço de compromissos tomados com outros. Em todo o caso acreditamos ter já a maioria, dependente da apresentação dêle.

Que notícias me dá você do meu 2º volume? Não tenho a menor idéia do tempo que êle ainda levará a chegar. Parece que o Rio Branco e o Eduardo sabem disso. Pergunte-lhes e informe-me.

Aqui está o Estrêla, a quem ainda não avistei por estar êle em Petrópolis. É um entusiasta seu, como tantos outros, diz-me o Artur. São com efeito muitos os seus fanáticos e querem por fôrça impôr-lhe um papel; não vêem outros senão você. Ah! se você em vez de médico, fôsse general ou almirante, como tudo seria fácil!

Nós em casa vamos bem. Viemos da roça onde fui fazer uma aprendizagem da vida que provàvelmente terei que levar um dia, porque não temos renda para viver muito mais tempo na cidade, e parece que eu não sirvo para nada senão escrever livros

e compulsar arquivos. Vivi, porém, e hoje só trato de não sacrificar os meus filhos e minha mulher. Não lhe posso, porém, expor a minha situação pelo correio. Hoje entro no meu 50.º ano, quero dizer que já completei 49. O que peço a Deus é saúde para dobrar o cabo.

Vi no *Jornal* o artigo do Juca que se destina à alta cirurgia. Muito me alegrará ver que êle o há de substituir em tudo. O Martins fala dêle com o maior aprêço, e o Saldanha foi seu amigo. Não sei se o casamento o levará para o Rio Grande. Dê-lhe muitas saudades nossas e diga-lhe que o estou vendo aparecer com muita satisfação por ser êle um Gouvêa e um José Tomás.

Por êstes dias chega o Campos Sales. Êle exprimiu-se a meu respeito com muita amabilidade, segundo referiu o Tobias aos leitores do *Jornal,* daí o muita gente dizer que vou ser seu ministro. Realmente seria um terremoto! Pobre país! é tudo que lhe posso dizer. Como a nossa sorte é a mesma da Espanha, do Peru, do Uruguai! Que destino nos está reservado? Não sente você porém, que já se trata de nós; que já temos o cheiro da boa prêsa, senão, ainda do cadáver que as ondas vão atirando para a praia, onde o espreitam os abutres? Para que lhe escrever neste tom?

Muitas saudades, meu querido Gouvêa, neste dia, que vocês não terão esquecido e em que é um consôlo para mim lembrar-me de todos aí. Lembranças a Iaiá, Inacinha, Juca, Maria José, Laura, Lucília, que minha mãe não esquece um só dia, e para todos um apertado abraço do

Irmão muito amigo

JOAQUIM.

A Domingos Alves Ribeiro

7 de setembro.

Meu caro Domingos,

Dias depois da sua última carta encontrei o seu amigo o dr. Carvalhinho com quem conversei, felicitando-o. Êle estava

talvez um quê pesaroso de não o ter você inundado de parabéns e afogado de abraços como você costuma quando acontece aos seus íntimos alguma grande felicidade. Eu disse-lhe que você me escrevera cheio de afeto por êle e de contentamento pela nomeação. Realmente foi um simples ato de justiça promoverem-no sem inquirir do que êle interiormente pensa sôbre a melhor forma de govêrno para o Brasil. A verdade é que é melhor que a justiça social seja exercida por homens como êle do que por juízes venais ou políticos. Nesse sentido êle deve estar tranqüilo com a própria consciência. Ninguém é responsável senão pelos seus próprios atos e nesses êle não tem claudicado. Responsabilizá-lo *solidàriamente* pelo que acontece em redor dêle, pelo fato de êle ter ficado na magistratura depois da República, é levar muito longe a censura, porque se êle é culpado por ter aderido, todos nós somos culpados da inação (que se vai tornando indiferentismo), o que não é de certo, de forma alguma, cumprir o dever cívico da resistência e da reivindicação dos direitos.

Hoje é o dia 7. Estão festejando a Independência sem Pedro I. É tudo assim.

Estou sempre ansioso pelo meu livro, que não chega. No mais a mesma inatividade forçada. Vou dar na *Revista Brasileira* em forma de livro os artigos que há dois anos publiquei aí no *Commercio* sôbre a minha formação política. Que quer? É preciso sempre trabalhar com o pensamento, já que não tenho obrigações mais importantes. *Faire l'araignée,* fiar a minha teia. Ontem disseram-me que o Rui comprou afinal o jornal, prelos, etc, do Glicério, (por 240 contos). Parece que o José Veríssimo é quem fará o jornal. A redação pelo que me consta é excelente, tenho ouvido alguns nomes que não tenho liberdade ainda de confiar ao papel e que por isso não lhe mando.

A todos que vêm de lá peço notícias suas, que me dão boas. As nossas são iguais. Eu tenho uma tal qual promessa ao Arinos de ir ao casamento. Se assim fôr para o mês você me verá aí novamente, não creio, porém, que me seja possível, porque tenho que ir a Campos (ao batizado de um sobrinho) e a Maricá (à festa de N. Sra. da Saúde nas terras de meu sogro). Todavia,

você é uma tal *attraction!* Adeus, meu caro, meus respeitos à sra. dona Carlota e recomendações aos seus, de casa e amigos.

Do seu todo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Rodolfo Dantas

6 de outubro, 1898.

Meu caro Rodolfo,

Muito agradecidos pela preciosa oferta (1), que ninguém melhor do que nós sabe apreciar, e que tanta recordação veio avivar da mais agradável de tôdas as convivências. Parece estar falando, de tão viva que está a fisionomia!

Mande-me sua opinião sôbre o meu último ou antes recente, *interview*. Sabe quanto ela vale para mim e como me dá quitação, ou me exime de responder a umas tantas censuras dos nossos *burgraves*. Não sei se você entende bem. Diga-me por favor que edição é essa do Biré, quantos volumes, o editor, o preço.

O Eduardo aqui estêve quatro dias. Deu-me notícias do meu 2º volume, que deve estar pronto e do 3º que o Paranhos estava corrigindo em Homburgo.

Muitas saudades do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Você está descrente de tudo, mas o jornal do Rui não lhe dá um prurido platônico de ter um jornal defronte?

Só o nosso matiz não está representado.

---

(1) Fotografia da espôsa de Rodolfo Dantas, prematuramente falecida.

A Francisco de Paula Rodrigues Alves

Presidente da República de 1902 a 1906, reeleito para o quadriênio 1918-1922, em cujo início faleceu, figura eminente a quem o Brasil deve os mais preclaros serviços, cursara com Nabuco o Colégio Pedro II. Foram nos dias da meninice amigos chegados e as relações entre êles nunca deixaram de ser afetuosas.

Rio, quinta-feira, 6 de outubro de 1898.

Meu caro Rodrigues Alves,

O telégrafo sem fios que nos põe em comunicação desde o Pedro II já terá registrado para você a agradável impressão em que me acho pelas suas afetuosas palavras. Você sabe que não faz senão reciprocar a amizade, com tôdas as suas conseqüências, uma das quais é o alto aprêço, a fascinação que lhe conservei sempre.

Quanto ao que você diz do meu *interview* deixe-me dizer-lhe que fui apenas sincero, e que acredito a sinceridade, mesmo em finanças, a melhor política. Não censurei o Acôrdo, dizendo que seria melhor tê-lo evitado, êle foi a conseqüência forçada de uma política anterior, que todavia ninguém tem a fôrça de interromper, porque a verdade é esta: cada orçamento é maior do que o precedente, e o próximo não parece o de uma nação que precisa fazer acordos com os seus credores, mas de uma nação desembaraçada de compromissos.

Em tais condições, meu caro amigo, como não ser pessimista, não a respeito dos recursos do país mas do otimismo dos governantes?

Você sabe a confiança que o seu caráter me inspira como ministro da Fazenda, que o seu sono me parece sempre o melhor modo de se mostrar acordado; mas é por você mesmo que eu calculo o otimismo dos outros que não são capazes de dormir, vendo-o tranqüilo e não assustado, com a atual despesa irredutível. Você é um dos *Conselheiros de Estado* a que aludi e eu quisera vê-lo sentir como eu, ainda que sem o dizer, a respeito das nossas despesas, porque no pessimismo está a cura, e não no

otimismo. No fundo, estou certo que pensamos do mesmo modo. Ùnicamente, seu papel é outro.

Ainda uma vez, meu caro amigo, muito obrigado pelos sentimentos manifestados, que apesar de encobertos pelo anônimo lisonjeia-me de acreditar genuinamente seus.

Creia-me sempre

Seu velho amigo e camarada

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

12, Rua Marquês de Olinda.
Rio, 4 de novembro de 1898.

Meu querido Gouvêa,

Muitas saudades, lembranças, etc. de todos desta casa. Hoje recebeu-se carta de Iaiá, contando seus sofrimentos e saudades. Aqui todos suspiramos por vê-los, mas desejando sempre que façam o melhor. Agora ficamos à espera do Juca, o ilustre cirurgião rio-grandense. Bons ventos o tragam e o levem para o Sul, onde êle parece estar melhor e em sua casa, gravitando talvez para Montevidéu e Buenos Aires.

O Luís Plínio veio ver-nos há dias, hoje aqui almoçou o pai, que não está nada bom dos intestinos e muito emaciado. Como o Luís estêve na Europa, em março deve ir o Eugênio (1), que é hoje fazendeiro e sempre o excelente, sério e dedicado rapaz que você conheceu na Cruz Vermelha. Creio, ou antes sei, que êle tem grande desejo de ser seu genro. Apesar dos cinco anos que desde então se passaram êle continua o mesmo adorador de Maria José que quando ela partiu, quase crianças como ambos eram então. Que diriam vocês dois a êsse casamento? Que diz a bela? O rapaz não pode ser melhor a todos os respeitos e a prova de constância e dedicação que êle dá é mais que rara. Diga-me uma palavra autorizada a tal respeito, porque, como

(1) Eugênio Torres de Oliveira, engenheiro, primo-irmão de dona Evelina Nabuco e futuramente genro de Hilário de Gouvêa.

a viagem dêle é principalmente inspirada por essa idéia, eu poderia num caso tirar-lhe a ansiedade, e no outro, desviá-lo talvez de um salto nas trevas, como é ir contando com esperanças e impressões de cinco anos atrás. O Eugênio, repito, é uma pérola.

Fiquei muito contente com o meu 2º volume, tanto que lhe rogo o favor de prevenir o editor pelo Rio Branco que a ser igual a correção do 3º não é preciso que me mandem novas provas (1). Isto mesmo vou dizer à casa daqui. Meu interêsse agora é ver fora quanto antes o último tomo. Peço-lhe que ajunte mais êsse trabalho aos seus, mais essa *course de bicyclette* às que dá por dia até à margem esquerda e que, junto com o grande Paranhos, me desencante a obra, nestes poucos meses. Mesmo porque a muita demora fá-la-á parecer seródia e prejudica a venda e o efeito geral. Agora é caso de apressar. Realmente foi um grande trabalho que tomou o nosso amigo (2). Pòsso dizer, porém, que êle também trabalhou pelo pai, cuja parte é grande na obra.

De novo muitas lembranças muito saudosas a todos e um abraço desta vez especial a Maria José.

Do seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

(Rio, 14?) de novembro.

Meu caro Gouvêa,

Recebi sua boa carta com as reclamações do Paranhos e notícia de meu 2º volume. Ainda não o vi — e estou ansioso e receando grandes atrapalhações por não ter visto as provas paginadas, sobretudo quanto às notas. Estou mandando as provas

---

(1) *Um Estadista do Império* foi publicado na primeira edição em três volumes, que apareceram sucessivamente. Rio Branco fôra o revisor em Paris, onde a obra se imprimiu.

(2) Rio-Branco era também amigo íntimo de Hilário de Gouvêa, que foi até ao fim seu médico assistente e o de sua família.

do 3º, mas não sei corrigir, escapam-me erros, e por isso quisera que aí um bom corretor de ofício olhasse os erros tipográficos, porque o sentido de tudo vai certo. Uma ou outra data, para não dizer muitas, sairá trocada. Suprimi o trecho do Zacarias de que o Paranhos não gostou, e que era em honra do pai. Suprimi o da eleição direta. A carta do Eusébio nada prova quanto à declaração dêle de que não seria mais ministro, que é um fato, aproveitei um trecho.

Quanto à questão da insistência do Imperador com Rio Branco para entrar para o ministério São Vicente não me parece merecer a importância que o Paranhos lhe dá. A nota do Borges é correta. Realmente o São Vicente mandou chamar o Rio Branco para organizar da parte do Imperador, mas não deixa de ser um fato que ao apresentar-se êste em Petrópolis o Imperador não o encarregou logo de organizar, o que o aborreceu muito, bem como ao São Vicente; que a incumbência de organizar só lhe foi dada em 25 de fevereiro, depois de insistir o Imperador com o gabinete para continuar e de até aludir às conseqüências que podia ter para o partido Conservador a retirada pedida. O João Alfredo que foi ministro do São Vicente e do Paranhos conta o caso assim, e como o incidente nenhuma importância tem e está de acôrdo com os modos e métodos do Imperador não vejo que eu deva suprimir a informação do Borges, que já não está nas provas que tenho comigo, mas nas que corrigi há tempo. Se elas me voltarem eu posso insistir em que o Rio Branco foi chamado do Rio da Prata para organizar, mas não posso dizer que êle foi logo encarregado de formar gabinete. Se o Paranhos sabe o contrário do que diz o Borges, porque ouviu ao pai a declaração de que o Imperador ao apresentar-se êle de volta do Prata *logo* o encarregou de organizar — o que está em desacôrdo com o que me diz o João Alfredo — eu imprimirei a versão dêle ao lado da do São Vicente. O caso, porém, não vale nada quanto ao nome do pai; se valesse, eu suprimiria tudo. Êle deve ver que mesmo em relação a meu pai eu não escondi nenhum fato do Imperador, e que fiz a apologia do pai quase tão completamente como a do meu. Diga-me, ao passo que fôr sabendo, a marcha da impressão do 3º. Espero ficar contente com a obra depois de tudo impresso e agrada-me a aceitação geral que tem tido o 1º volume. Assim seja com o 2º e 3º.

Seu genro, filha, netos estiveram ontem aqui. Todos apreciam altamente o Pedro, Nenê está muito bonita, e os meninos vão muito bem. O Pedro espera que a Câmara vote o projeto do Senado melhorando *consideràvelmente* os vencimentos dos juízes.

Hoje acaba o período do Prudente que ficará sendo o melhor presidente na história desta República. A opinião a favor dêle é considerável, todos lhe relevam as fraquezas, infelicidades e injustiças do seu período, pensando no que seria o domínio do lado contrário ao dêle, ou a volta do *florianismo* ao govêrno.

Adeus meu querido Gouvêa. Espero que tudo na Avenue Kléber vá marchando bem, sob a forma sobretudo de boa saúde para todos. Nós vamos sem novidade, o que, no meu caso especialmente, não quer dizer em certo sentido que não precisássemos bem de algo de novo. O Corrêa, porém, nada pode fazer e eu não ouso mais *l'entretenir* a meu respeito, porque os anos vão-se passando na mesma expectativa inútil. Para que, porém, ecos tristes da nossa vida? O que lhes desejo é felicidade e saúde. Saudades a todos.

Do irmão muito amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Rio, 9 de dezembro, 1898.

Meu caro amigo,

Queira transmitir os meus sentimentos de pesar e saudade à família de Antônio Bento, o John Brown brasileiro, o herói da nossa Abolição. Não estou mais a tempo de pedir-lhe que no entêrro me represente também, ao lado dos velhos abolicionistas de São Paulo, cuja consternação bem avalio. Você tê-lo-á talvez feito sem precisar de autorização minha, conhecendo tão bem como conhece os meus sentimentos e a admiração que Antônio Bento me inspirava.

Seu dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 26 de dezembro de 1898.

Meu caro Barão,

Ontem nesta sua casa bebemos à sua saúde e à da Sra. Baronesa com o Artur e Carlotinha que jantaram conosco. Agora renovo-lhe os votos que ontem fiz, desejando-lhe um novo ano cheio de felicidades e consolações e *dulces recuerdos.*

Dos seus filhos só lhes posso dizer que vão bem. Estão contando com a sua vinda para o ano e parece que está tomando consistência em seu espírito a idéia de transportar-se para junto dêles e de vir gozar das delícias desta nossa terra.. Deus os traga, se querem vir. Confesso que entre os problemas que está fora do alcance e da penetração da minha psicologia resolver está êsse de saber se fariam bem ou mal, se lhes agradaria ou se se arrependeriam, vindo para cá. Há muito que pesar, de um lado e de outro e a minha balança não é bastante perfeita para essas quantidades... Eu desejaria por meu gôzo que viessem; pelo seu, é que não sei o que pensar. Daqui até lá, porém, há muito tempo ainda.

Espero que lhe tenha já chegado às mãos o meu 2º volume, em que há diversas referências à sua pessoa, não tantas talvez como no 3º, onde virá o seu *magnum opus,* a questão religiosa. Na sua mala de viagem não deixe de me trazer exemplares dos seus dois volumes, porque os meus o Artur tomou-os para um deputado amigo, o Belisário, que não os restituiu mais. O meu 3º volume já está todo revisto e também não deve tardar. Na *Revista Brasileira* reimprimi o meu artigo sôbre *32, Grosvenor Gardens* em umas reminiscências que estou publicando, o Artur prometeu-me mandar-lhe em forma de livro o que já viu em jornal.

Aqui me tem sempre, meu caro Barão, o mesmo devoto de Grosvenor Gardens, onde passei alguns dos mais belos anos de minha vida e cujas recordações tôdas são para mim sempre fonte de novas alegrias, ao contrário do Artur que não tolera o lembrar-se pelo muito que sofre... Eu entre o Dante e Musset, entre o *nessun maggior* e o *un souvenir heureux est peut-être*

sur terre (1), sinto como êste; sou dos que acham que o maior prazer da vida é reviver.

Recomende-nos muito à Sra. Baronesa, lembrada sempre nesta casa, e creia-me sempre seu, meu querido Barão, como dantes.

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

12, Rua de Olinda, sexta-feira, 1898.

Meu caro amigo,

Sua carta à vista. Havia muito que não tinha notícias, senão pelas doçuras do dr. Inglês de Sousa, que você fêz publicar aí, iguais às do João Ribeiro. Também o Deiró no *Jornal do Commércio* me está sendo amável (2). Não sei a que cartas você se refere. Vejo que você está contando cartas comigo, como visitas com o Eduardo Prado. Eu fazia-o pelo interior em visita de casamento, quero dizer a noivos. Está-me parecendo que não irei ao casamento do Arinos. Pelo mesmo tempo deve chegar da Europa um parente nosso e nosso hóspede que eu não posso deixar de ver à chegada, mesmo porque é possível que êle siga diretamente para Montevidéu. Estou também carregado de provas do 3º volume, e uma viagem a S. Paulo não é brincadeira. Eu gosto tanto da terra, da gente, e sou tão festejado sempre, que para ir devo ter mais tempo de meu do que dois a três dias, que é tudo que teria desta vez. Estou comprometido a ir, quando fôr à capital, até o Brejão (3), e assim creio que esperarei

---

(1) .....« Nessun maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria............ »
(DIVINA COMÉDIA, *Inf. V.* 121-123).

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.
(MUSSET, *Poésies Nouvelles*).

(2) Aparecera o primeiro volume de *Um Estadista do Império, Nabuco de Araujo, sua vida, suas opiniões, sua época.* A crítica consagrou imediatamente a obra. A referência de Nabuco é a alguns dêsses artigos. Eunápio Deiró, crítico e historiador, dedicou-lhe uma série de artigos no *Jornal do Commercio.*

(3) Fazenda de Eduardo Prado.

ter uma ocasião de ausentar-me por mais de oito dias para empreender tal passeio. Uma vez por ano a São Paulo é o que parece ser usar e não abusar da liberdade que tenho e dos convites que me fazem.

Diga-me você quem é que está escrevendo *Pro Amore Veritatis* no *Jornal* e que alusões são essas a um chanceler do Império que não conheço. E aí você sabe mais o que se passa na rua do Ouvidor do que eu mesmo.

Nada por ora do 2º volume! O Rio Branco estêve corrigindo as provas do 3º e já acabou. Por isso breve as terei tôdas.

Não tenho visto ùltimamente o João Alfredo. Pouco saio; agora, porém, vou tocar-lhe a campainha para conversarmos sôbre você, matarmos saudades. Êste trabalho de corrigir provas é o que mais cansa.

Parece que os *Burgraves* não ficaram muito contentes com a minha «entrevista», não me querem ver desanimar... dêles. Mas meu dever acima de tudo é ser sincero. «*La sincerité* (é uma frase que acabo de ler do diretor da École des Chartes ao general de Pellieux agora na questão Dreyfus) *est une qualité que je prise plus que toute autre, plus que l'esprit d'observation, plus que la clairvoyance, plus que l'intelligence même.*» Eu pela minha parte nunca aspirei a outra coisa em política como na vida senão a ser sincero, e o tenho sido, e já agora hei de morrer assim.

Lembre-me sempre ao dr. Teodoro Sampaio, e veja que êle o aproxime do Eduardo por amor de mim ao menos.

O que lhe disse sôbre minha não-ida a São Paulo é ainda muito incerto.

Ponha-me aos pés da sra. dona Carlota e recomende-me aos seus.

Do seu mau correspondente, mas velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

1891

1892

1893

1894

1895

1896

1897

1898

DESTA PRIMEIRA EDIÇÃO DAS OBRAS COMPLETAS DE JOAQUIM NABUCO, SÃO TIRADOS 325 EXEMPLARES, EM PAPEL ESPECIAL, DOS QUAIS 25 FORA DO COMÉRCIO, NUMERADOS DE I A XXV, E 300 EXEMPLARES NUMERADOS DE 26 A 325.

*

IPÊ INSTITUTO PROGRESSO EDITORIAL, S. A.
12 DE AGÔSTO DE 1949 EM SÃO PAULO